



A GUARDIÃ  
DA MINHA IRMÃ

JODI  
PICOULT

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES



Livro que  
deu origem  
ao filme  
*Uma prova  
de amor*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***





A GUARDIÃ  
DA MINHA IRMÃ

JODI  
PICOULT

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES



Livro que  
deu origem  
ao filme  
*Uma prova  
de amor*

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 1*

## Agradecimentos

Como mãe de uma criança que foi submetida a dez cirurgias em três anos,

gostaria em primeiro lugar de agradecer aos médicos e aos enfermeiros que por rotina

lidam com os piores momentos que uma família pode enfrentar e suavizam as arestas: ao

Dr. Roland Eavey e aos enfermeiros pediátricos do Mass. Olhos e Ouvidos - obrigada pelo

final feliz da vida real. Enquanto escrevia Para a Minha Irmã, como sempre, apercebi-me do

pouco que sei, e do quanto me apoio na experiência e no intelecto de outros. Por me

permitirem inspirar-me nas suas vidas, pessoal e profissionalmente, ou por sugestões de

puro gênio literário: obrigada Jennifer Sternick, Sherry Fritzsche, Giancarlo Cicchetti, Greg

Kachejian, Dr. Vincent Guarerra, Dr. Richard Stone, Dr. Farid Boulad, Dr. Eric Terman, Dr.

James Umlas, Wyatt Fox, Andréa Greene e Dr. Michael Goldman, Lori Thompson, Synthia

Follensbee, Robin Kall, Mary Ann McKenney, Harriet St. Laurent, April Murdoch, Aidan

Curran, Jane Picoult e JoAnn Mapson. Por me tornarem ajudante por uma noite, e parte de

uma equipa de bombeiros voluntários: agradeço a Michael Clark, a Dave Hautanemi, a

Richard "Pachorrento" Low e a Jim Belanger (que também merece uma medalha de ouro

por editar os meus erros). Por me apoiarem tanto, agradeço a Carolyn Reidy, Judith Curr,

Camille McDuffie, Laura Mullen, Sarah Branham, Karen Mender, Shannon McKenna, Paolo

Pepe, Seale Ballenger, Anne Harris e ao indómito departamento comercial da Atria. Por ser

a primeira a acreditar em mim, os meus sinceros agradecimentos a Laura Gross. Pela

orientação extraordinária e por me conceder liberdade para levantar vôo, agradeço

sinceramente a Emily Bestler. A Scott e Amanda MacLellan e a Dave Cranmer - que me

proporcionaram uma visão dos triunfos e das tragédias de se viver o dia-a-dia com uma

doença fatal - obrigada pela vossa generosidade, e desejos de um futuro longo e com

saúde.

E, como sempre, agradeço ao Kyle, ao Jake, ao Sammy e sobretudo ao Tim, por

serem a coisa mais importante na minha vida.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 2*

### **Prólogo**

Ninguém dá início a uma guerra - ou melhor, ninguém no seu juízo perfeito deve

fazê-lo - sem que antes esteja claro na sua mente o que pretende alcançar através dessa

guerra e como pretende conduzi-la.

— CARL VON CLAUSEWITZ, *Vom Kriege*

Nas minhas primeiras memórias, tenho três anos e estou a tentar matar a minha

irmã. Por vezes a lembrança é tão viva que me consigo lembrar da comichão que a fronha

da almofada fazia debaixo da minha mão, da ponta aguçada do seu nariz contra a minha

palma. Ela não tinha hipóteses face a mim, é claro, mas mesmo assim não resultou. O meu

pai apareceu, preparando a casa para a noite, e salvou-a. Ele levou-me para a minha cama.

— Isto- disse-me ele- nunca aconteceu.

Quando crescemos, eu parecia não existir, excepto em relação a ela. Observava-a

enquanto dormia do outro lado do quarto, com uma longa sombra a unir as nossas camas,

e contava as maneiras. Veneno, deitado em cima dos seus cereais.  
Uma corrente forte na

praia. Um relâmpago.

No entanto, acabei por não chegar a matar a minha irmã. Ela fê-lo  
sozinha.

Ou pelo menos é isso que digo a mim mesma.

## **SEGUNDA-FEIRA**

Irmão, sou fogo

A surgir do fundo do oceano.

Nunca irei juntar-me a ti, irmão

Pelo menos, durante anos;

Talvez milhares de anos, irmão.

Depois irei aquecer-te,

Abraçar-te, envolver-te em círculos,

Usar-te e mudar-te

Talvez milhares de anos, irmão.

— CARL SANDBURG, "Kin"

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 3*

## Anna

Quando era pequena, para mim o grande mistério não era como se faziam os

bebês, mas porquê. A mecânica eu percebia - o meu irmão mais velho, Jesse, tinha-me

informado - embora na altura eu estivesse certa de que ele tinha ouvido metade mal. Os

outros miúdos da minha idade estavam ocupados a procurar as palavras pénis e vagina no

dicionário da turma quando o professor estava de costas, mas eu prestava atenção a

pormenores diferentes. Como por que razão algumas mães tinham apenas um filho,

enquanto outras famílias pareciam multiplicar-se à frente dos nossos olhos. Ou como a

rapariga nova na escola, Sedona, disse para toda a gente ouvir que o seu nome vinha do

sítio onde os seus pais estavam a passar férias quando a fizeram (- Ainda bem que não

estavam em Jersey City - costumava o meu pai dizer).

Agora que tenho treze anos, estas diferenças tornaram-se ainda mais complicadas:

a aluna do oitavo ano que abandonou a escola porque se meteu em sarilhos; uma vizinha

que ficou grávida na esperança de que isso impedisse o marido de pedir o divórcio. É o

que eu digo, se os extraterrestres viessem à Terra hoje e observassem com atenção porque

é que os bebês nascem, chegariam à conclusão de que a maioria das pessoas tem bebês

acidentalmente, ou porque bebeu de mais numa determinada noite, ou porque os

anticoncepcionais não são cem por cento eficazes, ou por milhares de outras razões que

na realidade não são muito lisonjeiras.

Por outro lado, eu nasci para um fim muito específico. Não fui o resultado de uma

garrafa de vinho barato, ou de uma lua cheia, ou de um entusiasmo momentâneo. Nasci

porque um cientista conseguiu ligar os óvulos da minha mãe e os espermatozóides do

meu pai para criar uma combinação específica de material genético precioso. De facto,

quando o Jesse me contou como é que se faziam os bebês e eu, a grande céptica, decidi

perguntar aos meus pais a verdade, ouvi aquilo que não queria. Eles fizeram-me sentar e

contaram-me todas as coisas habituais, é claro - mas também me explicaram que me

tinham escolhido especificamente a mim quando era um pequeno embrião, porque eu

poderia salvar a minha irmã Kate. A minha mãe fez questão de me dizer que ainda gostava

mais de mim porque sabia exactamente o que ia esperar.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 4*

No entanto, fez-me pensar no que teria acontecido se a minha irmã tivesse sido

saudável. Se calhar ainda estaria a flutuar no Céu ou onde quer que fosse, à espera de me

ligar a um corpo para passar algum tempo na Terra. De certeza que não faria parte desta

família. Vêem, ao contrário do resto do mundo livre, eu não cheguei aqui acidentalmente.

E se os nossos pais nos tiverem por uma razão, então é bom que essa razão exista. Porque

assim que ela desaparecer, nós desaparecemos também.

As lojas de penhores podem estar cheias de tralha mas são também um terreno

fértil para histórias, se quiserem saber a minha opinião, embora não a tenham pedido. O

que terá acontecido para que alguém negoceie um Solitário de Diamante Nunca Antes

Usado? Quem precisaria tanto de dinheiro que fosse vender um ursinho de peluche sem

um olho? Enquanto me dirijo ao balcão, interrogo-me se alguém irá alguma vez olhar para

o medalhão do qual me estou prestes a desfazer e fará estas mesmas perguntas.

O homem que está na caixa registadora tem um nariz da forma de um nabo, e

olhos tão encovados que não consigo imaginar como pode ver suficientemente bem para

gerir o seu negócio.

— Deseja alguma coisa? - pergunta.

A única coisa que eu posso fazer para não dar meia volta e sair porta fora é fingir

que entrei por engano. O que me mantém firme é saber que não sou a primeira pessoa a

estar à frente deste balcão a segurar na única coisa no mundo da qual nunca julguei

desfazer-me.

— Tenho uma coisa para vender - digo-lhe.

— Será que tenho de adivinhar o que é? - Oh - engolindo, tiro o medalhão do

bolso das minhas calças de ganga; o coração cai em cima do balcão numa poça formada

pelo seu próprio fio. - É de ouro de catorze quilates - digo eu com uma voz esganiçada. -

Quase não foi usado - é mentira; até esta manhã, já não o tirava há sete anos. O meu pai

deu-mo quando eu tinha seis anos, depois da colheita de medula óssea, porque ele tinha

dito que alguém que desse à sua irmã um presente tão importante merecia também

receber um. Ao vê-lo ali, em cima do balcão, o meu pescoço sentese arrepiado e nu.

O dono coloca uma lupa em frente ao olho, o que faz com que pareça ter um

tamanho quase normal.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 5*

— Dou-lhe vinte.

— Dólares? - Não, pesos. O que é que acha? - Vale cinco vezes mais! - ponho-me

eu a adivinhar.

— Não sou eu quem precisa do dinheiro - diz encolhendo os ombros.

Agarro no medalhão, resignada a fechar negócio, e acontece uma coisa muito

estranha - a minha mão pura e simplesmente fecha-se com força como um instrumento de

desencarceramento. O meu rosto fica vermelho do esforço de abrir os dedos. Parece que

demora o que parece ser uma hora para que aquele medalhão caia na mão estendida do

dono. Os seus olhos fixam-se no meu rosto, mais suaves agora.

— Diga-lhes que o perdeu - sugere ele, dá o conselho de graça.

Se o Sr. Webster tivesse decidido colocar a palavra aberração no seu dicionário,

Anna Fitzgerald seria a melhor definição que ele lhe poderia atribuir. Não se trata apenas

da minha aparência: escanzelada como uma refugiada sem peito absolutamente nenhum,

com cabelo cor de terra, sardas nas bochechas como no jogo de unir os pontos que,

deixem-me que lhes diga, não se atenuam com sumo de limão nem com protector solar,

nem mesmo, infelizmente, com lixa. Não, Deus estava obviamente de mau humor no dia

em que nasci, porque a esta fabulosa combinação física juntou um contexto mais

abrangente - a família em que nasci.

Os meus pais tentaram fazer com que tudo fosse normal, mas esse é um termo

relativo. A verdade é que eu nunca cheguei a ser uma criança. Para ser sincera, nem a Kate

nem o Jesse foram. Acho que talvez o meu irmão tenha tido o seu lugar ao sol durante os

quatro anos da sua vida antes de ter sido diagnosticada a doença de Kate mas, desde essa

altura, temos estado demasiado ocupados a olhar para trás para corrermos em frente e

crescermos. Sabem, a maior parte das crianças pequenas pensa que é como os

personagens dos desenhos animados - se uma bigorna lhe cair na cabeça, consegue sair

do passeio e continuar a andar? bom, eu nunca acreditei nisso. Como poderia acreditar,

quando praticamente pusemos um lugar na mesa de jantar para a Morte? A Kate tem

leucemia promielocítica aguda. Na realidade, isso não é bem assim - neste momento ela

não a tem, mas está a hibernar debaixo da sua pele como um urso, até decidir rugir de

novo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 6*

Foi diagnosticada quando ela tinha dois anos; agora tem dezasseis. Reaída

molecular granulócito e cateter depunção venosa- estas palavras fazem parte do meu

vocabulário, embora nunca as venha a encontrar em nenhum exame de admissão à

universidade. Eu sou uma dadora alogeneica - uma irmã totalmente compatível. Quando a

Kate necessita de leucócitos, ou de células estaminais, ou de medula óssea para enganar o

seu corpo, fazendo-o pensar que é saudável, eu forneço-os. Quase sempre que a Kate é

hospitalizada eu acabo por ir para o hospital também.

Nada disto quer dizer alguma coisa, excepto que não devem acreditar no que

ouvem a meu respeito, muito menos no que eu própria vos conto.

Enquanto subo as escadas, a minha mãe sai do seu quarto com um novo vestido

de baile.

— Ah - diz ela, virando-se de costas para mim. - Precisamente a rapariga que eu

queria encontrar.

Eu corro o fecho e observo-a a rodopiar. A minha mãe poderia ser bonita, se

caísse de pára-quadras na vida de outra pessoa. Tem cabelos longos e escuros, e as

clavículas elegantes de uma princesa mas os cantos da sua boca estão descaídos, como se

tivesse engolido notícias amargas. Ela não tem muito tempo livre, visto que um plano é

algo que pode alterar-se drasticamente se a minha irmã tiver um hematoma ou uma

hemorragia nasal, mas aquele que tem gasta-o no Bluefly. encomendando vestidos de

noite ridiculamente requintados para sítios aonde nunca irá.

— O que achas? - pergunta ela.

O vestido tem todas as cores do pôr do Sol, e é feito de um tecido que faz ruído

quando ela se move. Não tem áleas; é o que uma estrela poderia usar bamboleando-se ao

longo de uma passadeira vermelha - nada de acordo com o código de vestuário para uma

casa suburbana situada em Upper Darby. RI. A minha mãe enrola o cabelo num nó e

segura-o. Em cima da sua cama estão outros três vestidos - um discreto e preto, um com

missangas e um que parece inacreditavelmente pequeno.

— Pareces. .

Cansada. A palavra borbulha mesmo debaixo dos meus lábios.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 7*

A minha mãe fica totalmente imóvel, e eu interrogo-me se a terei dito sem querer.

Levanta uma das mãos, fazendo-me calar, com a orelha virada para a porta aberta.

— Ouviste aquilo? - O quê? - A Kate.

— Não ouvi nada.

Mas ela não confia na minha palavra, porque no que diz respeito à Kate ela não

confia na palavra de ninguém. Dirige-se lá para cima e abre a porta do nosso quarto,

encontrando a minha irmã histérica na sua cama e, de um momento para o outro, o

mundo volta a ruir. O meu pai, um astrônomo de trazer por casa, tentou explicar-me os

buracos negros, como são tão pesados que absorvem tudo, até a luz, atraindo-a para o

seu centro. Momentos como este são do mesmo tipo do vácuo; não importa ao que nos

agarramos, acabamos sempre por ser sugados.

— Kate! - a minha mãe afunda-se em direcção ao chão, com aquela estúpida saia

como uma nuvem à sua volta. - Kate, querida, o que é que te dói? A Kate agarra uma

almofada contra o estômago, e as lágrimas continuam a correr-lhe pelas faces. O seu

cabelo pálido está colado ao rosto em madeixas molhadas; a sua respiração está

demasiado rápida. Fico paralisada à porta do meu próprio quarto, à espera de instruções:

Telefona ao Pai. Telefona para o 911. Telefona ao Dr. Chance. A minha mãe tenta arrancar

uma explicação melhor à Kate.

— É o Preston - soluça ela. - Ele vai deixar a Serena de vez.

É nesta altura que reparamos na televisão. No ecrã, um borracho louro lança um

olhar ansioso a uma mulher que chora quase tanto como a minha irmã, e depois bate com

a porta.

— Mas o que é que te dói? - pergunta a minha mãe, certa de que tem de haver

algo para além disto.

— Oh, meu Deus - diz a Kate -, fazes alguma idéia do que passaram a Serena e o

Preston? Fazes? Aquele punho cerrado dentro de mim relaxa, agora que sei que está tudo

bem. Normal, na nossa casa, é como um cobertor demasiado pequeno para uma cama - às

vezes tapa-nos perfeitamente, e outras vezes deixa-nos com frio e a tremer; e o pior de

tudo é nunca sabermos qual das duas coisas vai acontecer. Sento-me ao fundo da cama da

Kate. Embora tenha apenas treze anos, sou mais alta do que ela e de vez em quando as

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 8*

peçoas acham erradamente que sou a irmã mais velha. Em alturas diferentes neste Verão

ela foi doida pelo Callahan, pelo Wyatt e pelo Liam, os actores principais desta novela.

Agora, acho que é a vez do Preston. - Houve aquele susto do rapto - comunico eu. Eu

segui de facto aquela história; a Kate obrigou-me a gravar o programa durante as suas

sessões de diálise.

— E aquela vez em que ela quase se casou com o gêmeo dele por engano -

acrescenta a Kate.

— Não te esqueças de quando ele morreu no acidente de barco Pelo menos,

durante dois meses - a minha mãe entra na conversa, e eu lembro-me de que ela também

costumava ver esta novela sentada ao lado da Kate, no hospital.

Pela primeira vez, a Kate parece reparar na roupa da mãe.

— O que tens vestido! - Oh. É uma coisa que vou devolver. - Ela põe-se de pé à

minha frente para que eu possa abrir o fecho. Esta compulsão de fazer encomendas

postais, no caso de outra mãe qualquer seria um sinal para começar a fazer terapia; no

caso da minha mãe seria provavelmente considerada como um escape saudável.

Interrogo-me se não será vestir a pele de alguém por uns momentos, ou se será a opção

de poder devolver uma circunstância que não lhe assenta bem. Ela olha intensamente para

a Kate. - Tens a certeza de que não te dói nada? Depois de a minha mãe se ir embora, a

Kate afunda-se um bocadinho. É a única maneira de descrevê-lo - a rapidez com que a cor

se esvai do seu rosto, a forma como ela desaparece contra as almofadas. Quando fica mais

doente, esmorece um pouco mais até que receio que um dia eu acorde e não a consiga

ver.

— Afasta-te - manda a Kate. - Estás a tapar a imagem. Então vou sentar-me na

minha cama.

— São só as cenas dos próximos episódios.

— bom, se eu morrer esta noite, quero saber o que vou perder. Ajeito as minhas

almofadas debaixo da cabeça. A Kate, como de costume, trocou-as para ficar com todas as

que são mais macias e que não parecem pedras debaixo do pescoço.  
Ela merece

supostamente isto, por ser três anos mais velha do que eu, ou por ser doente, ou porque a

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 9*

Lua está em Aquário - há sempre uma razão. Eu semicerro os olhos em direcção à

televisão, desejando poder percorrer os canais, mas sabendo que não tenho hipóteses.

— O Preston parece feito de plástico.

— Então porque é que eu ontem à noite te ouvi dizer o nome dele para a

almofada? - Cala-te - digo eu.

— Cala-te tu - e depois a Kate sorri para mim. - De qualquer forma ele deve ser

gay. É um desperdício, tendo em conta que as irmãs Fitzgerald são. .  
- retraindo-se, fica a

meio da frase e eu rebolo-me para o pé dela.

— Kate? - Não é nada - diz esfregando o fundo das costas. São os seus rins.

Queres que vá chamar a mãe? - Ainda não.

chega-se para o intervalo entre as nossas camas, que estão unidas apenas o

suficiente para nos podermos tocar se ambas quisermos. Eu também estendo a minha

mão. Quando éramos pequenas fazíamos esta ponte e tentávamos ver quantas Barbies

conseguíamos equilibrar em cima dela.

Ultimamente, tenho tido pesadelos em que sou cortada em tantos pedaços que

não resta nada de mim para ser reconstituído.

O meu pai diz que um incêndio acaba por se extinguir por si, a não ser que se abra

uma janela dando-lhe combustível. Acho que é isso que estou a fazer, quando penso bem

no assunto; mas, por outro lado, o meu pai também diz que quando as chamas nos

lambem os calcanhares temos de deitar abaixo uma parede ou duas se quisermos escapar.

Portanto, quando a Kate adormece devido aos seus remédios, vou buscar a bolsa de

cabedal que guardo entre o colchão e o estrado e vou para a casa de banho para ter

privacidade. Sei que a Kate andou a bisbilhotar - entalei um fio vermelho entre os dentes

do fecho para saber quem meteu o nariz nas minhas coisas sem autorização, mas embora

o fio se tenha partido, não falta nada lá dentro. Ponho a água da banheira a correr para

que pareça que estou lá por alguma razão, e sento-me no chão para contar.

Se contar com os vinte dólares da loja de penhores, tenho 136,87 dólares. Não vai

chegar, mas tem de haver alguma maneira de contornar a questão. O Jesse não tinha 2.900

dólares quando comprou o seu Jeep mais do que usado, e o banco concedeu-lhe algum

tipo de empréstimo. É claro, os meus pais também tiveram de assinar os documentos, e eu

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 10*

duvido que eles estejam dispostos a fazê-lo por mim, dadas as circunstâncias. Conto o

dinheiro pela segunda vez, no caso de as notas se terem multiplicado miraculosamente,

mas matemática é matemática e o total é o mesmo. E em seguida leio os recortes de

jornal.

Campbell Alexander. É um nome estúpido, na minha opinião. Parece uma bebida

demasiado cara, ou uma empresa de corretagem. Mas não podemos negar o currículo do

homem.

Para irmos ao quarto do meu irmão, temos de facto de sair de casa, que é

exactamente como ele gosta. Quando o Jesse fez dezasseis anos mudou-se para o sótão

por cima da garagem - uma combinação perfeita, visto que ele não queria que os meus

pais vissem o que ele fazia, nem os meus pais queriam realmente ver. A bloquear as

escadas que conduzem ao seu quarto estão quatro pneus de neve, uma pequena parede

de cartões, e uma secretária de carvalho apoiada num dos lados. Por vezes penso que é o

próprio Jesse que coloca estes obstáculos, para que chegar até ele seja um desafio maior.

Rastejo por cima da desarrumação e subo as escadas, que vibram com os baixos

do estéreo do Jesse. Passam quase cinco minutos até que ele me ouça bater à porta.

— O que é? - diz ele bruscamente, abrindo uma nesga.

— Posso entrar? Ele pensa duas vezes e depois recua para me deixar entrar. O

quarto é um mar de roupa suja, revistas e embalagens de restos de comida chinesa; cheira

a chulé de um patim de hóquei. O único sítio limpo é a prateleira onde o Jesse guarda a

sua colecção especial - uma miniatura de prata de um Jaguar, um símbolo da Mercedes,

um cavalo da Mustang - ornamentos de capots de automóveis que ele me disse ter

encontrado por aí espalhados, embora eu não seja suficientemente burra para acreditar

nele.

Não me interpretem mal - não é que os meus pais não se importem com o Jesse

ou com qualquer problema em que se tenha metido. Só que não têm tempo para se

preocupar com isso, porque se trata de um problema situado num nível mais baixo do

totem.

O Jesse ignora-me, voltando ao que quer que fosse que estava a fazer do outro

lado da desarrumação. A minha atenção volta-se para uma panela eléctrica - que

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 11*

desapareceu da nossa cozinha há alguns meses - que agora está em cima do televisor do

Jesse com um tubo de cobre a sair da sua tampa serpenteando por uma caneca de leite de

plástico cheia de gelo, esvaziando para dentro de um frasco de doce de vidro. O Jesse

pode ser quase um delinqüente, mas é brilhante. Mesmo quando estou prestes a tocar na

geringonça, o Jesse volta-se.

— Hei! - quase voa por cima do sofá para me afastar a mão com uma sapatada. -

Vais estragar a espiral de condensação.

— Isto é o que eu estou a pensar que é? Um sorriso malévolo causa inquietação

no seu rosto.

— Depende do que pensas que é - ele retira o frasco de doce, e o líquido começa

a pingar no tapete. - Prova.

Para um alambique tão rudimentar, faz um whiskey caseiro bastante potente. Um

inferno percorre tão depressa a minha barriga e as minhas pernas que caio para trás para

cima do sofá.

— Nojento - digo eu sufocada.

Jesse ri e dá um gole também, só que no seu caso desce mais facilmente.

— Então o que é que queres de mim? - Como é que sabes que quero alguma

coisa? - Porque ninguém vem cá só para fazer uma visita - diz ele, sentado no braço do

sofá. - E, se fosse qualquer coisa sobre a Kate, já me tinhas dito.

— Mas é sobre a Kate. Mais ou menos - coloco os recortes de jornal na mão do

meu irmão; eles explicam muito melhor do que eu alguma vez conseguiria. Ele examina-os

e depois olha-me directamente nos olhos. Os dele são de um tom prateado muito pálido,

tão surpreendentes que às vezes, quando olha para nós, consegue fazer-nos esquecer

completamente o que tencionávamos dizer.

— Não desafies o sistema, Anna - diz ele amargamente. - Todos nós sabemos de

cor os nossos guiões. A Kate é a Mártir. Eu sou a Causa Perdida. E tu, tu és a Pacificadora.

Ele pensa que me conhece, mas isso é válido para ambas as partes - e no que diz

respeito ao conflito, o Jesse é um viciado. Eu olho directamente para ele.

— Quem disse? O Jesse aceita esperar por mim no parque de estacionamento.

Esta é uma das poucas vezes, de que me consigo lembrar, em que ele faz alguma coisa

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 12*

que eu lhe tenha pedido. Caminho em volta dirigindo-me à parte da frente do edifício, que

tem duas gárgulas a guardarem a entrada.

O escritório do Doutor Campbell Alexander situa-se no terceiro andar. As paredes

têm painéis de madeira da cor do pêlo de uma égua castanha e, quando piso o espesso

tapete oriental que está no chão, os meus tênis afundam-se dois centímetros e meio. A

secretária calça sapatos pretos tão brilhantes que consigo ver o meu rosto neles. Olho de

relance para as minhas calças cortadas sem bainha e para os Keds que tatuei a semana

passada com Magic Markers quando estava aborrecida.

A secretária tem uma pele perfeita, sobrancelhas perfeitas e lábios de mel, e está a

utilizá-los para descompor quem quer que esteja do outro lado da linha.

— Não é possível que ache que eu vá dizer isso a um juiz. Lá porque você não

quer ouvir o Kleman divagar isso não quer dizer que eu tenha de o ouvir. . não, na

realidade, esse aumento deve-se ao trabalho excepcional que eu faço e às porcarias que

aturo todos os dias, e já agora que falamos nisso. . - Ela afasta o telefone do ouvido; eu

consigo distinguir o ruído da ligação a cair.

— Sacana - diz ela por entre dentes, e depois parece aperceber-se de que eu

estou ali de pé a um metro de distância. - Deseja alguma coisa? Observa-me dos pés à

cabeça, avaliando-me numa escala geral para as primeiras impressões e achando que eu

deixo muito a desejar. Levanto o queixo e finjo estar muito mais segura do que na

realidade estou.

— Tenho uma reunião marcada com o Dr. Alexander. Para as quatro horas.

— A sua voz - diz ela. - Ao telefone não parecia ser tão. .

— Jovem? Ela sorri desconfortavelmente.

— Nós não aceitamos casos juvenis, por princípio. Se quiser posso fornecer-lhe os

nomes de alguns advogados que exercem a profissão que. .

Respiro fundo.

— Na verdade - interrompo -, está enganada. Smith contra Whately, Edmunds

contra o Womens and Infants Hospital e Jerome contra a Diocese de Providence envolviam

todos eles litigantes com menos de dezoito anos. Todos eles resultaram em veredictos a

favor dos clientes do Dr. Alexander. E isto foi só no ano passado.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 13*

A secretária pestaneja a olhar para mim. Em seguida um sorriso lento marca-lhe o

rosto, como se tivesse decidido que afinal talvez gostasse de mim. - Pensando melhor,

porque é que não espera no seu escritório? - sugere ela, e levanta-se para me indicar o

caminho.

Mesmo que passe cada minuto do resto da minha vida a ler, acho que nunca

chegarei a consumir o número total de palavras que existem por toda a parte nas paredes

do escritório do Doutor Campbell Alexander. Faço as contas - se houver cerca de 400

palavras em cada página, e se cada um destes livros de direito tiver 400 páginas, e se cada

prateleira tiver vinte livros, e cada estante seis prateleiras - ora, são dezanove milhões de

palavras, e isso representa apenas uma parte do escritório.

Fico sozinha no escritório o tempo suficiente para reparar que a sua secretária

está tão bem arrumada que poderíamos jogar futebol chinês em cima do mata-borrão;

que não há nenhuma fotografia de uma mulher, ou de um filho, ou até dele próprio; e que,

apesar de o escritório estar impecável, há uma caneca de água no chão.

Dou por mim a arranjar explicações: é uma piscina para um exército de formigas. É

uma espécie de humidificador primitivo. É uma miragem.

Quase me convenci a mim própria desta última, e inclino-me para lhe tocar para

ver se é real, quando a porta se abre de repente.

Quase caio da cadeira e isso faz com que fique cara a cara com um pastor alemão,

que me dardeja com o olhar e em seguida se dirige para a caneca e começa a beber.

Campbell Alexander também entra. Tem cabelo preto e é no mínimo da altura do

meu pai - um metro e oitenta - com um maxilar em ângulo recto e olhos fixos. Encolhe-se

para tirar o casaco do fato e pendura-o cuidadosamente atrás da porta, em seguida saca

um ficheiro de dentro de um armário antes de se dirigir para a sua secretária. Nunca chega

a estabelecer contacto visual comigo, mas mesmo assim começa a falar.

— Não quero biscoitos feitos pelas Escuteiras - diz Campbell Alexander. - Embora

você mereça um doce pela sua tenacidade. - sorri da sua própria piada.

— Não estou aqui para vender nada.

Ele olha para mim com curiosidade, e depois carrega num botão no seu telefone.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 14*

— Kerri - diz ele quando a secretária responde. - O que é isto no meu escritório? -

Estou aqui para o contratar - digo eu.

O advogado larga o botão do intercomunicador.

— Não me parece.

— Nem sequer sabe se eu tenho um caso.

Dou um passo em frente; e o cão também. Pela primeira vez, apercebo-me de que

tem um daqueles coletes com uma cruz vermelha, como um São Bernardo que transporta

subindo uma montanha gelada. Estendo a mão automaticamente para lhe fazer festas.

— Não faça isso - diz Alexander. - O Juiz é um cão de serviço.

A minha mão volta para o meu lado.

— Mas o senhor não é cego.

— Obrigado por me chamar a atenção para esse facto.

— Então qual é o seu problema? Assim que digo isso, desejo não o ter dito. Não

tinha eu visto a Kate ser perseguida por esta pergunta feita por centenas de pessoas mal-

educadas? - Tenho um pulmão artificial - diz Campbell Alexander secamente - e o cão

impede-me de chegar demasiado perto de ímanes. Agora, se me conceder o imenso favor

de se retirar, a minha secretária indicar-lhe-á o nome de alguém que. .

Mas eu não me posso ir embora ainda.

— É mesmo verdade que processou Deus? - tiro todos os recortes de jornal e

aliso-os em cima da sua secretária vazia.

Um músculo pulsa na sua face, e em seguida pega no artigo de cima. - Processei a

Diocese de Providence, representando uma criança de um dos seus orfanatos que

precisava de um tratamento experimental que envolvia tecido embrionário, que eles

achavam que violava o Vaticano II. No entanto, dizer que um menino de nove anos

processa Deus por ficar com a palha mais curta na vida faz um título muito melhor.

Limito-me a olhar fixamente para ele.

— Dylan Jerome - admite o advogado - queria processar Deus por não se

preocupar o suficiente com ele.

Era como se um arco-íris surgisse no meio da grande secretária de mogno.

— Dr. Alexander - digo eu -, a minha irmã tem leucemia.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 15*

— Lamento. Mas mesmo que eu estivesse disposto a litigar com Deus de novo,

que não estou, você não pode apresentar um processo legal em nome de outra pessoa.

Há demasiadas coisas para explicar - o meu próprio sangue a passar para as veias

da minha irmã; os enfermeiros a segurarem-me para me poderem picar para recolher

glóbulos brancos para a Kate; o médico a dizer que não conseguiram o suficiente da

primeira vez. As equimoses e a dor profunda nos ossos depois de ter doado a minha

medula; as injeções que introduziram mais células estaminais em mim, para que houvesse

algumas de reserva para a minha irmã. O facto de eu não estar doente, mas de ser como

se estivesse. O facto de a única razão para eu ter nascido ser para servir de objecto de

colheitas para a Kate. O facto de, agora mesmo, estar a ser tomada uma decisão

importante sobre mim, e de ninguém se ter dado ao trabalho de perguntar à pessoa que

mais merecia qual era a sua opinião.

Há demasiadas coisas para explicar, e por isso faço o melhor que posso.

— Não é Deus. São só os meus pais - digo eu. - Quero processá-los pelo direito ao

meu próprio corpo.

## Campbell

Quando só temos um martelo, tudo se assemelha a um prego.

Isto é algo que o meu pai, o primeiro Campbell Alexander, costumava dizer; na

minha opinião, também é a base do direito civil americano. Dito de uma forma simples, as

pessoas que foram empurradas para um canto farão qualquer coisa para abrir caminho de

novo para o centro. Para alguns, isso significa dar socos. Para outros, significa instaurar

processos legais. E, por isso, estou especialmente grato.

Na periferia da minha secretária, a Kerri dispôs as minhas mensagens da forma

que eu prefiro - as urgentes escritas em Post-its verdes, os assuntos menos prementes em

amarelos, alinhados em colunas bem arranjadas como uma paciência dupla. Há um

número de telefone que atrai a minha atenção, e franzo o sobrolho, mudando o Post-it

verde para o lado dos amarelos. A sua mãe telefonou quatro vezes! escreveu a Kerri.

Pensando melhor, rasgo o Post-it ao meio e atiro-o à deriva para o lixo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 16*

A rapariga que está sentada à minha frente está à espera de uma resposta,

resposta essa que eu estou deliberadamente a recusar-me dar. Ela diz que quer processar

os pais, tal como muitas adolescentes no planeta. Mas ela quer processá-los pelo direito

ao seu próprio corpo. Trata-se exactamente do tipo de caso de que eu fujo como da Peste

Negra - um caso que requer demasiado esforço e tomar conta do cliente. com um suspiro,

levanto-me. - Como disse que se chamava? - Não disse - ela senta-se um pouco mais

direita. - Chamo-me Anna Fitzgerald.

Abro a porta e grito pela minha secretária. - Kerri! Pode ir buscar o número do

Planeamento Familiar para a Menina Fitzgerald? - O quê? - quando me volto, a miúda está

de pé. - Planeamento Familiar? - Repare, Anna, vou dar-lhe um pequeno conselho.

Instaurar um processo legal porque os seus pais não a deixam comprar a pílula

anticoncepcional ou ir a uma clínica para fazer um aborto é como usar um malho para

matar um mosquito. Pode guardar o dinheiro da sua mesada e ir ao Planejamento Familiar;

eles estão muito mais bem preparados para lidar com o seu problema.

Pela primeira vez desde que entrei no meu escritório, olhei mesmo, verdadeiramente para ela. A raiva brilha à volta desta miúda como electricidade.

— A minha irmã está a morrer, e a minha mãe quer que eu lhe doe um dos meus

rins - diz ela acaloradamente. - Não sei porquê mas acho que uma mão-cheia de

preservativos não vai resolver o problema.

Sabem como de vez em quando a nossa vida se estende à nossa frente como uma

bifurcação na estrada e, assim que escolhemos um caminho pedregoso, nunca chegamos a

tirar os olhos do outro, na certeza de ter cometido um erro? A Kerri aproxima-se,

segurando na mão uma tira de papel com o número que pedi, mas eu fecho a porta sem o

receber e volto para a minha secretária.

— Ninguém a pode obrigar a doar um órgão se não quiser.

— Ah, a sério? - ela inclina-se para a frente, contando pelos dedos. - A primeira

vez que dei alguma coisa à minha irmã, foi sangue do cordão umbilical, e eu era recém-

nascida. Ela tem leucemia - e as minhas células fazem com que entre em remissão. Da

última vez que ela teve uma recaída, eu tinha cinco anos e retiraram-me linfócitos, três

vezes, porque parecia que os médicos nunca tiravam o suficiente. Quando isso deixou de

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 17*

resultar, retiraram medula óssea para fazer um transplante. Quando a Kate começou a ter

infecções, tive de doar granulócitos. Quando teve uma nova recaída, tive de doar células

estaminais sangüíneas periféricas.

O vocabulário médico desta rapariga envergonharia alguns dos meus peritos

remunerados. Tirei um bloco de notas.

— É óbvio que concordou anteriormente em ser dadora da sua irmã.

Ela hesita, e depois abana a cabeça.

— Nunca ninguém me perguntou.

— Disse aos seus pais que não queria doar um rim? - Eles não me dão ouvidos.

— Talvez dessem se referisse isto.

Ela olha para baixo, e o cabelo tapa-lhe o rosto.

— Eles não me dão verdadeiramente atenção, excepto quando precisam do meu

sangue ou algo do gênero. Se a Kate não estivesse doente, eu nem sequer estaria viva.

Um herdeiro e um substituto; é um costume que data dos meus antepassados na

Inglaterra. Parecia insensível - ter mais um filho - não vá o primeiro morrer -, no entanto, já

foi muitíssimo prático outrora. Ser uma decisão a posteriori talvez não soasse bem a esta

miúda, mas a verdade é que todos os dias são concebidas crianças pOr razões muito

pouco louváveis: para conservar um mau casamento; para manter o apelido de família;

para moldar uma imagem de um dos pais.

— Eles tiveram-me para que eu pudesse salvar a Kate - explica a rapariga. - Foram

a médicos especiais e tudo, e escolheram o embrião que seria totalmente compatível a

nível genético.

Houve cursos de ética na faculdade de direito, mas eram na generalidade vistos

como redutores ou como um oxímoro, e eu costumava faltar. Mesmo assim, quem vir a

CNN periodicamente estará informado sobre as controvérsias da pesquisa relativa às

células estaminais. Bebês dadores, crianças geneticamente programadas, a ciência de

amanhã para salvar as crianças de hoje.

Bato com a caneta na secretária, e o Juiz - o meu cão - aproxima-se de esquelha.

— O que acontece se não doar um rim à sua irmã? - Ela morre.

— Sente-se à vontade com isso? A boca de Anna contrai-se numa linha fina.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 18*

— Estou aqui, não estou? - É verdade. Estou apenas a tentar descobrir o que a fez

reagir, depois deste tempo todo.

Ela olha mais para a frente, para a estante.

— Porque - diz ela de forma simples - isto nunca pára.

De repente, parece lembrar-se de alguma coisa. Mete a mão no bolso e coloca um

maço de notas amachucadas e algumas moedas em cima da minha secretária. - Também

não tem de se preocupar com a sua remuneração. São 136,87 dólares. Eu sei que não é o

suficiente, mas hei-de descobrir uma maneira de arranjar mais.

— Eu cobro duzentos por hora.

— Dólares.

— As contas de conchas dos índios não cabem na ranhura dos depósitos das

caixas multibanco.

— Se calhar podia passear o seu cão, ou algo do gênero.

— Os cães de serviço são passeados pelos donos. Havemos de descobrir alguma

coisa - encolho os ombros.

— O senhor não pode ser meu advogado de graça - insiste ela.

— Muito bem, então. Pode polir as maçanetas das minhas portas - não é que eu

seja um homem particularmente caridoso, mas é que, em termos legais, este caso resolve-

se de caras: ela não quer doar um rim; nenhum tribunal no seu juízo perfeito iria obrigá-la a

doar um rim; não tenho de fazer nenhuma pesquisa legal; os pais vão ceder antes de irmos

a tribunal, e pronto. Para além disso, o caso vai dar-me uma montanha de publicidade, e

vai inflacionar o meu trabalho pró bono durante toda a maldita década. - vou dirigir uma

petição em seu nome ao tribunal de família: emancipação médica legal - digo eu.

— E depois? - Vai haver uma audiência, e o juiz vai nomear um tutor ad litem, que

é. .

— . . uma pessoa formada para trabalhar com crianças no tribunal de família, que

determina o que é melhor para a criança - recita Anna. - Ou, por outras palavras, é mais

um adulto que vai decidir o que me irá acontecer.

— bom, é assim que funciona a lei, não há outra maneira. Mas um TAL

teoricamente zela apenas por si, e não pela sua irmã ou pelos seus pais.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 19*

Ela observa-me a tirar o bloco e a escrever algumas notas.

— Incomoda-o o seu nome estar ao contrário? - O quê? - paro de escrever, e fico

a olhar para ela.

— Campbell Alexander. O seu apelido é um nome próprio e o seu nome próprio é

um apelido - ela faz uma pausa. - Ou uma sopa.

— E o que tem isso a ver com o seu caso? - Nada - admite Anna -, só que foi uma

decisão bastante má que os seus pais tomaram por si.

Estendi a mão por cima da secretária para lhe entregar um cartão.

— Se quiser fazer alguma pergunta, telefone-me.

Ela aceita-o, e passa os dedos pelas letras do meu nome em relevo.  
O meu nome

ao contrário. Por amor de Deus. Depois, ela inclina-se sobre a secretária, agarra no meu

bloco, e rasga a parte inferior da página. Usando a minha caneta, escreve algo e entrega-

me. Observo o bilhete na minha mão: Anna 555-3211 - Se quiser fazer alguma pergunta -

diz ela.

Quando me dirijo à recepção, a Anna já se tinha ido embora e a Kerri está sentada

à sua secretária, com um catálogo aberto em cima desta.

— Sabia que antigamente costumavam usar aqueles sacos de lona L. L. Bean para

transportar gelo? - Pois - e vodka e Bloody Mary. Levado de casa para a praia todos os

domingos de manhã. A propósito, a minha mãe telefonou.

A Kerri tem uma tia que ganha a vida como médium e, de vez em quando, esta

predisposição genética manifesta-se. Ou talvez ela já trabalhe para mim há tempo

suficiente para conhecer a maior parte dos meus segredos. De qualquer modo, ela sabe o

que estou a pensar. - Ela diz que o seu pai agora anda com uma rapariga de dezassete

anos e que a palavra discrição não faz parte do vocabulário dele e que ela vai internar-se

no The Pines se não lhe telefonar até às... - a Kerri olha para o relógio. - Ups.

— Quantas vezes já ameaçou ela internar-se esta semana? - Só três - diz a Kerri.

— Ainda estamos muito abaixo da média - inclino-me sobre a secretária e fecho o

catálogo. - É altura de ganhar a vida, Menina Donatelli.

— Aquela rapariga, Anna Fitzgerald..

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 20*

— Planeamento Familiar? - Nem por isso - digo eu. - Vamos representá-la. Preciso

de ditar uma petição para fins de emancipação médica, para a podermos entregar no

tribunal de família amanhã.

— Está a brincar! Vai representá-la? Ponho uma das mãos sobre o coração. - Estou

magoado por me ter em tão baixa consideração.

— Na verdade, estava a pensar na sua carteira. Os pais dela sabem?  
- Amanhã vão

ficar a saber.

— Será que você é completamente idiota? - Desculpe? Kerri abana a cabeça.

— Onde vai ela viver? O comentário detém-me. De facto, ainda não tinha pensado

verdadeiramente nisso. Mas uma rapariga que instaure um processo legal contra os pais

não se sentirá particularmente confortável a viver debaixo do mesmo tecto depois de

terem sido entregues os papéis.

De repente, o Juiz está ao meu lado, a empurrar-me a coxa com o focinho. Abano

a cabeça, aborrecido. O tempo é tudo. - Dê-me quinze minutos - digo à Kerri. - Chamo-a

quando estiver pronto.

— Campbell - insiste a Kerri, persistente -, não pode estar à espera que uma

miúda se desenrasque sozinha.

Dirijo-me de novo para o meu escritório. O Juiz segue-me ficando à soleira da

porta.

— O problema não é meu - digo eu; e, em seguida, fecho a porta,  
tranco-a bem, e

fico à espera.

## Sara

1990 A equimose é do tamanho e da forma de um trevo de quatro folhas, e situa-

se mesmo entre as omoplatas da Kate. É o Jesse que a descobre, enquanto estão os dois

na banheira.

— Mamã - pergunta ele -, isso quer dizer que ela tem sorte?  
Primeiro tento

esfregá-la, presumindo ser sujidade, mas sem sucesso. A Kate, de dois anos, objecto de

escrutínio, olha para cima, para mim, com os seus olhos azuis de porcelana.

— Dói-te? - pergunto-lhe eu, e ela abana a cabeça.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 21*

Algures no corredor atrás de mim, o Brian está a contar-me como foi o seu dia.

Cheira vagamente a fumo.

— Então o tipo comprou uma caixa de charutos caros - diz ele -, e fez um seguro

contra incêndio de 15.000 dólares. Logo a seguir, a companhia de seguros recebeu uma

reivindicação, afirmando que se tinham perdido todos os charutos numa série de

pequenos fogos.

— Ele fumou-os! - digo eu, enxaguando o champô do cabelo do Jesse.

O Brian encosta-se à soleira da porta.

— Sim. Mas o juiz deliberou que a companhia aceitou assegurar os charutos

contra incêndio sem definir fogo aceitável.

— Hei, Kate, e agora, dói? - diz o Jesse, e carrega com o polegar, com força, na

equimose na coluna da sua irmã.

A Kate berra, contorce-se, e deita água do banho para cima de mim. Tiro-a da

água, escorregadia como um peixe, e entrego-a ao Brian. com as cabeças pálidas de

cabelos muito louros juntas, eles formam um conjunto. O Jesse é mais parecido comigo -

magro, moreno, cerebral. O Brian diz que é assim que sabemos que a nossa família está

completa: cada um de nós tem o seu clone.

— Sai já dessa banheira - digo eu ao Jesse.

Ele levanta-se, uma fonte de rapaz de quatro anos, e arranja maneira de tropeçar

enquanto passa por cima da alta parede da banheira. Bate fortemente com o joelho e

irrompe em lágrimas.

Embrulho o Jesse numa toalha, acalmado-o enquanto tento continuar a

conversar com o meu marido. Esta é a linguagem de um casamento: código Morse,

pontuado por banhos, jantares e histórias ao deitar.

— Então, quem te intimou? - pergunto ao Brian. - O réu? - A acusação. A

companhia de seguros pagou o dinheiro, e detiveram-no durante vinte e quatro horas sob

acusação de fogo posto. Eu tenho de ser o perito deles.

Brian, um bombeiro profissional, é capaz de entrar numa estrutura enegrecida e

encontrar o local onde começaram as chamas: uma beata carbonizada, um fio eléctrico

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 22*

exposto. Todo o holocausto começa com uma brasa. Só precisamos de saber onde

procurar.

— O juiz encerrou o caso, não? - O juiz condenou-o a vinte e quatro penas de um

ano consecutivas - diz o Brian. Põe a Kate no chão e começa a enfiar-lhe o pijama pela

cabeça.

Na minha vida anterior, eu era uma advogada especialista em direito civil. A dada

altura acreditei verdadeiramente que era isso que queria ser - mas isso foi antes de uma

criança pequena me ter dado uma mão-cheia de violetas esmagadas. Antes de

compreender que o sorriso de uma criança é uma tatuagem: arte indelével.

Isso põe a minha irmã Suzanne doida. Ela é um prodígio na área das finanças que

destruiu a barreira de discriminação contra as mulheres no Banco de Boston e, na sua

opinião, eu sou um desperdício de evolução cerebral. Mas eu acho que metade da batalha

é encontrar o que nos convém, e eu sou muito melhor como mãe do que alguma vez seria

como advogada. Às vezes interrogo-me se serei apenas eu, ou se há outras mulheres que

descobrem qual é o seu lugar não saindo do mesmo sítio.

Olho para cima enquanto enxugo o Jesse, e encontro o Brian a olhar-me

fixamente.

— Tens saudades disso, Sara? - pergunta ele suavemente. Embrulho o nosso filho

na toalha e beijo-o no alto da cabeça.

— Tantas como de uma desvitalização - digo eu.

Quando acordo na manhã seguinte, o Brian já tinha ido para o emprego. Ele está

de serviço dois dias, depois duas noites, e depois tem folga durante quatro, e, em seguida

repete-se o ciclo. Olhando para o relógio, apercebo-me de que acordei depois das nove. E

o mais surpreendente é os meus filhos não me terem acordado. De roupão, desço as

escadas a correr, e encontro o Jesse a brincar com blocos no chão.

— Já tomei o pequeno-almoço - informa-me ele. - Também fiz o teu.

Pois fez, há cereais espalhados por toda a mesa da cozinha, e uma cadeira em

equilíbrio assustadoramente precário colocada debaixo do armário onde estão guardados

os flocos de milho. Há um rasto de leite que vem do frigorífico até à taça.

— Onde está a Kate? - Está a dormir - diz o Jesse. - Tentei empurrá-la e tudo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 23*

Os meus filhos são um despertador natural; pensar que a Kate está a dormir até

tão tarde faz-me lembrar que ela tem andado a fungar ultimamente, e depois interrogar-

me se seria por isso que estava tão cansada ontem à noite. Subo as escadas, chamando-a

em voz alta. No seu quarto, ela rebola-se na minha direcção, emergindo da escuridão para

se focar no meu rosto.

— Toca a acordar - levanto as persianas, deixo que o sol se espalhe pelos seus

cobertores. Sento-me e esfrego-lhe as costas. Vamos lá vestir-te - digo eu, e tiro-lhe a

parte de cima do pijama pela cabeça.

Ao longo da sua coluna, como uma linha de pequenas jóias azuis, há uma fileira

de equimoses.

— É anemia, não é? - pergunto eu ao pediatra. - As crianças da idade dela não

apanham mononucleose, pois não? O Dr. Wayne afasta o estetoscópio do peito estreito da

Kate e puxa a sua saia cor-de-rosa para baixo.

— Pode ser um vírus. Gostava de tirar algum sangue e fazer umas análises.

O Jesse, que tem estado a brincar pacientemente com um GI Joe sem cabeça,

levanta a cabeça ao ouvir estas notícias.

— Sabes como é que tiram sangue, Kate? - com lápis? - com agulhas. Umas

grandes e compridas que espetam como se fosse uma injeção. .

— Jesse - aviso eu.

A minha filha, que confia em mim para lhe dizer quando pode atravessar a rua,

para lhe cortar a carne em pedacinhos e para a proteger de todos os tipos de coisas

horríveis como cães grandes, e escuridão, e foguetes ruidosos, fica a olhar para mim com

grande expectativa.

— É só uma pequenina - prometo eu.

Quando a enfermeira pediatria entra com o seu tabuleiro, a sua seringa, os seus

tubos de análise e o seu torniquete de borracha, a Kate começa a gritar. Respiro fundo.

— Kate, olha para mim - os seus gritos ficam reduzidos a pequenos soluços. - Vai

ser só uma picadinha.

— Mentirosa - sussurra o Jesse baixinho.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 24*

A Kate acalma-se, muito ligeiramente. A enfermeira deita-a na mesa de

examinação e pede-me que segure nos seus ombros. Observo a agulha a penetrar na pele

branca do seu braço; ouço o grito repentino - mas não há nenhum sangue a fluir.

— Desculpa, querida - diz a enfermeira. - Tenho de tentar outra vez.  
- Retira a

agulha, e pica de novo a Kate, que berra ainda mais alto.

A Kate debate-se a sério durante o primeiro e o segundo tubos de análise. Quando

chega ao terceiro, fica completamente sem forças. Não sei o que será pior.

Esperamos pelos resultados da análise ao sangue. O Jesse está deitado de barriga

para baixo no tapete da sala de espera, apanhando sabe Deus que tipo de micróbios de

todas as crianças doentes que passam por este consultório. O que eu quero é que o

pediatra apareça, que me diga que leve a Kate para casa e que lhe dê muito sumo de

laranja, e que agite uma receita de Ceclor à nossa frente como se fosse uma varinha

mágica.

Passa uma hora até que o Dr. Wayne nos manda entrar no seu consultório de

novo.

— As análises da Kate estão um pouco problemáticas - diz ele.

— Sobretudo, a sua contagem de glóbulos brancos. É muito mais baixa do que o

normal.

— O que quer isso dizer? - nesse momento, amaldiçoo-me por ter ido para a

faculdade de direito, e não para a de medicina. Tento recordar-me do que fazem os

glóbulos brancos.

— Ela pode ter algum tipo de deficiência auto-imune. Ou pode tratar-se apenas de

um erro laboratorial - ele toca no cabelo de Kate. - Acho que, só para termos a certeza,

vou mandá-la consultar um hematologista no hospital, para repetir as análises.

Estou a pensar: Só pode estar a brincar. Mas, em vez disso, observo a minha mão

a mover-se por sua própria iniciativa para agarrar no papel que o Dr. Wayne entrega. Não

se trata de uma receita, como eu esperava, mas de um nome. Ileana Farquad, Providence

Hospital, Hematologia/Oncologia.

— Oncologia - abano a cabeça. - Mas isso significa cancro. Espero que o Dr.

Wayne me garante que isso apenas faz parte do título da médica, que me explique que o

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 25*

laboratório de hematologia e o departamento de oncologia partilham simplesmente a

mesma localização, e nada mais do que isso. Mas ele não o faz.

O recepcionista no quartel comunica-me que o Brian se encontra numa missão

médica. Ele partiu no veículo de salvamento há vinte minutos. Hesito, e olho para a Kate,

que está afundada num dos assentos de plástico da sala de espera do hospital. Uma

missão médica.

Acho que há encruzilhadas nas nossas vidas em que tomamos decisões grandiosas

e abrangentes, sem nunca nos chegarmos a aperceber disso. Como passar os olhos pelos

títulos de um jornal quando o semáforo está vermelho e, por isso, evitar a furgoneta que

ultrapassa a fila de trânsito e provoca um acidente. Entrar num café por capricho e

encontrar o homem com quem nos vamos casar um dia, enquanto ele procura trocos na

carteira ao balcão. Ou isto: dizer ao nosso marido que venha ter connosco, quando

passámos horas a convencer-nos de que não se trata de nada importante.

— Chamem-no através do rádio - digo eu. - Diga-lhe que estamos no hospital.

Há algum conforto em ter o Brian ao meu lado, como se fôssemos agora um par

de sentinelas, uma dupla linha de defesa. Estamos no Providence Hospital há três horas, e

a cada minuto que passa é mais difícil iludir-me a mim própria e acreditar que o Dr. Wayne

tenha cometido um erro. O Jesse está a dormir numa cadeira de plástico. A Kate sofreu

uma nova colheita de sangue traumática, e uma radiografia ao tórax, porque eu referi que

ela estava constipada.

— Cinco meses - diz o Brian cuidadosamente ao médico interno que está sentado

à sua frente com um caderno de mola. Em seguida olha para mim. - Não foi nessa altura

que ela começou a rebolar? - Acho que sim - por esta altura já o médico nos tinha

perguntado tudo, desde o que tínhamos vestido na noite em que a Kate foi concebida até

quando tinha ela aprendido a segurar numa colher.

— A primeira palavra? - pergunta ele.

— Papá - sorri Brian.

— O que eu queria dizer era quando.

— Oh - ele franze a testa. - Acho que estava quase a fazer um ano. -  
Desculpe -

digo eu. - Pode dizer-me por que razão todas estas coisas são importantes? - Trata-se

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 26*

apenas da história clínica, Sr. a Fitzgerald. Queremos saber o máximo possível sobre a sua

filha, para que possamos perceber o que ela tem.

— Sr. e Sr. Fitzgerald? - aproxima-se uma mulher jovem, vestindo uma bata. - Eu

sou flebotomista. A Dr. a Farquard quer que eu faça um painel de coagulopatia à Kate.

Quando ouve o seu nome, a Kate pestaneja ao meu colo. Olha para a bata branca

e enfia os braços para dentro das mangas da sua própria camisola.

— Não pode picar o dedo? - Não, esta é de facto a maneira mais fácil.

De repente, lembro-me de como, quando estava grávida da Kate, ela costumava

ter soluços. Durante horas seguidas, o meu estômago contorcia-se. Cada movimento que

ela fazia, mesmo uns tão pequenos, obrigava-me a fazer algo que eu não controlava.

— Acha - digo eu suavemente - que é isso que eu quero ouvir?  
Quando vai à

cantina e pede um café, gostaria que lhe dessem uma Coca-Cola, porque é mais fácil de

alcançar? Quando paga com o cartão de crédito, gostaria que lhe dissessem que dá muito

trabalho, e que portanto tem de pagar em dinheiro? - Sara - a voz de Brian é um vento

distante.

— Acha que é fácil para mim estar aqui sentada com a minha filha sem fazer a

mínima idéia do que se passa ou por que razão estão a fazer todas estas análises? Acha

que é fácil para ela? Desde quando alguém tem hipótese de escolher fazer aquilo que é

mais fácil? - Sara - só quando a mão de Brian pousa no meu ombro é que eu me apercebo

de que estou a tremer tanto.

Mais um momento, e a mulher desaparece, com as socas a baterem no chão de

ladrilhos. Assim que ela desaparece de vista, perco as forças.

— Sara - diz o Brian. - O que se passa contigo? - O que se passa comigo? Não sei,

Brian, porque ninguém nos vem dizer o que se passa com..

— Chiu - diz ele e envolve-me nos seus braços, com a Kate presa entre nós num

suspiro. Ele diz-me que vai tudo correr bem, e pela primeira vez na minha vida não

acredito nele.

Subitamente, a Dr. a Farquard, que já não víamos há horas, entra na sala.

— Soube que houve um pequeno problema com o painel de coagulopatia - ela

puxa uma cadeira para a nossa frente. - A contagem completa de células sangüíneas da

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 27*

Kate teve alguns resultados anormais. A contagem de glóbulos brancos é muito baixa -

1,3. A hemoglobina é de 7,5, o hematócrito é de 18,4, as plaquetas são 81.000, e os

neutrófilos são 0,6. Números como estes muitas vezes indiciam uma doença auto-imune.

Mas a Kate também apresenta doze por cento de promielócitos, e cinco por cento de

blastos, e isso sugere uma síndrome leucémica.

— Leucémica - repito eu. A palavra é fluida, escorregadia, como a clara de ovo.

— A leucemia é um cancro do sangue - a Dr. a Farquar acena com a cabeça.

— O que significa isso? - o Brian limita-se a olhar para ela, de olhos fixos.

— Pensem na medula óssea como uma creche para as células em desenvolvimento. Os corpos saudáveis fazem células sanguíneas que ficam na medula até

serem suficientemente maduras para sair e combater as doenças ou coagular, ou

transportar oxigênio, ou o que quer que seja que devem fazer. Numa pessoa com

leucemia, as portas da creche abrem-se cedo de mais. As células sanguíneas imaturas

acabam por entrar na circulação, incapazes de cumprir a sua função. Nem sempre é

estranho ver promielócitos numa CCCS, mas, quando observámos a da Kate ao

microscópio, conseguimos detectar anomalias - ela olha para cada um de nós

separadamente. - Preciso de fazer uma aspiração de medula óssea para confirmar isso,

mas parece-me que a Kate tem leucemia promielocítica aguda.

A minha língua está presa sob o peso da pergunta que, passado um momento, o

Brian obriga a sair da sua garganta: - Ela... ela vai morrer? Quero abanar a Dr. a Farquad.

Quero dizer-lhe que eu própria tiro o sangue para o painel de coagulopatia dos braços da

Kate se isso significar que ela retirará aquilo que disse. - A LPA é um subgrupo muito raro

de leucemia mielóide. Apenas cerca de doze mil pessoas por ano são diagnosticadas com

a doença. A taxa de sobrevivência dos doentes afectados pela LPA é de vinte a trinta por

cento, se o tratamento for imediatamente iniciado.

Empurro os números para fora da minha cabeça e ferro os dentes no resto da sua

frase.

— Há um tratamento - repito eu.

— Sim. com um tratamento agressivo as leucemias mielóides têm um prognóstico

de sobrevivência de nove meses á três anos.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 28*

Na semana passada, fiquei na soleira da porta do quarto da Kate, observando-a

agarrada a um cobertor de bebê de cetim enquanto dormia, um farrapo de tecido que

raramente largava. Ouve bem o que te digo, sussurrei ao Brian. Ela nunca vai largar aquilo.

vou ter de o coser ao seu vestido de noiva.

— Precisamos de fazer essa aspiração de medula óssea. Vamos anestesiá-la com

um anestésico geral ligeiro. E podemos traçar o painel de coagulopatia enquanto ela

estiver a dormir - a médica inclina-se para a frente, solidária. - Saibam que os miúdos

enganam as estatísticas. Todos os dias.

— Está bem - diz o Brian. Bate uma palma, como se estivesse a preparar-se para

um jogo de futebol. - Está bem.

A Kate afasta a cabeça da minha camisola. Tem as faces afogueadas, e uma

expressão vaga.

Isto é um erro. Foi um infeliz tubo de análise com o sangue de outra pessoa que o

médico levou para análise. Olhem para a minha filha, para o brilho dos seus caracóis

esvoaçantes e para o seu sorriso como um vôo de borboleta - este não é o rosto de

alguém que está a morrer por fases.

Só a conheço há dois anos. Mas, se considerarmos cada lembrança, cada

momento, se os colocarmos uns a seguir aos outros, ponta a ponta, seriam infindáveis.

Enrolam um lençol e colocam-no sob a barriga da Kate. Prendem-na com fita

adesiva à mesa de examinação, com duas longas tiras. Uma das enfermeiras acaricia a mão

de Kate, mesmo após a anestesia ter começado a fazer efeito e de ela estar a dormir. A

parte inferior das suas costas está despida para a longa agulha que vai penetrar na sua

fossa ilíaca para recolher medula.

Quando voltam cuidadosamente o rosto de Kate para o outro lado, a toalha de

papel debaixo da sua face está molhada. Aprendi com a minha própria filha que não

precisamos de estar acordados para chorar.

Quando estamos no carro a caminho de casa, sou surpreendida pelo súbito

pensamento de que o mundo é insuflável - árvores, e erva, e casas prontas a cair com uma

única picada de alfinete. Tenho a sensação de que se guinar o carro para a esquerda, e se

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 29*

embater contra a vedação de estacas e o parque infantil, eles vão fazer-nos ressaltar para

trás como um pára-choques de borracha.

Passamos por um camião. Batchelder Casket Company, está escrito num dos lados.

Conduza com Segurança. Isso não será um conflito de interesses? A Kate está sentada na

sua cadeira para transporte de crianças no automóvel, a comer bolachas com a forma de

animais.

— Brinca - manda ela.

No espelho retrovisor, o seu rosto está luminoso. Os objectos estão mais próximos

do que aparentam. Observo-a a agarrar na primeira bolacha.

— Como faz o tigre? - consigo eu dizer.

— Grrrr- ela arranca a cabeça dele com uma dentada e depois agita outra bolacha.

— Como faz o elefante? A Kate dá risadinhas e depois faz um ruído de trompeta

pelo nariz.

Interrogo-me se irá acontecer durante o sono. Ou se ela chorará. Se alguma

enfermeira bondosa irá dar-lhe algo para as dores. Imagino a minha filha a morrer,

enquanto está feliz e a rir meio metro atrás de mim.

— Faz a girafa? - pergunta a Kate. - Girafa? A sua voz, está tão cheia do futuro.

— As girafas não dizem nada - respondo eu.

— Porquê? - Porque nasceram assim - digo-lhe eu, e depois a minha garganta

fecha-se com um nó.

O telefone toca mesmo quando estou a chegar de casa da vizinha, tendo

combinado com ela que tomaria conta do Jesse enquanto nós tomamos conta da Kate.

Não temos protocolo para esta situação. As nossas únicas baby-sitters ainda estão no

liceu; todos os quatro avós já faleceram; nunca lidámos com creches - tomar conta das

crianças é a minha função.

Quando entro na cozinha, o Brian já está a conversar com o autor do telefonema.

O fio do telefone está enrolado em volta dos seus joelhos, um cordão umbilical.

— Pois - diz ele -, é difícil de acreditar. Não consegui ir a um único jogo desta

época... não vale a pena, já o trocaram. - Os seus olhos encontram os meus enquanto

ponho uma chaleira ao lume para fazer chá. - Oh, a Sara está ótima. E os miúdos, hmm,

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 30*

estão bem. Certo. Mande cumprimentos à Lucy. Obrigado por telefonar, Don - desliga. -

Era o Don Thurman - explica ele, - Da academia de bombeiros, lembra-te? É um tipo

simpático.

Enquanto olha para mim, o sorriso amável desaparece do seu rosto. A chaleira

começa a assobiar, mas nenhum de nós faz um movimento para a tirar do lume. Olho para

o Brian, de braços cruzados.

— Não fui capaz - diz ele suavemente. - Sara, não fui capaz. Na cama, nessa noite,

o Brian é um obelisco, uma outra forma que interrompe a escuridão. Embora já não

falemos há horas, eu sei que ele está tão acordado como eu.

Isto está a acontecer-nos porque eu gritei com o Jesse na semana passada,

ontem, há momentos. Isto está a acontecer porque eu não comprei à Kate os M&Ms que

ela queria na mercearia. Isto está a acontecer porque uma vez, por uma fracção de

segundo, imaginei como seria a minha vida se nunca tivesse tido filhos. Isto está a

acontecer porque não me apercebi do bem que tinha.

— Achas que fomos nós que lhe causámos isto? - pergunta o Brian.

— Que lhe causámos isto? - volto-me para ele. - Como? - Por exemplo, através

dos nossos genes. Tu sabes. Não respondo.

— O Providence Hospital não é de confiança - diz ele agressivamente. - Lembras-

te de quando o filho do chefe partiu o braço esquerdo, e eles puseram gesso no direito?

Olho fixamente para o tecto de novo.

— É só para saberes - digo eu, mais alto do que pretendia -. não vou deixar que a

Kate morra.

Ouve-se um som horrível ao meu lado - um animal ferido, um arquejo de quem se

está a afogar. Então o Brian encosta o rosto ao meu ombro, soluça contra a minha pele.

Põe os braços à minha volta e segura-se como se estivesse a perder o equilíbrio.

— Não vou - repito eu, mas, mesmo para mim própria, parece que estou a

esforçar-me de mais.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 31*

## Brian

Por cada sete graus de aumento da temperatura de combustão de um incêndio,

este duplica de tamanho. É nisto que penso enquanto observo as faúlhas a saírem da

chaminé do incinerador, um milhar de novas estrelas. O decano da faculdade de medicina

da Universidade de Brown torce as mãos ao meu lado. com o meu casaco grosso vestido,

estou a suar.

Trouxemos um veículo de combate a incêndios, uma escada e um veículo de

salvamento. Avaliámos os quatro lados do edifício. Confirmámos que não se encontra

ninguém lá dentro. bom, excepto o corpo que ficou preso no incinerador, provocando esta

situação.

— Ele era um homem corpulento - diz o decano. - É isto que fazemos sempre aos

objectos de estudo quando terminam as aulas de anatomia.

— Hei, Capitão - grita o Paulie. Hoje ele é o meu operador principal da bomba. - O

Recl já equipou a boca-de-incêndio. Queres que eu encha uma mangueira? Ainda não sei

ao certo se hei-de levar uma mangueira lá para cima. Esta fornalha foi projectada para

consumir restos mortais a 700 graus Celsius. Há chamas por cima e por debaixo do corpo.

— Então? - diz o decano - Não vai fazer nada? É o maior erro que os novatos

cometem: a presunção de que combater um incêndio significa ir a correr com rios de água.

Por vezes, isso agrava a situação. Neste caso, espalharia desperdícios tóxicos por todo o

lado. Estou a pensar que devemos manter a fornalha fechada, e assegurarmo-nos de que

as chamas não saiam pela chaminé. Um fogo não pode arder para sempre. Acabará por se

consumir.

— Sim - digo-lhe eu -, vou esperar para ver o que acontece.

Quando faço o turno da noite, janto duas vezes. A primeira refeição é cedo, um

compromisso estabelecido pela minha família para que todos possamos estar sentados à

mesa juntos. Esta noite, a Sara fez carne assada. Está em cima da mesa como um bebê

adormecido enquanto ela nos chama para ir jantar. A Kate é a primeira a ocupar o seu

lugar.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 32*

— Olá, querida - digo eu, apertando a mão dela. Quando ela sorri para mim, o

sorriso não chega aos seus olhos. - O que tens andado a fazer? Ela empurra os feijões para

a beira do prato.

— A salvar países do terceiro mundo, a desintegrar alguns átomos e a terminar a

Epopéia Americana. No intervalo, fiz diálise, claro.

— Claro.

A Sara volta-se para nós, brandindo uma faca.

— O que quer que fosse que eu tenha feito - digo eu, encolhendo-me -, peço

perdão.

Ela ignora-me.

— Trincha a carne, está bem? Agarro nos utensílios de trincar e começo a cortar a

carne assada mesmo na altura em que o Jesse se arrasta para dentro da cozinha. Nós

permitimos-lhe que viva por cima da garagem, mas ele tem de comer connosco; faz parte

do acordo. Os seus olhos estão diabolicamente vermelhos; as suas roupas estão

entranhadas de fumo adocicado.

— Olha para aquilo - suspira a Sara, mas, quando eu me volto, ela está a olhar

para a carne. - Está demasiado mal passada. Ela levanta o tabuleiro com as mãos nuas,

como se a sua pele estivesse coberta de amianto. Enfia a carne de novo no forno.

O Jesse agarra numa taça de purê de batata e começa a colocar um monte no seu

prato. Uma, outra e mais outra vez.

— Tresandas - diz a Kate, abanando a mão em frente ao rosto. O Jesse ignora-a,

metendo uma garfada do seu purê de batata na boca. Imagino o que isso quererá dizer a

meu respeito, que fico de facto entusiasmado por conseguir identificar a erva a circular no

seu organismo, ao contrário de outras drogas - ecstasy, heroína e Deus sabe que mais -

que deixam menos sinais.

— Nem todos nós apreciamos cada Pedrada - diz a Kate por entre dentes.

— Nem todos nós conseguimos receber as nossas drogas através de um cateter

de punção venosa - responde o Jesse.

A Sara levanta as mãos.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 33*

— Por favor. Podemos simplesmente... evitar? - Onde está a Anna? - pergunta a

Kate.

— Ela não estava no vosso quarto? - Só estive de manhã.

A Sara enfia a cabeça pela porta da cozinha.

— Anna! Jantar! - Vejam o que eu comprei hoje - diz a Kate, puxando a sua T-shirt.

Foi atada e tingida, de forma psicadélica, e tem um caranguejo na frente com a palavra

Câncer. - Percebem? - Tu és Leão - a Sara parece estar à beira das lágrimas.

— Como é que está essa carne assada? - pergunto, para a distrair. Mesmo nessa

altura, a Anna entra na cozinha. Atira-se para cima da sua cadeira e baixa a cabeça.

— Onde estiveste? - diz a Kate.

— Por aí.

A Anna olha para o seu prato, mas não faz nenhum movimento para se servir.

Nem parece a Anna. Estou habituado a discutir com o Jesse, a carregar o fardo da

Kate; mas a Anna é a constante da nossa família. A Anna chega com um sorriso. A Anna

conta-nos que encontrou um pisco com uma asa partida, com face rosada; ou sobre a mãe

que ela tinha visto no Wal-Mart não apenas com um mas com dois pares de gêmeos. A

Anna marca um ritmo de fundo, e, ao vê-la ali sentada sem reacção, apercebo-me de que

o silêncio tem um som.

— Aconteceu alguma coisa hoje? - pergunto eu.

Ela olha para cima, para a Kate, presumindo que a pergunta tinha sido feita à sua

irmã, e depois estremece quando se apercebe de que estou a falar com ela.

— Não.

— Sentes-te bem? De novo, Anna hesita; esta é uma pergunta que normalmente

reservamos para a Kate.

— Sinto.

— Porque, sabes, não estás a comer.

A Anna olha para o seu prato, repara que está vazio, e, em seguida enche-o de

comida. Enfia feijões verdes na boca, duas garfadas.

Sem mais nem menos, lembro-me de quando os miúdos eram pequenos,

amontoados na parte de trás do carro como charutos apertados dentro de uma caixa, e de

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 34*

como cantava para eles. Anna anna bo banna, banana fanna fo fanna, me my mo manna..

Anna. (- A do Chuck - gritava o Jesse -, canta a do Chuck! ) - Olha - a Kate aponta para o

pescoço da Anna. - O teu medalhão desapareceu.

É o que eu lhe dei, há tantos anos. A mão de Ana ergue-se até à clavícula.

— Perdeste-o? - pergunto. Ela encolhe os ombros.

— Talvez não me apeteça usá-lo.

Ela nunca o tirou, tanto quanto sei. A Sara retira a carne assada do forno e coloca-

a em cima da mesa. Quando agarra na faca para a trincar, olha para a Kate.

— Falando de coisas que não nos apetece usar - diz ela -, vai vestir outra camisola.

— Porquê? - Porque eu disse.

— Isso não é uma razão.

A Sara espeta a carne com a faca. - Porque acho que essa é ofensiva à mesa de

jantar.

— Não é mais ofensiva do que as camisolas de heavy metal do Jesse. Qual era a

que tinhas ontem? Era dos Alabama Thunder Pussy? O Jesse olha para ela e revira os

olhos. É uma expressão que eu já tinha visto antes: a do cavalo num western spaghetti, que

tinha ficado coxo, no momento em que recebe o tiro de misericórdia.

A Sara corta a carne. O que tinha sido cor-de-rosa é agora um tronco demasiado

cozinhado.

— Vejam só - diz ela. - Está estragada.

— Está ótima - tiro o pedaço que ela conseguiu dissecar do resto e corto um

pedaço mais pequeno. Era a mesma coisa que mastigar cabedal. - Deliciosa. vou só passar

pelo quartel para ir buscar o maçarico para podermos servir o resto das pessoas.

A Sara pestaneja, e depois solta uma gargalhada. A Kate dá risadinhas. Até o Jesse

esboça um sorriso.

É quando me apercebo de que a Anna já saiu da mesa e, o mais importante de

tudo, ninguém reparou.

De volta ao quartel, estamos os quatro lá em cima, na cozinha. O Red está a

preparar um molho qualquer no fogão; o Paulie lê a Projo, e o Caesar está a escrever uma

carta ao seu objecto de desejo desta semana. Ao observá-lo, Red abana a cabeça.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 35*

— Devias ter isso guardado no computador e imprimir várias cópias de cada vez.

Caesar é apenas uma alcunha. O Paulie inventou-a há alguns anos, porque está

sempre a deambular.

— Bem, esta é diferente - diz o Caesar.

— Pois. Durou dois dias inteiros. - O Red deita a massa no coador que está no

lava-loiça, com o vapor a erguer-se em volta do seu rosto. - Fitz, dá alguns conselhos ao

rapaz, está bem? - Porquê eu? O Paulie olha por cima do jornal.

— Por defeito - diz ele, e é verdade. A mulher do Paulie deixou-o há dois anos por

causa de um violoncelista que tinha passado por Providence numa tournée sinfônica; o

Red é um solteirão confirmado que não saberia reconhecer uma senhora mesmo que ela

chegasse ao pé dele e lhe mordesse. Por outro lado, a Sara e eu somos casados há vinte

anos.

O Red coloca um prato à minha frente na altura em que começo a falar.

— Uma mulher - digo eu - não é assim tão diferente de uma fogueira.

O Paulie põe de lado o jornal e queixa-se.

— Lá vamos nós: o Tau do Capitão Fitzgerald. Ignoro-o.

— Uma fogueira é algo de belo, certo? Algo de que não conseguimos tirar os

olhos enquanto arde. Se a mantivermos sob controlo, dá-nos luz e calor. Só quando se

descontrola é que temos de atacar.

— O que o Capitão está a tentar dizer-te - diz o Paulie - é que tens de manter a

tua namorada longe das correntes de ar. Hei. Red, tens Parmesão? Sentamo-nos para

comer o meu segundo jantar, o que normalmente significa que a campainha vai soar

dentro de minutos. O combate aos incêndios é um mundo regido pela Lei de Murphy; é

quando estamos menos preparados para enfrentar uma crise que ela surge.

— Hei, Fitz, lembras-te do último tipo morto que ficou preso?  
pergunta o Paulie -

Quando ainda éramos voluntários? Se me lembro. Um tipo que pesava nem mais nem

menos do que duzentos e vinte e cinco quilos, e que tinha morrido de ataque cardíaco no

seu leito. A agência funerária tinha chamado os bombeiros naquele caso por não

conseguirem tirar de lá o corpo.

— Cordas e roldanas - relembro em voz alta.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 36*

— E ele devia ser cremado, mas era demasiado corpulento. . Paulie sorri. - Juro por

Deus, e pela minha mãe que está no Céu, tiveram de o levar para um veterinário.

O Caesar olha para ele e pestaneja.

— Para quê? - Como achas que se vêm livres de um cavalo morto, Einstein?

Juntando dois e dois, os olhos do Caesar abrem-se mais. - Estás a brincar - diz ele e,

pensando melhor, afasta o esparguete à bolonhesa do Red.

— Quem é que acham que vão chamar para limpar a chaminé da faculdade de

medicina? - diz o Red.

— Os desgraçados dos tipos da OSHA - responde o Paulie.

— Aposto dez dólares em como vão telefonar para aqui e dizer que nos compete

a nós fazer isso.

— Não vai haver nenhum telefonema - digo eu -, porque não vai sobrar nada para

limpar. A temperatura do fogo era demasiado elevada.

— Bem, ao menos sabemos que não se tratou de fogo posto diz o Paulie por entre

dentes.

No mês passado, registámos uma série de fogos intencionais. Conseguimos

sempre distinguir - há sempre padrões que denunciam o verter de líquidos inflamáveis, ou

focos múltiplos de origem, ou fumo negro, ou uma invulgar concentração do incêndio

num local. Quem anda a fazer isto também é esperto - em várias estruturas os

combustíveis foram colocados debaixo das escadas, para nos impossibilitar o acesso às

chamas. Os fogos postos são perigosos porque não seguem as regras científicas que

utilizamos para os combater. As estruturas afectadas por fogos postos têm uma maior

probabilidade de ruir à nossa volta enquanto nos encontramos no seu interior, a combatê-

los.

O Caesar funga.

— Talvez se tivesse tratado. Talvez o gordo fosse na realidade um incendiário

suicida. Trepou para dentro da chaminé e pegou fogo a si próprio.

— Talvez estivesse apenas desesperado por perder peso acrescenta o Paulie, e os

outros desatam a rir.

— Já chega - digo eu.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 37*

— Oh, Fitz, tens de admitir que teve bastante graça...

— Para os pais desse homem não teve. Nem para a sua família. Fez-se aquele

silêncio desconfortável enquanto os homens remoíam as palavras. Por fim, o Paulie, que

me conhece há mais tempo, fala.

— Passa-se outra vez alguma coisa com a Kate, Fitz? Passa-se sempre alguma

coisa com a minha filha mais velha; o problema é que parece não ter fim. Levanto-me da

mesa e levo o meu prato para o lava-loiça.

— vou para o telhado.

Todos nós temos os nossos passatempos - o Caesar tem as suas namoradas, o

Paulie as suas gaitas-de-foles, o Red os seus cozinhados, e eu, eu tenho o meu telescópio.

Montei-o há alguns anos no telhado do quartel dos bombeiros, de onde consigo ter a

melhor perspectiva do céu nocturno.

Se eu não fosse bombeiro, seria astrónomo. Requer demasiada matemática para o

meu cérebro, mas o mapeamento das estrelas sempre teve algo que me atrai. Num céu

verdadeiramente escuro, conseguimos ver entre 1.000 e 1.500 estrelas, e há milhões que

ainda não foram descobertas. É tão fácil pensar que o mundo gira à nossa volta, mas basta

que olhemos para o céu para nos apercebermos deH que isso não é verdade.

O verdadeiro nome da Anna é Andromeda. Está na sua certidão de nascimento,

juro por Deus. A constelação de onde vem o seu nome conta a história de uma princesa,

que foi acorrentada a uma rocha para ser sacrificada a um monstro marinho - de castigo

por a sua mãe, Cassiopeia, se ter gabado da sua beleza a Posídon. Perseu, passando por lá

a voar, ficou apaixonado por Andromeda e salvou-a. No céu, ela aparece com os braços

esticados e de mãos acorrentadas.

Do meu ponto de vista, a história tem um final feliz. Quem não desejaria isso a

uma criança? Quando a Kate nasceu, costumava imaginar como estaria linda no dia do seu

casamento. No dia em que lhe diagnosticaram a LPA, em vez disso, imaginava-a a

atravessar um palco para receber o seu diploma do liceu. Quando ela teve uma recaída,

tudo isto foi pelos ares; imaginei que ela conseguiria festejar o seu quinto aniversário.

Actualmente, não tenho expectativas, e desta forma ela supera todas elas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 38*

A Kate vai morrer. Foi preciso muito tempo para que eu conseguisse dizer isso.

Todos nós vamos morrer, bem vistas as coisas, mas isto não deveria ser assim. Deveria ser

a Kate a despedir-se de mim.

Quase parece um logro que, depois de todos estes anos a desafiar as

probabilidades, não será a leucemia que a matará. Mas, por outro lado, o Dr. Chance disse-

nos há muito tempo que normalmente é assim - o corpo de um doente simplesmente fica

desgastado devido à luta constante. Pouco a pouco, há bocados dele que vão cedendo.

No caso da Kate, são os seus rins.

Volto o meu telescópio para o Arco de Barnard e para o M42, a brilhar na espada

de Oriome. As estrelas são fogos que ardem durante milhares de anos. Algumas delas

ardem lentamente, de forma duradoura, como as anãs vermelhas. Outras - como as

gigantes azuis - queimam o seu combustível tão rapidamente que brilham ao longo de

grandes distâncias, e são fáceis de ver. Quando começam a ficar sem combustível,

começam a queimar hélio, ficam ainda mais quentes, e explodem numa supernova. As

supernovas são mais brilhantes do que a mais brilhante das galáxias.  
Morrem, mas toda a

gente as vê partir.

Mais cedo, depois de termos comido, ajudei a Sara a arrumar a  
cozinha.

— Achas que se passa alguma coisa com a Anna? - perguntei eu,  
colocando o

ketchup de novo no frigorífico.

— Por ela ter tirado o fio? - Não - encolhi os ombros. - Em geral.

— Comparada com os rins da Kate e com a sociopatia do Jesse, eu  
diria que ela

está óptima.

— Ela queria que o jantar acabasse mesmo antes de começar. A  
Sara voltou-se

para mim, no lava-loiça.

— O que achas que é? - Hum... um rapaz? A Sara olhou para mim.

— Ela não está a sair com ninguém.

Graças a Deus.

— Talvez uma das suas amigas tivesse dito alguma coisa que a  
aborrecesse. -

Porque é que a Sara me estava a perguntar a mim? Que raio sabia  
eu das mudanças de

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 39*

humor das raparigas de treze anos? A Sara limpou as mãos a uma toalha e ligou a

máquina de lavar loiça.

— Talvez ela esteja apenas a ser uma adolescente.

Tentei recordar-me de como era a Kate aos treze anos, mas só conseguia lembrar-

me da recaída e do transplante de células estaminais que ela recebeu. A vida quotidiana da

Kate tinha o dom de se esbater no plano de fundo, posta em segundo plano pelos tempos

em que estava doente.

— Tenho de levar a Kate à diálise amanhã - disse a Sara. Quando chegas a casa? -

Às oito. Mas estou de serviço, e não ficaria surpreendido se o nosso incendiário atacasse

de novo.

— Brian? - perguntou ela. - Como é que achaste a Kate? Melhor do que a Anna,

pensei eu, mas não era isso que ela estava a perguntar. Ela queria que eu quantificasse o

tom amarelado da sua pele em relação a ontem; ela queria que eu descodificasse a

maneira em que colocava os cotovelos sobre a mesa, demasiado cansada para manter o

corpo direito.

— A Kate parece optimamente, porque é isso que fazemos um pelo outro.

— Não te esqueças de lhes dar as boas-noites antes de te ires embora - disse a

Sara, e voltou-se para reunir os comprimidos que a Kate toma ao deitar.

A noite está tranqüila. As semanas têm ritmos próprios, e a loucura de uma sexta-

feira ou de um sábado à noite opõem-se directamente a um domingo ou uma segunda-

feira mortos. Já consigo prever: esta vai ser uma daquelas noites em que me vou deitar e

conseguir de facto adormecer.

— Papá? - a janela basculante para o telhado abre-se, e a Anna rasteja cá para

fora. - O Red disse-me que estavas aqui em cima.

Fico imediatamente paralisado. São dez horas da noite.

— O que se passa? - Nada. Só queria.. fazer uma visita.

Quando as crianças eram pequenas, a Sara costumava aparecer aqui com elas a

toda a hora. Elas brincavam em volta dos veículos de combate a incêndios gigantes

adormecidos. Adormeciam lá em cima, no meu quarto. Às vezes, na altura mais quente do

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 40*

Verão, a Sara trazia um cobertor velho e estendíamos-lo aqui, no telhado, deitávamo-nos

com os miúdos entre nós, e observávamos a noite a cair.

— A mãe sabe onde estás? - Ela trouxe-me aqui - a Anna anda em bicos dos pés

ao longo do telhado. Ela nunca se sentiu muito à vontade com as alturas, e há apenas uma

borda de 7,5 centímetros à volta do betão. Semicerrando os olhos, inclina-se para o

telescópio. - que vês? - Vega - digo-lhe eu. Olho bem para a Anna, algo que já não fazia

há algum tempo. Ela já não é direita como um pau; tem princípios de curvas. Até os seus

movimentos - pôr o cabelo para trás da orelha, espreitar para o telescópio - têm uma

espécie de graça que eu associo às mulheres adultas. - Queres falar de alguma coisa? Os

dentes começam a morder o lábio inferior, e ela olha para baixo, para os tênis.

— Talvez pudesses tu antes falar comigo - sugere a Anna.

Então sento-a em cima do meu casaco e aponto para as estrelas. Digo-lhe que

Vega faz parte da Lira, e que a Lira pertencia a Orfeu. Não sou muito dado a histórias, mas

lembro-me daquelas que estão associadas às constelações. Conto-lhe sobre aquele filho

do deus Sol, cuja música encantava os animais e amaciava as pedras. Um homem que

amava tanto a sua mulher, Eurídice, que não deixou que a Morte levasse a melhor.

Quando termino, estamos deitados de costas.

— Posso ficar aqui contigo? - pergunta a Anna. Beijo-lhe o alto da cabeça.

— É claro.

— Papá - sussurra a Anna, quando tinha a certeza de que já tinha adormecido -,

resultou? Demoro um momento a perceber que está a falar de Orfeu e Eurídice.

— Não - admito eu. Ela solta um suspiro.

— Já se esperava - diz ela.

## **TERÇA-FEIRA**

A minha vela arde dos dois lados;

Não vai durar toda a noite;

Mas ah, meus inimigos, e oh, meus amigos

Dá uma luz maravilhosa!

— EDNA ST. VINCENT MILLAY, "First Fig", A Few Figs From Thistles

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 41*

## Anna

Costumava fingir que estava apenas de passagem nesta família a caminho da

minha família verdadeira. Não é muito difícil, na verdade - a Kate, a cara chapada do meu

pai; e o Jesse, a cara chapada da minha mãe; e depois eu, uma coleção de genes

recessivos fora da norma. Na cantina do hospital, comendo batatas fritas moles e gelatina,

olhava de mesa em mesa, pensando que os meus pais genuínos poderiam estar apenas à

distância de um tabuleiro. Soluçariam de pura alegria ao me encontrarem, e levar-me-iam

de imediato para o nosso castelo no Mônaco ou na Romênia e dar-me-iam uma

empregada que cheirasse a lençóis lavados, e um São Bernardo só meu, e uma linha de

telefone privada. A questão é que a primeira pessoa a quem eu telefonaria para me

vangloriar da minha sorte seria a Kate.

As sessões de diálise da Kate realizam-se três vezes por semana, durante duas

horas de cada vez. Ela tem um cateter Mahhukar, que se assemelha exactamente ao seu

cateter venoso central em aspecto, e sai do mesmo sítio no seu peito: Este liga-se a uma

máquina que faz o trabalho que os seus rins não estão a fazer. O sangue da Kate (bom, se

quisermos descer a pormenores técnicos, é o meu sangue) sai do seu corpo através de

uma agulha, é purificado, e em seguida volta a entrar no seu corpo através de uma

segunda agulha. Ela diz que não dói. É sobretudo aborrecido. A Kate traz normalmente um

livro ou o seu leitor de CDs e os auscultadores. Às vezes fazemos jogos.

— Vai ao átrio e conta-me como é o primeiro rapaz bonito que encontras - diz a

Kate, ou: - Esgueira-te para o pé do porteiro que está a navegar na Internet e vê de quem

são as fotografias de. nus que ele está a descarregar.

Quando está presa à cama, eu sou os seus olhos e os seus ouvidos.

Hoje, ela está a ler a revista Allure. Interrogo-me se ela se chega a aperceber de

que, cada vez que se depara com uma modelo de decote em bico, toca no seu externo, no

mesmo local onde tem um cateter e elas não.

— Olhem - diz a minha mãe, sem mais nem menos -, isto é interessante. - Agita

um panfleto que retirou do escaparate à porta do quarto da Kate: Você e o Seu Novo Rim.

- Sabiam que não tiram o rim velho? Limitam-se a transplantar o novo e a fazer a ligação.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 42*

— Isso é arrepiante - diz a Kate. - Imaginem o médico legista que nos vai abrir ao

aperceber-se de que temos três rins em vez de dois.

— Acho que o transplante serve para que o médico legista não nos abra nos

tempos mais próximos - responde a minha mãe. Este rim fictício sobre o qual ela está a

falar está presentemente localizado dentro do meu próprio corpo.

Eu também li aquele panfleto.

A doação de um rim é considerada uma cirurgia relativamente segura, mas, se

quiserem saber o que eu acho, o escritor devia estar a compará-la a algo como um

transplante de coração e de pulmões, ou a remoção de um tumor cerebral. Na minha

opinião, uma cirurgia segura é aquela em que nos dirigimos ao consultório do médico, e

ficamos sempre acordados, e está tudo terminado em cinco minutos - como quando

vamos remover uma verruga ou quando vamos tratar uma cárie. Por outro lado, quando

vamos doar um rim, passamos a noite antes da operação em jejum e a tomar laxantes.

Somos anestesiados, cujos riscos podem incluir AVC, ataque cardíaco e problemas

pulmonares. A cirurgia de quatro horas também não é nenhuma brincadeira - temos

hipótese em 3.000 de morrer na mesa de operações. Se não morrermos, ficamos

hospitalizados durante quatro a sete dias. embora demore quatro a seis semanas para

ficarmos completamente recuperados. E isso nem sequer inclui os efeitos a longo prazo:

um aumento da probabilidade de hipertensão, um risco de complicações durante a

gravidez, a recomendação de nos abstermos de actividades em que o único rim que nos

resta poderia ser danificado.

Por outro lado, quando vamos remover uma verruga ou tratar uma cárie, a única

pessoa que tem benefícios a longo prazo somos nós próprios.

Ouve-se alguém bater à porta, e um rosto familiar espreita cá para dentro. O Vern

Stackhouse é um xerife e, portanto um membro da mesma comunidade de funcionários

públicos a que o meu pai pertence. Ele costumava ir de vez em quando a nossa casa para

nos cumprimentar ou para nos deixar presentes de Natal; mais recentemente, ele salvou a

pele do Jesse ao tirá-lo de um sarilho levando-o para casa em vez de o deixar à mercê do

sistema judicial.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 43*

Quando se faz parte da família da filha que está a morrer, as pessoas esperam

menos de nós.

O rosto do Vem parece um soufflé, com depressões nos sítios mais inesperados.

Ele parece não saber ao certo se pode ou não entrar no quarto.

— Hum - diz ele. - Olá, Sara.

— Vern! - a minha mãe levanta-se. - O que está a fazer no hospital? Está tudo

bem? - Oh, sim, está tudo bem. Estou aqui apenas em trabalho.

— A entregar papéis, suponho.

— Hum-hum - o Vern arrasta os pés e enfia a mão dentro do casaco, como

Napoleão. - Lamento muito isto, Sara - diz ele e, em seguida, estende um documento.

Tal como a Kate, todo o meu sangue sai do meu corpo. Mesmo se quisesse, não

conseguiria mexer-me.

— Mas que. . Vern, estou a ser processada? - a voz da minha mãe está demasiado

calma.

— Olhe, eu não os leio, Só os entrego. E o seu nome estava aqui mesmo na minha

lista. Se, hum, houver alguma coisa.. - ele nem sequer termina a sua frase. com o chapéu

na mão, ele esgueira-se de novo por detrás da porta.

— Mãe? - pergunta a Kate. - O que se passa? - Não faço idéia - ela desdobra o

papel. Estou suficientemente perto para o poder ler por cima do seu ombro. ESTADO DE

RHODE ISLAND E PROVIDENCE PLANTATIONS, está escrito no topo, da forma mais oficial

possível. TRIBUNAL DE FAMÍLIA PARA O CONDADO DE PROVIDENCE. ANNA FITZGERALD,

REFERENCIADA COMO VÍTIMA. ", PETIÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO MÉDICA.

Oh, merda, penso eu. As minhas faces estão a arder; o meu coração começa a

bater mais depressa. Sinto-me como me senti no dia em que o director do liceu mandou

para minha casa uma nota disciplinar por eu ter feito um desenho da Sr. a Toohey com o

seu rabo colossal na margem do meu livro de matemática. Não, na realidade retiro o que

disse - é um milhão de vezes pior.

Para que possa tomar todas as suas decisões médicas futuras.

Para que não seja obrigada a submeter-se a tratamentos médicos que não

venham ao encontro dos seus interesses ou não sejam em seu benefício.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 44*

Para que não seja solicitado que se submeta a mais tratamentos em benefício da

sua irmã, Kate.

A minha mãe levanta o rosto para olhar para o meu.

— Anna - sussurra ela -, que raio é isto? É como se tivesse levado um soco no

estômago, agora que está aqui e está a acontecer. Abano a cabeça. O que poderia eu

dizer-lhe? - Anna! - ela dá um passo na minha direcção. Por detrás dela, a Kate grita.

— Mãe, oh, mãe. . dói-me alguma coisa, chama a enfermeira! A minha mãe dá

meia volta. A Kate está enrolada sobre um dos lados, com o cabelo a cair-lhe por cima do

rosto. Acho que, da forma como cai, ela está a olhar para mim, mas não tenho a certeza.

— Mamã - geme ela -, por favor.

Por um momento, a minha mãe fica presa entre nós as duas, como uma bolha de

sabão. Ela olha da Kate para mim e de novo para a Kate.

A minha irmã está com dores, e eu fico aliviada. O que é que isto revela a meu

respeito? A última coisa que vejo quando saio do quarto a correr é a minha mãe a carregar

no botão para chamar a enfermeira uma e outra vez, como se fosse o detonador de uma

bomba.

Não me posso esconder na cantina, nem na recepção, nem em nenhum outro sítio

para onde esperam que eu vá. Portanto subo as escadas até ao sexto andar, a

maternidade. No salão há apenas um telefone, e está a ser utilizado.

— Três quilos - diz o homem, sorrindo tanto que acho que o rosto dele se pode

rasgar. - Ela é perfeita.

Será que os meus pais fizeram isto quando eu nasci? Será que o meu pai enviou

sinais de fumo; será que ele contou os meus dedos das mãos e dos pés, certo de que

encontraria o número mais perfeito do universo? Será que a minha mãe beijou o alto da

minha cabeça e se recusou a deixar que a enfermeira me levasse para me limparem? Ou

será que se limitaram a entregar-me, visto que o verdadeiro prêmio estava preso com uma

pinça de mola entre a minha barriga e a placenta? O novo pai finalmente desliga o

telefone, rindo-se por nada.

— Parabéns - digo eu, quando o que realmente lhe quero dizer é que agarre nessa

sua bebê e lhe pegue ao colo, para lhe colocar a lua na beira do seu berço e para pendurar

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 45*

o seu nome nas estrelas para que ela nunca, nunca lhe faça aquilo que eu fiz aos meus

pais.

Faço uma chamada a pagar no destino para o Jesse. Passados vinte minutos, ele

encosta o carro à entrada principal. Por esta altura, o delegado Stackhouse foi notificado

de que eu estou desaparecida; ele está à porta à espera quando eu saio.

— Anna, a tua mãe está muito preocupada contigo. Ela enviou uma mensagem

para o pager do teu pai. Ele fez com que o hospital fosse virado do avesso.

Respiro fundo.

— Então o melhor é ir dizer-lhe que eu estou bem - digo eu, e salto para dentro

do carro pela porta do outro lado do condutor que o Jesse abriu para mim.

Ele desvia-se da borda do passeio e acende um Merit, embora eu tenha a certeza

de que disse à minha mãe que tinha deixado de fumar. Aumenta o som da sua música,

batendo com a palma da mão na beira do volante. Só quando sai da estrada principal, na

saída para Upper Darby é que desliga o rádio e abranda.

— Então. Ela fez um escarcéu? - Ela mandou uma mensagem para o pager do pai

enquanto ele estava a trabalhar.

Na nossa família, é um pecado mortal mandar uma mensagem para o pager do

meu pai quando ele está em trabalho. Visto que o seu trabalho é lidar com situações de

emergência, que tipo de crise podemos sofrer que se compare com isso? - Da última vez

que ela enviou uma mensagem para o pager do pai - informa-me o Jesse -, a Kate estava a

ser diagnosticada.

— Ótimo - cruzo os braços. - Isso faz-me sentir infinitamente melhor.

O Jesse limita-se a sorrir. Faz uma argola de fumo.

— Mana - diz ele -, bem-vinda ao Lado Negro.

Eles entram como um furacão. A Kate mal consegue olhar para mim antes de o

meu pai a mandar lá para cima, para o nosso quarto. A minha mãe atira com a mala, e

depois com as chaves do carro, e em seguida avança na minha direcção.

— Vá lá - diz ela, com uma voz tão tensa que se poderia partir.

— O que se passa? Aclaro a garganta.

— Arranjei um advogado.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 46*

— É evidente - a minha mãe agarra no telefone portátil e dá-mo. - Agora livra-te

dele.

É preciso um enorme esforço, mas eu consigo abanar a cabeça e deixar cair o

telefone para cima das almofadas do sofá.

— Anna, Deus me ajude...

— Sara - a voz do meu pai é um machado. Mete-se entre nós, e põe-nos as duas a

girar. - Acho que devemos dar à Anna uma oportunidade para se explicar, certo? Baixo a

cabeça.

— Já não o quero fazer.

Isto faz a minha mãe explodir.

— Sabes, Anna, eu também não. Na realidade, a Kate também não quer. Mas

trata-se de algo que não podemos escolher.

A questão é que eu tenho escolha. E é precisamente por isso que sou eu quem

tem de o fazer. A minha mãe está de pé à minha frente.

— Foste a um advogado e fizeste-o pensar que isto só tem a ver contigo, e não

tem. Tem a ver connosco. Todos nós. .

As mãos do meu pai enrolam-se em volta dos ombros dela e apertam. Quando se

agacha à minha frente, cheira-me a fumo. Ele vem do incêndio de outra pessoa mesmo

para o meio deste e, por isso e nada mais, sinto-me envergonhada.

— Anna, querida, nós sabemos que pensas que fizeste algo que precisavas de

fazer.. - Eu não acho - interrompe a minha mãe. O meu pai fecha os olhos.

— Sara. Bolas, cala-te - em seguida olha para mim novamente.

— Podemos falar, só os três, sem que um advogado tenha de o fazer por nós? O

que ele diz faz os meus olhos encherem-se de lágrimas. Mas eu sabia que isto iria

acontecer. Portanto levanto o queixo e deixo correr as lágrimas ao mesmo tempo.

— Papá. não posso.

— Por amor de Deus, Anna - diz a minha mãe. - Será que pelo menos te apercebes

de quais serão as conseqüências? A minha garganta fecha-se como o obturador de uma

câmara, de maneira que qualquer ar ou desculpa se tenha de movimentar através de um

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 47*

túnel da grossura de um alfinete. Eu sou invisível, penso eu, e apercebo-me tarde de mais

de que falei em voz alta.

A minha mãe movimenta-se tão depressa que eu nem sequer me apercebo de

nada. Mas dá-me uma bofetada na face com força suficiente para fazer a minha cabeça

dobrar-se para trás. Ela deixa uma marca que perdura em mim muito depois de se ter

esmorecido. Só para que saibam: a vergonha tem cinco dedos.

Uma vez, quando a Kate tinha oito anos e eu tinha cinco, tivemos uma discussão e

decidimos que já não queríamos partilhar o mesmo quarto. Tendo em conta o tamanho da

nossa casa, porém, e o facto de o Jesse ocupar o outro quarto existente, não tínhamos

mais nenhum sítio para onde ir. Então a Kate, sendo mais velha e mais sensata, decidiu

dividir ao meio o nosso espaço.

— Que lado queres? - perguntou ela diplomaticamente. - Até te deixo escolher.

bom, eu queria a parte onde estava a minha cama. Para além disso, se

dividíssemos o quarto em dois, a metade onde estava a minha cama também incluiria,

necessariamente, a caixa que continha todas as nossas Barbies e as prateleiras onde

guardávamos o nosso material artístico. A Kate foi até lá para ir buscar um marcador, mas

eu detive-a.

— Isso está do meu lado - salientei.

— Então dá-me um - exigiu ela, portanto dei-lhe o vermelho. Ela trepou para cima

da secretária, o mais alto que consegui chegar em direcção ao tecto.

— Assim que tivermos feito isto - disse ela -. tu ficas do teu lado, e eu fico do meu,

está bem? Eu acenei com a cabeça, tão empenhada em manter este acordo como ela.

Afinal de contas, eu tinha todos os brinquedos melhores. A Kate estaria a suplicar-me por

uma visita muito antes de mim.

— Juras? - perguntou ela, e fizemos uma promessa.

Ela traçou uma linha incerta desde o tecto, por cima da secretária, ao longo do

tapete castanho-claro e depois por cima da mesa-de-cabeceira e pela parede do outro

lado acima. Depois deu-me o marcador.

— Não te esqueças - disse ela. - Só os batoteiros é que não cumprem uma

promessa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 48*

Sentei-me no chão do meu lado do quarto, tirando todas as Barbies que nós

possuíamos, vestindo-as e despindo-as, fazendo um grande alarido pelo facto de eu as ter

e a Kate não. Ela empoleirou-se na cama com os joelhos para cima, a observar-me. Não

teve qualquer reacção. Isto é, até que a minha mãe nos chamou para o almoço.

Então a Kate sorriu para mim, e saiu pela porta do quarto, que se encontrava do

seu lado.

Eu dirigi-me para a linha que ela tinha traçado no tapete, dando-lhe pontapés com

os dedos. Não queria ser uma batoteira. Mas também não queria passar o resto da vida no

meu quarto.

Não sei quanto tempo é que a minha mãe levou a interrogar-se porque é que eu

não ia para a cozinha para almoçar, mas quando se tem cinco anos, até um segundo pode

durar uma eternidade. Ela ficou à porta, a olhar para a linha de marcador nas paredes e no

tapete, e fechou os olhos para arranjar paciência. Entrou no nosso quarto e pegou-me ao

colo, e eu comecei a debater-me.

— Não - gritei eu. - Nunca mais vou poder voltar a entrar! Passado um minuto ela

saiu, e voltou com pegas, panos da loiça e almofadas. Ela colocou-os todos a intervalos

irregulares por todo o lado na metade do quarto da Kate.

— Vá lá - incitou ela, mas eu não me mexi. - Isto pode ser o charco da Kate - disse

ela -, mas estes são os meus nenúfares. De pé, ela saltou para cima de um pano da loiça, e

daí para cima de uma almofada. Ela olhou por cima do ombro, até que eu me pusesse em

cima do pano da loiça. Do pano da loiça para a almofada, para uma pega que o Jesse tinha

feito na primeira classe, até atravessar toda a metade do quarto pertencente à Kate. O

caminho mais seguro para sair do quarto era seguir os passos da minha mãe.

Estou a tomar um duche quando a Kate abre o trinco da porta e entra na casa de

banho.

— Quero falar contigo - diz ela. Espreito pelo lado da cortina de plástico.

— Quando acabar - digo eu, tentando ganhar tempo para uma conversa que não

quero realmente ter.

— Não, agora - ela senta-se em cima da tampa da sanita e suspira. -  
Anna. . o que

estás a fazer..

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 49*

— Já está feito - digo eu.

— Tu podes desfazê-lo, sabes, se quiseres.

Ainda bem que há tanto vapor entre nós, porque eu não conseguiria suportar a

idéia de ela ser capaz de ver o meu rosto neste momento.

— Eu sei - sussurro eu.

Durante bastante tempo, a Kate permanece em silêncio. A sua cabeça está a andar

às voltas, como um gerbilo numa roda, como a minha. Podemos seguir cada hipótese e,

mesmo assim, não chegamos a lado nenhum.

Passado um tempo, espreito outra vez. A Kate limpa os olhos e olha para mim.

— Tens consciência - diz ela - de que és a única amiga que eu tenho? - Isso não é

verdade - respondo imediatamente, mas ambas sabemos que estou a mentir. A Kate

passou demasiado tempo fora da escola normal para arranjar um grupo em que se

integre. A maior parte dos amigos que ela fez desapareceu durante o longo período de

remissão - e foi mútuo. Afinal é demasiado difícil para um miúdo normal saber como

reagir ao pé de uma pessoa que está à beira da morte; e é igualmente difícil para a Kate

entusiasmar-se verdadeiramente com coisas como o regresso a casa nas férias e os

exames de admissão à universidade quando não há garantias de que vai estar cá para os

viver. Ela tem alguns conhecimentos, é claro, mas na maioria dos casos quando a vêm

visitar parece que estão a cumprir uma pena, e sentam-se na beira da cama da Kate a

contar os minutos para poderem ir-se embora e dar graças a Deus por não lhes ter

acontecido a eles.

Um verdadeiro amigo não é capaz de ter pena de nós.

— Eu não sou tua amiga - digo eu, puxando de novo a cortina.

— Sou tua irmã. - E estou a cumprir muito mal essa função, penso eu. Ponho o

meu rosto debaixo do chuveiro, para que ela não consiga perceber que também estou a

chorar.

De repente, a cortina abre-se, deixando-me totalmente exposta.

— É sobre isso que eu queria falar - diz a Kate. - Se já não queres ser minha irmã,

isso é uma coisa. Mas acho que não conseguiria suportar perder-te como amiga.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 50*

Ela puxa de novo a cortina, fechando-a, e o vapor ergue-se à minha volta. Um

momento depois ouço a porta abrir-se e fechar-se, e a corrente de ar frio que se segue.

Também não suporto a idéia de a perder.

Nessa noite, depois de a Kate adormecer, saio da minha cama e fico de pé ao lado

da dela. Quando ponho a palma da minha mão debaixo do seu nariz para ver se ela está a

respirar, sinto uma lufada de ar contra a minha mão. Eu poderia empurrar, agora, colocar a

minha mão sobre aquele nariz e aquela boca, segurá-la enquanto se debate. Em que

medida é que isso seria assim tão diferente daquilo que eu já estou a fazer? O som de

passos no corredor faz com que me enfie debaixo dos cobertores. Viro-me de lado, para o

lado oposto à porta, no caso de as minhas pálpebras ainda estarem trêmulas na altura em

que os meus pais entrarem no quarto.

— Não acredito nisto - sussurra a minha mãe. - Não acredito que ela tenha feito

isto.

O meu pai está tão silencioso que me interrogo se não estarei enganada, talvez ele

não esteja aqui.

— Isto é o Jesse, outra vez - acrescenta a minha mãe. - Ela está a fazer isto para

chamar a atenção.

Consigo sentir que ela está a olhar para mim, como se eu fosse uma espécie de

criatura que ela nunca tivesse visto antes.

— Talvez precisássemos de a levar a algum sítio, sozinha. Ao cinema, ou às

compras, para que não se sinta excluída. Fazê-la ver que não tem de fazer uma loucura

para que reparemos nela. O que achas? O meu pai demora algum tempo a responder.

— Bem - diz ele calmamente -, talvez isto não seja uma loucura. Sabem como o

silêncio pode meter-se nos nossos tímpanos na escuridão e ensurdecer-nos? É isso que

acontece, por isso quase não oiço a resposta da minha mãe.

— Por amor de Deus, Brian. . de que lado estás? E o meu pai: - Quem disse que

havia lados? Mas até eu poderia dar-lhe uma resposta. Há sempre lados. Há sempre um

vencedor, e um perdedor. Por cada pessoa que recebe, há sempre outra que tem de dar.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 51*

Passados alguns segundos, a porta fecha-se, e a luz do corredor que tem estado a

dançar no tecto desaparece. A pestanejar, deito-me de costas e encontro a minha mãe

ainda de pé ao lado da minha cama.

— Pensei que já te tinhas ido embora - sussurro.

Ela senta-se aos pés da minha cama e eu afasto-me. Mas ela põe a mão na barriga

da minha perna antes que eu me afaste de mais.

— Que mais pensas tu, Anna? O meu estômago contorce-se.

— Penso. . penso que deves odiar-me. Até no escuro, consigo ver o brilho dos seus

olhos.

— Oh, Anna - suspira a minha mãe -, como podes não saber o quanto te amo? Ela

estende os braços e eu dirijo-me a eles, como se fosse de novo pequena e coubesse lá.

Encosto o meu rosto ao seu ombro com força. O que eu quero, mais do que tudo, é voltar

um pouco atrás no tempo. Transformar-me na criança que fui, que acreditava que tudo o

que a minha mãe dizia era cem por cento verdadeiro sem ter de olhar com tanta atenção

que visse as pequenas rachas.

A minha mãe abraça-me com mais força.

— Vamos falar com o juiz e explicar-lhe o caso. Nós conseguimos resolver isto -

diz ela. - Nós conseguimos resolver qualquer coisa.

E porque essas palavras são de facto tudo o que eu sempre quis ouvir, aceno com

a cabeça.

# Sara

## 1990

Há um conforto inesperado no facto de estar na ala de oncologia do hospital, uma

noção de que sou um membro do clube. Desde o bondoso guarda do parque de

estacionamento, que nos pergunta se é a nossa primeira vez, às legiões de crianças com

bacias de émese cor-de-rosa debaixo do braço, como se fossem ursinhos de peluche -

estas pessoas já cá estavam todas antes de nós, e há segurança nos números.

Subimos de elevador até ao terceiro andar, para o consultório do Dr. Harrison

Chance. Só o seu nome já me tinha desagradado. Porque não Dr. Victor? - Está atrasado -

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 52*

digo eu ao Brian, ao olhar para o relógio pela vigésima vez. Um clorófito definha, castanho,

num parapeito. Espero que ele trate melhor das pessoas.

Para distrair a Kate, que está a começar a ficar impaciente, encho uma luva de

borracha de ar e dou-lhe um nó, transformando-a num balão pretensioso. No distribuidor

de luvas que se encontra perto do lavatório há um letreiro conspícuo, a avisar os pais para

não fazerem precisamente isto. Atiramo-la para trás e para a frente, jogando voleibol, até

que o próprio Dr. Chance entra sem apresentar qualquer desculpa devido ao seu atraso.

— Sr. e Sr. a Fitzgerald - ele é alto e magro como um espeto, com olhos azuis

vibrantes aumentados por óculos de lentes grossas. Ele apanha o balão improvisado da

Kate com uma das mãos e franze o sobrolho. - Bem, vejo que já temos aqui um problema.

O Brian e eu trocamos um olhar. Será este homem sem coração que nos vai

conduzir por esta guerra, o nosso general, o nosso cavaleiro andante? Antes que

conseguíssemos sequer contrapor alguma explicação, o Dr. Chance agarra num marcador

Sharpie e desenha uma cara no látex, completando-a com um par de óculos de armação

de metal a condizer com os seus.

— Pronto - diz ele, e com um sorriso que o modifica, devolve-o à Kate.

Só vejo a minha irmã Suzanne uma ou duas vezes por ano. Ela vive a pouco mais

de uma hora e a vários milhares de convicções filosóficas de distância.

Tanto quanto sei, a Suzanne recebe muito dinheiro para dar ordens. O que

significa, teoricamente, que fez o treino para a sua carreira em mim. O nosso pai faleceu

enquanto cortava a relva, no dia do seu quadragésimo nono aniversário; a minha mãe

nunca se chegou a recompor totalmente depois disso. A Suzanne, dez anos mais velha do

que eu, tomou as rédeas. Ela assegurou-se de que eu fazia os meus trabalhos de casa e de

que entregava a minha candidatura para a faculdade de direito e de que sonhava alto. Ela

era inteligente e bonita e sabia sempre o que devia dizer em qualquer altura. Ela

enfrentava qualquer catástrofe e encontrava o antídoto lógico para a curar, o que fez com

que tivesse tanto sucesso no seu emprego. Estava tão à vontade numa sala de reuniões

como a correr ao longo da Charles. Ela fazia tudo parecer fácil. Quem não queria ter um

modelo de comportamento assim? O meu primeiro deslize foi casar com um rapaz sem

curso superior. O meu segundo e o meu terceiro foram ter ficado grávida. Acho que,

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 53*

quando não me transformei na próxima Gloria Allred, ela encontrou uma justificação para

me considerar um falhanço. E eu acho que, até hoje, eu encontrei uma justificação para

pensar que não sou.

Não me interpretem mal, ela adora a sobrinha e o sobrinho. Ela envia-lhes

esculturas africanas, conchas do Bali, chocolates suíços. O Jesse quer ter um escritório de

vidro como o dela quando for grande.

— Nem todos nós podemos ser como a tia Zanne - digo-lhe eu, quando o que

quero dizer é que eu não posso ser como ela.

Não me lembro qual de nós deixou de retribuir os telefonemas primeiro, mas foi

mais fácil dessa maneira. Não há nada pior do que o silêncio, pendurado como contas

pesadas numa conversa demasiado delicada. Portanto demoro uma semana inteira para

agarrar no telefone. Marco o número directamente.

— Linha de Suzanne Crofton - diz um homem.

— Sim. - Hesito. - Ela pode atender? - Ela está numa reunião.

— Por favor.. - respiro fundo. - Por favor diga-lhe que a irmã está ao telefone.

Um momento depois, aquela voz suave e confiante entra no meu ouvido.

— Sara. Há tanto tempo.

Ela foi a pessoa a quem me dirigi quando me apareceu o período; a que me

ajudou a recuperar da primeira vez que fiquei com o coração despedaçado; a mão que eu

agarrava a meio da noite quando não me conseguia lembrar de que lado do cabelo era o

risco do nosso pai, ou como era o riso da nossa mãe. Não importa o que ela é agora, ela

era a minha melhor amiga de sempre.

— Zanne? - digo eu. - Como estás? Trinta e seis horas depois de terem

diagnosticado oficialmente LPA à Kate, o Brian e eu temos uma oportunidade para fazer

perguntas. A Kate brinca com cola brilhante com um especialista em vida infantil enquanto

nos reunimos com uma equipa de médicos, enfermeiras e psiquiatras. As enfermeiras, já

percebi, são aquelas que nos dão todas as respostas pelas quais andamos desesperados.

Ao contrário dos médicos, que se apressam como se precisassem de ir a qualquer outro

lado, as enfermeiras respondem-nos pacientemente, como se fôssemos os primeiros pais

com quem tivessem este tipo de reunião, em vez dos milésimos.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 54*

— O problema da leucemia - explica uma enfermeira - é que, ainda antes de

introduzir uma agulha para fazer o primeiro tratamento, já estamos a pensar três

tratamentos mais à frente. Esta doença em particular tem um prognóstico bastante mau,

portanto temos de pensar com antecedência no que vai acontecer a seguir. O que torna a

LPA um pouco mais traiçoeira é ser uma doença resistente à quimioterapia.

— O que significa isso? - pergunta o Brian. - Normalmente, no caso das leucemias

mielógenas, desde que os órgãos agüentem, podemos voltar a induzir a remissão num

paciente de cada vez que há uma recaída. Estamos a esgotar o seu corpo, mas sabemos

que este vai reagir ao tratamento uma e outra vez. No entanto, no caso da LPA, uma vez

que se realize uma dada terapia, normalmente não podemos contar com ela de novo. E até

à data, só podemos fazer isto.

— Está a dizer.. - o Brian engole. - Está a dizer que ela vai morrer? -  
Estou a dizer

que não há garantias.

— Então o que vão fazer? Uma outra enfermeira responde.

— A Kate vai iniciar uma semana de quimioterapia, na esperança de sermos

capazes de eliminar as células doentes e fazê-la entrar em remissão. O mais provável é que

ela tenha náuseas e vômitos, que vamos tentar reduzir ao mínimo com antieméticos. Ela

vai perder o cabelo.

Perante isto, deixo escapar um pequeno grito. Trata-se de algo tão insignificante e,

no entanto, é o estandarte que vai transmitir aos outros o que está a acontecer à Kate. Há

apenas seis meses, ela cortou o cabelo pela primeira vez; os pequenos anéis de cabelo

dourado enrolados no chão do SuperCuts como moedas.

— Ela pode ter diarreia. Há grandes hipóteses, visto que o seu sistema imunitário

se encontra debilitado, de que ela apanhe uma infecção que requeira hospitalização. A

quimioterapia também pode provocar atrasos no desenvolvimento. Ela vai ter uma sessão

de quimioterapia de consolidação cerca de duas semanas depois disso e, em seguida,

algumas sessões de terapia de manutenção. O número exacto vai depender dos resultados

obtidos nas aspirações periódicas de medula óssea.

— E depois? - pergunta o Brian.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 55*

— Depois observamo-la - responde o Dr. Chance. - No caso da LPA, temos de

estar alerta aos sinais de recaída. Ela tem de vir ao Serviço de Urgências se tiver alguma

hemorragia, febre, tosse ou infecção. E, quanto ao tratamento posterior, vai ter algumas

escolhas. A ideia é fazer com que o corpo da Kate produza medula óssea saudável. No

caso improvável de conseguirmos induzir uma remissão molecular com a quimioterapia,

podemos retirar as próprias células da Kate e reinseri-las - uma colheita autóloga. Se ela

tiver uma recaída, podemos tentar transplantar a medula de outra pessoa para a Kate, para

que produza células sanguíneas. A Kate tem irmãos? - Um irmão - digo eu. Surge um

pensamento, um pensamento horrível. - Ele pode ter isto também? - É muito improvável.

Mas ele pode acabar por ser compatível para se fazer um transplante alogeneico. Se não,

colocamos a Kate no registo nacional de DNFC - dador não familiar compatível. No

entanto, receber um transplante de um estranho que seja compatível é muito mais

perigoso do que receber de um familiar - o risco de mortalidade aumenta muito.

A informação é interminável, uma série de dardos atirados tão depressa que já não

consigo sentir as suas picadas. Dizem-nos: Não pensem; entreguem-nos a vossa filha,

porque de outra forma ela morrerá. Por cada resposta que nos dão, nós temos outra

pergunta.

O cabelo dela voltará a crescer? Será que alguma vez irá à escola? Será que poderá

brincar com amigos? Isto aconteceu por causa do sítio onde vivemos? Isto aconteceu por

causa de quem somos? - Como será - ouço-me a mim própria perguntar -, se ela morrer?

O Dr. Chance olha para mim.

— Depende da causa - explica ele. - Se for uma infecção, ela terá dificuldades

respiratórias e terá de ser colocada num ventilador. Se for uma hemorragia, ela vai perder

sangue até perder a consciência. Se for uma insuficiência de um órgão, as características

variam consoante o sistema afectado. Frequentemente há uma combinação de todos estes

factores.

— Ela terá consciência do que estará a acontecer? - pergunto eu, quando o que

realmente quero dizer é Como vou eu sobreviver a isto? - Sr. a Fitzgerald - diz ele, como se

tivesse ouvido a minha pergunta silenciosa -, das vinte crianças aqui presentes hoje, dez

vão estar mortas dentro de alguns anos. Não sei em que grupo vai estar a Kate.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 56*

Para salvar a vida da Kate, parte dela tem de morrer. É este o propósito da

quimioterapia - eliminar todas as células leucémicas. Para isso, foi colocado um cateter

venoso central abaixo da clavícula da Kate, um tubo com três agulhas que será a porta de

entrada para múltiplas administrações de medicamentos, fluidos intravenosos e colheitas

de sangue. Observo os tubos a saírem do seu peito magro e penso nos filmes de ficção

científica.

Ela já fez um ECG de base, para assegurar que o seu coração consegue agüentar a

quimioterapia. Colocaram-lhe gotas oftálmicas de dexametasona, porque um dos

medicamentos causa conjuntivite. Retiraram-lhe sangue através do cateter venoso central,

para examinar a função renal e hepática.

A enfermeira pendura os sacos com a infusão no suporte intravenoso e alisa o

cabelo da Kate.

— Ela vai sentir isso? - pergunto.

— Não. Olha, Kate, olha para aqui. - Ela aponta para o saco de Daunorubicina,

coberto por um saco escuro para o proteger da luz. A enfeitá-lo estão os autocolantes

coloridos que ela ajudou a Kate a fazer enquanto estávamos à espera. Vi um adolescente

com um bilhete escrito num Post-it no dele que dizia: Jesus salva. A quimioterapia marca

pontos.

É isto que começa a circular nas suas veias: a Daunorubicina 50mg em 25cl de

dextrose a 5% em água; Citarabina, 46mg numa infusão de dextrose a 5% em água,

administrada continuamente durante vinte e quatro horas por via intravenosa; Alopurinol,

92mg por via intravenosa. Ou, por outras palavras, veneno. Imagino uma grande batalha a

desenrolar-se dentro dela. Imagino exércitos gloriosos, baixas que se evaporam através

dos seus poros.

Dizem-nos que o mais provável é que a Kate adoença dentro de alguns dias, mas

são necessárias apenas duas horas para que comece a vomitar. O Brian carrega no botão

de chamada, e uma enfermeira entra no quarto.

— Vamos dar-lhe algum Reglan - diz ela, e desaparece. Quando a Kate não está a

vomitar, está a chorar. Sento-me na beira da sua cama, com metade dela ao meu colo. As

enfermeiras não têm tempo para prestar cuidados. com falta de pessoal, limitam-se a

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 57*

administrar antieméticos por via intravenosa; ficam por alguns momentos para ver como a

Kate reage - mas são inevitavelmente chamadas para atenderem a uma outra emergência

noutro lado, e cabe-nos a nós o resto. O Brian, que tem de sair do quarto quando um dos

nossos filhos tem uma virose que afecta o estômago, é um modelo de eficiência:

limpando-lhe a testa, segurando nos seus ombros magros, passando lenços de papel à

volta da sua boca.

— Tu consegues ultrapassar isto - sussurra-lhe ele de cada vez que ela cospe, mas

talvez esteja apenas a falar consigo próprio.

E eu também me estou a surpreender a mim própria. De forma obscuramente

decidida faço um ballet ao limpar a bacia de êmese e ao trazê-la de volta. Se nos

concentrarmos em colocar sacos de areia no paredão, conseguimos ignorar o maremoto

que se aproxima.

Ao tentar agir de outra forma iremos enlouquecer.

O Brian traz o Jesse para o hospital para fazer a sua análise ao sangue: uma

simples picada no dedo. Ele precisa de ser seguro pelo Brian e por dois médicos internos;

grita por todo o hospital. Eu afasto-me, cruzo os braços, e penso inadvertidamente na

Kate, que parou de chorar por causa destes procedimentos há dois dias.

Um médico vai observar a sua amostra de sangue e analisar seis proteínas, que

flutuam invisíveis. Se estas seis proteínas forem iguais às da Kate, então o Jesse terá um

HLA compatível - será um potencial dador de medula óssea para a sua irmã. Quais serão

as hipóteses, penso eu, de ser seis vezes compatível? As mesmas de ter contraído

leucemia, antes de tudo.

A flebotomista vai-se embora com a sua amostra de sangue, e o Brian e os

médicos libertam o Jesse. Ele sai da mesa e corre para os meus braços.

— Mamã, eles picaram-me - ele mostra-me o dedo enfeitado Com um penso

rápido dos Rugrats. Sinto o calor do seu rosto molhado e radioso na minha pele.

Abraço-o com força. Digo todas as coisas que devem ser ditas. Mas é tão, tão

difícil forçar-me a ter pena dele.

— Infelizmente - diz o Dr. Chance -, o seu filho não é compatível.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 58*

Os meus olhos fixam-se na planta, que ainda definha, castanha, no parapeito.

Alguém deveria ver-se livre daquilo. Alguém deveria substituí-la por orquídeas, helicónias

e outras flores inverosímeis.

— É possível que apareça um dador não familiar no registo nacional de medula.

O Brian inclina-se para a frente, rígido e tenso.

— Mas disse que um transplante de um dador não familiar era perigoso.

— É verdade - diz o Dr. Chance. - Mas, por vezes, é tudo o que temos.

Olho para cima.

— E se não conseguir encontrar ninguém compatível no registo? - Bem - o

oncologista esfrega a testa. - Então tentamos mantê-la viva até que a investigação avance.

Ele fala da minha filha como se fosse uma espécie de máquina: um carro com um

carburador deficiente, um avião cujo trem de aterragem não desce. Em vez de enfrentar

isto, volto-me mesmo a tempo de ver uma das miseráveis folhas dar o seu mergulho

suicida para o tapete. Sem dar nenhuma explicação, levanto-me e agarro no vaso. Saio do

consultório do Dr. Chance, passo pela recepcionista e pelos outros pais em estado de

choque que estão à espera acompanhados pelos seus filhos doentes. No primeiro caixote

que encontro, deito a planta e a sua terra ressequida. Fico a olhar para o vaso de barro que

está na minha mão, e estou a pensar em parti-lo no chão de ladrilhos quando ouço uma

voz atrás de mim.

— Sara - diz o Dr. Chance. - Sente-se bem? Volto-me devagar, com lágrimas nos

olhos.

— Estou bem. Sou saudável. vou viver uma vida muito, muito longa.

Entregando-lhe o vaso, peço desculpa. Ele acena com a cabeça, e oferece-me um

lenço tirado do seu próprio bolso.

— Pensei que o Jesse a pudesse salvar. Queria que fosse o Jesse.

— Todos nós queríamos - responde o Dr. Chance. - Repare. Há vinte anos, a taxa

de sobrevivência era ainda mais baixa. E eu conheço muitas famílias em que um irmão não

é compatível, mas verifica-se que o outro é perfeito.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 59*

Nós só temos estes dois, começo a dizer, e então apercebo-me de que o Dr.

Chance está a falar de uma família que eu ainda não tenho, de filhos que nunca tive

intenção de ter. Volto-me para ele, com uma pergunta nos lábios.

— O Brian vai ficar preocupado sem saber onde estamos - ele começa a

encaminhar-se para o seu consultório, segurando no vaso.

— Que tipo de plantas - pergunta ele em tom coloquial - é que eu teria menos

probabilidades de matar? É tão fácil presumir que, como o nosso mundo ficou suspenso, o

de todos os outros também devia ficar. Mas, o funcionário de recolha de lixo levou o

nosso lixo e deixou as latas na estrada, como sempre. Há uma conta do camião de

transporte de combustível enfiada na porta da frente. No móvel da entrada há uma pilha

de correspondência relativa a uma semana. Surpreendentemente, a vida continuou.

A Kate tem alta do hospital uma semana inteira após ter sido internada para se

submeter à quimioterapia de indução. O cateter venoso central que ainda serpenteia no

seu peito faz um alto na sua camisola. As enfermeiras dizem-me palavras de incentivo para

me dar coragem, e dão-me uma longa lista de instruções a seguir: quando telefonar e

quando não telefonar para as urgências, quando devemos voltar para mais quimioterapia,

como devemos ser cuidadosos durante o período de imunossupressão da Kate.

Às seis da manhã seguinte, a porta do nosso quarto abre-se. A Kate dirige-se à

cama em bicos dos pés, embora o Brian e eu tivéssemos acordado num instante.

— O que foi, querida? - pergunta o Brian.

Ela não diz nada, levanta apenas a mão em direcção à cabeça e passa os dedos

pelo cabelo. Solta-se numa madeixa grossa, flutua em direcção ao tapete como se fosse

uma pequena tempestade de neve.

— Já acabei - anuncia a Kate passados alguns dias ao jantar. O seu prato ainda

está cheio; ela não tocou nos feijões nem no rolo de carne. Sai disparada em direcção à

sala de estar para ir brincar.

— Eu também - o Jesse afasta-se da mesa. - Posso levantar-me? O Brian espeta

mais um pedaço de comida com o seu garfo.

— Até comeres tudo o que é verde, não.

— Detesto feijões.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 60*

— Eles também não gostam lá muito de ti.

O Jesse olha para o prato da Kate.

— Ela pode levantar-se. Não é justo.

O Brian pousa o garfo na beira do prato.

— Justo? - responde ele, numa voz demasiado calma. - Tu queres ser justo? Está

bem, Jess. Da próxima vez que a Kate fizer uma aspiração de medula óssea, nós deixamos

que tu também faças uma. Quando limparmos o seu cateter venoso central, vamos

assegurar-nos de que tu te submetas a algo igualmente doloroso. E, da próxima vez que

ela fizer quimioterapia, nós. .

— Brian! - interrompo eu.

Ele pára tão abruptamente como tinha começado, e passa uma mão trêmula pelos

olhos. Depois o seu olhar fixa-se no Jesse, que se refugiou debaixo do meu braço.

— Eu. . desculpa, Jesse. Eu não. . - mas o que quer que fosse que ele estava prestes

a dizer desaparece, enquanto o Brian sai da cozinha.

Ficamos em silêncio durante muito tempo. Em seguida o Jesse vira-se para mim.

— O papá também está doente? Eu penso muito antes de responder.

— Vamos todos ficar bem - respondo.

Uma semana após termos regressado a casa, somos acordados a meio da noite

com um estrondo. O Brian e eu corremos os dois para o quarto da Kate. Ela está deitada

na cama, a tremer tanto que derrubou um candeeiro que estava em cima da mesa-de-

cabeceira.

— Ela está a arder - digo ao Brian, quando pouse a mão na sua testa.

Já tinha pensado sobre como decidiria telefonar ou não ao médico no caso de a

Kate desenvolver sintomas estranhos. Agora olho para ela e não posso acreditar que tenha

sido tão estúpida ao ponto de pensar que não saberia, imediatamente, como é estar

doente.

— Vamos para as Urgências - anuncio, embora o Brian esteja já a embrulhar a Kate

nos seus cobertores e a tirá-la do berço. Apressamo-nos a metê-la no carro e ligamos o

motor, e depois lembramo-nos de que não podemos deixar o Jesse sozinho em casa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 61*

— Vai tu com ela - responde o Brian, lendo os meus pensamentos. - Eu fico aqui. -

Mas não tira os olhos da Kate.

Minutos depois, aceleramos em direcção ao hospital, com o Jesse no banco de

trás, ao lado da irmã, a perguntar-me porque tínhamos de nos levantar antes de o Sol

nascer.

Nas Urgências, o Jesse dorme num ninho feito com os nossos casacos. O Brian e

eu observamos os médicos de roda do corpo febril da Kate, como abelhas sobre um prado

florido, a extraírem dela tudo o que podem. Fazem uma cultura do seu sangue e uma

punção lombar para tentar isolar a infecção e excluir a hipótese de meningite. Um

radiologista traz um aparelho de raios X portátil para lhe tirar uma radiografia torácica, a

fim de verificar se esta infecção está localizada nos seus pulmões.

Depois, ele coloca a radiografia torácica sobre o painel luminoso que está do outro

lado da porta. As costelas da Kate parecem tão finas como fósforos, e há uma grande

mancha cinzenta quase no centro. Os meus joelhos cedem, e eu dou por mim a agarrar-

me ao braço do Brian.

— É um tumor. O cancro metastizou.

O médico coloca a mão no meu ombro.

— Sr. a Fitzgerald - diz ele -, isso é o coração da Kate.

Pancitopenia é uma palavra difícil que significa que não há nada no corpo da Kate

que a proteja contra as infecções. Significa, diz o Dr. Chance, que a quimioterapia resultou

- que a grande maioria dos glóbulos brancos que se encontravam dentro do corpo da Kate

foi liquidada. Também significa que a sépsis nadir - uma infecção pós quimioterapia - não

é uma probabilidade, mas um facto.

Administram-lhe Tylenol para lhe fazer baixar a febre. Fazem-lhe culturas de

sangue, urina e secreções respiratórias, para que possam ser administrados os antibióticos

certos. São precisas seis horas para que lhe passem os tremores - uma série de tremuras

tão violenta que quase a faz cair da cama.

A enfermeira - uma mulher que tinha entrançado o cabelo da Kate em pequenas

tranças sedosas uma tarde há algumas semanas, para a fazer sorrir - mede a temperatura

da Kate e depois volta-se para mim.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 62*

— Sara - diz ela suavemente -, agora já pode estar descansada.

O rosto da Kate parece tão pequeno e tão branco como aquelas luas distantes que

o Brian gosta de observar com o seu telescópio - quieto, remoto e frio. Ela parece um

cadáver.. e, pior ainda, isto é um alívio, comparado com vê-la sofrer.

— Então - o Brian põe a mão no alto da minha cabeça. Ele agarra o Jesse a custo

com o outro braço. É quase meio-dia, e nós ainda estamos de pijama; não nos lembrámos

de trazer uma muda de roupa. - vou levá-lo à cantina; para almoçar. Queres alguma coisa?

Abano a cabeça. Puxando a minha cadeira para mais perto da cama da Kate, aconchego os

cobertores às suas pernas. Pego na mão dela, e comparo-a com a minha.

Os seus olhos abrem-se um pouco. Ela debate-se por um momento, sem ter a

certeza de onde está.

— Kate - sussurro. - Eu estou aqui mesmo. - Enquanto ela vira a cabeça e olha

para mim, eu ergo a palma da sua mão até à minha boca e beijo-a a meio. - És tão

corajosa - digo-lhe, e depois sorrio.

— Quando crescer quero ser como tu.

Para minha surpresa, a Kate abana a cabeça energicamente. A sua voz é uma pena.

um fio.

— Não, mamã - diz ela. - Ficarias doente.

No meu primeiro sonho, o fluido intravenoso está a correr demasiado rápido para

o cateter venoso central da Kate. A solução salina fá-la inchar de dentro para fora, como

um balão a soro insuflado. Eu tento arrancar a infusão, mas está bem presa ao cateter

venoso central. Enquanto observo, as feições da Kate suavizam-se, esborratam-se,

apagam-se, até o seu rosto ser uma forma oval branca que poderia ser qualquer pessoa.

No meu segundo sonho, estou numa maternidade, a dar à luz. O meu corpo abre

caminho, o meu coração pulsa em baixo, na minha barriga. Há uma enorme tensão, e

então o bebê surge num ímpeto, como um relâmpago, fluindo.

— É uma rapariga - diz a enfermeira radiante, e entrega-me a recém-nascida.

Afasto a manta cor-de-rosa do seu rosto, e depois paro. - Esta não é a Kate - digo.

— É claro que não - concorda a enfermeira. - Mas é sua na mesma.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 63*

O anjo que chega veste Armani e está a falar rispidamente ao telemóvel quando

entra no quarto do hospital.

— Venda - manda a minha irmã. - Não me interessa que tenha de montar um

quiosque para vender limonada no Fanueil Hall e distribuir as acções, Peter. Eu disse que

vendesse - ela toca num botão e estende-me os braços. - Então - acalma-me a minha irmã

quando irrompo em lágrimas. - Achas mesmo que te daria ouvidos quando me disseste

que não viesse? - Mas. .

— Faxes. Telefones. Eu posso trabalhar a partir da tua casa. Quem é que vai tomar

conta do Jesse? O Brian e eu olhamos um para o outro; não tínhamos pensado tão a longo

prazo. Em resposta, o Brian levanta-se, abraça a Zanne desajeitadamente. O Jesse corre na

sua direcção, a toda a velocidade.

— Quem é este miúdo que adoptaste, Sara.. porque o Jesse não pode estar assim

tão grande... - ela desprende o Jesse dos seus joelhos e inclina-se sobre a cama de

hospital, onde a Kate está a dormir. - Aposto que não te lembras de mim - diz a Zanne, de

olhos brilhantes. - Mas eu lembro-me de ti.

É tão fácil - deixá-la assumir o controlo. A Zanne põe o Jesse a jogar ao jogo do

galo e intima um restaurante chinês que não faz entregas a levar-lhe o almoço. Sento-me

ao pé da Kate, a desfrutar da competência da minha irmã. Finjo que ela é capaz de resolver

as coisas que eu não sou capaz.

Depois de a Zanne levar o Jesse para casa para passar a noite, o Brian e eu

transformamo-nos em cerra-livros, a apoiar a Kate.

— Brian - sussurro. - Estive a pensar. Ele mexe-se na cadeira.

— Em quê? Inclino-me para a frente, para poder olhá-lo nos olhos.

— Em ter um bebê.

Os olhos do Brian semicerram-se.

— Por favor, Sara - ele levanta-se, volta-me as costas. - Por favor.

Eu também me levanto.

— Não é o que estás a pensar.

Quando ele se vira para mim, a dor faz com que cada linha das suas feições se

contraia.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 64*

— Nós não podemos substituir a Kate se ela morrer - diz.

Na cama do hospital, a Kate mexe-se, fazendo ruído com os lençóis. Eu obrigo-me

a imaginá-la com quatro anos, vestindo um traje do Dia das Bruxas; aos doze anos,

experimentando lip gloss; aos vinte anos, dançando num quarto de residência universitária.

Eu sei. Portanto temos de nos assegurar de que isso não aconteça.

### **QUARTA-FEIRA**

Eu leio-te as cinzas, se me pedires.

Eu olharei para o fogo e dir-te-ei através dos chicotes pardos

E das línguas e riscas vermelhas e negras,

Dir-te-ei como vem o fogo

E como o fogo chega tão longe como o mar.

— CARL SANDBURG, "Fire Pages"

## Campbell

Todos nós, suponho eu, estamos em dívida para com os nossos pais, a questão é:

até que ponto? É isto que me passa pela cabeça enquanto a minha mãe tergiversa sobre o

último caso do meu pai. Não é a primeira vez que desejo ter irmãos - nem que fosse para

receber estes telefonemas matutinos apenas uma ou duas vezes por semana, em vez de

sete.

— Mãe - interrompo -, duvido que ela tenha apenas dezasseis anos.

— Tu subestimas o teu pai, Campbell.

Talvez, mas também sei que ele é um juiz federal. Ele pode lançar olhares lúbricos

às raparigas do liceu, mas nunca faria algo ilegal.

— Mãe, estou atrasado para ir para o tribunal. Telefono-lhe mais tarde - digo, e

desligo antes de ela ter tempo para protestar.

Eu não vou para o tribunal, mas mesmo assim. Respirando fundo, abano a cabeça

e reparo que o Juiz está a olhar para mim.

— A razão número para os cães serem mais espertos do que os humanos - digo. -

Assim que abandonam a ninhada, perdem o contacto com as mães.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 65*

Entro na cozinha enquanto faço o nó da gravata. O meu apartamento é uma obra

de arte. É insinuante e minimalista, mas o que lá está dentro é do melhor que há - um sofá

de cabedal preto exclusivo; uma televisão de ecrã plano pendurada na parede; uma

estante de vidro fechada com as primeiras edições autografadas de autores como

Hemingway e Hawthorne. A minha máquina de café foi importada da Itália; o meu

frigorífico atinge temperaturas inferiores a dezassete graus negativos. Abro-o e vejo uma

única cebola, um frasco de ketchup e três rolos fotográficos a preto e branco.

Isto também não é surpreendente - raramente como em casa. O Juiz está tão

habituação à comida de restaurante que não saberia reconhecer comida de cão nem que

lhe escorregasse pela garganta abaixo.

— O que achas? - pergunto-lhe. - O Rosie's parece-te bem? Ele ladra enquanto eu

aperto o seu arnês de cão de serviço. O Juiz e eu estamos juntos há sete anos. Comprei-o

a um criador de cães-polícias, mas ele foi treinado especialmente para mim. Quanto ao seu

nome, que advogado não desejaria prender um juiz de vez em quando? O Rosie's é o que

o Starbucks gostaria de ser: eclético e vibrante, cheio de clientes habituais que a qualquer

momento podem começar a ler literatura russa na sua língua original, ou a equilibrar o

orçamento de uma empresa num computador portátil, ou a escrever um argumento

enquanto repõem os níveis de cafeína. O Juiz e eu costumamos ir a pé até lá e sentarmo-

nos na nossa mesa habitual, lá atrás. Pedimos um café duplo e dois croissants de

chocolate, e namoriscamos desavergonhadamente com a Ophelia, a empregada de vinte

anos. Mas hoje, quando entramos, não há sinais da Ophelia, e está uma mulher sentada na

nossa mesa, dando uma rosca a uma criança numa cadeirinha de passeio. Isto deixa-me

tão estupefacto que o Juiz precisa de empurrar-me para o único lugar que está vago, um

banco ao balcão voltado para a rua.

Sete e meia da manhã, e o dia já está a correr mal.

Um rapaz magro tipo heroinómano e com suficientes argolas nas sobancelhas

para se assemelhar ao varão de uma cortina de duche aproxima-se com um bloco. Ele vê o

Juiz aos meus pés.

— Desculpe, pá. Não são permitidos cães.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 66*

— Este é um cão de serviço - explico. - Onde está a Ophelia? - Foi-se embora, pá.

Fugiu com o namorado, a noite passada. Fugiu com o namorado? Ainda se faz isso? - com

quem? - pergunto, embora não seja da minha conta.

— com um artista de improviso que esculpe bustos de líderes mundiais com caca

de cão. Parece que é uma afirmação.

Sinto uma angústia momentânea pela pobre Ophelia. Vão por mim: o amor tem a

durabilidade de um arco-íris - é belo enquanto existe, e igualmente provável que

desapareça num abrir e fechar de olhos.

O empregado tira um cartão de plástico do bolso de trás e entrega-mo.

— Tem aqui a ementa em Braille.

— Quero um café duplo e dois croissants de chocolate, e não sou cego.

— Então para que serve o Bobi? - Tenho SRAS - digo. - Ele está a registar as

peessoas que eu infecto.

O empregado parece não ter a certeza de que eu esteja á brincar. Afasta-se, na

incerteza, para ir buscar o meu café.

Ao contrário da minha mesa habitual, esta tem vista para a rua. Observo uma

senhora idosa a desviar-se por pouco de levar uma pancada de um táxi; um rapaz passa a

dançar com um rádio três vezes maior do que a sua cabeça equilibrado no ombro. Gêmeas

com a farda de um colégio paroquial dão risadinhas por detrás das páginas de uma revista

para adolescentes. E uma mulher com uma cascata de cabelos negros entorna café para

cima da saia, deixando cair o copo de papel no chão.

Dentro de mim, tudo pára. Espero que ela levante o rosto para ver se é realmente

quem eu penso ser - mas ela afasta-se de mim, limpando o tecido com um guardanapo.

Um autocarro corta o mundo ao meio, e o meu telemóvel começa a tocar.

Olho para o número no visor: não é nenhuma surpresa. Desligando o telemóvel

sem me preocupar em atender a chamada da minha mãe, olho de novo para a mulher do

outro lado da janela, mas por esta altura o autocarro já se tinha ido embora, e ela também.

Abro a porta do escritório, já a ditar ordens à Kerri.

— Telefone ao Osterlitz e pergunte-lhe se está disponível para testemunhar no

juízo do Weiland; faça uma lista dos outros queixosos que processaram a Central de

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 67*

New England nos últimos cinco anos; faça-me uma cópia dos testemunhos de Melbourne;

e telefone para Jerry no tribunal para lhe perguntar quem vai ser o juiz durante a audiência

da miúda Fitzgerald.

Ela olha para mim quando o telefone começa a tocar.

— Falando nisso - ela inclina a cabeça em direcção à porta dos meus aposentos

privados lá dentro. Anna Fitzgerald está à porta com uma lata de produto de limpeza

industrial e um pano de camurça, a polir a maçaneta da porta.

— O que está aqui a fazer? - pergunto.

— O que me mandou - ela olha para baixo, para o cão. - Olá Juiz.

— Linha dois para si - interrompe a Kerri. Envio-lhe um olhar avaliador - a razão

pela qual deixou entrar aqui esta miúda ultrapassa-me - e tento entrar no meu gabinete,

mas o que quer que seja que a Anna tenha posto na maçaneta deixou-a demasiado

gordurosa para girar. Debató-me por um momento, até ela agarrar no puxador com o

pano e me abrir a porta.

O Juiz anda às voltas no chão, à procura do sítio mais confortável. Carrego na luz a

pisca na linha das chamadas. - Campbell Alexander.

— Sr. Alexander, fala Sara Fitzgerald. A mãe de Anna Fitzgerald.

— deixo esta informação assentar. Fico a olhar para a sua filha, a polir a apenas um

metro e meio de distância.

— Sr. a Fitzgerald - respondo e, como era de esperar, a Anna fica paralisada.

— Estou a telefonar porque. . bom, sabe, trata-se de um mal-entendido.

— Já entregou uma resposta à petição? - Isso não vai ser necessário. Falei com a

Anna ontem à noite, e ela não vai dar seguimento ao seu caso. Ela quer fazer tudo o que

puder para ajudar a Kate.

— Não me diga - a minha voz torna-se monocórdica. Infelizmente, se a minha

cliente estiver a pensar em desistir do processo legal, é necessário que me diga isso

directamente - ergo uma sobrancelha e o meu olhar cruza-se com o de Anna. - Por acaso

não sabe onde ela se encontra? - Ela saiu para ir correr - diz Sara Fitzgerald - mas vamos

ao tribunal esta tarde. Vamos falar com o juiz e esclarecer este assunto.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 68*

— Então encontramos-nos lá - desligo o telefone e cruzo os braços, olho para a

Anna. - Gostaria de me dizer alguma coisa? Ela encolhe os ombros. - Nem por isso.

— Não é isso que a sua mãe aparentemente pensa. Mas, por outro lado, ela

também acha que você saiu para imitar a Fio Jo.

Anna olha para a recepção, onde a Kerri, naturalmente, está suspensa nas nossas

palavras como um gato numa corda. Ela fecha a porta e dirige-se à minha secretária. - Não

podia dizer-lhe que vinha para aqui, pelo menos depois do que aconteceu ontem à noite.

— O que aconteceu ontem à noite? - quando Anna fica muda, perco a paciência. -

Olhe. Se não pretender seguir em frente com o processo legal... se isto for uma colossal

perda de tempo. . então agradecia que tivesse a honestidade de me dizer isso agora, e não

depois. Porque eu não sou um terapeuta familiar ou o seu melhor amigo; sou o seu

advogado. E, para ser o seu advogado, de facto tem de existir um caso. Portanto vou

perguntar-lhe mais uma vez: mudou de idéias em relação a este processo legal? Espero

que esta tirada ponha fim ao litígio, que reduza a Anna a uma hesitante e confusa

indecisão. Mas, para minha surpresa, ela olha directamente para mim, calma e controlada.

— Ainda está disposto a representar-me? - pergunta. Contra o meu discernimento,

digo que sim.

— Então, não - diz ela -, não mudei de idéias.

Da primeira vez que participei numa regata de iates com o meu pai tinha catorze

anos, e ele estava definitivamente contra. Eu não tinha idade suficiente; não tinha

maturidade suficiente; o tempo estava demasiado instável. O que ele queria realmente

dizer era que comigo na tripulação era mais provável que perdesse do que ganhasse a

taça. Aos olhos do meu pai, se não fôssemos perfeitos, simplesmente não éramos.

O seu barco pertencia à classe USA-1, uma maravilha de mogno e teca, que ele

tinha comprado ao teclista J. Geils em Marblehead. Por outras palavras, era um sonho, um

símbolo de estatuto e ritual de passagem, tudo embrulhado numa vela branca

resplandecente e num casco cor de mel.

Partimos de imediato, atravessando a linha de partida a todo o pano mesmo

quando o canhão disparou. Eu fiz o melhor que podia para estar um passo à frente de

onde o meu pai precisava que eu estivesse - a girar o leme mesmo antes de ele me

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 69*

ordenar, a mudar a vela e a virar de bordo até os meus músculos arderem do esforço. E

talvez aquilo acabasse por ter um final feliz, mas então chegou uma tempestade vinda do

Norte, trazendo muralhas de chuva e vagas que se erguiam a três metros de altura, que

nos lançavam das alturas para as profundezas.

Observei o meu pai a movimentar-se no seu impermeável amarelo. Ele não parecia

reparar que estava a chover; ele certamente não queria rastejar para dentro de um buraco

agarrado ao seu estômago enjoado e morrer, como eu.

— Campbell - gritou ele -, anda cá.

Mas virar-me para o vento significava andar de novo numa montanha-russa. -

Campbell - repetiu o meu pai -, agora.

Uma depressão entre duas ondas abriu-se diante de nós; o barco mergulhou tão

abruptamente que eu perdi o equilíbrio, o meu pai precipitou-se, passando por mim, para

agarrar no leme. Por um abençoado momento, as velas ficaram imóveis. Então a retranca

percorreu o barco, e este mudou de rumo, seguindo uma rota diferente.

— Preciso de coordenadas - ordenou o meu pai.

Navegar significava entrar para dentro do barco onde estavam as cartas de

navegação, e fazer os cálculos para averiguar que rumo deveríamos tomar para alcançar a

próxima bóia da regata. Mas estar lá em baixo, longe do ar fresco, só piorava as coisas.

Abri um mapa mesmo a tempo de lhe vomitar para cima.

O meu pai encontrou-me por exclusão de hipóteses, porque eu não tinha voltado

com uma resposta. Ele espreitou lá para baixo e viu-me sentado numa poça do meu

próprio vômito.

— Por amor de Deus - resmungou ele, e deixou-me ali. Reuni todas as minhas

forças para ir atrás dele. Ele girou a roda do leme e deu um puxão no mesmo. Fingiu que

eu não estava lá. E, quando mudou a vela, não anunciou. A vela zuniu ao longo do barco,

rasgando o céu. A retranca voou, atingiu-me na nuca deixando-me inconsciente.

Recuperei os sentidos mesmo quando o meu pai estava a roubar o vento a outro

barco, a alguns metros da linha da meta. A chuva tinha-se transformado numa neblina e,

quando ele posicionou a nossa embarcação entre a corrente de ar e o nosso concorrente

mais próximo, o outro barco ficou para trás. Nós ganhámos por segundos.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 70*

O meu pai mandou-me limpar a porcaria que tinha feito e arrumar a palamenta,

enquanto ele navegava o dóri até ao clube de iates para comemorar. Já tinha passado uma

hora quando finalmente cheguei e, por essa altura, ele já estava animado, a beber whisky

escocês da taça de cristal que tinha conquistado.

— Vem aí a tua tripulação, Cam - gritou um amigo.

O meu pai levantou a taça da vitória em saudação, bebeu em grandes goles, e

depois pousou-a com tanta força no balcão que uma asa se estilhaçou.

— Oh - disse outro marinheiro. - É uma pena. O meu pai nunca tirou os olhos de

mim.

— É mesmo - disse ele. No pára-choques de trás de praticamente um em cada três

carros em Rhode Island há um autocolante vermelho e branco em memória das vítimas de

alguns dos processos-crime mais importantes do estado: A Minha Amiga Katy DeCubellis

Foi Morta por Um Condutor Embriagado. O Meu Amigo John Sisson Foi Morto por Um

Condutor Embriagado. Estes são distribuídos gratuitamente em feiras escolares, em

eventos para angariação de fundos e em salões de cabeleireiros, e não importa se as

pessoas chegaram a conhecer o miúdo que morreu; colocam-nos nos seus veículos por

solidariedade e devido a uma secreta alegria por não lhes ter acontecido a eles.

No ano passado, havia autocolantes vermelhos e brancos com o nome de uma

nova vítima: Dena DeSalvo. Ao contrário das outras vítimas, esta eu conhecia vagamente.

Ela era a filha de doze anos de um juiz, que alegadamente teve um esgotamento durante o

julgamento de um caso de custódia que se realizou pouco depois do funeral e tirou uma

licença de três meses para lidar com o seu desgosto. O mesmo juiz que casualmente foi

designado para o caso de Anna Fitzgerald.

Enquanto me dirijo ao Garrahy Complex, onde se situa o tribunal de família,

interrogo-me se um homem com um fardo tão pesado será capaz de julgar um caso em

que um resultado favorável à minha cliente irá precipitar a morte da sua irmã adolescente.

Há um novo oficial de justiça à entrada, um homem com um pescoço tão grosso

como uma sequóia e muito provavelmente com uma capacidade mental a condizer.

— Desculpe - diz ele. - Não são permitidos animais de estimação.

— Este é um cão de serviço.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 71*

Confuso, o oficial de justiça inclina-se para a frente e espreita para os meus olhos.

Eu faço-lhe o mesmo.

— Eu vejo mal. Ele ajuda-me a interpretar os sinais de trânsito.

— passando ao lado do tipo, o Juiz e eu percorremos o corredor em direcção à

sala de audiências.

Lá dentro, o escrivão está a ser posto no seu lugar pela mãe de Anna Fitzgerald.

Pelo menos, é o que eu presumo, porque na realidade a mulher não se parece nada com a

sua filha, que está ao lado dela.

— Tenho a certeza de que neste caso o juiz vai compreender  
argumenta Sara

Fitzgerald. O marido espera alguns metros atrás dela, à parte.

Quando Anna repara em mim, uma onda de alívio invade as suas  
feições. Eu dirijo-

me ao escrivão do tribunal.

— Eu sou Campbell Alexander - digo. - Há algum problema? - Estive  
a tentar

explicar aqui à Sr. a Fitzgerald que apenas permitimos a presença  
dos advogados nos

apostentos do juiz.

— bom, eu estou aqui a representar a Anna - respondo. O escrivão  
dirige-se a Sara

Fitzgerald.

— Quem é que representa os senhores? A mãe de Anna fica  
paralisada por um

momento. Vira-se para o seu marido: - É como andar de bicicleta -  
diz ela baixinho. O

marido abana a cabeça.

— Tens a certeza de que queres fazer isto? - Eu não quero fazer isto.  
Eu tenho de

fazer isto.

As palavras encaixam-se no seu lugar como os dentes de uma roda.

— Um momento - digo. - É advogada? Ela volta-se.

— Pois sou.

Olho para a Anna, incrédulo.

— E você esqueceu-se de referir isto? - Nunca me perguntou - sussurra ela.

O escrivão dá a cada um de nós um registo de representação, e convoca o xerife.

— Vern - Sara sorri. - Que bom vê-lo de novo. Oh, isto está cada vez melhor.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 72*

— Olá! - o xerife beija-lhe a face, aperta a mão ao marido. - Brian. Ela não só é

advogada como também tem todos os funcionários públicos na mão.

— Já acabou a romaria? - pergunto, e Sara Fitzgerald revira os olhos para o xerife:

O tipo é um imbecil, mas o que havemos de fazer? - Fique aqui - digo à Anna, e sigo a sua

mãe em direcção aos aposentos do juiz.

O juiz DeSalvo é um homem baixo com uma sobrancelha única e predilecção por

café com leite.

— bom dia - diz ele, indicando-nos os nossos lugares. - Para que é o cão? - É um

cão de serviço, Meritíssimo - antes que ele consiga dizer mais qualquer coisa, salto para a

conversa cordial que introduz todas as reuniões nos aposentos dos juizes em Rhode

Island. Nós somos um estado pequeno, ainda mais pequeno se considerarmos a

comunidade legal. Não é apenas possível que a nossa colega seja a sobrinha ou a cunhada

do juiz com quem estamos reunidos; é muito provável. Enquanto conversamos, olho para

Sara, que precisa de perceber qual de nós faz parte deste jogo e qual de nós não faz. Ela

poderá ter sido advogada, mas não durante os dez anos em que eu já fui advogado.

Ela está nervosa, franzindo a parte de baixo da sua camisola. O juiz DeSalvo repara.

— Não sabia que estava a exercer outra vez advocacia.

— Não planeava fazê-lo, Meritíssimo, mas a queixosa é minha filha. Perante isto, o

juiz volta-se para mim. - Bem, qual é o problema, Senhor Doutor? - A filha mais nova da Sr.

a Fitzgerald deseja emancipar-se dos seus pais para fins médicos.

Sara abana a cabeça.

— Isso não é verdade, Senhor Doutor Juiz - ao ouvir o seu nome, o meu cão olha

para cima. - Falei com a Ana, e ela assegurou-me de que não quer realmente fazer isto. Ela

teve um dia difícil, e queria um pouco mais de atenção - Sara levanta um ombro. Sabe

como são as raparigas de treze anos.

A sala torna-se tão silenciosa que consigo ouvir a minha própria pulsação. O juiz

DeSalvo não sabe como são as raparigas de treze anos. A sua filha tinha doze quando

morreu.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 73*

O rosto de Sara fica vermelho flamejante. Tal como o resto das pessoas neste

estado, ela sabe a história de Dena DeSalvo. Tanto quanto sei, ela tem um dos

autocolantes para pôr nos pára-choques na sua carrinha.

— Oh, meu Deus, desculpe. Eu não queria. . O juiz desvia o olhar.

— Dr. Alexander, quando foi a última vez que falou com a sua cliente? - Ontem de

manhã, Meritíssimo. Ela estava no meu escritório quando a sua mãe telefonou para me

dizer que se tratava de um mal-entendido.

Tal como era de prever, Sara ficou de boca aberta.

— Ela não poderia ter estado lá. Estava a correr. Olho para ela.

— Tem a certeza disso? - Ela deveria estar a correr..

— Meritíssimo - digo -, esta é precisamente a minha questão, e a razão pela qual

Anna Fitzgerald apresentou a sua petição é válida. A sua própria mãe não sabe onde ela

esteve numa determinada manhã; as decisões médicas que dizem respeito à Anna são

tomadas da mesma forma casual...

— Senhor Doutor, já chega - o juiz volta-se para Sara. - A sua filha disse-lhe que

queria desistir do processo legal? - Sim.

Ele olha para mim.

— E ela disse-lhe que queria seguir em frente? - Sim.

— Então é melhor falar directamente com a Anna. Quando o juiz se levanta e sai

dos seus aposentos, nós vamos atrás dele. Anna está sentada num banco no corredor com

o seu pai. Um dos seus tênis está desapertado.

— Vejo qualquer coisa verde - ouço-a dizer e, em seguida, olha para cima.

— Anna - digo, exactamente na mesma altura que Sara Fitzgerald.

É da minha responsabilidade explicar à Anna que o juiz DeSalvo quer falar com ela

em particular durante alguns minutos. Preciso de instruí-la, para que diga as coisas certas,

para que o juiz não encerre o caso antes que ela consiga o que quer. Ela é minha cliente;

por definição, deve seguir os meus conselhos.

Mas, quando chamo o seu nome, ela volta-se para a mãe.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 74*

## Anna

Penso que ninguém viria ao meu funeral. Os meus pais, acho eu, e a tia Zanne e

talvez o Sr. Ollincott, o professor de estudos sociais. Imagino o mesmo cemitério a que

fomos por ocasião do funeral da minha avó, embora isso tenha sido em Chicago e

portanto não faça realmente qualquer sentido. Haveria colinas redondas que pareçam

veludo verde, e estátuas de deuses e de anjos menores, e aquele grande buraco castanho

no chão como uma costura aberta, à espera de engolir o corpo que costumava ser eu.

Imagino a minha mãe de chapéu preto com um véu à Jackie O, a chorar. O meu

pai a segurá-la. A Kate e o Jesse a olharem para o brilho do caixão e a tentarem apresentar

a Deus as suas apologias por todas as vezes que me fizeram mal. É provável que alguns

dos rapazes da minha equipa de hóquei viessem de lírios na mão a tentar manter a

compostura.

— Aquela Anna - diriam, e não chorariam, embora tivessem vontade.

Sairia um obituário na página vinte e quatro do jornal, e talvez o Kyle McFee o

visse e viesse ao funeral, com o seu belo rosto contorcido pelos ses da namorada que

nunca chegou a ter. Acho que haveria flores, ervilhas-de-cheiro, bocas-de-lobo e bolas

azuis de hidrângea. Espero que alguém cante "Amazing Grace", não apenas o primeiro

verso mais conhecido, mas todos eles. E, mais tarde, quando as folhas tombassem e a neve

começasse a cair, de vez em quando eu surgiria nas mentes de cada um deles como uma

maré.

No funeral da Kate estará toda a gente. Estarão enfermeiras do hospital que se

tornaram nossas amigas, e outros doentes com cancro que ainda contam estrelas

cadentes, e cidadãos da comunidade que ajudaram a angariar fundos para os seus

tratamentos. Terão de impedir a entrada aos membros do cortejo fúnebre às portas do

cemitério. Haverá uma tão grande quantidade de coroas de flores exuberantes que

algumas serão doadas para caridade. O jornal publicará uma história sobre a sua curta e

trágica vida.

Ouçam bem o que eu digo, sairá na primeira página.

O juiz DeSalvo usa chinelos havaianos, do tipo que os jogadores de futebol usam

quando tiram as suas chuteiras. Não sei porquê mas isto faz-me sentir um pouco melhor.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 75*

Quero dizer, já é suficientemente mau estar aqui neste tribunal, a ser conduzida até à sua

sala privada lá atrás; é agradável saber que não sou a única que não se adapta

perfeitamente à situação.

Ele tira uma lata de um frigorífico pequeno e pergunta-me o que eu quero beber.

— Uma Coca-Cola seria óptimo - digo. O juiz abre a lata.

— Sabia que, se deixar um dente de leite dentro de um copo de Coca-Cola,

passadas algumas semanas terá desaparecido completamente?

Ácido carbônico - ele sorri

para mim. - O meu irmão é dentista em Warwick. Faz esse truque todos os anos para as

crianças dos infantários.

Bebo um gole da Coca-Cola e imagino as minhas entranhas a dissolverem-se. O

juiz DeSalvo não se senta à sua secretária, mas em vez disso instala-se numa cadeira

mesmo ao meu lado.

— O problema é o seguinte, Anna - diz ele. - A sua mãe diz-me que você quer

fazer uma coisa. E o seu advogado diz-me que você quer fazer outra. Ora, em

circunstâncias normais, esperaria que a sua mãe a conhecesse melhor do que um tipo que

você conheceu há dois dias. Mas você nunca teria conhecido este tipo se não tivesse

procurado os seus serviços. E isso faz-me pensar que preciso de ouvir a sua opinião sobre

isto tudo.

— Posso perguntar-lhe uma coisa? - Claro - diz ele.

— Vai haver um julgamento? - bom.. os seus pais poderão limitar-se a concordar

com a sua emancipação médica, e pronto - diz o juiz.

Como se isso pudesse alguma vez acontecer.

— Por outro lado, assim que alguém apresenta uma petição, como você fez, então

o arguido, os seus pais, terá de ir a tribunal. Se os seus pais acharem realmente que você

não está preparada para tomar esse tipo de decisões sozinha, terão de me apresentar as

suas razões, ou arriscam-se a que eu decida a seu favor por exclusão de hipóteses.

Aceno com a cabeça. Disse a mim própria que, independentemente do que

aconteça, irei manter-me calma. Se rebentar pelas costuras, não haverá maneira de este

juiz pensar que eu sou capaz de decidir o que quer que seja. Tenho todas estas intenções

geniais, mas distraio-me ao ver o juiz levantar a sua lata de sumo de maçã.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 76*

Não há muito tempo, quando a Kate esteve no hospital para fazer um exame aos

rins, uma enfermeira nova entregou-lhe um copo e pediu-lhe uma amostra de urina.

— É bom que esteja pronta quando eu voltar - disse ela. A Kate, que não aprecia

muito exigências presunçosas, decidiu que a enfermeira precisava de ser colocada no seu

lugar. Ela enviou-me numa missão às máquinas de venda automática, para ir buscar o

mesmo sumo que o juiz está agora a beber. Ela deitou-o no copo de análise e, quando a

enfermeira voltou, segurou-o contra a luz.

— Hum - disse a Kate. - Parece um pouco turva. É melhor filtrá-la de novo. - E

depois levou o copo aos lábios e bebeu.

A enfermeira empalideceu e saiu do quarto a correr. A Kate e eu rimo-nos até

ficarmos com câimbras no estômago. Durante o resto do dia, só precisávamos de olhar

uma para a outra para nos desfazermos de tanto rir.

Como um dente, e depois não restava nada.

— Anna? - instiga o juiz DeSalvo, e depois pousa aquela estúpida lata de Mott's

em cima da mesa que está entre nós e eu irrompo em lágrimas.

— Não sou capaz de doar um rim à minha irmã. Simplesmente não sou capaz.

Sem dizer uma palavra, o juiz DeSalvo dá-me uma caixa de lenços de papel. Eu

amasso alguns numa bola, limpo os olhos e o nariz. Durante um tempo, ele permanece

calado, deixando-me recuperar o fôlego. Quando olho para cima vejo que está à espera.

— Anna, nenhum hospital neste país irá aceitar um órgão de um dador relutante.

— Quem é que acha que dá autorização para o fazer? - pergunto. - Não é de

certeza a miúda pequena que vai de cadeira de rodas para a sala de operações - são os

pais dela.

— Você não é uma miúda pequena; poderia certamente tornar públicas as suas

objecções - diz ele.

— Oh, claro - digo eu, outra vez em lágrimas. - Quando nos queixamos porque

nos estão a espetar uma agulha pela décima vez, isso é considerado um procedimento

normal. Todos os adultos olham em volta com sorrisos fingidos e dizem uns aos outros

que ninguém pede mais agulhas de livre vontade - assoo o nariz a um lenço de papel. - O

rim, isso é só hoje. Amanhã será outra coisa diferente. Haverá sempre outra coisa diferente.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 77*

— A sua mãe disse-me que você quer desistir do processo legal - diz ele. - Será

que ela me mentiu? - Não - engoli a custo.

— Então. . porque lhe mentiu a ela? Há mil respostas para isso; escolho a mais

fácil.

— Porque gosto muito dela - digo, e as lágrimas surgem de novo. -  
Desculpe.

Lamento muito.

Ele olha fixamente para mim.

— Sabe uma coisa, Anna? vou nomear uma pessoa para ajudar o  
seu advogado a

dizer-me o que é melhor para si. O que acha? O meu cabelo está  
todo fora do sítio;

ponho-o para trás da orelha. O meu rosto está tão vermelho que  
parece inchado.

— Está bem - respondo.

— Está bem - ele carrega no botão do intercomunicador, e pede que  
mandem

entrar os outros de novo.

A minha mãe é a primeira a entrar na sala e começa a dirigir-se a  
mim, até que

Campbell e o seu cão lhe cortam o caminho. Ele ergue as  
sobrancelhas e faz-me sinal com

os polegares, mas trata-se de uma pergunta.

— Não tenho a certeza do que está a acontecer - diz o juiz DeSalvo.  
- Então vou

nomear um tutor ad litem para passar duas semanas com ela.  
Escusado será dizer que

espero uma colaboração total de ambas as partes. Quero receber o relatório do tutor ad

litem, e então teremos uma audiência. Se houver mais alguma coisa que eu precise de

saber nessa altura, tragam-na convosco.

— Duas semanas... - diz a minha mãe. Eu sei o que ela está a pensar. - Meritíssimo,

com o devido respeito, duas semanas é muito tempo, considerando a gravidade da

doença da minha outra filha.

Ela parece uma pessoa que eu não reconheço. Já a vi ser um tigre, lutando contra

um sistema de saúde que não se movimenta com a rapidez que ela considera necessária.

Já a vi ser uma rocha, fornecendo um ponto de apoio a cada um de nós. Já a vi ser um

lutador de boxe, a esquivar-se antes que o Destino consiga dar o próximo soco. Mas

nunca a vi ser uma advogada antes.

O juiz DeSalvo acena com a cabeça.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 78*

— Está bem. Vamos realizar uma audiência na próxima segunda-feira, então.

Entretanto, que me tragam os ficheiros clínicos da Kate...

— Meritíssimo - interrompe Campbell Alexander. - Como bem sabe, dadas as

estranhas circunstâncias deste caso, a minha cliente encontra-se a viver com a advogada

da outra parte. Isso é uma flagrante infracção da justiça.

A minha mãe sustem a respiração.

— Não está a sugerir que me levem a minha filha? Levarem-me? Para onde iria? -

Eu não posso garantir que a advogada da outra parte não tente utilizar as suas disposições

de habitação no seu interesse, Meritíssimo, e que possivelmente pressione a minha cliente

- Campbell olha directamente para o juiz, sem pestanejar.

— Dr. Alexander, não vou de forma nenhuma tirar esta criança do seu lar - diz o

juiz DeSalvo, mas a seguir vira-se para a minha mãe. - No entanto, Sr. a Fitzgerald, não

poderá falar sobre este caso com a sua filha excepto na presença do seu advogado. Se não

puder aceitar isso, ou se eu tiver conhecimento de qualquer brecha nessa Muralha Chinesa

doméstica, poderei ter de tomar medidas mais drásticas.

— Compreendo, Meritíssimo - diz a minha mãe.

— Bem - o juiz DeSalvo põe-se de pé. - Vejo-vos a todos na próxima semana - ele

sai da sala, com os seus chinelos havaianos a fazerem pequenos ruídos de sucção no chão

de ladrilhos.

Assim que ele desaparece, eu volto-me para a minha mãe. Eu posso explicar,

quero eu dizer, mas a frase nunca chega a ser dita em voz alta. De repente um focinho

húmido roça na minha mão. O Juiz. Faz com que o meu coração, aquele comboio

imparável, abrande.

— Preciso de falar com a minha cliente - diz o Campbell.

— Neste momento ela é minha filha - diz a minha mãe, e agarra na minha mão e

puxa-me da cadeira. Na soleira da porta, consigo olhar para trás. Campbell está furioso. Eu

poderia ter-lhe dito que isto ia acabar assim. Afilha joga sempre com trunfos, não importa

que jogo.

A Segunda Guerra Mundial começa imediatamente, não com um arquiduque

assassinado ou um ditador louco mas com uma viragem à esquerda que se deixou passar.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 79*

— Brian - diz a minha mãe, esticando o pescoço. - Aquela era a Rua North Park.

O meu pai pestaneja saindo do seu torpor.

— Podias ter-me dito antes de eu ter passado por lá.

— Eu disse.

Antes que eu pudesse sequer ponderar os prós e os contras de entrar de novo na

batalha de outra pessoa, digo: - Eu não ouvi.

A cabeça da minha mãe volta-se.

— Anna, neste momento, és a última pessoa cujo contributo eu necessito ou

desejo.

— Eu só. .

Ela levanta a mão como o separador de privacidade de um táxi. Abana a cabeça.

No banco de trás, deslizo para o lado e ponho os pés para cima, de frente para a

parte de trás, portanto só vejo negro.

— Brian - diz a minha mãe. - Não viraste outra vez.

Quando entramos em casa, a minha mãe passa a toda a velocidade pela Kate, que

nos abriu a porta da frente, e pelo Jesse, que está a ver o que parece ser o canal codificado

da Playboy na televisão. Na cozinha, ela abre os armários e fecha-os com um estrondo.

Tira comida do frigorífico e atira-a para cima da mesa.

— Então - diz o meu pai à Kate. - Como te sentes? Ela ignora-o, entrando na

cozinha.

— O que aconteceu? - O que aconteceu. Bem - a minha mãe lança-me um olhar

penetrante. - Porque não perguntas à tua irmã o que aconteceu? A Kate volta-se para

mim, toda ouvidos.

— É espantoso como agora estás tão calada, quando um juiz não está a ouvir - diz

a minha mãe.

O Jesse desliga a televisão. - Ela obrigou-te a falar com um juiz? Bolas, Anna. A

minha mãe fecha os olhos.

— Jesse, sabes, agora era uma boa altura para te ires embora.

— Não tens de me pedir duas vezes - diz ele, com voz cortante. Ouvimos a porta

da frente abrir e fechar, é toda uma história.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 80*

— Sara - o meu pai entra na cozinha. - Todos nós precisamos de nos acalmar um

bocadinho.

— Tenho uma filha que acabou de assinar a sentença de morte da irmã, e devo

acalmar-me? A cozinha fica tão silenciosa que conseguimos ouvir o frigorífico sussurrar. As

palavras da minha mãe estão suspensas como uma fruta demasiado madura e, quando

caem no chão e rebentam, ela começa a movimentar-se.

— Kate - diz ela, apressando-se em direcção à minha irmã, de braços já abertos. -

Kate, eu não devia ter dito aquilo. Não era o que eu queria dizer.

Na minha família, parece que temos um historial atormentado de não dizer aquilo

que devíamos e de não quereremos fazer o que fazemos. A Kate tapa a boca com a mão.

Ela afasta-se da porta da cozinha, dando um encontrão ao meu pai, que tenta, mas não

consegue agarrá-la quando ela corre pelas escadas acima. Ouço a porta do nosso quarto

fechar-se com um estrondo. A minha mãe, claro, vai atrás dela.

Portanto eu faço aquilo que faço melhor. Sigo na direcção oposta.

Haverá algum sítio no mundo que cheire melhor do que uma lavandaria? É como

um domingo chuvoso em que não temos de sair de debaixo dos cobertores, ou como

estar deitada na relva que o pai acabou de cortar - um alimento reconfortante para o nariz.

Quando eu era pequena, a minha mãe tirava roupas quentes da máquina de secar e

deitava-as por cima de mim no sítio onde estava sentada no sofá. Eu costumava fingir que

elas eram uma única pele, que eu estava enrolada por debaixo delas como um grande

coração.

A outra coisa que me agrada é que as lavandarias atraem as pessoas solitárias

como os ímanes atraem o metal. Está um tipo estendido numa fila de cadeiras lá atrás, de

botas da tropa e com uma T-shirt que diz Nostradamus Era Um Optimista. Uma mulher na

mesa de dobrar a roupa movimenta-se à volta de uma pilha de camisas de homem com

botões, a conter as lágrimas. Ponham dez pessoas juntas numa lavandaria e há grandes

hipóteses de não sermos os que nos encontramos em pior situação.

Sento-me à frente de uma fila de máquinas de lavar e tento relacionar as roupas

com as pessoas que estão à espera. As cuecas cor-de-rosa e a camisa de noite com rendas

pertencem à rapariga que está a ler um romance. As meias vermelhas de lã e a camisa aos

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 81*

quadrados são do estudante malcheiroso que está a dormir. As camisolas de futebol e as

jardineiras de criança são do miúdo pequeno que está sempre a dar folhas de um branco

translúcido para a máquina de secar à sua mãe, absorta ao telemóvel. Que tipo de pessoa

tem dinheiro para comprar um telemóvel, mas não tem dinheiro para comprar a sua

própria máquina de lavar e secar roupa? Faço um jogo comigo própria, às vezes, e tento

imaginar como seria ser a pessoa cujas roupas estão a girar à minha frente. Se eu estivesse

a lavar aquelas calças de ganga de carpinteiro, talvez colocasse telhados em Phoenix, e

tivesse braços fortes e costas bronzeadas. Se eu tivesse aqueles lençóis floridos, talvez

estivesse de férias e andasse em Harvard, a estudar a elaboração de perfis de criminosos.

Se aquela capa de cetim fosse minha, talvez tivesse bilhetes para a temporada do ballet. E

depois tento imaginar-me a fazer qualquer uma destas coisas e não consigo. Só me

consigo ver a mim própria, a ser dadora da Kate, cada vez prolongando-se até à vez

seguinte. Kate e eu somos gêmeas siamesas; só que não se consegue ver o sítio por onde

estamos ligadas. O que torna a separação muito mais difícil. ? Quando olho para cima, a

rapariga que trabalha na lavandaria está de pé à minha frente, com a sua argola no lábio e

as suas faces com madeixas azuis.

— Precisa de trocar? - pergunta ela.

Para dizer a verdade, tenho medo de ouvir a minha própria resposta.

## Jesse

Eu sou o miúdo que brincava com fósforos. Costumava roubá-los da prateleira por

cima do frigorífico, levá-los para a casa de banho dos meus pais. A espuma de banho Jean

Naté incendeia-se, sabiam? Se a entornarem, e se lhe chegarem um fósforo, conseguem

deitar fogo ao chão. As chamas são azuis, e, quando o álcool desaparece, apaga-se.

Uma vez, a Anna surpreendeu-me quando eu estava na casa de banho.

— Olá - disse eu. - Olha para isto. - Entornei um bocado de Jean Naté no chão,

desenhando as suas iniciais. Depois deitei-lhes fogo. Achei que ela iria sair a correr e aos

gritos como uma tonta mas, em vez disso, ela sentou-se mesmo na borda da banheira.

Agarrando no frasco de Jean Naté, fez um desenho sinuoso nos ladrilhos e disse-me que

fizesse aquilo outra vez.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 82*

A Anna é a única prova que eu tenho de que nasci nesta família, em vez de ser

deixado à entrada da porta por algum casal do estilo Bonnie e Clyde a fugir pela calada da

noite. À superfície, somos pólos opostos. Debaixo da pele, porém, somos iguais: as

pessoas pensam que sabem com o que podem contar, mas enganam-se sempre.

Vão-se todos foder. Deveria ter isso tatuado na testa, considerando todas as vezes

em que pensei nisso. Normalmente estou a circular, acelerando no meu Jeep até ficar sem

fôlego. Hoje, estou a conduzir a 95 quilômetros por hora na estrada 95. Ando aos

zigzagues por entre o trânsito, a suturar uma cicatriz. As pessoas gritam-me do outro

lado das suas janelas fechadas. Mostro-lhes o dedo.

Resolveria milhares de problemas se eu guinasse o Jeep para um aterro. Não é que

não tivesse pensado nisso, sabem. Na minha carta de condução está escrito que sou dador

de órgãos, mas a verdade é que eu ponderaria ser um mártir de órgãos. Tenho a certeza

de que valho muito mais morto do que vivo - a soma das partes é maior do que o todo.

Interrogo-me quem é que acabaria por andar por aí com o meu fígado, os meus pulmões

e até os meus globos oculares. Interrogo-me a que pobre imbecil calharia o que quer que

seja que em mim fax de coração.

No entanto, para minha consternação, consigo chegar ao desvio sem um

arranhão. Saio na curva ascendente e sigo ao longo da Avenida Allen. Há um viaduto onde

sei que vou encontrar o Duracell Dan. Ele é um tipo sem abrigo, veterano do Vietname,

que passa a maior parte do tempo a recolher pilhas que as pessoas deitam no lixo. O que

raio faz com elas, não sei. Ele abre-as, isso sei eu. Ele diz que a CIA esconde mensagens

para todos os seus operativos nas Energizer double-As, que o FBI utiliza as Evereadys.

O Dan e eu temos um acordo: eu trago-lhe uma refeição do McDonalds algumas

vezes por semana, e em troca, ele olha pelas minhas coisas. Encontro-o baralhado com o

livro de astrologia que ele considera o seu manifesto.

— Dan - digo, saindo do carro e entregando-lhe o seu Big Mac.

— Que tal? Ele semicerra os olhos.

— A maldita Lua está em Aquário - mete uma batata frita na boca. - Não devia ter

saído da cama.

O Dan tem uma cama, essa é nova.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 83*

— Que chatice - digo. - Tens as minhas coisas? Ele faz sinal com a cabeça

indicando os barris por detrás do pilar de betão onde ele guarda as minhas coisas. O ácido

perclórico gamado do laboratório de química do liceu está intacto; num outro barril está a

serradura. Enfio a fronha cheia debaixo do braço e transporto-a para o carro. Vejo que ele

está à espera, ao pé da porta.

— Obrigado.

Ele encosta-se ao carro, não me deixando entrar.

— Eles entregaram-me uma mensagem para ti.

Embora da boca do Dan só saiam tretas, o meu estômago contorce-se.

— Quem? Ele olha para o fundo da rua, e depois para mim.

— Tu sabes - aproximando-se, sussurra -, pensa duas vezes.

— A mensagem é essa? O Dan acena com a cabeça.

— Sim. Era isso, ou Bebe duas vezes. Não tenho a certeza.

— A esse conselho talvez dê ouvidos - empurro-o um bocadinho,  
para conseguir

entrar no carro. Ele é mais leve do que poderíamos pensar, como se  
o que quer que fosse

que estivesse dentro dele se tivesse gasto há muito tempo. Nessa  
linha de raciocínio, é

surpreendente que eu não flutue em direcção ao céu. - Até depois -  
digo-lhe e, em

seguida dirijo-me ao armazém que tenho andado a observar.

Procuro lugares parecidos comigo: grandes, vazios, esquecidos por  
quase toda a

gente. Este situa-se na zona de Olneyville. Já foi utilizado como  
armazém de um negócio

de exportações. Agora, pode dizer-se que alberga apenas uma  
família alargada de

ratazanas. Estaciono suficientemente longe para que ninguém  
suspeite do meu carro. Enfio

a franha cheia de serradura debaixo do meu casaco e sigo.

Afinal parece que aprendi alguma coisa com o meu querido pai: os  
bombeiros são

peritos em entrar em sítios onde não deveriam estar. Não é muito  
difícil forçar a fechadura,

e depois tenho apenas de decidir por onde hei-de começar. Abro um  
buraco no fundo da

fronha e deixo que a serradura desenhe três iniciais em letra grande, JBF. Depois agarro no

ácido e deito-o para cima das letras.

Esta é a primeira vez que o faço em pleno dia.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 84*

Tiro um maço de Merits do bolso e dou-lhe umas pancadinhas, depois enfio um

na boca. O meu Zippo já quase não tem combustível; preciso de me lembrar de comprar

mais. Quando termino, ponho-me de pé, dou uma última passa e atiro o cigarro para cima

da serradura. Eu sei que desta vez vai ser rápido, portanto já estou a correr quando a

parede de fogo se ergue atrás de mim. Como de todas as outras vezes, vão procurar

pistas. Mas este cigarro e as minhas iniciais já terão desaparecido há muito. Todo o chão

por baixo delas derreterá. As paredes vão deformar-se e ceder.

A primeira viatura de combate a incêndios surge no local mesmo quando chego

ao carro e tiro os binóculos do porta-bagagens. Mas, então, o fogo faz o que quer fazer -

evadir-se. Os vidros das janelas foram estilhaçados; o fumo ergue-se negro, um eclipse.

A primeira vez que vi a minha mãe chorar tinha cinco anos. Estava à janela da

cozinha, a fingir que não estava. O Sol estava a nascer, como um nó inchado.

— O que estás a fazer? - perguntei. Só anos depois é que eu me apercebi de que

tinha entendido mal a resposta. Que quando ela disse que tinha amanhecido de luto, não

estava a referir-se à altura do dia.

Agora, o céu está escuro, coberto de fumo. Chovem faúlhas quando o telhado cai.

Chega uma segunda equipa de bombeiros, os que foram chamados quando estavam à

mesa a jantar, ou no duche, ou na sala de estar. com os binóculos, consigo distinguir o seu

nome, a brilhar na parte de trás do casaco do seu equipamento como se fosse escrito com

diamantes. Fitzgerald. O meu pai agarra numa mangueira com água, e eu entro no meu

carro e vou-me embora.

Em casa, a minha mãe está a ter um ataque de nervos. Ela sai de casa disparada

assim que eu estaciono o carro.

— Graças a Deus - diz ela. - Preciso da tua ajuda.

Ela nem sequer olha para trás para ver se vou atrás dela para dentro de casa, e é

assim que fico a saber que se trata da Kate. A porta do quarto das minhas irmãs foi

arrombada, a ombreira de madeira à sua volta ficou lascada. A minha irmã está deitada na

sua cama imóvel. De repente, regressa à vida, a erguer-se aos solavancos como um

macaco de automóveis e a vomitar sangue. Uma mancha alastra-se pela sua camisola e,

pela sua coberta florida, há papoilas vermelhas onde antes não existia nenhuma.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 85*

A minha mãe vai para junto dela, a segurar-lhe no cabelo e a passar-lhe uma

toalha pela boca quando a Kate vomita de novo, um outro jacto de sangue.

— Jesse - diz ela peremptoriamente -, o teu pai está numa missão, e eu não

consigo contactar com ele. Preciso que nos leves ao hospital, para que eu possa ir sentada

ao lado da Kate no banco de trás.

Os lábios da Kate estão lustrosos como cerejas. Pego-lhe ao colo. É só ossos, a

aparecerem nitidamente através da pele da sua T-shirt.

— Quando a Anna fugiu, a Kate não me deixou entrar no seu quarto  
- diz a minha

mãe, a apressar-se para me alcançar. Dei-lhe uns momentos para se acalmar. E depois

ouvi-a tossir. Tive de entrar lá dentro.

Portanto arrombaste a porta, penso eu, e não me surpreende.  
Chegamos ao carro,

e ela abre a porta para que eu possa meter a Kate lá dentro. Arranco e acelero ainda mais

do que o normal através da cidade, até à estrada, em direcção ao hospital.

Hoje, enquanto os meus pais estavam no tribunal com a Anna, a Kate e eu víamos

televisão. Ela queria ver a sua novela e eu disse-Lhe que fosse à merda, e, em vez da

novela, pus o canal codificado da Playboy. Agora, enquanto passo os sinais vermelhos,

desejava tê-la deixado ver aquela novela para atrasados mentais. Estou a tentar não olhar

para o seu rosto pequeno e branco como uma moeda pelo espelho retrovisor. Seria de

pensar, com todo o tempo que tive para me habituar à idéia, que estes momentos não

fossem um choque tão grande. A pergunta que não podemos fazer percorre as minhas

veias a cada batida do coração: Será desta? Será desta? Será desta?  
Assim que chegamos à

entrada do Serviço de Urgências, a minha mãe sai do carro, a  
apressar-me para ir buscar a

Kate. Somos uma imagem e tanto a passar através das portas  
automáticas, eu com a Kate

nos braços, e a minha mãe a agarrar a primeira enfermeira que  
passa.

— Ela precisa de plaquetas - ordena a minha mãe.

Eles levam-na para longe de mim e, por alguns momentos, mesmo  
depois de a

equipa do Serviço de Urgências e a minha mãe terem desaparecido  
com a Kate por detrás

de cortinas fechadas, fico com os braços a flutuarem, a tentar  
habituar-me ao facto de já

não haver nada neles.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 86*

O Dr. Chance, o oncologista que eu conheço, e o Dr. Nguyen. um  
especialista que

não conheço, dizem-nos o que já tínhamos percebido: estes são os  
últimos sinais da fase

terminal da insuficiência renal. A minha mãe está ao lado da cama,  
com a mão firmemente

agarrada ao suporte intravenoso da Kate.

— Ainda podem fazer um transplante? - pergunta ela, como se a Anna nunca

tivesse instaurado o seu processo legal, como se isso não significasse absolutamente nada.

— A Kate encontra-se numa situação clínica bastante má - diz-Lhe o Dr. Chance. -

Eu já lhe disse antes que não sabia se ela era suficientemente forte para sobreviver a uma

cirurgia destas: as hipóteses são ainda mais reduzidas agora.

— Mas se houvesse um dador - diz ela -, seria capaz de o fazer? - Esperem -

parecia que a minha garganta tinha acabado de ser revestida de palha. - O meu dava? O

Dr. Chance abana a cabeça.

— Um dador de rim não necessita de ser totalmente compatível. Mas a sua irmã

não é um caso vulgar.

Quando os médicos se vão embora, consigo sentir o olhar da minha mãe fixo em

mim.

— Jesse - diz ela.

— Não é que eu estivesse a oferecer-me. Só queria, sabes, saber - mas, por dentro,

estou a arder da mesma forma que estava quando o armazém se incendiou. O que me fez

acreditar que talvez valesse alguma coisa, mesmo agora? O que me fez pensar que eu

poderia salvar a minha irmã, quando nem sequer sou capaz de me salvar a mim próprio?

Os olhos da Kate abrem-se, de forma que ela fica a olhar directamente para mim. Ela passa

a língua pelos lábios - ainda estão cobertos de sangue - e isso fá-la parecer uma vampira.

Os mortos- vivos. Antes fosse.

Inclino-me para me aproximar dela, porque não há força suficiente dentro dela

neste momento para fazer as palavras atravessarem o ar que nos separa. Diz, move ela os

lábios para que a minha mãe não olhe.

Eu respondo, tão silenciosamente como ela. Diz? Quero assegurar-me de que

percebi bem.

Diz à Ana.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 87*

Mas a porta do quarto abre-se de repente e o meu pai enche o quarto de fumo. O

seu cabelo, as suas roupas e a sua pele tresandam a fumo, tanto que eu olho para cima, à

espera que os detectores de incêndio disparem.

— O que aconteceu? - pergunta ele, dirigindo-se imediatamente à cama.

Eu esgueiro-me para fora do quarto, porque já ninguém precisa de mim lá. No

elevador, em frente ao letreiro de PROIBIDO FUMAR, acendo um cigarro.

Dizer à Anna o quê?

## Sara

1990-1991 Por mero acaso, ou talvez por distribuição cármica, as três clientes do

salão de cabeleireiro estão todas grávidas. Sentamo-nos debaixo dos secadores, com as

mãos cruzadas em cima das nossas barrigas como uma fileira de Budas.

— Os meus nomes preferidos são Freedom, Low e Jack - diz a rapariga que está ao

meu lado, que vai pintar o cabelo de cor-de-rosa.

— E se não for um rapaz? - pergunta a mulher que está sentada do meu outro

lado.

— Oh, esses nomes dão para ambos. Escondo um sorriso.

— Eu voto em Jack.

A rapariga semicerra os olhos, olhando pela janela para o tempo péssimo.

— Sleet é bonito - diz ela distraidamente, e depois experimenta-o, para avaliar o

seu tamanho. - Sleet, apanha os teus brinquedos. Sleet, querido, vamos lá, ou vamos

chegar atrasados ao concerto dos Wilco. - Ela tira um pedaço de papel e um lápis de

dentro das suas jardineiras de grávida e anota o nome.

A mulher à minha esquerda sorri para mim.

— É o seu primeiro? - O meu terceiro.

— O meu também. Tenho dois rapazes. Estou a fazer figas.

— Eu tenho um rapaz e uma rapariga - digo-lhe. - De cinco e de três anos.

— Sabe o que vai ter desta vez? Eu sei tudo sobre esta bebê, desde o seu sexo até

ao próprio posicionamento dos seus cromossomas, incluindo os que a tornam totalmente

compatível com a Kate. Sei exactamente o que vou ter-, um milagre.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 88*

— É uma rapariga - respondo.

— Ooh, invejo-a tanto! O meu marido e eu não ficámos a saber através da

ecografia. Pensei que se me dissessem que era outro rapaz, talvez nunca completasse os

últimos cinco meses. - Ela desliga o seu secador e afasta-o. - Já escolheu alguns nomes?

Apercebo-me de que não o fiz. Embora esteja grávida, de nove meses, embora tivesse tido

o tempo suficiente para sonhar, não tinha verdadeiramente tido em consideração as

especificidades desta criança. Tinha pensado nesta filha apenas em termos do que ela

poderia vir a fazer pela filha que eu já tinha. Não tinha admitido isto nem ao Brian, que à

noite se deita com a cabeça na minha barriga de tamanho considerável, à espera dos

pontapés que anunciam - acha ele - a primeira marcadora de livres dos Patriots. Por outro

lado, os meus sonhos para ela não são menos exaltados; eu planeio que ela salve a vida da

sua irmã.

— Estamos à espera - digo à mulher.

Às vezes penso que não fazemos mais nada.

Houve um momento, após os três meses de quimioterapia da Kate no ano

passado, em que eu fui suficientemente estúpida para pensar que tínhamos enganado a

sorte. O Dr. Chance disse que ela parecia estar em remissão, e que íamos apenas observar

o que se seguiria. E, por um curto espaço de tempo, a minha vida até voltou ao normal:

levar o Jesse aos treinos de futebol e ajudar a Kate nas suas aulas da pré-primária e até

tomar um banho quente para relaxar.

E, apesar disso, uma parte de mim sabia o que ia acontecer. Esta parte sacudia a

almofada da Kate todas as manhãs, mesmo depois de o seu cabelo começar de novo a

crescer com as suas pontas frisadas e queimadas, para o caso de ele começar outra vez a

cair. Esta parte foi ao genético recomendado pelo Dr. Chance. Projectou um embrião

aprovado pelos cientistas para ser totalmente compatível com a Kate. Tomou as hormonas

para a fecundação in vitro e concebeu aquele embrião, pelo sim pelo não.

Foi durante uma aspiração rotineira de medula óssea que ficámos a saber que a

Kate tinha tido uma recaída molecular. Por fora, ela parecia-se com qualquer outra menina

de três anos. Por dentro, o cancro tinha surgido novamente no seu organismo, aniquilando

o progresso que tinha sido feito através de quimioterapia.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 89*

Agora, no banco de trás do carro com o Jesse, a Kate está a dar pontapés,

entretida com um telefone de brincar. O Jesse está sentado ao lado dela, a olhar pela

janela.

— Mamã? Os autocarros podem cair para cima das pessoas? - Como se caíssem

das árvores? - Não. Como.. só cair para cima. - Ele faz um movimento giratório com a

mão.

— Só se o tempo estiver mesmo mau, ou se o condutor for demasiado depressa.

Ele acena com a cabeça, aceitando a minha explicação para sua segurança neste

universo. E depois: - Mamã? Tens um número favorito? - Trinta e um - digo-lhe eu. É o dia

em que está previsto o parto. - E tu? - Nove. Porque pode ser um número, ou a nossa

idade, ou um seis a fazer o pino. - Ele pára apenas para respirar. - Mamã? Há tesouras

especiais para cortar a carne? - Há. - Viro à direita e passo por um cemitério, com lápides

enviesadas para a frente e para trás, como um conjunto de dentes amarelados.

— Mamã, é para ali que a Kate vai? - pergunta o Jesse.

A pergunta, tão inocente como todas as outras que o Jesse poderia fazer, faz-me

ficar sem força nas pernas. Encosto o carro e ligo os quatro piscas. Em seguida desaperto o

cinto de segurança e volto-me para trás.

— Não, Jess - digo-lhe. - Ela vai ficar connosco.

— Sr. e Sr.a Fitzgerald? - diz o produtor. - Este é o vosso lugar.  
Sentamo-nos no

estúdio de televisão. Fomos convidados devido à concepção nada  
ortodoxa do nosso

bebê. De alguma forma, numa tentativa de manter a Kate saudável,  
tornámo-nos

estupidamente num tema para debates científicos.

O Brian dá-me a mão quando somos abordados por Nadya Carter, a  
jornalista do

programa de informação.

— Estamos quase prontos. Já gravei uma introdução sobre a Kate.  
vou apenas

fazer-vos algumas perguntas, e tudo estará terminado em menos de  
nada.

Mesmo antes de a câmara começar a gravar, o Brian limpa as faces à  
manga da

sua camisa. A maquilhadora, por detrás das luzes, queixa-se.

— Bem, por amor de Deus - sussurra-me ele. - Não vou aparecer na  
televisão

nacional a usar blush.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 90*

A câmara começa a funcionar com muito menos cerimônia do que  
eu esperava,

apenas um pequeno zumbido que me percorre os braços e as pernas.

— Sr. Fitzgerald - diz Nadya -, pode explicar-nos antes de mais porque decidiu

procurar um geneticista? O Brian olha para mim.

— A nossa filha de três anos tem uma forma muito agressiva de leucemia. O seu

oncologista sugeriu que procurássemos um dador de medula óssea mas o nosso filho mais

velho não era geneticamente compatível. Há um registo nacional, mas quando surgisse o

dador certo para a Kate, ela poderia já não. . estar aqui. Portanto, pensámos que poderia

ser uma boa idéia ver se um novo irmão da Kate seria compatível.

— Um irmão - diz Nadya -, que não existe.

— Ainda não - responde o Brian.

— O que vos fez recorrer a um geneticista? - As restrições de tempo - digo eu

abruptamente. - Podíamos ter bebês ano após ano até que um fosse compatível com a

Kate. O médico foi capaz de fazer a triagem de vários embriões para ver qual deles, se é

que havia algum, seria o dador ideal para a Kate. Tivemos a sorte de conseguir um em

quatro - e foi implantado através de fecundação in vitro.

Nadya olha para as suas notas.

— Receberam correspondência ameaçadora, não receberam? Brian acena com a

cabeça.

— As pessoas acham que estamos a tentar programar geneticamente um bebê.

— E não estão? - Não pedimos um bebê com olhos azuis, ou que viesse a medir

um metro e oitenta, ou que viesse a ter um QI de duzentos. É claro, pedimos características

específicas - mas estas não são nada que se pareça com o que pudesse ser considerado

um modelo de características humanas. São apenas as características da Kate. Nós não

queremos um superbebê; queremos apenas salvar a vida da nossa filha.

Aperto a mão do Brian. Meu Deus, como o amo.

— Sr. a Fitzgerald, o que dirá a esta bebê quando ela crescer? pergunta Nadya.

— com alguma sorte - digo eu -, vou poder dizer-lhe que pare de aborrecer a sua

irmã.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 91*

Entro em trabalho de parto na véspera de Ano Novo. A enfermeira que está a

tomar conta de mim tenta distrair-me das contracções falando-me sobre os signos

astrológicos.

— Esta vai ser Capricórnio - diz Emelda enquanto me esfrega os ombros.

— Isso é bom? - Oh, os Capricórnios cumprem a sua função. Inspira, Expira.

— É bom... saber.. isso - digo-lhe.

Há outros dois bebês que estão prestes a nascer. Uma das mulheres, diz Emelda,

tem as pernas cruzadas. Ela está a tentar agüentar até 1991. O Bebê do Ano Novo tem

direito a embalagens de fraldas gratuitas e títulos de poupança do Citizen's Bank no valor

de 100 dólares para a futura educação universitária.

Quando Emelda se dirige à secretária das enfermeiras, deixando-nos sozinhos, o

Brian dá-me a mão.

— Estás bem? Eu faço um esgar durante outra contracção.

— Estaria melhor se isto já tivesse acabado.

Ele sorri para mim. para um paramédico/bombeiro, um parto de rotina num

hospital é algo a que se encolhe os ombros. Se as minhas águas tivessem rebentado

durante um acidente de comboio, ou se estivesse a dar à luz no banco de trás de um táxi...

— Sei o que estás a pensar - interrompe ele, embora eu não tenha dito uma só

palavra em voz alta -, e estás enganada. - Ele levanta-me a mão, beijando-me os nós dos

dedos.

De repente, uma âncora desenrola-se dentro de mim. A corrente, grossa como um

punho, contorce-se dentro do meu abdômen.

— Brian - arquejo -, chama o médico.

O meu obstetra entra e coloca uma das mãos entre as minhas pernas. Olha para

cima, para o relógio.

— Se conseguir agüentar um minuto esta miúda vai nascer famosa - diz ele, mas

eu abano a cabeça.

— Faça-a sair - digo-lhe. - Agora. O médico olha para Brian.

— Dedução de impostos? - conjectura ele.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 92*

Eu estou a pensar em não perder, mas não tem nada a haver com o IRS. A cabeça

da bebê escorrega através da minha pelve. A mão do médico ampara-a, faz deslizar aquele

magnífico cordão libertando o pescoço, e tira-a puxando um ombro de cada vez.

Eu debato-me apoiada nos cotovelos para ver o que está a acontecer mais abaixo.

— O cordão umbilical - lembro-lhe. - Tenha cuidado. - Ele corta-o, aquele sangue

maravilhoso, e apressa-se a levá-lo da sala para um local onde será conservado por

criogenização até que a Kate esteja pronta para ele.

O Dia Zero do regime pré-transplante da Kate começa na manhã seguinte ao

nascimento da Anna. Eu saio da Maternidade e encontro-me com a Kate na Radiologia.

Estamos as duas com batas amarelas de isolamento, e isto fá-la rir.

— Mamã - diz ela -, estamos a condizer. Administram-lhe um cocktail pediátrico

de sedativos e, noutra circunstância qualquer, isto seria engraçado. Ela não consegue

manter-se de pé. De cada vez que se levanta, cai. Ocorre-me que é assim que ela estará da

primeira vez que se embebedar com licor de pêssego no liceu ou na faculdade; e depois

lembro-me rapidamente que a Kate poderá nunca atingir essa idade.

Quando a terapeuta chega para a levar para a câmara de radioterapia, a Kate

agarra-se à minha perna.

— Querida - diz o Brian -, vai correr tudo bem.

Ela abana a cabeça e agarra ainda mais. Quando me agacho, ela atira-se para os

meus braços.

— Não vou tirar os olhos de ti - prometo.

A sala é grande, com motivos da selva pintados nas paredes. Os aceleradores

lineares estão montados no tecto e numa depressão debaixo da mesa de tratamentos, que

é pouco mais do que uma cama suspensa de lona coberta por um lençol. A radioterapeuta

coloca grossos pedaços de couro com a forma de feijões em cima do peito da Kate e diz-

Ihe que não se mexa. Ela promete que, quando tiver terminado, a Kate vai receber um

autocolante.

Eu olho fixamente para a Kate através da parede de vidro de protecção. Raios

gama, leucemia, paternidade. São as coisas que não conseguimos ver que são

suficientemente fortes para nos matar.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 93*

Há uma Lei de Murphy na oncologia, uma lei que não está escrita em lado nenhum

mas que é sobejamente conhecida: se não ficarmos doentes, não ficaremos bons.

Portanto, se a quimioterapia nos fizer ficar violentamente doentes, se a radiação nos

crestar a pele - tudo isso é bom. Por outro lado, se atravessarmos a terapia apenas com

náuseas ou dores irrisórias, o mais certo é que os medicamentos tenham, de alguma

forma, sido excretados pelo corpo e não estejam a cumprir a sua função.

Segundo este critério, a Kate devia estar de facto curada por esta altura. Ao

contrário da quimioterapia do ano passado, esta série de tratamentos transformou uma

rapariguinha que não tinha sequer um nariz a pingar num farrapo. Três dias de radiação

causaram uma diarréia constante, e fizeram com que tivesse de usar de novo fraldas. De

início, isto embaraçava-a; agora ela está tão doente que não se importa. Os cinco dias

seguintes de quimioterapia encheram a sua garganta de muco, o que a mantém agarrada

a um tubo de sucção como se fosse uma tábua de salvação. Quando está acordada, não

faz mais nada senão chorar.

Desde o Dia Seis, quando as contagens de glóbulos brancos e neutrófilos da Kate

começaram a equilibrar-se, ela tem estado em isolamento inverso. Qualquer micróbio do

mundo poderia matá-la agora; por esta razão, o mundo teve de ser mantido à distância. As

visitas ao seu quarto são restritas e, aqueles cuja entrada é permitida, parecem

astronautas, de fato e máscara. A Kate tem de ler livros com imagens com luvas de

borracha. Não são permitidas plantas nem flores, porque transportam bactérias que a

poderiam matar. Qualquer brinquedo precisa de ser desinfectado com solução anti-séptica

antes de lho darem. Ela dorme com o seu ursinho de peluche, selado dentro de um saco

com fecho, que faz barulho a noite toda e que, por vezes, a acorda.

O Brian e eu sentamo-nos à porta da antecâmara do quarto, à espera. Enquanto a

Kate dorme, eu pratico a dar injeções numa laranja. Depois do transplante a Kate vai

precisar de injeções de factor de crescimento, e a tarefa cabe-me a mim. Eu espeto a

seringa na espessa casca do fruto, até sentir o tecido macio que se encontra por baixo a

ceder. O medicamento que vou administrar é subcutâneo, injectado mesmo por debaixo

da pele. Preciso de ter a certeza de que o ângulo é o correcto e de que estou a exercer a

pressão certa. A velocidade com que se empurra o embolo pode causar mais ou menos

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 94*

dor. A laranja, é claro, não chora quando eu cometo um erro. Mas as enfermeiras, mesmo

assim, dizem-me que dar uma injeção à Kate não será muito diferente.

O Brian agarra numa segunda laranja e começa a descascá-la.

— Larga isso! - Tenho fome. - Ele indica a laranja que eu tenho nas mãos. E tu já

tens um doente.

— Tanto quanto sabes, isso era o de outra pessoa. Só Deus sabe o que lhe

injectaram.

Subitamente, o Dr. Chance surge na esquina e aproxima-se. Donna, uma

enfermeira de oncologia, segue atrás dele, brandindo um saco intravenoso cheio de um

líquido vermelho.

— O essencial - diz ela.

Eu pouso a minha laranja, sigo-os até à antecâmara e equipo-me para poder estar

a três metros da minha filha. Após alguns minutos, Donna prende o saco a um suporte, e

liga o tubo ao cateter venoso central da Kate. É tão anti-climático que a Kate nem sequer

chega a acordar. Eu fico de um dos lados, enquanto o Brian vai para o outro. Sustenho a

respiração. Fico a olhar para as ancas da Kate, para a fossa ilíaca, onde é produzida a

medula óssea. Por milagre, estas células estaminais da Anna vão entrar na circulação. -

Pronto - diz o Dr. Chance, e todos nós olhamos para o sangue do cordão umbilical a

deslizar lentamente através do tubo. a palhinha retorcida está cheia de possibilidades.

## Julia

Depois de estar duas horas a viver outra vez com a minha irmã,  
acho difícil de

acreditar que já partilhámos confortavelmente um ventre. A Isobel já  
organizou os meus

CDs por ano de lançamento, varreu debaixo do sofá, e deitou fora  
metade da comida que

estava no meu frigorífico.

— Os prazos de validade são nossos amigos, Julia - suspira ela.

— Tens aqui iogurte do tempo em que os Democratas governavam a  
Casa Branca.

Eu bato com a porta e conto até dez. Mas quando a Izzy se  
movimenta em

direcção ao forno a gás e começa a procurar os botões da função de  
limpeza, perco o

controlo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 95*

— A Sylvia não precisa de limpeza.

— Aí está outra coisa: Sylvia, o forno. Smilla, o frigorífico. Temos  
mesmo de dar

nomes aos nossos electrodomésticos? Meus electrodomésticos. Meus  
e não nossos, bolas.

— Estou a perceber perfeitamente porque a Janet se separou de ti - resmungo.

Perante isto, a Izzy olha para cima, estupefacta.

— Tu és horrível - diz ela. - Tu és horrível e depois de eu ter nascido

cosido a Mãe - ela corre para a casa de banho em pranto.

A Isobel é três minutos mais velha do que eu, mas fui sempre eu que tomei conta

dela. Eu sou a sua bomba nuclear: quando há alguma coisa que a perturbe, eu chego e

destruo-a, quer seja um dos nossos seis irmãos mais velhos a gozar com ela quer seja a

cruel Janet, que decidiu que afinal não era gay após sete anos de uma relação séria com a

Izzy. Quando crescemos, a Izzy era a santinha e eu era a que arranjava as discussões - a

balançar os punhos ou a rapar o cabelo para chatear os nossos pais, ou a usar botas da

tropa com a farda do liceu. No entanto, agora que temos trinta e dois anos, eu sou um

membro portador de cartão do clube dos candidatos a um bom lugar na sociedade;

enquanto que a Izzy é uma lésbica que faz joalheria a partir de cliques e fechos de correr.

Imagine-se.

A porta da casa de banho não fecha, mas a Izzy ainda não sabe disso. Portanto eu

entro e espero que ela acabe de passar o rosto por água fria, e estendo-lhe uma toalha.

— Iz. Não queria dizer aquilo.

— Eu sei - ela olha para mim através do espelho. A maioria das pessoas não

consegue distinguir-nos uma da outra agora que eu tenho um emprego a sério que requer

um cabelo convencional e roupas convencionais. - Pelo menos tu tinhas uma relação - faço

notar. - A última vez que saí com alguém foi quando comprei aquele iogurte.

Os lábios da Izzy curvam-se num sorriso, e ela vira-se para mim.

— A sanita tem nome? - Estava a pensar chamar-lhe Janet - digo eu, e a minha

irmã desata a rir.

O telefone toca, e eu dirijo-me à sala para o atender.

— Julia? É o juiz DeSalvo. Tenho um caso que requer um tutor ad litem, e pensei

que talvez me pudesse ajudar.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 96*

Tornei-me tutora ad litem há um ano, quando me apercebi de que o trabalho sem

fins lucrativos não dava para pagar a minha renda. Um TAL é nomeado por um tribunal

para ser defensor de uma criança durante os procedimentos legais que envolvam um

menor. Não é necessário ser advogado para ter formação a fim de se tornar TAL, mas é

necessário ter uma consciência moral e um coração. O que, na realidade, faz com que a

maior parte dos advogados não seja qualificado para cumprir essas funções.

— Julia? Está a ouvir-me? Eu moveria montanhas pelo juiz DeSalvo; ele puxou os

cordelinhos para me arranjar um emprego quando eu me tornei TAL.

— Esteja descansado - prometo eu. - O que se passa? Ele dá-me informações

sobre o caso - frases como emancipação médica e treze anos e mãe com antecedentes

jurídicos flutuam à minha volta. Só dois artigos se fixam rapidamente: a palavra urgente, e

o nome do advogado.

Meu Deus, não posso fazer isto.

— Posso estar lá daqui a uma hora - digo.

— Ainda bem. Porque acho que esta rapariga precisa de alguém que a apoie.

— Quem era? - pergunta a Izzy. Ela está a desempacotar a caixa que contém os

seus artigos de trabalho: ferramentas e arame, e pequenos recipientes com pedacinhos de

metal que parecem dentes a ranger quando ela os pousa.

— Um juiz - respondo. - Há uma rapariga que precisa de ajuda. O que eu não digo

à minha irmã é que estou a falar de mim.

Não está ninguém em casa dos Fitzgerald. Toco duas vezes à campainha, certa de

que se trata de um engano. Pelo que o juiz DeSalvo me deu a entender, esta é uma família

em crise. Mas eu dou por mim espedada em frente a uma moradia bem cuidada, com

canteiros de flores bem arranjados a contornar o passeio.

Quando volto para o meu carro, vejo uma rapariga. Ela ainda possui aquele ar

nodoso de bezerro típico da pré-adolescência; salta por cima de cada ranhura no passeio.

— Olá - digo eu, quando ela se aproxima o suficiente para me ouvir.  
- És a Anna?

O queixo dela levanta-se bruscamente.

— Talvez.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 97*

— Eu sou a Julia Romano. O juiz DeSalvo pediu-me para ser a tua tutora ad litem.

Ele explicou-te o que isso significa? A Anna semicerra os olhos.

— Uma rapariga em Brockton foi raptada por pessoas que diziam que a mãe dela

lhes tinha pedido que a fossem buscar e que a levassem ao local onde a mãe trabalhava.

Eu procuro na mala e tiro de lá a minha carta de condução e um molho de papéis.

— Toma - digo eu. - Estás à vontade. - Ela olha para mim, e depois para a

fotografia horrível que está na minha carta de condução; lê a cópia da petição de

emancipação que eu fui buscar ao tribunal de família antes de vir para aqui. Se eu fosse

uma assassina psicótica, então teria feito bem os meus trabalhos de casa. Mas uma parte

de mim que já está a dar crédito à Anna por ser desconfiada: ela não é uma criança que se

atire de cabeça. Se está a pensar bastante antes de me acompanhar, presumivelmente

deve ter pensado bastante antes de se desembaraçar da rede da família. Ela devolve-me

tudo aquilo que lhe entreguei.

— Onde está toda a gente? - pergunta ela.

— Não sei. Pensei que me soubesses dizer.

O olhar de Anna desliza para a porta da frente, nervoso.

— Espero que não tenha acontecido nada à Kate.

Abano a cabeça, a pensar nesta rapariga, que já conseguiu surpreender-me.

— Tens tempo para falar? - pergunto.

As zebras são a primeira paragem no Jardim Zoológico de Roger Williams. De

todos os animais da secção africana, estes sempre foram os meus preferidos. Os elefantes

são-me indiferentes; nunca consigo encontrar as chitas - mas as zebras cativam-me. Elas

seriam uma das poucas coisas que se integrariam se tivéssemos a sorte de viver num

mundo onde tudo fosse preto ou branco.

Passamos pelos pequenos antílopes, pelos bongos e por algo chamado rato-

toupeiro-nu que não sai da sua toca. Costumo levar os miúdos ao jardim zoológico

quando sou nomeada para trabalhar nos seus casos. Ao contrário do que acontece

quando nos sentamos frente a frente no tribunal, ou até no Dunkin' Donuts, no jardim

zoológico há mais probabilidades de eles se abrirem comigo. Ficam a observar os gibões a

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 98*

balançarem-se como ginastas olímpicos e começam a falar sobre o que acontece em suas

casas, sem sequer se aperceberem do que estão a fazer.

Anna, porém, é mais velha do que todos os outros miúdos com quem trabalhei, e

menos entusiasmada por estar aqui. Em retrospectiva, apercebo-me de que foi uma má

escolha. Devia tê-la levado a um centro comercial, ou ao cinema.

Caminhamos pelos trilhos sinuosos do jardim zoológico, com a Anna a falar

apenas quando era forçada a reagir. Ela responde-me educadamente quando lhe faço

perguntas sobre a saúde da irmã. Diz que a mãe é, de facto, a advogada da outra parte.

Agradece-me quando lhe compro um gelado.

— Diz o que gostas de fazer - digo eu. - Para te divertires.

— Jogar hóquei - diz Anna. - Costumava ser guarda-redes.

— Costumavas? - Quanto mais velhos ficamos, menos o treinador nos perdoa

faltar a um jogo - ela encolhe os ombros. - Não gosto de deixar ficar mal toda a equipa.

Uma maneira interessante de encarar as coisas, penso.

— Os teus amigos ainda jogam hóquei? - Amigos? - ela abana a cabeça. - Não

podemos realmente convidar alguém para ficar na nossa casa quando a nossa irmã precisa

de descansar. Não nos retribuem o convite para passar a noite quando a nossa mãe nos

vem buscar às duas da manhã para ir para o hospital. Provavelmente já passou bastante

tempo desde que estive no secundário, mas a maior parte das pessoas pensa que ser

esquisito é contagioso.

— Então com quem falas? - com a Kate - diz ela, olhando para mim. E depois

pergunta se tenho telemóvel.

Tiro um da minha carteira e observo-a a marcar de cor o número do hospital.

— Estou à procura de uma paciente - diz Anna à telefonista. Kate Fitzgerald. - Ela

olha para mim. - Obrigada na mesma.

Carregando nos botões, ela devolve-me o telemóvel.

— A Kate não está registada.

— Isso é bom, não é? - Pode apenas significar que os papéis ainda não chegaram

à telefonista. Por vezes demora algumas horas.

Encosto-me a uma cerca ao pé dos elefantes.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 99*

— Pareces bastante preocupada com a tua irmã neste momento - refiro. - Tens a

certeza de que estás pronta para enfrentar o que vai acontecer se deixares de ser dadora?

- Eu sei o que irá acontecer - diz Anna em voz baixa. - Nunca disse que gostava. - Ela

ergue o rosto para olhar para mim, desafiando-me a encontrar-lhe culpas.

Por um minuto olho para ela. O que faria eu, se descobrisse que a Izzy precisava

de um rim, de parte do meu fígado, ou de medula? A resposta nem sequer é questionável:

Perguntaria se podíamos ir já para o hospital para o fazer.

Mas nesse caso, a escolha teria sido minha, era a minha decisão.

— Os teus pais perguntaram-te alguma vez se querias ser dadora para a tua irmã?

Anna encolhe os ombros.

— Mais ou menos. Da forma que os pais fazem perguntas às quais já responderam

dentro das suas cabeças. Não foi por causa de ti que a turma toda ficou de castigo, pois

não? ou Queres brócolos, não queres? Pequenas peças deste quebra-cabeças começam a

chamar a minha atenção. Tradicionalmente, os pais tomam decisões por uma criança,

porque se presume que estejam a zelar pelos seus interesses. Mas se, pelo contrário,

estiverem cegos pelos interesses de outro filho, o sistema entra em ruptura. E algures,

debaixo dos escombros, há vítimas como a Anna.

A questão é: será que ela instaurou este processo legal porque sente verdadeiramente que consegue fazer melhores escolhas sobre os seus próprios cuidados

médicos do que os pais, ou porque quer que os pais, pelo menos uma vez, ouçam os seus

lamentos? Acabamos em frente aos ursos-polares, Trixie e Norton. Pela primeira vez desde

que chegámos aqui, o rosto de Anna ilumina-se.

Ela observa Kobe, a cria de Trixie - a mais recente aquisição do jardim zoológico.

Ele dá pancadinhas na mãe enquanto ela está deitada nas rochas, tentando fazer com que

ela brinque com ele.

— Da última vez que houve um urso-polar bebê - diz a Anna deram-no a outro

jardim zoológico.

Ela tem razão: vêm-me à memória lembranças dos artigos no jornal.  
Foi uma

medida importante de relações públicas para Rhode Island.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 100*

— Achas que ele se interroga sobre o que terá feito para ter sido mandado

embora? Enquanto tutores ad litem, somos treinados para detectar os sinais de depressão.

Sabemos ler a linguagem corporal, o fingimento e as alterações de humor. As mãos da

Anna estão fechadas com força em volta da cerca de metal. Os seus olhos ficam baços,

como o ouro antigo.

Ou esta rapariga perde a irmã, penso eu, ou vai ela própria perder-se.

— Julia - pergunta ela -, podemos ir para casa? Quanto mais nos aproximamos da

sua casa, mais a Anna se distancia de mim. Um truque bastante conveniente, visto que a

distância física entre nós permaneceu inalterada. Ela encolhe-se, encostada à janela do

meu carro, olhando para as ruas que se esvaziam.

— O que vai acontecer a seguir? - vou falar com todos os outros. A tua mãe e o

teu pai, o teu irmão e a tua irmã. O teu advogado.

Agora, um Jeep em bastante mau estado está estacionado à entrada, e a porta da

frente da casa está aberta. Desligo o motor, mas Anna não faz qualquer tentativa para

desapertar o seu cinto de segurança.

— Acompanha-me até lá dentro? - Porquê? - Porque a minha mãe vai matar-me.

Esta Anna - genuinamente assustada - tem poucas semelhanças com aquela com

quem passei a última hora. Interrogo-me como uma rapariga pode ser ao mesmo tempo

suficientemente corajosa para instaurar um processo legal, e ter medo de enfrentar a sua

própria mãe.

— Porquê? - Hoje saí mais ou menos sem lhe dizer aonde ia.

— Fazes isso muitas vezes? - Normalmente faço o que me dizem - diz Anna

abanando a cabeça.

Bem, vou ter de falar com Sara Fitzgerald mais tarde ou mais cedo. Saio do carro, e

espero que a Anna faça o mesmo, percorremos o caminho para a entrada, passando pelos

canteiros de flores bem cuidados, e entramos pela porta da frente.

Ela não é a adversária que eu tinha imaginado. Para começar, a mãe da Anna é

mais baixa do que eu, e mais franzina. Tem cabelos escuros e olhos atormentados e está a

andar de um lado para o outro. Mal a porta se abre, ela corre para a Anna.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 101*

— Por amor de Deus - grita ela, abanando a sua filha pelos ombros - onde

estiveste? Fazes alguma idéia...

— Desculpe, Sr. a Fitzgerald. Gostaria de me apresentar - dou um passo à frente,

estendendo a mão. - Sou Julia Romano, a tutora ad litem nomeada pelo tribunal.

Ela põe o braço à volta de Anna, uma fria demonstração de carinho.

— Obrigada por trazer a Anna a casa. Tenho a certeza de que há muitas coisas que

tem de discutir com ela, mas neste momento. .

— Na realidade, estava à espera de conseguir falar consigo. No tribunal pediram-

me que apresentasse o meu parecer em menos de uma semana, portanto se tiver alguns

minutos. .

— Não tenho - diz Sara abruptamente. - Agora não é de facto uma boa altura. A

minha outra filha foi novamente internada no hospital - ela olha para a Anna, ainda à porta

da cozinha: espero que estejas satisfeita.

— Lamento.

— Eu também - Sara aclara a garganta. - Agradeço que tenha vindo para falar com

a Anna. E sei que está apenas a fazer o seu trabalho. Mas tudo isto vai resolver-se por si,

na verdade. Trata-se de um mal-entendido. Tenho a certeza de que o juiz DeSalvo lhe dirá

precisamente isso daqui a um dia ou dois.

Ela dá um passo para trás, desafiando-me, e à Anna, a dizer o contrário. Eu olho

para Anna, que me retribui o olhar e abana a cabeça de forma quase imperceptível, um

apelo para ficar por aqui, por agora.

Quem estará ela a proteger - a mãe, ou ela própria? Uma bandeira vermelha

desenrola-se na minha mente: Anna tem treze anos. Anna vive com a mãe. A mãe de Anna

é a advogada da outra parte. Como é que a Anna pode viver na mesma casa e não ser

pressionada por Sara Fitzgerald! - Anna, telefono amanhã - e depois, sem me despedir de

Sara Fitzgerald, deixo a sua casa, em direcção ao único lugar da terra aonde nunca desejei

ir.

Os escritórios de advocacia de Campbell Alexander parecem-se exactamente com

o que tinha imaginado: no cimo de um edifício revestido de vidro negro, ao fundo de um

corredor coberto por uma passadeira persa, passando por duas portas de mogno que

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 102*

mantêm a população à distância. Sentada a uma enorme secretária de recepcionista, está

uma rapariga com feições de porcelana e um auricular de telefone escondido debaixo da

sua farta cabeleira. Ignoro-a e dirijo-me para a única porta fechada.

— Hei! - grita ela. - Não pode entrar aí! - Ele está à minha espera - digo.

Campbell não tira os olhos do que quer que seja que está a escrever com grande

fúria. Tem as mangas da camisa arregaçadas até ao cotovelo e precisa de cortar o cabelo.

— Kerri - diz ele -, veja se consegue encontrar alguma transcrição da Jenny Jones

sobre gêmeos verdadeiros que não sabem que. .

— Olá, Campbell.

Primeiro, ele pára de escrever. Depois levanta a cabeça.

— Julia - põe-se de pé, como um rapazinho que foi apanhado a fazer algo

indecente.

Eu entro e fecho a porta atrás de mim.

— Sou a tutora ad litem nomeada para o caso de Anna Fitzgerald.

Um cão no qual não tinha reparado toma agora o seu lugar junto de Campbell.

— Soube que tinhas ido para a faculdade de direito. Harvard. com uma bolsa

completa.

— Providence é um local bastante pequeno. . Estava sempre à espera.. - a sua voz

esmorece, e ele abana a cabeça. - Bem, pensei que nos íamos encontrar mais cedo.

Ele sorri para mim, e eu tenho novamente dezassete anos - o ano em que me

apercebi de que o amor não segue as regras, o ano em que percebi que não há nada que

se deseje tanto como uma coisa inalcançável.

— Não é assim tão difícil evitar alguém quando se quer - respondo tranqüilamente. - Deverias sabê-lo melhor do que ninguém.

## Campbell

Estou extraordinariamente calmo, na verdade, até que o director da Ponaganset

High School me começa a dar um sermão pelo telefone sobre correcção política.

— Por amor de Deus - precipita-se ele. - Que tipo de mensagem é passada

quando um grupo de estudantes nativos americanos chama à sua equipa de basquetebol

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 103*

do liceu "Os Branquinhos"? - Imagino que seja enviado o mesmo tipo de mensagem que

foi passada quando escolheu os Chefes de Clã para mascote do seu liceu.

— Nós somos os Chefes de Clã de Ponaganset desde 1970 argumenta o director.

— Pois, e eles são membros da tribo de Narragansett desde que nasceram.

— É depreciativo. E politicamente incorrecto.

— Infelizmente - refiro eu -, não pode processar uma pessoa por incorrecção

política, ou então já teria decerto sido intimado há anos. No entanto, por outro lado, a

Constituição protege de facto vários direitos individuais dos Americanos, incluindo dos

nativos americanos - o de se reunirem e o de liberdade de expressão, o que sugere que os

Branquinhos teriam a liberdade de se agrupar mesmo que a sua ridícula ameaça de

processo legal chegasse ao tribunal. Portanto, talvez queira ponderar uma acção conjunta

contra a humanidade em geral, uma vez que de certeza que gostaria igualmente de

reprimir o racismo inerente implícito em Casa Branca, Montanhas Brancas e Páginas

Branca - há um silêncio mortal do outro lado da linha. - Devo então presumir que poderei

dizer ao meu cliente que afinal não pretende litigar? Depois de ele me desligar o telefone,

carrego no botão do intercomunicador.

— Kerri, telefone a Ernie Fishkiller e diga-lhe que não se preocupe.

Enquanto me instalo em frente à montanha de trabalho na minha secretária, o Juiz

solta um suspiro. Está a dormir, enrolado como um tapete entrançado à esquerda da

minha secretária. A sua pata estremece.

É a vida, disse-me ela, enquanto observávamos um cachorro a perseguir a sua

própria cauda. É o que eu quero ser a seguir.

Eu ri-me. Tu vais acabar como gato, disse-lhe. Eles não precisam de mais ninguém.

Eu preciso de ti, respondeu ela.

Bem, disse eu. Talvez eu volte como erva-dos-gatos.

Coloco os polegares sobre os globos oculares. Não estou de facto a dormir o

suficiente; primeiro foi aquele momento no café, e agora isto. Lanço um olhar carrancudo

ao Juiz, como se fosse culpa dele, e depois concentro-me em algumas notas que tomei no

meu bloco. Novo cliente - um traficante de droga apanhado pela acusação com uma

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 104*

câmara de vídeo. Não há maneira de evitar uma condenação neste caso, excepto se o tipo

tiver um gêmeo verdadeiro que a sua mãe tenha mantido em segredo.

O que, pensando melhor..

A porta abre-se, e sem olhar para cima dou uma ordem à Kerri.

— Veja se consegue encontrar alguma transcrição da Jenny Jones sobre gêmeos

verdadeiros que não sabem que. .

— Olá, Campbell.

Estou a enlouquecer; estou definitivamente a enlouquecer. Porque a menos de

metro e meio de distância está a Julia Romano, que já não via há quinze anos. O seu

cabelo está mais comprido agora, e finas linhas ladeiam a sua boca como parênteses à

volta de uma vida inteira de palavras que eu não estava lá para ouvir.

— Julia - consigo dizer.

Ela fecha a porta, e ao ouvir esse som, o Juiz levanta-se.

— Sou a tutora ad litem nomeada para o caso de Anna Fitzgerald - diz ela.

— Providence é um local bastante pequeno. . Estava sempre à espera.. Bem,

pensei que nos íamos encontrar mais cedo.

— Não é assim tão difícil evitar alguém, quando se quer - responde ela. - Deverias

sabê-lo melhor do que ninguém.

Depois, de um momento para o outro, a raiva parece evaporar-se dela.

— Desculpa. Era completamente desnecessário.

— Já passou muito tempo - respondo, quando o que queria realmente fazer era

perguntar-lhe o que fez durante estes quinze anos. Se ainda bebe chá com leite e limão.

Se é feliz. - O teu cabelo já não é cor-de-rosa - digo, porque sou um idiota.

— Não, já não é - responde ela. - Isso é um problema? - É que. . Bem... - encolho

os ombros. Onde estão as palavras quando precisamos delas? - Eu gostava do cor-de-rosa

- confesso.

— Tem tendência a diminuir a minha autoridade em tribunal admite a Julia.

Isto faz-me sorrir.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 105*

— Desde quando te importas com o que as pessoas pensam de ti? Ela não

responde, mas algo muda. A temperatura da sala, ou talvez a parede que surge nos seus

olhos.

— Talvez em vez de desenterrar o passado, devêssemos falar sobre a Anna -

sugere ela diplomaticamente.

Aceno com a cabeça. Mas parece que estamos sentados num assento acanhado

de autocarro com um estranho entre nós, que nenhum de nós está pronto a aceitar ou a

mencionar e, portanto, estamos aqui a falar à sua volta e a lançar olhares furtivos quando

o outro não está a ver. Como é que eu posso pensar na Anna Fitzgerald quando me

interrogo se a Julia acordou alguma vez nos braços de alguém e por um só momento,

antes que o sono se afastasse da sua mente, pensou que era eu? Pressentindo a tensão, o

Juiz levanta-se e põe-se ao meu lado. A Julia parece reparar pela primeira vez que não

estamos sozinhos na sala.

— É o teu sócio? - Apenas um associado - digo eu. - Mas ele participou no jornal

jurídico acadêmico - os dedos dela tocam a cabeça do Juiz por detrás da orelha - raio de

sacana sortudo - e, fazendo um trejeito, peço-lhe que pare. - É um cão de serviço. Não lhe

devem fazer festas.

Julia olha para cima, surpreendida. Mas antes que faça alguma pergunta, eu mudo

de conversa.

— Então, a Anna? - o Juiz encosta o nariz à palma da minha mão.

— Fui vê-la - diz ela cruzando os braços. -E? - Os miúdos de treze anos são muito

influenciados pelos pais. E a mãe da Anna parece estar convencida de que este julgamento

não se vai realizar. Acho que ela é capaz de tentar convencer a Anna disso também.

— Eu posso resolver esse assunto - digo eu.

— Como? - pergunta ela, olhando para cima desconfiada.

— Fazendo com que Sara Fitzgerald saia de casa.

Ela fica de boca aberta.

— Estás a brincar, não estás? Por esta altura, o Juiz começa a puxar as minhas

roupas com força. Visto que não tenho nenhuma reacção, ele ladra duas vezes.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 106*

— Bem, eu de facto não penso que tenha de ser a minha cliente a mudar-se. Ela

não infringiu as ordens do juiz. vou arranjar um mandado de restrição temporária que

impeça Sara Fitzgerald de manter qualquer tipo de contacto com ela.

— Campbell, é a mãe dela! - Esta semana, ela é a advogada da outra parte, e se ela

estiver de alguma forma a prejudicar a minha cliente precisa de ser impedida de o fazer.

— A tua cliente tem um nome, e uma idade, e um mundo que se está a

desmoronar - a última coisa de que necessita é de mais instabilidade na sua vida. Será que

te deste sequer ao trabalho de tentar conhecê-la? - É claro que sim - minto, enquanto o

Juiz começa a ganhar aos meus pés.

A Julia olha para ele.

— Passa-se alguma coisa com o teu cão? - Ele está ótimo. Olha. A minha função

é proteger os direitos legais da Anna e vencer o caso, e é precisamente isso que eu vou

fazer.

— É claro que vais. Não necessariamente por ir ao encontro dos interesses da

Anna. . mas por ir ao encontro dos teus. Já viste a ironia? Que uma miúda que quer deixar

de ser usada em benefício de outra pessoa acabe por escolher o teu nome nas Páginas

Amarelas? - Tu não sabes nada sobre mim - digo, cerrando os maxilares.

— Bem, de quem é a culpa? Lá se foi a tentativa de não desenterrar o passado. Um

arrepio percorre-me de cima a baixo, e agarro o Juiz pela coleira.

— Desculpa-me - digo, e saio pela porta do escritório, deixando a Julia pela

segunda vez na minha vida.

Pensando bem no assunto, a Wheeler School era uma fábrica, lançando cá para

fora debutantes e futuros investidores da banca. Éramos todos semelhantes e falávamos

de forma semelhante. Para nós, o Verão era um verbo.

Havia alunos, como é óbvio, que quebravam este mofo. Como os miúdos com

bolsas, que punham as golas para cima e aprendiam a remar, sem nunca se aperceberem

de que estivemos sempre conscientes de que eles não pertenciam ao nosso grupo. Havia

as estrelas, como o Tommy Boudreaux, que foi recrutado pelos Detroit Redwings no

primeiro ano. Ou os casos psiquiátricos, que tentavam cortar os pulsos ou misturar álcool

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 107*

com Valium e que depois deixavam o campus tão silenciosamente como tinham

anteriormente vagueado por lá.

Eu era um aluno do décimo segundo ano no ano em que a Julia entrou para a

Wheeler. Ela usava botas da tropa e uma T-shirt dos Cheap Trick  
debaixo do hlazer do

colégio; era capaz de memorizar sonetos inteiros sem libertar uma  
gota de suor. Durante

os tempos livres, enquanto nós fumávamos cigarros nas costas do  
director, ela subia as

escadas para o tecto do ginásio e sentava-se encostada ao tubo do  
aquecimento, a ler

livros de Henry Miller e de Nietzsche. Ao contrário das outras  
raparigas do colégio, com as

suas cascatas suaves de cabelos loiros apanhados com um elástico  
como se fossem

rebuçados, o dela era um perfeito tornado de caracóis negros, e  
nunca usava

maquilhagem - apenas aquelas feições angulosas, tal como elas são.  
Tinha a argola mais

fina que eu já tinha visto, um filamento de prata, na sobrancelha  
esquerda. E cheirava a

massa de pão fresca a levedar.

Havia rumores sobre ela-, que tinha sido expulsa de um reformatório  
feminino;

que era uma menina-prodígio com um resultado perfeito nos exames  
do liceu; que era

dois anos mais nova do que toda agente do nosso ano; que tinha  
uma tatuagem. Ninguém

sabia muito bem o que pensar dela. Chamavam-lhe Aberração,  
porque ela não era uma de

nós.

Um dia, a Julia Romano chegou à escola com cabelo curto cor-de-  
rosa. Todos nós

presumimos que seria suspensa, mas afinal, na litania de regras  
sobre o que tínhamos de

usar na Wheeler, o penteado estava conscopicamente ausente. Fez-  
me pensar por que

razão não havia ninguém no colégio com rastas, e apercebi-me de  
que não era por não

podermos; era porque não queríamos.

Nesse dia, à hora de almoço, ela passou pela mesa onde eu estava  
sentado com

um grupo de rapazes da equipa de vela e algumas das suas  
namoradas.

— Hei - disse uma rapariga - doeu-te? - O quê? - Julia abrandou.

— Quando caíste dentro da máquina de fazer algodão-doce. Ela nem  
sequer

pestanejou.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 108*

— Desculpa, não tenho dinheiro para arranjar o cabelo no Wasb, Cut  
and Blowjobs

- e depois dirigiu-se ao canto da cantina onde comia sempre sozinha, a fazer paciências

com um baralho de cartas que tinha imagens de santos padroeiros no verso.

— Merda - disse um dos meus amigos -, com aquela rapariga é que eu não me

metia.

Eu ri-me, porque todos os outros o fizeram. Mas também a observei a sentar-se, a

afastar o tabuleiro de comida, e a começar a dispor as cartas. Imaginei como seria não

ligarmos absolutamente nada ao que as pessoas pensavam de nós.

Uma tarde, eu ausentei-me sem licença da equipa de vela da qual era capitão, e

segui-a. Certifiquei-me de que ficava suficientemente afastado para que ela não se

apercebesse da minha presença. Ela seguiu em direcção ao Blackstone Boulevard, virou

para o Swan Point Cemetery, e subiu ao ponto mais alto. Abriu a mochila, tirou os manuais

e o dossier, e estendeu-se em frente a uma sepultura.

— Mais vale saíres daí- disse ela então, e eu quase engoli a língua, à espera de um

fantasma, até que percebi que ela estava a falar comigo. - Se pagares mais vinte e cinco

cêntimos, podes até ver de perto.

Saí de trás de um grande carvalho, de mãos nos bolsos. Agora que estava ali, não

fazia idéia da razão por que tinha vindo. Indiquei a sepultura com um gesto.

— É algum familiar? Ela olhou para trás.

— Pois. A minha avó vinha precisamente ao lado dele no Mayflower-ela ficou a

olhar para mim, toda ângulos rectos e arestas. - Não tens de ir a nenhum jogo de críquete?

- Pólo - disse eu esboçando um sorriso. - Estou só à espera do meu cavalo.

Ela não percebeu a piada. . ou talvez não tivesse achado graça.

— O que é que tu queres? Eu não podia admitir que estava a segui-la.

— Ajuda - disse eu. - com os trabalhos de casa.

Na verdade, eu não tinha olhado para o nosso trabalho de inglês. Agarrei num

papel que estava no dossier e li alto: Depara-se com um horrível acidente envolvendo

quatro automóveis. Há pessoas a gemerem de dor, e corpos espalhados por todo o lado. É

obrigatório parar? - Porque hei-de eu ajudar? - disse ela.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 109*

— Bem, legalmente, não devias. Se moveres alguém e magoares essa pessoa,

podes ser processada. - Eu queria dizer a ti.

O papel flutuou até ao chão.

— Não pensas muito bem de mim, pois não? - Eu não penso em nenhum de

vocês, ponto final. Vocês são uns idiotas superficiais que não seriam apanhados nem

mortos com alguém que seja diferente de vocês.

— Não é isso que também estás a fazer? Ela ficou a olhar para mim durante um

bom bocado. Depois começou a encher a sua mochila.

— Tens um fundo de investimento, não é verdade? Se precisas de ajuda, paga a

um explicador.

Ponho um pé em cima de um dos seus manuais.

— Fazia-lo? - Dar-te explicações? Nem pensar.

— Parar, No acidente de viação. As mãos dela ficaram quietas.

— Sim. Porque mesmo que a lei diga que ninguém é responsável por outra

pessoa, ajudar alguém que precise é o que se deve fazer.

Sentei-me ao lado dela, suficientemente perto para que a pele do seu braço

vibrasse mesmo ao lado do meu.

— Acreditas mesmo nisso? - Acredito - disse ela olhando para baixo, para o seu

colo.

— Então como - perguntei - podes virar-me as costas? Mais tarde, limpo o rosto

com toalhas de papel do distribuidor e ajeito a gravata. O Juiz anda aos círculos ao meu

lado, como faz sempre.

— Portaste-te bem - digo-lhe, fazendo-lhe festas no espesso pêlo do pescoço.

Quando regresso ao escritório, a Julia já não está lá. Kerri está sentada ao

computador num raro momento de produtividade, a escrever.

— Ela disse que se precisasse dela, podia muito bem ir à sua procura. Foram

palavras dela, não minhas. E pediu todos os ficheiros clínicos. - A Kerri olha para mim por

cima do ombro. - Está com um aspecto horrível.

— Obrigado - um Post-it cor de laranja em cima da secretária chama a minha

atenção. - É para aqui que ela quer que sejam enviados os ficheiros clínicos? -É.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 110*

— Eu trato disso - digo, enfiando o endereço no bolso.

Uma semana depois, em frente à mesma sepultura, desatei as botas da tropa

dajulia Romano. Tirei-lhe o casaco de camuflado. Os pés dela eram estreitos e tão cor-de-

rosa como o interior de uma tulipa. As suas clavículas eram um mistério.

— Eu sabia que por debaixo disso eras linda - disse eu, e esta foi a primeira parte

dela que eu beijei.

Os Fitzgerald vivem em Upper Darby, numa casa que poderia pertencer a qualquer

família tipicamente americana. Garagem para dois carros; portas de alumínio; autocolantes

Totfinder nas janelas, para os bombeiros. Quando chego lá, o Sol está a pôr-se por detrás

da linha dos telhados.

Durante todo o caminho, tentei convencer-me a mim próprio de que o que a Julia

tinha dito não tinha absolutamente nenhuma relevância na razão pela qual decidi visitar a

minha cliente. Que eu sempre planeara fazer este pequeno desvio antes de ir para casa

depois do trabalho.

Mas a verdade é que, em todos os anos que exerci advocacia, esta era a primeira

vez que fazia uma visita a casa de um cliente.

Anna abre a porta quando toco à campainha.

— O que está aqui a fazer? - A ver como estavas.

— Tem custos extra? - Não - digo secamente. - Faz parte de uma promoção

especial que estou a fazer este mês.

— Ah - ela cruza os braços. - Já falou com a minha mãe? - Estou a tentar não o

fazer. Presumo que não esteja em casa? Anna abana a cabeça.

— Está no hospital. A Kate foi novamente internada. Pensei que talvez tivesse ido

lá.

— A Kate não é minha cliente.

Isto, de facto, parece desapontá-la. Ela põe o cabelo atrás das orelhas.

— Quer, sei lá, entrar? Eu sigo-a até à sala de estar e sento-me no sofá, um monte

de alegres riscas azuis. O Juiz fareja os cantos da mobília.

— Soube que conheceste a tutora ad litem.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 111*

— Julia. Ela levou-me ao jardim zoológico. Pareceu-me bem. os olhos dela casam-

se com os meus. - Ela disse alguma coisa sobre mim? - Está preocupada pelo facto de a

tua mãe poder falar sobre este caso contigo.

— Para além da Kate - diz Anna -, de que outro assunto vai ela falar? Ficamos a

olhar um para o outro por um momento. Fora de uma relação cliente-advogado, sinto-me

perdido.

Podia pedir para ver o quarto dela, mas nunca à face da Terra um advogado de

defesa do sexo masculino poderia ir lá acima sozinho com uma rapariga de treze anos.

Podia convidá-la para jantar, mas duvido que ela gostasse do Café Nuovo, um dos meus

sítios favoritos, e eu acho que não conseguiria digerir um hambúrguer. Podia perguntar-

lhe pela escola, mas isso não faz parte do assunto.

— Tem filhos? - pergunta a Anna.

— O que achas? - rio-me.

— Provavelmente, é melhor assim. - admite ela. - Não leve a mal, mas não parece

exactamente um pai.

— Qual é o aspecto dos pais? - pergunto interessado. Ela parece estar a pensar

sobre isto.

— Sabe como o tipo do arame no circo quer que toda a gente pense que o seu

número é uma arte. mas no fundo conseguimos perceber que ele está apenas desejoso de

chegar ao outro lado? - ela olha para mim. - Pode estar à vontade, sabe. Não vou amarrá-

lo e obrigá-lo a ouvir um gangsta rap.

— Ah, pronto - gracejo. - Nesse caso - desaperto a gravata e recosto-me nas

almofadas.

Isso faz com que um sorriso passe brevemente pelo seu rosto.

— Não tem de fingir que é meu amigo nem nada.

— Eu não quero fingir - passo a mão pelo cabelo. - Só que isto para mim é uma

novidade.

— O quê? Faço um gesto englobando a sala de estar.

— Visitar um cliente. Conversar, Não deixar um caso no escritório ao fim do dia.

— Bem, isto também é uma novidade para mim - confessa Anna.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 112*

— O quê? - Ter esperança - diz ela, torcendo uma madeixa de cabelo à volta do

seu dedo mindinho.

A zona da cidade onde se situa o apartamento da Julia é uma área de classe alta

com a reputação de lá viverem muitos homens divorciados, uma característica que me

irrita durante todo o tempo que perco à procura de um lugar para estacionar. Em seguida

o porteiro olha para o Juiz e impede-me a entrada.

— Não são permitidos cães - diz ele. - Desculpe.

— Este é um cão de serviço - quando isso não parece surtir nenhum efeito, eu

passo a explicar-lhe. - Sabe. É como um cão-guia.

— Você não parece cego.

— Sou um alcoólico em recuperação - digo-lhe. - O cão impede-me de beber uma

cerveja.

O apartamento de Julia fica no sétimo andar. Bato à sua porta e depois vejo um

olho a examinar-me através do buraco. Ela abre um pouco a porta, mas deixa a corrente

fechada. Tem um lenço enrolado à volta da cabeça, e parece ter estado a chorar.

— Olá - digo eu. - Podemos começar de novo? - Quem diabo é você?  
- diz ela

limpando o nariz.

— Está bem. Talvez eu mereça isso - olho para a corrente. Deixa-me entrar, está

bem? Ela olha para mim, como se eu fosse louco ou algo do gênero.

— Anda metido no crack? Há um tumulto, e ouve-se outra voz, e depois a porta

abre-se de par em par e eu penso estupidamente: Há duas iguais a ela.

— Campbell - diz a verdadeira Julia -, o que estás aqui a fazer?  
Ainda a recuperar

do choque mostro-lhe os ficheiros clínicos.

Como raio é que ela, durante aquele ano inteiro na Wheeler, nunca mencionou

que tinha uma irmã gêmea? - Izzy, este é o Campbell Alexander.  
Campbell, esta é a minha

irmã.

— Campbell. . - observo a Izzy a enrolar a língua dizendo o meu nome. Vendo

melhor, ela não se parece nada com a Julia. O nariz é um pouco maior, e a pele não tem

nem de perto o mesmo tom de dourado. Para não referir o facto de que ao observar a sua

boca mover-se não fico excitado.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 113*

— Não é o Campbell? - diz ela, virando-se para a Julia. - Do. .

— É - suspira ela.

Os olhos de Izzy semicerram-se.

— Eu sabia que não devia deixá-lo entrar.

— Não há problema - insiste a Julia, e tira-me os ficheiros. Obrigada por trazeres

isto.

— Já pode ir-se embora - a Izzy sacode os dedos.

— Basta - a Julia agarra no braço da sua irmã. - O Campbell é o advogado com

quem estou a trabalhar esta semana.

— Mas não foi ele que. .

— Sim, obrigada, a minha memória está totalmente operacional.

— Pois! - interrompo. - Passei por casa da Anna.

— E? - a Julia volta-se para mim.

— Terra a Julia - diz a Izzy. - Este é um comportamento autodestrutivo.

— Não quando envolve um cheque de pagamento, Izzy. Nós estamos a trabalhar

juntos num caso, é só isso. Está bem? E não me apetece mesmo nada levar um sermão teu

sobre comportamentos autodestrutivos. Quem é que telefonou à Janet para uma queca

misericordiosa na noite em que ela te deixou? - Olha - volto-me para o Juiz. - Então e os

Red Sox? A Izzy percorre o corredor batendo com os pés no chão.

— É o teu suicídio - grita ela, e depois ouço uma porta bater.

— Acho que ela gosta mesmo de mim - digo eu, mas a Julia não esboça um

sorriso.

— Obrigada pelos ficheiros clínicos. Adeus. -Julia..

— Olha, só estou a poupar-te o trabalho. Deve ter sido difícil treinar o cão para te

tirar de uma sala quando precisas de ser salvo de uma situação emocionalmente instável,

tal como uma antiga namorada que diz a verdade. Como é que fazes isso, Campbell? com

gestos? com palavras de ordem? com um apito de ultra-som? Olho ansioso para o

corredor vazio.

— Posso chamar de volta a Izzy? A Julia tenta empurrar-me porta fora.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 114*

— Está bem. Desculpa. Não queria interromper-te hoje no escritório. Mas. . foi uma

emergência - ela olha para mim. - Para que disseste que o cão servia? - Não disse -

quando ela se volta, o Juiz e eu seguimo-la para dentro do apartamento, fechando a porta

atrás de nós. - Então fui visitar a Anna Fitzgerald. Tinhas razão, antes de obter um

mandado de restrição contra a mãe, precisava de falar com ela.

— E? Volto a pensar em nós os dois, sentados naquele sofá às riscas, e a estender

uma teia de confiança entre ambos.

— Acho que estamos em pé de igualdade - a Julia não responde, limita-se a

agarrar num copo de vinho branco que estava no balcão da cozinha. - Claro que sim,

gostava muito de beber um digo eu.

Ela encolhe os ombros.

— Está dentro da Smilla.

O frigorífico, é claro. Pela idéia de neve subjacente. Quando vou lá e tiro a garrafa,

consigo perceber que ela está a tentar não sorrir.

— Esqueces-te de que te conheço.

— Conhecias - corrige ela.

— Então esclarece-me. O que fizeste durante quinze anos? faço um gesto

indicando o corredor, em direcção ao quarto da Izzy. - Quero dizer, para além de te

clonares a ti própria - ocorre -me uma idéia, e mesmo antes de ter tempo de transmiti-la a

Julia responde: - Os meus irmãos tornaram-se todos construtores, chefes de cozinha e

canalizadores. Os meus pais queriam que as filhas fossem para a faculdade, e pensaram

que se freqüentassem o Wheeler no último ano do liceu poderiam ter mais hipóteses. Eu

tinha notas suficientemente boas para obter uma bolsa parcial; a Izzy não. Os meus pais só

podiam mandar uma de nós para um colégio particular.

— Ela foi para a faculdade? - RISD - diz a Julia. - É designer de jóias.

— Uma designer de jóias hostil.

— Partirem-nos o coração pode causar isso - os nossos olhos cruzam-se, e a Julia

apercebe-se do que disse. - Ela só se mudou para cá hoje.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 115*

Os meus olhos percorrem o apartamento, à procura de um taco de hóquei, de

uma revista Sports Illustrated. de uma cadeira La-Z-Boy, qualquer coisa denunciadora e

masculina.

— É difícil habituares-te a ter alguém em casa? - Antes vivia sozinha, Campbell, se

é isso que estás a perguntar - ela olha para mim por cima do seu copo de vinho. - E tu? -

Eu tenho seis mulheres, quinze filhos e um rebanho de ovelhas.

— Pessoas como tu sempre me fizeram sentir inferior - os lábios dela curvam-se.

— Oh, sim, és um verdadeiro desperdício de espaço neste planeta. Bacharelato em

Harvard, curso de direito em Harvard, uma tutora ad litem com um coração de manteiga..

— Como soubeste que faculdade de direito frequentei? - Foi o juiz DeSalvo -

minto, e ela acredita.

Interrogo-me se a Julia sente que se passaram alguns momentos, e não anos,

desde a última vez em que estivemos juntos. Se estar sentada a este balcão comigo é tão

fácil para ela como para mim. É como agarrar numa partitura desconhecida e começar a

percorrê-la desajeitadamente, para mais tarde nos apercebermos de que se trata de uma

melodia que já soubemos de cor, que conseguimos tocar sem esforço.

— Não pensei que te tornasses tutora ad litem - admito.

— Nem eu - Julia sorri. - Ainda há momentos em que me imagino em cima de um

estrado no Boston Common, a argumentar contra esta sociedade patriarcal. Infelizmente,

não podemos pagar ao senhorio em dogma - ela olha para mim. - É claro, eu também

achei erradamente que por esta altura já serias Presidente dos Estados Unidos.

— Pensei melhor - confesso. - Tive de colocar a fasquia um pouco mais baixa. E tu

- bem, na realidade, achei que viverias nos subúrbios, com uma data de filhos e um tipo

sortudo.

Julia abana a cabeça.

— Acho que estás a confundir-me com a Muffy, ou a Bitsie, ou a Totó, ou como

raio é que se chamavam as raparigas da Wheeler.

— Não. Só que pensei que. . que eu poderia ser esse tipo. Fez-se um silêncio

espesso, viscoso.

— Tu não querias ser esse tipo - diz a Julia por fim. - Deixaste isso bem claro.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 116*

Isso não é verdade, quero argumentar. Mas que mais poderia ela pensar, quando

posteriormente, nunca quis ter nada com ela. Quando, posteriormente, agi da mesma

forma que todos os outros.

— Lembras-te... - começo.

— Lembro-me de tudo, Campbell - interrompe ela. - Se não me lembrasse, isto

não seria tão difícil.

A minha pulsação dispara de tal forma que o Juiz se levanta e empurra a minha

anca com o focinho, alarmado. Nessa altura tinha achado que nada podia magoar a Julia,

que parecia ser tão livre. Esperei ter assim tanta sorte.

Enganei-me em ambos os casos.

## Anna

Na nossa sala de estar temos uma prateleira inteira dedicada à história visual da

nossa família. Estão lá os retratos de todos quando eram bebês, e algumas fotos tiradas na

escola e também várias fotografias das férias, e de aniversários, e de dias festivos Fazem-

me lembrar furos num cinto ou traços na parede de uma pensão - uma prova de que o

tempo passou, que não estivemos todos a flutuar num limbo.

Há molduras duplas, 20-25cm, 10-15cm. São feitas de madeira clara e madeira

embutida, e de um mosaico de vidro muito elegante. Agarro numa do Jesse - tem cerca de

dois anos vestido de cowboy. Ao olhar para ela, nunca adivinharíamos o que estava para

acontecer.

Há uma da Kate com cabelo, e outra da Kate completamente careca; uma da Kate

quando era bebê sentada ao colo do Jesse- uma da minha mãe a segurá-los a ambos à

beira de uma piscina. Também há fotografias minhas, mas não muitas. Eu passo de bebê

para cerca de dez anos de idade de um momento para o outro.

Talvez tivesse sido por eu ser a terceira, e eles já estarem mais do que fartos de

catalogar a vida. Talvez tivesse sido porque se esqueceram.

A culpa não é de ninguém, e não é nada de especial mas mesmo assim é um

bocado deprimente. Está escrito numa fotografia: Estavas alegre, e eu quis capturar isso.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 117*

Está escrito numa fotografia: Eras tão importante para mim que larguei tudo para te

observar.

O meu pai telefona às onze horas para perguntar se eu quero que ele me venha

buscar.

— A mãe vai ficar no hospital - explica ele. - Mas, se não quiseres ficar sozinha em

casa, podes dormir no quartel.

— Não, não há problema - digo-lhe. - Posso sempre chamar o Jesse se precisar de

alguma coisa.

— Pois - diz o meu pai. - O Jesse - ambos fingimos que este é um plano de apoio

seguro.

— Como está a Kate? - pergunto.

— Ainda bastante mal. Drogaram-na - ouço-o respirar fundo. Sabes, Anna -

começa ele, mas depois ouve-se uma campainha estridente lá atrás.  
- Querida, tenho de ir

- ele deixa-me com um ouvido cheio de ar imóvel.

Por um segundo fico a segurar no telefone, a imaginar o meu pai a calçar as botas

e a puxar as calças para cima pelos suspensórios. Imagino a porta do quartel a abrir-se

como a caverna de Aladino, e a sirene do veículo de combate a incêndios a gritar, com o

meu pai no banco da frente. Cada vez que vai para o trabalho, tem de extinguir incêndios.

É mesmo o encorajamento de que necessito. Agarrando numa camisola, saio de

casa e dirijo-me à garagem.

Havia um miúdo na minha escola, o Jimmy Stredboe, que costumava ser um fiasco

total. Era um zero à esquerda; tinha um rato de estimação que se chamava Órfã Annie; e,

uma vez. na aula de ciências, vomitou para dentro do aquário. Ninguém falava com ele, no

caso de a imbecilidade ser contagiosa. Mas depois, no Verão, foi-lhe diagnosticada

esclerose múltipla. Depois disso, mais ninguém tratou mal o Jimmy. Se passássemos por

ele no corredor, sorriámos. Se ele se sentasse ao nosso lado, acenávamos-lhe para o

cumprimentar. Era como se ser uma tragédia ambulante apagasse o facto de ter sido um

anormal.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 118*

Desde que nasci, sou a rapariga que tem uma irmã doente. Toda a minha vida os

bancários na caixa do banco me deram mais chupa-chupas; os directores das escolas me

conheceram pelo nome. Nunca ninguém me trata declaradamente mal.

Faz-me pensar como seria tratada se fosse como toda a gente.

Talvez eu seja uma pessoa bastante má, ainda que ninguém tivesse alguma vez

coragem para me dizer isso directamente. Talvez toda a gente pense que eu sou

malcriada, ou feia, ou estúpida, mas tenham de ser simpáticos porque talvez fossem as

circunstâncias da minha vida que me fizessem assim.

Faz-me pensar se o que estou agora a fazer traduz a minha verdadeira natureza.

Os faróis de outro carro reflectem-se no espelho retrovisor, formando uns óculos

de protecção verdes à volta dos olhos do Jesse.

Ele conduz com um pulso no volante, preguiçosamente. Precisa de cortar o cabelo,

radicalmente.

— O teu carro cheira a fumo - digo.

— Pois. Mas disfarça o cheiro do whiskey entornado - os dentes dele brilham no

escuro. - Porquê? Incomoda-te? - Mais ou menos.

O Jesse estica-se sobre o meu corpo para chegar ao porta-luvas. Tira um maço de

Merit e um Zippo, acende um cigarro, e expira o fumo para cima de mim.

— Desculpa - diz ele, embora não seja sincero.

— Dás-me um? - Um quê? - Um cigarro - são tão brancos que parecem brilhar.

— Tu queres um cigarro? - o Jesse desata a rir.

— Não estou a brincar - digo eu.

O Jesse ergue uma sobrancelha e, em seguida, vira o volante tão bruscamente que

penso que nos vamos despistar. Acabamos no meio de uma nuvem de poeira. O Jesse liga

as luzes do interior e agita o maço para fazer sair um cigarro.

Parece demasiado delicado entre os meus dedos, como o osso de um pássaro.

Seguro-o como eu acho que uma diva do teatro dramático faria, entre as articulações do

meu dedo indicador e médio. Levo-o aos lábios.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 119*

— Primeiro tens de acendê-lo - ri o Jesse, e acende o Zippo. De maneira nenhuma

me vou inclinar para cima de uma chama; há grandes hipóteses de pegar fogo ao cabelo

em vez de ao cigarro.

— Acende-o tu por mim - digo eu.

— Não. Se vais aprender, vais aprender a fazer tudo - acende de novo o isqueiro.

Toco com o cigarro no lume, sugo com força da maneira que vi o Jesse fazer. Isso

faz o meu peito explodir, e tusso tanto que por um minuto realmente acho que consigo

saborear o meu pulmão no fundo da garganta, cor-de-rosa e esponjoso. O Jesse não

agüenta mais e arranca-me o cigarro da mão antes que eu o deixe cair. Dá duas grandes

passas e em seguida atira-o pela janela.

— Bela tentativa - diz ele. A minha voz está saibrosa.

— É como lamber cinza.

Enquanto tento lembrar-me de como se respira, o Jesse entra de novo na

estrada.

— O que te fez querer fazer isso? Encolhi os ombros.

— Achei que já agora experimentava.

— Se quiseres uma lista de depravações, posso dar-te uma. como não respondo,

ele olha para mim.

— Anna - diz ele -, o que estás a fazer não é errado.

Por esta altura ele entrou no parque de estacionamento do hospital.

— Também não está certo - faço notar.

Ele desliga o motor, mas não faz nenhuma tentativa para sair do carro.

— Já pensaste no dragão a guardar a caverna? Semicerro os olhos.

— Fala claro.

— Bem, presumo que a mãe esteja a dormir a metro e meio da Kate.

— Oh, merda - não é que eu pense que a mãe me iria expulsar, mas de certeza

que não me deixaria sozinha com a Kate, e, neste momento, é isso que eu mais desejo. O

Jesse olha para mim.

— Não te vais sentir melhor por veres a Kate.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 120*

Não há de facto nenhuma maneira de explicar por que razão tenho de saber que

ela está bem, pelo menos agora, embora eu tenha tomado medidas que vão acabar com

isso.

No entanto, para variar, parece que alguém percebe. O Jesse olha pela janela do

carro.

— Eu trato disso - diz ele.

Nós tínhamos onze e catorze anos, e estávamos a treinar para o Livro Guinness

dos Recordes Mundiais. De certeza que nunca duas irmãs tinham feito o pino durante

tanto tempo que as suas faces ficassem duras como ameixas e os seus olhos só vissem

vermelho. A Kate tinha a constituição de um duende, toda braços e pernas finas como

esparquete; e, quando se dobrava em direcção ao chão e punha os pés para cima, era tão

delicada como uma aranha a trepar por uma parede. Eu desafiava a gravidade com um

baque.

Equilibrávamo-nos em silêncio durante alguns segundos.

— Quem me dera que a minha cabeça fosse mais plana - disse eu enquanto sentia

as minhas sobrancelhas estalar. - Achas que vem aí algum homem para nos cronometrar?

Ou mandamos só uma cassete de vídeo? - Acho que depois nos dizem - a Kate dobrou os

braços ao longo do tapete.

— Achas que vamos ser famosas? - Se calhar vamos ao programa Today. Tiveram

lá um miúdo de onze anos que conseguia tocar piano com os pés - ela pensou por um

segundo. - A mãe conhecia uma pessoa que foi morta por um piano que caiu de uma

janela.

— Isso não é verdade. Por que haveria alguém de atirar um piano pela janela? - É

verdade. Pergunta-lhe. E não estavam a tirá-lo, estavam a pô-lo - ela cruzou as pernas

contra a parede, de tal forma que parecia que estava apenas sentada ao contrário. - Qual

achas que é a melhor maneira de morrer? - Não quero falar sobre isso - disse eu.

— Porquê? Eu vou morrer. Tu vais morrer - quando franzi o sobrolho, ela disse: -

Bem, também vais - e depois sorriu. - Só que eu sou mais dotada do que tu.

— Esta é uma conversa estúpida - já estava a fazer-me comichões em sítios que eu

sabia que nunca iria ser capaz de coçar.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 121*

— Talvez num acidente de avião - divagou a Kate. - Seria mesmo mau. sabes,

quando te aperceberes de que ias cair.. mas depois acontecia e transformavas-te em pó.

Como é que as pessoas são vaporizadas, mas ainda se consegue encontrar roupas nas

árvores, e aquelas caixas negras? Por essa altura a minha cabeça estava a começar a latejar.

- Cala-te, Kate.

Ela rastejou pela parede abaixo e sentou-se, afogueada.

— Também se pode bater a bota enquanto se está a dormir, mas isso é um

bocado aborrecido.

— Cala-te - repeti, zangada por termos agüentado apenas vinte minutos e dois

segundos, zangada por agora termos de começar tudo de novo para estabelecer um

recorde. Virei-me de novo de cabeça para cima e tentei afastar uma madeixa de cabelo do

rosto.

— Sabes, as pessoas normais não andam a falar sobre a morte.

— Mentirosa. Toda a gente pensa sobre a morte.

— Toda a gente pensa sobre a tua morte - disse eu.

A sala ficou tão silenciosa que eu me interroguei se não deveríamos tentar

estabelecer outro recorde: durante quanto tempo conseguem duas irmãs suster a

respiração? Então, um sorriso trêmulo surgiu no rosto da Kate.

— Bem - disse ela. - Pelo menos agora estás a dizer a verdade.

O Jesse dá-me uma nota de vinte dólares para apanhar um táxi para casa; porque

há apenas um senão neste plano: uma vez que decidirmos levar isto avante, ele não vai

poder conduzir de volta para casa. Subimos as escadas até ao oitavo andar em vez de

irmos de elevador, porque estas conduzem à parte de trás da sala das enfermeiras, e não à

parte da frente. Depois ele enfia-me dentro de um armário de roupa de cama cheio de

almofadas de plástico e lençóis carimbados com o nome do hospital.

— Espera - digo abruptamente, quando ele está prestes a ir-se embora. - Como é

que eu vou saber quando é a altura certa? Ele começa a rir.

— Vais saber, confia em mim.

Tira um cantil de prata do bolso - é um que o meu pai recebeu do chefe e que

pensa ter perdido há anos. Desenrosca a tampa e entorna whiskey por cima da parte da

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 122*

frente da sua camisa. Depois começa a andar pelo corredor. Bem, andar é uma força de

expressão - o Jesse choca como uma bola de bilhar contra as paredes e deita abaixo um

carrinho de limpeza inteiro.

— Mãe? - grita ele. - Mãe, onde estás? Ele não está bêbedo, mas é bem verdade

que consegue imitar na perfeição. Faz-me pensar nas vezes em que olhei através da janela

do meu quarto a meio da noite e o vi vomitar para cima dos rododendros - talvez isso

também fosse tudo a fingir.

As enfermeiras saem da secretária como um enxame da colmeia, tentando

dominar um rapaz com metade da sua idade e três vezes mais forte, que nesse preciso

momento agarra a prateleira mais alta de um carrinho de roupa de cama e a puxa para a

frente, fazendo um estrondo tão grande que ressoa nos meus ouvidos. Campainhas de

chamada começam a tocar como um painel de telefonista por detrás da secretária das

enfermeiras, mas as três senhoras do turno da noite estão todas a fazer o melhor que

podem para segurar o Jesse enquanto ele estrebucha.

A porta do quarto da Kate abre-se e a minha mãe, de olhos congestionados, sai

cá para fora. Olha para o Jesse e, por um segundo, todo o seu rosto fica paralisado ao

aperceber-se de que, na realidade, as coisas podem piorar. O Jesse vira a cabeça na sua

direcção, um grande touro forte, e as suas feições derretem-se.

— Olá, mãe - cumprimenta ele, e sorri brandamente para ela.

— Peço imensa desculpa - diz a minha mãe às enfermeiras. Ela fecha os olhos

quando o Jesse tropeça a direito e atira os seus braços frouxos à volta dela.

— Há café na cantina - sugere uma das enfermeiras, e a minha mãe está

demasiado embaraçada para sequer lhe responder. Limita-se a dirigir-se aos elevadores

com o Jesse agarrado a ela como um mexilhão a um casco, e carrega no botão

descendente uma e outra vez na esperança vã de que isso faça realmente com que as

portas se abram mais depressa.

Quando eles se vão embora, é quase demasiado fácil. Algumas das enfermeiras

apressam-se para irem ver os pacientes que tinham chamado; outras instalam-se à sua

secretária, trocando comentários em surdina sobre o Jesse e a minha pobre mãe como se

se tratasse de algum jogo de cartas. Não olham na minha direcção enquanto me esgueiro

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 123*

para fora do armário da roupa de cama, percorro o corredor em bicos de pés, e entro no

quarto do hospital onde está a minha irmã.

Num Dia de Acção de Graças quando a Kate não estava no hospital, nós fingimos

realmente que éramos uma família normal. Assistimos ao desfile na televisão, onde um

balão gigante foi vítima de um vento traiçoeiro e acabou amarrado à volta de um

semáforo de Nova Iorque. Fizemos o nosso próprio molho. A minha mãe trouxe a parte

superior do esterno do peru para a mesa, e nós degladiámo-nos para ver a quem caberia o

direito de parti-la. A Kate e eu tivemos a honra. Antes de eu agarrar bem, a minha mãe

chegou perto de mim e sussurrou-me ao ouvido: - Sabes o que tens de desejar - portanto

fechei os olhos com força e pensei muito na remissão da Kate, embora tivesse pensado em

pedir um leitor de CDs portátil, e tivesse tido uma satisfação maldosa pelo facto de não ter

ganho.

Depois de comermos, o meu pai levou-nos lá para fora para jogarmos futebol

americano sem placagens, dois contra dois, enquanto a minha mãe lavava a loiça. Ela veio

cá para fora quando o Jesse e eu já tínhamos marcado duas vezes.

— Digam-me - pediu - que estou a ter alucinações.

Ela não tinha de dizer mais nada - todos nós já tínhamos visto a Kate tropeçar

como uma miúda normal e acabar a sangrar descontroladamente como uma miúda

doente.

— Oh, Sara - o meu pai ligou a electricidade do seu sorriso. A Kate está na minha

equipa. Não vou deixar que ela saia derrotada.

Depois pavoneou-se em direcção à minha mãe, e beijou-a tão longa e lentamente

que as minhas próprias faces começaram a arder, porque eu tinha a certeza de que os

vizinhos iriam ver. Quando ele levantou a cabeça, os olhos da minha mãe estavam de uma

cor que eu nunca tinha visto, e que acho que nunca voltarei a ver.

— Confia em mim - disse ele, e depois atirou a bola de futebol à Kate.

O que recordo desse dia é a forma como o chão nos picava quando nos

sentávamos nele - o primeiro sinal do Inverno. Lembro-me de ser placada pelo meu pai,

que se enrolava sempre para que eu nunca sentisse nenhum peso e recebesse todo o seu

calor. Lembro-me da minha mãe, a apoiar igualmente as duas equipas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 124*

E lembro-me de lançar a bola ao Jesse, e de a Kate se meter à frente - com uma

expressão de puro choque no rosto quando ela aterrou no meio dos seus braços e de o

Pai gritar incitando-a a fazer um ensaio. Ela acelerou, e estava quase a conseguir, mas

então o Jesse deu um salto e atirou-a ao chão, esmagando-a debaixo dele.

Nesse momento, tudo parou. A Kate jazia com os braços e as pernas esticados,

imóvel. O meu pai chegou lá num abrir e fechar de olhos, empurrando o Jesse.

— Que raio se passa contigo? - Esqueci-me! A minha mãe: - Onde é que dói?

Consegues sentar-te? Mas quando a Kate se virou para cima, estava a sorrir.

— Não me dói. É óptimo.

Os meus pais olharam um para o outro. Nenhum deles percebeu como eu percebi,

como o Jesse percebeu - que, independentemente de quem somos, há sempre uma parte

de nós que deseja ser outra pessoa - e quando, por um milésimo de segundo, realizamos

esse desejo, é um milagre.

— Ele esqueceu-se - disse a Kate para si própria, e ficou deitada de costas, a olhar

para o sol frio de Outono.

Os quartos de hospital nunca chegam a ficar completamente escuros; há sempre

algum painel luminoso por detrás da cama, no caso de ocorrer uma catástrofe, uma faixa

de emergência para que as enfermeiras e os médicos se possam orientar. Já vi a Kate

sozinha em camas como esta centenas de vezes, embora os tubos e os fios sejam

diferentes. Ela parece sempre mais pequena do que eu me lembrava.

Sento-me o mais suavemente que consigo. As veias do pescoço e do peito da Kate

são um mapa de estradas, vias que não conduzem a lado nenhum. Finjo acreditar que

consigo ver aquelas células leucémicas traçoeiras circularem como um rumor no seu

organismo.

Quando ela abre os olhos, quase caio da cama; é um momento à Exorcista.

— Anna? - diz ela, olhando directamente para mim. Já não a via tão assustada

desde que éramos pequenas e o Jesse nos convenceu de que o fantasma de um velho

índio tinha regressado para reclamar os ossos que tinham sido enterrados por engano

debaixo da nossa casa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 125*

Se tivermos uma irmã e ela morrer, vamos deixar de dizer que a temos? Ou será

que somos sempre irmãs, mesmo quando a outra metade da equação desaparece? Trepó

para cima da cama, que é estreita, mas mesmo assim suficientemente grande para nós as

duas. Pousei a cabeça no seu peito, tão perto do seu cateter venoso central que consigo

ver o líquido gotejar para dentro dela. O Jesse está enganado - eu não vim ver a Kate para

me sentir melhor. Vim porque, sem ela, é difícil lembrar-me de quem sou.

## **QUINTA-FEIRA**

Tu, se fosses sensata,

Quando te digo que as estrelas enviam sinais,

Todos eles terríveis,

Não te voltarias para me responder "A noite é maravilhosa".

— D. H. LAWRENCE, "Under the Oak"

## Brian

Nunca sabemos, de início, se nos dirigimos para um forno ou para uma fumarada.

Ontem, às 2:46 da manhã, as luzes acenderam-se lá em cima. As sirenes também

começaram a tocar, mas não consigo perceber se cheguei de facto a ouvi-las. Em dez

segundos, estava vestido e a sair do meu quarto no quartel. Em vinte, estava a equipar-me,

a puxar os longos suspensórios elásticos, e a enfiar-me dentro do meu casaco como uma

carapaça de tartaruga. Passados dois minutos, o Caesar estava a conduzir o veículo de

combate a incêndios ao longo das ruas de Upper Darby; o Paulie e o Red eram o ajudante

e o homem da mangueira, e seguiam atrás dele.

Algum tempo depois, a consciência foi regressando em intervalos luminosos:

lembrámo-nos de verificar as máscaras; calçámos as luvas; o operador contactou-nos para

nos dizer que a casa se situava na Hoddington Drive; que parecia ser ou um incêndio de

estrutura ou um incêndio de divisão e conteúdo.

— Vira à esquerda aqui - disse eu ao Caesar. Hoddington ficava a apenas oito

quarteirões da minha casa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 126*

A casa parecia a boca de um dragão. O Caesar deu a volta o mais afastado que

podia, tentando dar-me uma perspectiva de três lados. Em seguida saímos todos do

veículo de combate a incêndios e observámos durante um momento, quatro Davides

contra um Golias.

— Liga a mangueira de 6,25 centímetros - disse eu ao Caesar, o operador da

bomba desta noite. Uma mulher de camisa de noite veio a correr na minha direcção,

soluçando, com três crianças agarradas às suas saias.

— Mi hija - gritou ela, apontando. - Mi hija! - Donde está? - coloquei-me mesmo à

sua frente, para que ela pudesse apenas ver o meu rosto. - Cuantos anos tiene? Ela

apontou para uma janela no segundo andar gritando: - Três.

— Capitão - gritou o Caesar -, aqui estamos todos prontos.

Ouvi a sireia de um segundo veículo de combate a incêndios aproximar-se, os

bombeiros de reserva que nos vinham apoiar.

— Recl, faz um furo no canto nordeste do telhado; Paulie, põe água na mangueira

e deixa-a sair só quando soubermos para onde a deitar. Temos uma miúda no segundo

andar. vou ver se consigo ir buscá-la.

Não era, como nos filmes, um salvamento perfeito - uma cena para o herói ganhar

o seu Oscar. Se eu entrasse lá, e as escadas tivessem desaparecido. . se a estrutura

ameaçasse ruir.. se a temperatura do local tivesse ficado tão quente que tudo se

transformasse em combustível pronto a incendiar-se - eu teria recuado e dito aos meus

homens que recuassem também. A segurança do bombeiro é prioritária em relação à da

vítima.

Sempre.

Eu sou um covarde. Há alturas em que o meu turno termina e eu fico a enrolar as

mangueiras, ou a fazer uma cafeteira de café para a equipa seguinte, em vez de ir

directamente para casa. Já me interroguei várias vezes por que razão consigo descansar

melhor num sítio em que, na maior parte das vezes, sou arrancado da cama duas ou três

vezes por noite. Acho que é porque, num quartel de bombeiros, não tenho de me

preocupar com as emergências que acontecem - é suposto que aconteçam. No momento

em que entro em casa, já me estou a preocupar com o que acontecerá a seguir.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 127*

Uma vez, no segundo ano, a Kate fez um desenho de um bombeiro com uma

auréola por cima do seu capacete. Ela disse à sua turma que eu só poderia ir para o Céu

porque, se eu fosse para o Inferno, apagaria todas as chamas.

Ainda tenho esse desenho.

Numa tigela, parto uma dúzia de ovos e começo a batê-los freneticamente. O

bacon já está a saltar no fogão; a chapa já está a aquecer para fazer as panquecas. Nós os

bombeiros comemos juntos - ou, pelo menos, tentamos, antes que as sirenes comecem a

tocar. Este pequeno-almoço será um brinde para os meus rapazes, que ainda estão no

duche a lavar as recordações da noite anterior. Atrás de mim, ouço o ruído de passos.

— Puxa uma cadeira - digo por cima do ombro. - Está quase pronto.

— Oh, obrigada, mas não - diz uma voz feminina. - Não queria incomodar.

Volto-me, de espátula em riste. A voz de uma mulher aqui é surpreendente; uma

mulher que apareça pouco antes das sete da manhã é ainda mais espantoso. Ela é

pequena, com cabelos rebeldes que me fazem lembrar um incêndio na floresta. As suas

mãos estão cobertas de anéis de prata cintilantes.

— Capitão Fitzgerald, sou Julia Romano. Sou a tutora ad litem nomeada para o

caso da Anna.

A Sara já me tinha falado nela - a mulher que o juiz vai ouvir, quando as coisas

apertarem.

— Cheira muito bem - diz ela sorrindo. Aproxima-se e tira-me a espátula da mão. -

Não sou capaz de ver uma pessoa cozinhar sem dar uma ajuda. É uma anomalia genética -

observo-a a abrir o frigorífico, investigando. De todas as coisas, ela escolhe um frasco de

rábano bravo. - Estava à espera que tivesse alguns minutos para conversarmos.

— Claro. Rábano bravo? Ela junta uma boa pitada disso aos ovos, e depois tira

raspa de laranja do suporte das especiarias, juntamente com chili em pó, e polvilha com

isso também.

— Como está a Kate? Coloco um círculo de polme em cima da chapa, observo-o a

borbulhar. Quando o volto, está de um castanho-claro uniforme. Já falei com a Sara esta

manhã. A noite da Kate foi tranqüila; a da Sara não. Mas isso foi por causa do Jesse.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 128*

Há um momento durante um incêndio de estrutura quando sabemos que ou

vamos nós levar a melhor, ou é ele que nos vai levar a melhor. Reparámos na mancha no

tecto prestes a cair, na escadaria a consumir-se e no tapete sintético a colar-se às solas das

nossas botas. A soma das partes é esmagadora, e é aí quando nos retiramos e nos

obrigamos a recordar que todos os incêndios se consomem até se apagarem, mesmo sem

a nossa ajuda.

Agora, estou a combater incêndios em seis frentes. Olho em frente e vejo a Kate

doente. Olho para trás e vejo a Anna com o seu advogado. A única altura em que o Jesse

não está a beber desalmadamente, está drogado; a Sara está a tentar desesperadamente. E

eu, eu estou equipado, seguro. Estou a segurar em dúzias de ganchos e ferros e varas -

tudo ferramentas que foram feitas para destruir, quando o que necessito é de algo que

nos mantenha juntos.

— Capitão Fitzgerald... Brian! - a voz de Julia Romano faz-me sair da minha própria

cabeça, para aterrar numa cozinha que se enche rapidamente de fumo. Ela passa por mim

e tira da chapa a panqueca que se está a queimar.

— Credo! - deixo cair no disco de carvão que anteriormente era uma panqueca no

lava-loiça, e ele assobia-me. - Peço desculpa.

Como um abre-te sésamo, essas duas simples palavras mudam tudo.

— Ainda bem que temos os ovos - diz Julia Romano.

Numa casa em chamas, o nosso sexto sentido entra em funcionamento. Não

conseguimos ver, por causa do fumo. Não conseguimos ouvir, porque os incêndios rugem

alto. Não conseguimos tocar, porque isso seria o nosso fim.

À minha frente, o Paulie manuseava o bocal. Uma fila de bombeiros apoiava-o;

uma mangueira cheia era um peso morto compacto. Nós abríamos caminho pelas escadas,

ainda intactas, com o objectivo de empurrar o incêndio pelo buraco que o Red tinha feito

no telhado. Como tudo o que está confinado, o fogo tem o instinto natural de se evadir.

Pus-me de gatas e comecei a rastejar ao longo do corredor. A mãe disse que era a

terceira porta à esquerda. O fogo lavrava ao longo do outro lado do tecto, correndo em

direcção ao furo. Enquanto as mangueiras atacavam, um vapor branco engoliu os outros

bombeiros.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 129*

A porta do quarto da criança estava aberta. Eu entrei a rastejar, chamando pelo

seu nome. Um vulto maior à janela atraiu-me como um íman, mas afinal era um boneco de

peluche de tamanho gigante. Verifiquei os armários e também debaixo da cama, mas não

estava lá ninguém.

Recuei novamente para o corredor e quase tropecei na mangueira, da grossura de

um punho. Um ser humano podia pensar; um incêndio não. Para onde teria eu ido se

estivesse aterrorizado? Movimentando-me com rapidez, comecei a enfiar a cabeça nas

portas. Uma das divisões era cor-de-rosa, o quarto de um bebê. Outra tinha carrinhos

Matchbox espalhados por todo o lado e beliches. Outra nem sequer era um quarto, mas

sim um armário. O quarto principal situava-se do lado oposto às escadas.

Se eu fosse uma criança, iria querer a minha mãe.

Ao contrário dos outros quartos, este estava a deitar um fumo negro e espesso. O

fogo tinha queimado uma linha ao fundo da porta. Abri-a, sabendo que ia deixar que o ar

entrasse, sabendo que não devia fazê-lo, mas não tinha outra escolha.

Previsivelmente, a linha que ardia em fogo lento incendiou-se, enchendo o

corredor de chamas. Atravessei-a como um touro, sentindo as brasas choverem na parte

de trás do capacete e do casaco.

— Luisa! - gritei. Andei às apalpadelas pelo quarto, e encontrei um armário. Bati

com força e chamei de novo.

Era fraco, mas ouviu-se indubitavelmente um som em resposta.

— Tivemos sorte - digo eu a Julia Romano, muito provavelmente as últimas

palavras que ela esperava ouvir-me dizer. - A irmã da Sara toma conta dos miúdos quando

dura muito tempo. Em períodos mais curtos, nós revezamo-nos - sabe, a Sara fica com a

Kate no hospital uma noite, e eu vou para casa para junto dos outros miúdos, ou vice-

versa. Agora é mais fácil. Eles já têm idade para tomar conta de si próprios.

Ela anota qualquer coisa no seu pequeno bloco quando acabo de dizer aquilo, e

isso faz mexer-me na cadeira. A Anna tem apenas treze anos - será demasiado cedo para

se ficar sozinho em casa? A Segurança Social poderá dizer que sim, mas a Anna é

diferente. A Anna amadureceu há anos.

— Acha que a Anna está bem? - pergunta a Julia.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 130*

— Acho que ela não tinha instaurado um processo legal se estivesse - hesito. - A

Sara diz que ela quer atenção.

— O que é que você pensa? Para ganhar tempo, meto na boca uma garfada de

ovos. O rábano bravo revelou-se surpreendentemente bom. Realça o sabor da laranja.

Digo isto a Julia Romano.

Ela dobra o guardanapo ao lado do seu prato.

— Não respondeu à minha pergunta, Sr. Fitzgerald.

— Não acho que seja assim tão simples - pouso muito cuidadosamente os meus

talheres. - Tem irmãos e irmãs? - Ambos. Seis irmãos mais velhos e uma irmã gêmea.

Assobio.

— Os seus pais devem ter uma enorme paciência. Ela encolhe os ombros.

— São bons católicos. Também não sei como conseguiram, mas nenhum de nós se

deu mal.

— Pensou sempre assim? - pergunto eu. - Nunca sentiu, quando era miúda, que

talvez houvesse favoritos? - o seu rosto endurece, muito levemente, e eu fico a sentir-me

mal por estar a colocá-la contra a parede. - Todos nós sabemos que devemos gostar

igualmente de todos os nossos filhos, mas nem sempre as coisas funcionam assim -

ponho-me de pé. - Tem mais algum tempo? Gostaria que conhecesse uma pessoa.

No Inverno passado atendemos a um pedido de uma ambulância em pleno

Inverno por causa de um homem que vivia ao fundo de uma estrada rural. O homem que

ele contratara para lhe limpar a neve do caminho encontrara-o e tinha chamado o 112;

aparentemente, o homem tinha saído do carro na noite anterior, devia ter escorregado, e

ficou congelado ali mesmo no saibro; o limpa-neves quase tinha passado por cima dele,

pois mais parecia um objecto levado pelo vento.

Quando chegámos ao local, ele já estava cá fora pelo menos há oito horas, e não

passava de um cubo de gelo sem pulsação. Os seus joelhos estavam dobrados; lembro-me

disto porque, quando finalmente o tirámos de lá e o colocámos numa maca, lá estavam

eles, espetados para cima. Ligámos o aquecimento dentro da ambulância e levámo-lo lá

para dentro, começando a cortar as roupas para lhas tirar. Quando tínhamos os papéis em

ordem para o transporte para o hospital, já o homem estava sentado a falar connosco.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 131*

Conto isto para demonstrar que, apesar de tudo, os milagres acontecem.

É um clichê, mas tornei-me bombeiro antes de mais para poder salvar pessoas.

Portanto, logo que emergi da porta rodeada de chamas com a Luisa nos braços, quando a

mãe nos viu e se pôs de joelhos, soube que tinha feito o meu trabalho, e que o tinha feito

bem. Precipitou-se para o técnico de emergências médicas da segunda equipa, que tinha

posto a menina a soro e lhe tinha colocado uma máscara de oxigênio. A miúda estava a

tossir, assustada, mas iria ficar bem.

O incêndio estava tudo menos extinto; os rapazes estavam lá dentro, a recuperar

objectos e a inspeccionar. O fumo colocava um véu sobre o céu nocturno; não conseguia

distinguir uma única estrela da constelação de Escorpião. Tirei as luvas e passei as mãos

pelos olhos, que iriam ficar a arder durante horas.

— bom trabalho - disse eu ao Red, enquanto ele arrumava a mangueira.

— bom salvamento, Capitão - respondeu ele.

Teria sido melhor, claro, se a Luisa estivesse no seu próprio quarto, tal como

esperava a mãe. Mas os miúdos não ficam onde devem ficar. Voltamos as costas e vamos

encontrá-la não no quarto, mas escondida dentro de um armário; voltamos as costas e

apercebêmo-nos de que ela já não tem três anos mas treze. A paternidade é realmente

uma questão de nos mantermos a par, de esperarmos que os nossos filhos não se

adiantem tanto que não consigamos ver o que farão a seguir.

Tirei o meu capacete e estiquei os músculos do pescoço. Olhei para cima, para a

estrutura que era anteriormente uma casa. De repente senti uns dedos em volta da minha

mão. A mulher que vivia lá tinha lágrimas nos olhos. Ainda tinha o seu filho mais novo nos

braços; as outras crianças estavam sentadas no carro dos bombeiros, supervisionados pelo

Red. Em silêncio, levou os nós dos meus dedos aos lábios. Saiu do meu casaco uma

mancha de fuligem que lhe riscou a face.

— De nada - disse eu.

No caminho de regresso ao quartel eu dei instruções ao Caesar para ir pelo

caminho mais longo, para que passássemos mesmo pela rua onde moro. O Jeep do Jesse

estava à porta; as luzes da casa estavam todas apagadas. Imaginei a Anna com os

cobertores puxados até ao queixo, como de costume; e a cama da Kate vazia.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 132*

— Já chega, Fitz? - perguntou o Caesar. O carro mal se movia, quase parando

completamente em frente à minha casa.

— Sim, já chega. Vamos levá-lo para casa.

Tornei-me bombeiro porque queria salvar pessoas. Mas deveria ter sido mais

específico. Deveria ter dado nomes.

## Julia

O carro de Brian Fitzgerald está cheio de estrelas. Há mapas astronômicos no

assento do passageiro e tabelas enfiadas na consola entre nós; o assento de trás é um

monte de fotocópias de nebulosas e planetas.

— Desculpe - diz ele, corando. - Não estava à espera de ter companhia.

Ajudo-o a arranjar espaço para mim e, no processo, agarro num mapa feito de

picadas de alfinete.

— O que é isto? - pergunto eu.

— Um atlas celeste - ele encolhe os ombros. - É uma espécie de passatempo.

— Quando eu era pequena, uma vez tentei dar o nome de um familiar a cada

estrela do céu. O mais assustador é que ainda não tinha esgotado os nomes quando

adormeci.

— A Anna tem o nome de uma galáxia - diz Brian.

— É muito mais fixe do que ter o nome de um santo padroeiro, - digo eu, num

devaneio. - Uma vez, perguntei à minha mãe porque é que as estrelas brilhavam. Ela disse

que eram luzes nocturnas, para que os anjos conseguissem ver por onde andavam lá no

Céu. Mas quando perguntei ao meu pai, ele começou a falar de gases e, de alguma forma,

eu juntei tudo isso e cheguei à conclusão de que a comida que Deus servia dava origem a

múltiplas visitas à casa de banho a meio da noite.

Brian ri à gargalhada.

— E eu a explicar a fusão atômica aos meus filhos.

— Resultou? Ele pondera por um momento.

— Provavelmente conseguem encontrar a Ursa Maior de olhos fechados.

— É impressionante. As estrelas a mim parecem-me todas iguais.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 133*

— Não é assim tão difícil. Localizamos uma parte de uma constelação - como a

cintura de Oriente - e, de repente, torna-se fácil de encontrar Rígel aos seus pés e

Betelgeuse no seu ombro - ele hesita. - Mas noventa por cento do universo são feitos de

coisas que nem sequer conseguimos ver.

— Então como sabe que está lá? Ele pára num semáforo vermelho.

— A matéria escura tem um efeito gravitacional nos outros objectos.  
Não

conseguimos vê-la, mas conseguimos observar algo a ser puxado na sua direcção.

Dez segundos depois de o Campbell se ter ido embora na noite passada, a Izzy

entrou na sala de estar quando eu estava mesmo à beira de ter uma daquelas crises de

choro que até limpam a alma com que uma mulher deveria mimar-se pelo menos uma vez

em cada ciclo lunar.

— Pois - disse ela secamente -, vejo que se trata de uma relação estritamente

profissional.

— Estiveste a escutar às portas? - repreendi-a.

— Desculpa por tu e o teu Romeu estarem a ter o vosso tête-à-tête numa sala de

paredes finas.

— Se tens alguma coisa a dizer - sugeri -, diz.

— Eu? - a Izzy franziu o sobrolho. - Olha, não tenho nada a ver com isso, pois não?

- Não, não tens.

— Pois. Portanto vou guardar a minha opinião para mim. Eu revirei os olhos.

— Vá, diz, Isobel.

— Pensei que não ias perguntar - ela sentou-se ao meu lado no sofá. - Sabes,

Julia, da primeira vez que um insecto vê aquela grande luz violeta do electrocutor de

insectos, parece-lhe Deus. Da segunda vez, corre na direcção oposta.

— Em primeiro lugar, não me compares com um mosquito. Em segundo lugar, ele

voa na direcção oposta. Em terceiro lugar, não há uma segunda vez. O insecto está morto.

A Izzy sorriu afectadamente.

— És mesmo advogada.

— Eu não vou deixar que o Campbell me aniquile.

— Então pede transferência.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 134*

— Isto não é a Marinha - agarrei numa das almofadas do sofá.

— E eu não posso fazer isso, agora não. Ele ficaria a pensar que sou tão parva que

não consigo equilibrar a minha vida pessoal com um... incidente estúpido e pateta da

adolescência.

— Não podes - a Izzy abanou a cabeça. - Ele é um cretino egoísta que te vai usar e

deitar fora; e tu tens um historial verdadeiramente mau de te apaixonares por imbecis dos

quais deverias fugir a sete pés; e não me apetece ficar sentada a ouvir-te tentar

convenceres-te a ti própria de que já não sentes nada pelo Campbell Alexander quando,

na realidade, passaste os últimos quinze anos a tentar preencher o vazio que ele deixou

dentro de ti. Eu fiquei a olhar para ela.

— Uau.

Ela encolheu os ombros.

— Afinal parece que tinha muito para desabafar.

— Odeias todos os homens, ou apenas o Campbell? A Izzy pareceu ter ficado a

pensar nisso por uns momentos.

— Apenas o Campbell - disse ela por fim.

O que eu queria, nesse momento, era ficar sozinha na minha sala de estar para

poder atirar com coisas, como o comando da televisão ou a jarra de vidro, ou, de

preferência, a minha irmã. Mas eu não podia mandar a Izzy embora de uma casa para

onde ela se tinha mudado apenas há algumas horas. Levantei-me e tirei as minhas chaves

de casa de cima do balcão.

— vou sair - disse-lhe. - Não esperes por mim.

Não sou muito dada a festas, o que explica o facto de ainda não ter ido ao

Shakespeare's Cat, embora se situasse a apenas quatro quarteirões do meu condomínio. O

bar estava escuro e cheio de gente e cheirava a patchouli e a cravos-da-índia. Abri

caminho lá dentro, empoleirei-me em cima de um banco e sorri para o homem que estava

sentado ao meu lado.

Apetecia-me trocar carícias na última fila do cinema com alguém que não

soubesse o meu nome. Queria que três homens lutassem pela honra de me oferecer uma

bebida.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 135*

Queria mostrar ao Campbell Alexander o que ele tinha andado a perder.

O homem sentado ao meu lado tinha olhos azuis, um rabo-de-cavalo negro, e um

sorriso à Cary Grant. Acenou educadamente com a cabeça e, em seguida, voltou-se para o

outro lado e começou a beijar um senhor de cabelo branco em cheio na boca. Olhei em

volta e vi o que não tinha reparado quando entrei: o bar estava cheio de homens sozinhos

- mas eles estavam a dançar, a namorar, ou a engatar-se uns aos outros.

— O que quer beber? - o empregado do bar tinha cabelo fúcsia à porco-espinho e

um piercing no nariz semelhante a uma argola bovina.

— Isto é um bar gay? - Não, é o clube dos oficiais de West Point. Quer uma bebida

ou não? - apontei por cima do ombro dele para uma garrafa de tequila, e ele foi buscar

um copo de shot.

Esgravatei na minha mala e tirei de lá uma nota de cinquenta dólares.

— Toda - olhando para a garrafa, franzi a testa. - Aposto que Shakespeare nem

sequer tinha um gato.

— Quem lhe cuspiu no café? - perguntou o empregado do bar. Semicerrando os

olhos, olhei fixamente para ele.

— Você não é gay.

— Claro que sou.

— Considerando os meus antecedentes, se você fosse gay, provavelmente sentir-

me-ia atraída por si. Assim. . - olhei para o casal ocupado ao meu lado e depois encolhi os

ombros para o empregado do bar. Ele empalideceu e depois devolveu-me a minha nota

de cinqüenta. Meti-a de novo na carteira.

— Quem disse que não podíamos comprar amigos? - murmurei. Três horas mais

tarde, eu era a única pessoa que ainda estava lá, excepto se contássemos com o Sete, que

era o nome com que o empregado do bar se tinha rebaptizado em Agosto passado depois

de ter decidido libertar-se do que quer que fosse que o nome Neal sugeria. Sete não

significava absolutamente nada, que era exactamente o que ele queria.

— Talvez eu devesse ser a Seis - disse-lhe eu, quando cheguei ao fim da minha

garrafa de tequila -, e tu podias ser o Nove.

O Sete tinha acabado de empilhar os copos limpos. -Já chega. Não bebes mais.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 136*

— Ele costumava chamar-me Jóia - disse eu, e bastou isso para que começasse a

chorar.

Uma jóia é apenas uma rocha que foi submetida a uma pressão e um calor

enormes. As coisas extraordinárias estão sempre escondidas em lugares onde as pessoas

nunca se lembram de procurar.

Mas o Campbell tinha procurado. E depois deixou-me, fazendo-me recordar que o

que quer que fosse que ele viu não valia o tempo nem o esforço.

— Eu costumava ter o cabelo cor-de-rosa - disse eu ao Sete.

— Eu costumava ter um emprego a sério - respondeu ele.

— O que aconteceu? Ele encolheu os ombros.

— Pinte o cabelo de cor-de-rosa. O que te aconteceu a ti? - Deixei crescer o meu -

respondi.

O Sete limpou o que eu tinha entornado sem me aperceber.

— Nunca ninguém está satisfeito com o que tem - disse ele.

A Anna está sentada sozinha à mesa da cozinha, a comer uma taça de cereais

Golden Grahams. Os seus olhos abrem-se de espanto por me ver com o pai, mas é apenas

isso que ela mostra.

— Incêndio ontem à noite, há? - diz ela fungando. Brian percorre a cozinha e dá-

lhe um abraço.

— Um dos grandes.

— O incendiário? - Duvido. Ele actua em edifícios vazios e este tinha uma criança

lá dentro.

— Que tu salvaste - adivinha a Anna.

— Podes crer - ele olha para mim. - Pensei em levar a Julia ao hospital. Queres vir?

Ela olha para baixo, para dentro da taça.

— Não sei.

— Então? - Brian levanta-lhe o queixo. - Ninguém te vai impedir de veres a Kate.

— Também ninguém vai ficar muito entusiasmado por me ver ali - diz ela.

O telefone toca, e ele atende. Fica a ouvir por um momento, e depois sorri.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 137*

— Isso é ótimo. Sim, é claro que vou para aí - passa o telefone à Anna. - A Mãe

quer falar contigo - diz ele, e desculpa-se para ir mudar de roupa.

Anna hesita, e depois agarra o auscultador. Os seus ombros encurvam-se, um

pequeno cubículo de privacidade pessoal.

— Está? - e depois suavemente. - A sério? Foi? Passados alguns momentos, ela

desliga. Senta-se e come outra colher de cereais e, em seguida, afasta a taça.

— Era a tua mãe? - pergunto eu, sentando-me à sua frente.

— Sim. A Kate está acordada - diz a Anna.

— São boas notícias.

— Supostamente.

Ponho os cotovelos em cima da mesa.

— Por que não haveriam de ser boas notícias? Mas a Anna não responde à minha

pergunta.

— Ela perguntou-me onde eu estava.

— A tua mãe? - A Kate.

— Já falaste com ela sobre o teu processo legal, Ana? Ignorando-me, ela agarra na

caixa dos cereais e começa a enrolar o invólucro de plástico interior.

— Estão moles - diz ela. - Nunca ninguém tira o ar todo ou fecha bem a caixa.

— Já alguém disse à Kate o que está a acontecer? A Anna tenta inserir a lingueta

de cartão na ranhura, em vão.

— Nem sequer gosto de Golden Grahams - quando volta a tentar, a caixa cai-lhe

das mãos e o seu conteúdo espalha-se pelo chão.

— Bolas - ela rasteja por debaixo da mesa, tentando apanhar os cereais com as

mãos.

Ponho-me no chão com a Anna e observo-a a enfiar mãos-cheias para dentro do

invólucro.

— Podemos sempre comprar mais antes que a Kate chegue a casa - digo eu

suavemente.

A Anna pára e olha para cima. Sem o véu desse segredo, ela parece muito mais

nova.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 138*

— Julia? E se ela me odiar? Ponho uma madeixa de cabelo para trás da orelha da

Anna.

— E se não odiar? - O resultado final - explicou o Sete na noite anterior - é que

nunca nos apaixonamos pelas pessoas que devemos.

Olhei para ele, suficientemente intrigada para arranjar coragem para erguer o

rosto do sítio do bar onde estava colado.

— Não sou só eu? - Bolas, não - ele pousou um conjunto de copos limpos. Pensa

um bocado: Romeu e Julieta contrariaram o sistema, e vê só o que ganharam com isso. O

Super-Homem anda atrás da Lois Lane, quando o seu par mais apropriado seria, é claro, a

Super-Mulher. Dawson e Joey - será que é preciso continuar? E não me faças falar do

Charlie Brown e da menina ruiva.

— Então e tu? - pergunto eu. Ele encolheu os ombros.

— Tal como disse, acontece a toda a gente - apoiando os cotovelos no balcão,

aproximou-se o suficiente para que eu visse as raízes escuras na base do seu cabelo

magenta. - No meu caso, foi Linden.

— Eu também me separei de uma pessoa com nome de árvore, -  
solidarizei-me. -

Rapaz ou rapariga? Ele sorriu afectadamente.

— Nunca hei-de dizer.

— Então o que é que a tornava inadequada para ti? Sete suspirou.

— Bem, ela...

— Ha! Disseste ela! Ele revirou os olhos.

— Sim, Detective Julia. Puseste-me fora deste estabelecimento gay.  
Estás

satisfeita? - Nem por isso.

— Mandei a Linden de volta para a Nova Zelândia. A autorização de  
permanência

caducou. Era isso ou então casarmos.

— O que tinha ela de errado? - Absolutamente nada - confessou  
Sete. - Limpava

como uma fada; nunca me deixou lavar um prato; ouvia tudo o que  
eu tinha a dizer; era

um furacão na cama. Era doida por mim e, acredites ou não, eu era  
o homem certo para

ela: era, do gênero, noventa e oito por cento perfeito.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 139*

— Então e os outros dois por cento? - Sei lá - começou a empilhar os copos

limpos do outro lado do bar. - Faltava alguma coisa. Não te saberia dizer o quê, se

perguntasses, mas não batia certo. E se pensarmos numa relação como um ser vivo, acho

que é diferente se os dois por cento que faltam forem, sei lá, uma unha. Mas quando é o

coração, isso é uma coisa completamente diferente - ele voltou-se para mim. - Não chorei

quando ela entrou no avião. Ela viveu comigo durante quatro anos, e, quando se foi

embora, não senti grande coisa.

— Bem, eu tinha o outro problema - disse-lhe eu. - Tinha o coração da relação, e

nenhum corpo onde ele pudesse crescer.

— E o que é que aconteceu? - Que haveria de ser - disse eu. - Despedaçou-se.

A ironia ridícula é que o Campbell se sentiu atraído por mim porque eu era

diferente de toda a gente no Colégio Wheeler; e eu senti-me atraída pelo Campbell

porque queria desesperadamente uma ligação com alguém. Houve comentários, eu soube,

e olhares que os seus amigos nos enviavam enquanto tentavam perceber por que razão

estaria o Campbell a perder o seu tempo com alguém como eu. Sem dúvida, pensavam

que era uma queca fácil.

Mas nós não estávamos a fazer isso. Encontrávamo-nos depois das aulas, no

cemitério. Por vezes falávamos de poesia um com o outro. Uma vez, tentámos ter uma

conversa inteira sem utilizar a letra "s". Sentámo-nos, costas contra costas, e tentámos ler

os pensamentos um do outro - fingindo ser clarividentes, quando fazia todo o sentido que

a sua mente estivesse preenchida comigo e a minha estivesse preenchida com ele.

Eu adorava o cheiro dele sempre que a sua cabeça se aproximava para ouvir o que

eu dizia - como o sol a bater na face de um tomate, ou sabão a secar em cima de um

carro. Adorava sentir a sua mão na minha coluna. Adorava.

— E se - disse eu uma noite, roubando a respiração da beira dos seus lábios - o

fizéssemos? Ele estava deitado de costas, observando a lua a embalar-se num berço de

estrelas. Tinha uma mão em cima da cabeça, e a outra segurava-me contra o seu peito.

— Fizéssemos o quê? Não respondi, limitei-me a erguer-me sobre um cotovelo e a

beijá-lo tão profundamente que o terreno cedeu.

— Oh - disse o Campbell numa voz rouca. - Isso.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 140*

— Já alguma vez fizeste? Ele limitou-se a sorrir. Eu pensei que talvez ele tivesse

comido a Muffy, ou a Buffy, ou a Puffy, ou as três, no banco dos suplentes do basebol no

Wheeler, ou depois de uma festa, quando os dois ainda cheirassem ao bourbon do papá.

Interroguei-me porque não tentava ele dormir comigo, então. Presumi que era porque eu

não era a Muffy, nem a Buffy, nem a Puffy, mas apenas a Julia Romano, que não era

suficiente.

— Não queres? Era um daqueles momentos em que eu sabia que não estávamos a

ter a conversa que precisávamos de ter. E como eu não sabia de facto o que dizer, nunca

antes tendo ultrapassado esta específica fronteira entre pensamento e acto, coloquei a

mão na saliência compacta nas suas calças. Ele afastou-se de mim.

— Jóia - disse ele -, não quero que penses que estou aqui por causa disso.

Deixem-me dizer-vos isto: se encontramos um solitário, independentemente

daquilo que diga, não se trata de gostar da solidão. É porque já tentou integrar-se no

mundo antes, e as pessoas continuam a desiludi-lo.

— Então porque é que estás aqui? - Porque tu sabes todas as deixas do American

Pie - disse o Campbell. - Porque quando sorris, quase consigo ver aquele dente de um dos

lados que está torto - ele olhava fixamente para mim. - Porque não te assemelhas a

ninguém que alguma vez tivesse conhecido.

— Amas-me? - sussurrei.

— Não acabei de dizer isso? Desta vez, quando alcancei os botões das suas calças

de ganga, ele não se afastou. Na palma da minha mão, ele estava tão quente que achei

que deixaria uma cicatriz. Ao contrário de mim, ele sabia o que fazer. Ele beijou e deslizou,

empurrou, abriu-me de par em par. Depois ficou completamente imóvel.

— Não me disseste que eras virgem - disse ele.

— Não perguntaste.

Mas tinha presumido. Ele estremeceu e começou a mover-se dentro de mim,

numa poesia de membros. Eu ergui os braços para me agarrar à lápide atrás de mim,

palavras que consigo ver com o olho da minha mente: Nora Deane, n. 1832, f. 1838.

— Jóia - sussurrou ele, quando terminou. - Pensei...

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 141*

— Eu sei o que pensaste - interroguei-me sobre o que aconteceria quando nos

oferecemos a alguém, e essa pessoa nos abre, descobrindo que não somos o presente que

esperava, mas terá de sorrir, e acenar com a cabeça, e agradecer-nos na mesma.

Culpo inteiramente o Campbell pela minha pouca sorte nos relacionamentos. É

embaraçoso admiti-lo, mas fiz sexo com apenas outros três homens e meio, e nenhum

deles representou uma melhoria significativa em relação à minha primeira experiência.

— Deixa-me adivinhar - disse o Sete ontem à noite. - O primeiro foi para esquecer.

O segundo era casado.

— Como é que sabes? Ele riu.

— Porque és um clichê.

Desenhei círculos com o mindinho no meu Martini. Era uma ilusão de óptica,

fazendo o dedo parecer cortado e torto.

— O outro era do Club Med, um instrutor de windsurf.

— Esse deve ter valido a pena - disse o Sete.

— Ele era absolutamente magnífico - respondi. - E tinha uma pila do tamanho de

uma salsicha de cocktail.

— Ui.

— Na realidade - divaguei -, não se conseguia sentir. Sete sorriu.

— Portanto ele era o meio. Fiquei vermelha como um tomate.

— Não, esse era outro. Não sei como se chamava - admiti. Acordei mais ou menos

com ele em cima de mim, depois de uma noite como esta.

— Tu - proferiu o Sete - és um acidente de comboio na história do sexo.

Mas isso não é verdade. Um comboio que descarrila é um acidente. Eu salto para

cima dos carris. Até me amarro a mim própria em frente da locomotiva a todo o vapor. Há

uma parte de mim ilógica que ainda acredita que, se queremos que o Super-Homem

apareça, primeiro tem de haver alguém que valha a pena salvar.

Kate Fitzgerald é um fantasma que está apenas à espera de o ser. A sua pele é

quase translúcida, o seu cabelo é tão claro que se mistura com a fronha da almofada.

— Como estás, querida? - murmura Brian, e inclina-se para beijá-la na testa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 142*

— Acho que vou ter de desistir da competição do Homem de Ferro - graceja a

Kate.

Anna está hesitante à porta, à minha frente; Sara estende a mão. Era deste

encorajamento que a Anna precisava para saltar para cima do colchão da Kate e, na minha

mente, assinalo este gesto de mãe para filha. Então, Sara vê-me de pé à porta.

— Brian - diz ela -, o que está ela aqui a fazer? Espero que Brian explique, mas ele

não parece muito disposto a dizer uma palavra. Portanto colo um sorriso no rosto e

avanço.

— Soube que a Kate estava a sentir-se melhor hoje, e pensei que poderia ser uma

boa altura para falar com ela.

A Kate debate-se para se apoiar nos cotovelos.

— Quem é você? Espero que Sara se oponha, mas é a Anna que fala.

— Não acho uma boa idéia - diz ela, embora saiba que foi essa a razão por que

vim cá. - Quero dizer, a Kate ainda está bastante doente.

Demoro um momento, mas depois percebo: na vida da Anna, toda a gente que

fala com a Kate fica do lado dela. Ela está a fazer o que pode para me impedir de desertar.

— Sabem, a Anna tem razão - apressa-se a acrescentar Sara. A Kate apenas

superou uma etapa.

Coloco a mão no ombro da Anna.

— Não te preocupes - depois dirijo-me à mãe. - É do meu conhecimento que

queria que esta audiência..

Sara interrompe.

— Sr. a Romano, podemos conversar lá fora? Vamos para o corredor, e Sara espera

que uma enfermeira passe com um tabuleiro de plástico cheio de agulhas.

— Eu sei o que pensa de mim.

— Sr.a Fitzgerald... Ela abana a cabeça.

— Está a defender a Anna, e deve fazê-lo. Já fui advogada, e compreendo. É o seu

trabalho, e parte dele é descobrir o que é que nos torna naquilo que somos - esfrega a

testa com um punho. - O meu trabalho é tomar conta das minhas filhas. Uma delas está

extremamente doente, e a outra está extremamente infeliz. E talvez eu ainda não saiba

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 143*

bem como, mas. . sei que a Kate não ficará melhor se descobrir que está aqui porque a

Anna ainda não retirou o processo legal dela. Portanto peço-lhe que também não lhe diga

nada. Por favor.

Aceno lentamente com a cabeça, e Sara volta-se para regressar ao quarto da Kate.

com a mão na porta, ela hesita.

— Eu amo-as às duas - diz ela, uma equação que eu devo saber resolver.

Disse ao Sete, o empregado de bar, que o verdadeiro amor é criminoso.

— Se forem maiores de dezoito anos, não - disse ele, fechando a gaveta da caixa

registadora.

Por essa altura, o próprio bar tinha-se tornado num apêndice, um segundo tronco

a prender o meu primeiro.

— Tiras o fôlego a alguém - enfatizei. - Roubas a essa pessoa a capacidade de

dizer uma palavra - inclinei o gargalo da garrafa vazia na sua direcção. - Furtas um

coração.

Ele limpou o balcão à minha frente com um pano da loiça.

— Qualquer juiz encerraria esse caso de caras.

— Terias uma surpresa.

Sete abriu o pano sobre a barra de latão para secar. - A mim, parece-me um delito

menor.

Deitei a face em cima da madeira fresca e húmida.

— Nem pensar - disse eu. - Uma vez que entras, é para toda a vida.

Brian e Sara levam a Anna à cantina. Fico a sós com a Kate, que é imensamente

curiosa. Imagino que o número de vezes que a mãe saiu de ao pé dela de livre vontade é

algo que ela pode contar pelos dedos das duas mãos. Explico que estou a ajudar a família

a tomar algumas decisões sobre os seus cuidados de saúde.

— Comité de Ética? - a Kate tenta adivinhar. - Ou pertence ao departamento legal

do hospital? Parece uma advogada.

— Que aspecto tem uma advogada? - Mais ou menos como uma médica, quando

não nos quer dizer o que as nossas análises demonstram.

Puxo uma cadeira.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 144*

— Bem, fico satisfeita por saber que hoje estás melhor.

— Sim. Aparentemente, ontem estava bastante mal - diz a Kate.

— Tão drogada que confundia o Ozzy e a Sharon com o Ozni e a Harriet.

— Sabes qual é a tua situação, clinicamente, neste momento? Kate acena com a

cabeça.

— Depois do transplante de medula óssea, tive a doença do enxerto contra o

hospedeiro - o que até é bom, porque desanca a leucemia, mas também faz algumas

coisas esquisitas à pele e aos órgãos. Os médicos deram-me esteróides e ciclosporina para

controlar isso, e resultou, mas também acabou por danificar os meus rins, que são a

emergência do mês. É mais ou menos assim que as coisas funcionam - quando se tapa um

buraco abre-se logo outro. Há sempre alguma coisa a desmoronar-se dentro de mim.

Ela diz isto casualmente, como se eu lhe tivesse perguntado como estava o tempo

ou qual era a ementa do hospital. Poderia perguntar-lhe se ela já tinha falado com os

nefrologistas sobre o transplante de rim, e se ela tem algum sentimento específico por ser

submetida a tantos tratamentos dolorosos. Mas isto é precisamente o que a Kate está à

espera que eu lhe pergunte, e é provavelmente por essa a razão que a pergunta que sai da

minha boca é completamente diferente.

— O que queres ser quando cresceres? - Nunca ninguém me pergunta isso - ela

olha cuidadosamente para mim. - O que é que a faz pensar que eu vou crescer? - O que te

faz pensar que não vais? Não é por isso que fazes tudo isto? Mesmo quando penso que

ela não me vai responder, fala.

— Sempre quis ser bailarina - o seu braço ergue-se, num débil arabesco. - Sabe o

que é que as bailarinas têm? "Distúrbios alimentares", penso eu.

— Controlo absoluto. No que diz respeito aos seus corpos, elas sabem

exactamente o que vai acontecer, e quando - a Kate encolhe os ombros, regressando a

este momento, a este quarto de hospital. - É assim - diz ela.

— Fala-me do teu irmão. A Kate começa a rir.

— Ainda não teve o prazer de o conhecer, então.

— Ainda não.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 145*

— Pode facilmente formar uma opinião sobre o Jesse nos primeiros trinta

segundos que estiver com ele. Ele mete-se em muitas coisas más onde não devia.

— Queres dizer álcool e drogas? - E não só - diz a Kate.

— Tem sido difícil para a tua família lidar com isso? - Bem, sim. Mas não acho

realmente que seja algo que ele faça de propósito. É a maneira que ele tem de chamar a

atenção, sabe? Quero dizer, imagine como seria ser um esquilo e viver no recinto dos

elefantes no jardim zoológico. Será que alguém vai lá e diz: "Reparem naquele esquilo"?

Não, porque há algo muito maior em que reparamos primeiro - a Kate passa os dedos por

um dos tubos que lhe saem do peito, para cima e para baixo. - Às vezes rouba em lojas,

outras embebedada-se. No ano passado, foi um falso alarme de antrax. É este o tipo de coisa

que o Jesse faz.

— E a Anna? A Kate começa a pregar o cobertor dobrando-o no colo.

— Houve um ano em que estive no hospital todos os feriados, mesmo nos

feriados como o Memorial Day. Não foi nada planeado, é claro, mas foi isso que

aconteceu. Tivemos uma árvore no meu quarto pelo Natal, e uma caça aos ovos da Páscoa

na cantina, e comemorámos o Dia das Bruxas na enfermaria de ortopedia. A Anna tinha

cerca de seis anos, e teve um ataque por não poder trazer fogos de artifício para o hospital

no Dia 4 de Julho - por causa das tendas de oxigênio - a Kate olha para mim. - Ela fugiu.

Não foi para longe nem nada - acho que foi para a recepção até que alguém a agarrou. Ia

procurar outra família, disse-me ela. Tal como disse, ela tinha apenas seis anos, e ninguém

a levou a sério. Mas eu compreendi perfeitamente a razão porque ela também pensava

nisso.

— Quando não estás doente, tu e a Anna dão-se bem? - Somos como quaisquer

irmãs, acho eu. Discutimos para ver quem põe a tocar os CDs de quem; falamos sobre

rapazes giros; roubamos o verniz das unhas bom uma à outra. Ela mexe nas minhas coisas

e eu grito; eu mexo nas coisas dela e ela deita a casa abaixo. Às vezes ela é fantástica.

Outras vezes, quem me dera que nunca tivesse nascido.

Isso é tão notoriamente familiar que sorrio.

— Tenho uma irmã gêmea. Cada vez que costumava dizer isso, a minha mãe

perguntava-me se eu conseguia verdadeiramente imaginar ser filha única.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 146*

— Conseguia? Rio-me.

— Oh. . sem dúvida que houve alturas em que conseguia imaginar a vida sem ela.

A Kate não esboça um sorriso.

— Está a ver - diz ela -, a minha irmã é que sempre teve de imaginar a vida sem

mim.

## Sara

1996 Aos oito anos, a Kate é um longo emaranhado de braços e pernas,

assemelhando-se por vezes mais a uma criatura feita de raios solares e limpadores de

cachimbo do que a uma rapariguinha. Espreito para dentro do seu quarto pela terceira vez

naquela manhã, para a encontrar outra vez com uma roupa diferente. Desta vez é um

vestido, branco com cerejas vermelhas estampadas.

— Vais chegar atrasada à tua própria festa de aniversário - digo-Lhe eu.

Abrindo caminho através da parte de cima, a Kate despe o vestido.

— Pareço um gelado de fruta com creme.

— Há coisas piores - faço notar.

— Se fosses eu, usavas a saia cor-de-rosa ou a das riscas? Olho para ambas,

espalhadas no chão.

— A cor-de-rosa.

— Não gostas da das riscas? - Então usa essa.

— vou vestir o vestido das cerejas - decide ela, e volta-se para o apanhar. Na parte

de trás da sua coxa há uma equimose do tamanho de uma moeda de cinquenta cêntimos,

uma cereja que passou através do tecido.

— Kate - pergunto eu -, o que é isso? Torcendo-se, ela olha para o sítio que

aponto.

— Devo ter batido aí.

A Kate tem estado em remissão há cinco anos. De início, quando o transplante de

sangue do cordão umbilical parecia estar a funcionar, estava sempre à espera que alguém

me dissesse que isso não passava de um erro. Quando a Kate se queixou de dores no pé,

apressei-me a levá-la ao Dr. Chance, certa de que se tratava da dor óssea indicadora de

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 147*

ressurgimento, para verificar depois que os seus tênis já eram demasiado pequenos.

Quando ela caía, em vez de lhe beijar os arranhões, perguntava-lhe se as suas plaquetas

estavam a funcionar.

Uma equimose surge quando há hemorragia nos tecidos debaixo da pele,

habitualmente - mas nem sempre - em resultado de um traumatismo.

Passaram-se cinco anos inteiros. Já tinha referido isso? A Anna espreita para

dentro do quarto.

— O papá diz que o primeiro carro acabou de chegar e que se a Kate quiser

descer vestindo um saco de farinha ele não se rala. O que é um saco de farinha? A Kate

acaba de enfiar o vestido de Verão pela cabeça, e depois puxa a saia para cima e esfrega a

equimose.

— Hum - diz ela.

Lá em baixo, há vinte e cinco miúdos da segunda classe, um bolo com a forma de

um unicórnio, e um rapaz da faculdade das redondezas que foi contratado para fazer

espadas, ursos, e coroas a partir de balões. A Kate abre os presentes - colares feitos de

contas brilhantes, estojos de pintura, parafernália da Barbie. Ela deixa a caixa maior para o

fim - a que eu e o Brian lhe comprámos. Dentro de um aquário redondo, nada um

peixinho vermelho de cauda de véu.

A Kate sempre quisera ter um animal de estimação. Mas o Brian é alérgico aos

gatos, e os cães precisam de muita atenção, o que nos levou a esta escolha. A Kate não

podia estar mais feliz. Andou com ele atrás o resto da festa. Pôs-lhe o nome de Hércules.

Depois da festa, quando estamos a limpar, dou por mim a olhar para o peixinho

vermelho. Brilhante como uma moeda, nada em círculos, feliz por não ir a lado nenhum.

São precisos apenas trinta segundos para nos apercebermos de que vamos

cancelar todos os nossos planos, apagar tudo o que fomos suficientemente ousados para

marcar no nosso calendário. São precisos sessenta segundos para percebermos que,

mesmo que tenhamos sido levados a pensar que sim, nós não temos uma vida normal.

Uma aspiração de medula de rotina - que tínhamos marcado muito antes de eu ter

visto aquela equimose - revelou que havia alguns promielócitos anormais a flutuarem. Em

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 148*

seguida, um teste de reacção em cadeia da polimerase - que permite o estudo do ADN -

demonstrou que os cromossomas 15 e 17 estavam translocados na Kate.

Tudo isto significa que a Kate agora se encontra em recaída molecular, e os

sintomas clínicos não poderão estar muito longe. Talvez ela não apresente blastos durante

um mês. Talvez não encontremos sangue na sua urina e fezes durante um ano. Mas

acontecerá, inevitavelmente.

Eles dizem essa palavra, recaída, como se dissessem aniversário ou prazo fiscal,

algo que acontece tão rotineiramente que se tornou parte do nosso calendário interno,

quer queiramos quer não.

O Dr. Chance explicou-nos que este é um dos grandes debates da oncologia - será

que devemos consertar uma roda que não está partida, ou será que devemos esperar até

que a carroça caia? Ele recomenda que administremos Ácido Trans-Retinóico à Kate. Vem

sob a forma de um comprimido com metade do tamanho do meu polegar, e foi

basicamente roubado aos médicos chineses antigos, que já o usavam há anos. Ao

contrário das quimioterapias, que entram e matam tudo o que se  
atravesse no seu

caminho, o ATR dirige-se directamente ao cromossoma 17. Uma vez  
que a translocação

dos cromossomas 15 e 17 é o que em parte impede a maturação  
correcta dos

promielócitos, o ATR ajuda a desenrolar os genes que se ligaram uns  
aos outros. . e a

impedir que as anomalias se desenvolvam.

O Dr. Chance diz que o ATR pode fazer com que a Kate entre de  
novo em

remissão.

Por outro lado, ela pode desenvolver uma resistência a ele.

— Mãe? - o Jesse entra na sala, onde eu estou sentada no sofá. Já  
estou ali há

duas horas. Não consigo levantar-me e fazer as coisas que devo  
fazer, porque para que é

que vou empacotar os almoços para a escola, ou fazer uma batinha  
num par de calças, ou

até mesmo pagar a conta do aquecimento? - Mãe - diz outra vez o  
Jesse. - Não te

esqueceste, pois não? Olho para ele como se estivesse a falar grego.

— De quê? - Disseste que me compravas umas chuteiras novas  
depois de irmos ao

ortodontista. Tu prometeste.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 149*

Pois prometi. Porque o futebol começa daqui a dois dias, e o par antigo já não

serve ao Jesse. Mas agora já não sei se me consigo arrastar até ao consultório de

ortodontia, onde a recepcionista sorrirá para a Kate e dir-me-á, como de costume, que os

meus filhos são lindos. E há algo na idéia de ir à Autoridade Desportiva que me parece

francamente obsceno.

— vou cancelar a consulta de ortodontia - digo eu.

— Fixe! - ele sorri, com a boca metalizada a brilhar. - Podemos ir agora comprar as

chuteiras? - Agora não é uma boa altura. -Mas. .

— Jesse. Desiste. Da. Idéia.

— Não posso jogar se não me comprares sapatos novos. E nem sequer estás a

fazer nada. Estás só aí sentada.

— A tua irmã - digo eu calmamente - está incrivelmente doente. Desculpa por isso

interferir com a tua consulta no dentista ou com a tua idéia de ir comprar um par de

chuteiras. Mas essas coisas não têm o mesmo nível de importância na esfera das coisas

essenciais neste momento. Visto teres dez anos, pensei que talvez pudesses crescer o

suficiente para te aperceberes de que o mundo inteiro nem sempre gira à tua volta.

O Jesse olha pela janela, onde a Kate está escarranchada em cima de um ramo de

carvalho, ensinando à Anna como trepar às árvores.

— Pois, está bem, ela está doente - diz ele. - Por que é que não cresces tu? Por

que é que não te apercebes de que o mundo não gira à volta dela? Pela primeira vez na

vida começo a compreender como um pai pode bater num filho - é porque conseguimos

olhar para os seus olhos e ver um reflexo de nós próprios que desejaríamos não possuir. O

Jesse corre lá para cima e bate com a porta do seu quarto.

Fecho os olhos, respiro fundo algumas vezes. E ocorre-me a idéia: nem toda a

gente morre de velhice. As pessoas são atropeladas por carros. As pessoas sofrem

acidentes de avião. As pessoas sufocam por causa de amendoins. Não há garantias de

nada, muito menos do futuro de alguém.

Com um suspiro subo as escadas, bato à porta do quarto do meu filho. Ele

descobriu a música recentemente; vibra através da estreita linha de luz debaixo da porta.

Quando o Jesse baixa o som da aparelhagem as notas esbatem-se abruptamente.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 150*

— O que é? - Queria falar contigo. Queria pedir-te desculpa.

Há um tumulto do outro lado da porta, e depois ela abre-se bruscamente. A boca

do Jesse está cheia de sangue, um batom de vampiro; há pedaços de arame espetados

como alfinetes de costura. Reparo no garfo que ele tem na mão, e apercebo-me de que foi

isso que ele utilizou para tirar o aparelho dos dentes.

— Agora já não tens de me levar a lado nenhum.

Passam-se duas semanas em que a Kate está a ser tratada com o ATR.

— Sabias - diz o Jesse um dia, enquanto eu preparo o comprimido dela - que uma

tartaruga gigante pode viver 177 anos? - ele está numa fase do Ripley's Believe It or Not. -

Uma amêijoia do Ártico pode viver 220 anos.

A Anna está sentada em frente à bancada, a comer manteiga de amendoim com

uma colher.

— O que é uma amêijoa do Ártico? - O que é que isso interessa? - diz o Jesse. -

Um papagaio pode viver oitenta anos. Um gato pode viver trinta.

— Então e o Hércules? - pergunta a Kate.

— No meu livro diz que, bem tratado, um peixinho vermelho pode viver sete anos.

O Jesse observa a Kate a colocar o comprimido na língua, e a beber um gole de

água para o engolir.

— Se fosses o Hércules - diz ele -, já estavas morta.

O Brian e eu sentamo-nos nas nossas respectivas cadeiras no consultório do Dr.

Chance. Passaram-se cinco anos, mas os assentos adaptam-se como uma velha luva de

basebol. Até as fotografias na secretária do oncologista permanecem as mesmas - a

mulher usa o mesmo chapéu de abas largas num molhe rochoso de Newport; o filho ficou

parado nos seis anos, segurando numa truta mosqueada - contribuindo para a sensação

de que, ao contrário do que eu pensava, nunca chegámos a sair daqui.

O ATR resultou. Durante um mês, a Kate reverteu para a remissão molecular. E

depois uma CCCS demonstrou que havia mais promielócitos no seu sangue.

— Podemos continuar a administrar-lhe ATR - diz o Dr. Chance -, mas acho que o

seu insucesso nos diz que ela já não está a reagir ao tratamento.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 151*

— E um transplante de medula? - Isso é arriscado - sobretudo para uma criança

que ainda não apresenta sintomas de uma recaída clínica totalmente desenvolvida - o Dr.

Chance olha para nós. - Podemos tentar uma outra coisa primeiro. Chama-se uma infusão

de linfócitos de dador uma ILD. Por vezes uma transfusão de glóbulos brancos de um

dador compatível ajuda os clones originais de células sanguíneas do cordão umbilical a

lutarem contra as células leucémicas.

Pensem neles como um exército de apoio, agüentando a linha da frente.

— Isso vai fazer com que entre em remissão? - pergunta o Brian. O Dr. Chance

abana a cabeça.

— É uma medida de recurso - a Kate terá, muito provavelmente, uma recaída

completa - mas isso vai fazer-nos ganhar tempo para que ela recupere as suas defesas

antes de nos precipitarmos a proceder a um tratamento mais agressivo.

E quanto tempo vai demorar para arranjar os linfócitos? - pergunto eu.

O Dr. Chance vira-se para mim.

— Depende. Quando é que pode trazer a Anna? Quando as portas do elevador se

abrem há apenas uma pessoa lá dentro, um homem sem-abrigo com óculos de um azul

eléctrico e seis sacos de plástico cheios de trapos.

— Feche as portas, bolas - grita ele assim que entramos. - Não vê que sou cego?

Carrego no botão para a recepção.

— Posso trazer a Anna depois da escola. O jardim infantil acaba ao meio-dia,

amanhã.

— Não mexa no meu saco - rosna o sem-abrigo.

— Não mexi - respondi, de forma ausente e educada.

— Acho que não devias - diz o Brian.

— Nem sequer estou perto dele! - Sara, referia-me à ILD. Acho que não devias

trazer a Anna para doar sangue.

Sem nenhuma razão, o elevador pára no décimo primeiro andar, e depois as

portas fecham-se de novo.

O sem-abrigo começa a esgravatar nos seus sacos de plástico.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 152*

— Quando tivemos a Anna - lembro ao Brian -, sabíamos que ela ia ser dadora da

Kate.

— Uma vez. E ela não tem nenhuma lembrança de lhe fazermos isso.

Espero até que ele olhe para mim.

— Tu darias sangue à Kate? - Credo, Sara, que tipo de pergunta..

— Eu também. Eu dar-lhe-ia metade do meu coração, por amor de Deus, se isso

ajudasse. Fazes aquilo que tens a fazer, quando se trata de pessoas que amas, não fazes? -

o Brian baixa a cabeça, concorda. - O que te faz pensar que a Anna não o faria? As portas

do elevador abrem-se, mas o Brian e eu ficamos lá dentro, a olhar um para o outro. O

sem-abrigo passa entre nós, com o seu prêmio a fazer ruído nas mãos.

— Parem de gritar - berra ele, embora nós estejamos em completo silêncio. - Não

vêem que sou surdo? Para a Anna é uma festa. A mãe e o pai estão com ela, sozinhos. Ela

tem direito a agarrar em ambas as nossas mãos todo o percurso ao longo do parque de

estacionamento. Vamos para um hospital, e depois? Expliquei-lhe que a Kate não estava a

sentir-se bem, e que os médicos precisavam de tirar uma coisa da Anna para a dar à Kate

para que ela se sentisse melhor. Achei que essa informação era mais do que suficiente.

Esperamos na sala de exames, a colorir desenhos de pterodáctilos e Tiranossauros

Rex.

— Hoje no intervalo para lanchar o Ethan disse que os dinossáurios morreram

todos porque estavam constipados - diz a Anna -, mas ninguém acreditou nele.

O Brian sorri.

— Porque achas tu que eles morreram? - Porque, dah, tinham um milhão de anos

- ela olha para ele.

— Nessa altura havia festas de anos? A porta abre-se, e a hematologista entra.

— Olá a todos. Mãe, quer segurá-la no seu colo? Portanto eu trepo para cima da

mesa e instalo a Anna nos meus braços. O Brian posiciona-se atrás de nós, para poder

agarrar no ombro e no cotovelo da Anna e mantê-la imobilizada.

— Estás pronta? - pergunta a médica à Anna, que ainda está a sorrir.

E depois agarra numa seringa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 153*

— É só uma picadinha - promete a médica, precisamente as palavras erradas, e a

Anna começa a debater-se. Os seus braços atingem-me no rosto, na barriga. O Brian não

consegue dominá-la. Por cima dos berros, ele grita-me: - Pensei que lhe tivesses dito! A

médica, que tinha saído da sala sem que eu reparasse, regressa com várias enfermeiras a

reboque.

— Os miúdos e a flebotomia nunca se deram bem - diz ela enquanto as

enfermeiras tiram a Anna do meu colo e a acalmam com as suas mãos suaves e com as

suas palavras ainda mais suaves.

— Não te preocupes; nós somos profissionais.

É um déjà vu, tal e qual o dia em que a Kate foi diagnosticada. Tem cuidado com o

que desejas, penso eu. A Anna é exactamente igual à irmã.

Estou a aspirar o quarto das raparigas quando o cabo do Electrolux bate no

aquário do Hércules e o peixe sai a voar. O vidro não se parte, mas demoro um tempo

para o encontrar, a debater-se em seco no tapete debaixo da secretária da Kate.

— Aguenta-te aí, amigo - sussurro, e atiro-o para dentro do aquário. Encho-o com

água no lavatório da casa de banho.

Ele flutua ao de cima. Não, penso eu. Por favor.

Sento-me na beira da cama. Como é que eu vou dizer à Kate que matei o peixe

dela? Será que ela vai reparar se eu for à loja dos animais e comprar um substituto? De

repente, a Anna está ao meu lado, de regresso a casa depois de uma manhã no jardim

infantil.

— Mamã? Por que é que o Hércules não se mexe? Eu abro a boca, com uma

confissão a derreter-se na língua. Mas nesse momento, o peixinho vermelho estremece

lateralmente, mergulha, e começa novamente a nadar.

— Pronto - digo eu. - Ele está ótimo.

Quando cinco mil linfócitos parecem não ser suficientes, o Dr. Chance pede dez

mil. A consulta da Anna para uma segunda colheita de linfócitos de dador calha mesmo

em cheio na festa de anos de uma rapariga da sua turma, no ginásio. Concordo em deixá-

la ir por um bocadinho, e depois dirijo-me do ginásio ao hospital, de carro.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 154*

A rapariga é uma princesa feita de açúcar com cabelos louros tão claros como os

de uma fada, uma pequena réplica da sua mãe. Quando tiro os sapatos para caminhar em

cima do chão almofadado, tento desesperadamente lembrar-me dos seus nomes. A

criança chama-se. . Mallory. E a mãe é. . Monica? Margaret? Vejo a Anna imediatamente,

sentada no trampolim enquanto um instrutor os faz saltar para cima e para baixo como

pipocas. A mãe vem ter comigo, com um sorriso pendurado no rosto como uma fileira de

luzes de Natal.

— Você deve ser a mãe da Anna. Eu sou a Mittie - diz ela. - Tenho muita pena que

ela tenha de se ir embora, mas é claro, nós entendemos. Deve ser espantoso ir a um sítio

onde nunca ninguém vai.

Ao hospital? - Bem, espero que nunca tenha de fazer o mesmo.

— Oh, eu sei. Eu tenho tonturas quando ando de elevador - ela vira-se para o

trampolim. - Anna, querida! A tua mãe está aqui! A Anna rebola pelo chão almofadado. É

exactamente isto que eu queria fazer à minha sala de estar quando os miúdos eram todos

pequenos: almofadar as paredes, o chão e o tecto para os proteger. E afinal eu até podia

ter embrulhado a Kate em plástico com bolhas de ar, que o perigo já estava debaixo da

sua pele.

— O que é que se diz? - incito, e a Anna agradece à mãe da Mallory.

— Oh. de nada - ela entrega à Anna um pequeno saco de guloseimas. - Então,

diga ao seu marido que nos telefone quando quiser. Nós gostávamos muito de ficar com a

Anna enquanto vocês estiverem no Texas.

A Anna hesita enquanto ata um sapato.

— Mittie? - pergunto eu. - O que foi que a Anna lhe disse exactamente? - Que

tinha de se ir embora mais cedo para que toda a sua família a pudesse levar ao aeroporto.

Porque logo que comecem os treinos em Houston, não os verá até depois do vôo.

— Do vôo? - No vaivém espacial...

Por um momento fico estupefacta - por a Anna ter inventado uma história tão

ridícula, e por esta mulher ter acreditado nela.

— Eu não sou astronauta - confesso. - Nem sequer sei por que razão a Anna disse

uma coisa dessas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 155*

Puxo a Anna para cima, levantando-a, com um sapato ainda desapertado.

Arrastando-a para fora do ginásio, chegamos ao carro antes que eu diga uma palavra.

— Por que é que lhe mentiste? A Anna riposta: - Por que é que tivemos de nos ir

embora da festa? - Porque a tua irmã é mais importante do que bolo e gelado; porque eu

não posso fazer isto por ela; porque eu mandei.

Estou tão zangada que tenho de fazer duas tentativas para destrancar a carrinha.

— Pára de te comportares como uma miúda de cinco anos acuso-a, e depois

lembro-me de que é precisamente isso que ela é.

— Estava tanto calor - diz o Brian - que um serviço de chá de prata derreteu. Os

lápiz dobravam-se ao meio.

Olho por cima do jornal.

— Como é que começou? - Um gato e um cão a perseguirem-se um ao outro,

quando os donos estavam de férias. Ligaram um fogão de cozinha Jenn-Air. ele tira as

calças de ganga, e retrai-se. - Fiquei com queimaduras do segundo grau só por me

ajoelhar no telhado.

Está em carne viva, com bolhas. Observo-o a aplicar Neosporin e uma compressa.

Continua a falar, contando-me algo sobre um novato cuja alcunha é Caesar que acabou de

ingressar na sua companhia. Mas os meus olhos são atraídos para a coluna de

aconselhamento do jornal: Querida Abby, Cada vez que a minha sogra nos faz uma visita,

insiste em limpar o frigorífico. O meu marido diz que ela está apenas a tentar ajudar, mas

faz-me sentir como se estivesse a ser julgada. Ela transformou a minha vida num inferno.

Como é que hei-de deter esta mulher sem estragar o meu casamento? Cumprimentos,

Passada de Prazo de Validade, Seattle Que tipo de mulher considera isto o seu maior

problema? Imagino-a a escrever um bilhete para a Querida Abby em papel de carta

com mistura de alho. Interrogo-me se já terá sentido um bebê virar-se dentro dela, mãos e

pés minúsculos a andarem em círculos lentos, como se o interior de uma mãe fosse um

sítio a ser cuidadosamente cartografado.

— O que lêes com tanta atenção? - pergunta o Brian, aproximando-se para ler a

coluna por cima do meu ombro.

Abano a cabeça cepticamente.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 156*

— Uma mulher cuja vida está a ser destruída por marcas de frascos de geleia.

— Natas azedadas - acrescenta o Brian, rindo entre dentes.

— Alface estragada. Oh, meu Deus, como agüenta ela viver? nessa altura

começamos os dois a rir. Por contágio, basta olharmos um para o outro para nos rirmos

ainda mais.

E depois, tão depressa como isto teve graça, deixou de ter. Nem todos nós

vivemos num mundo onde o conteúdo do frigorífico é o barómetro da nossa felicidade

peçoal. Alguns de nós trabalhamos em edifícios que estão em chamas à nossa volta.

Alguns de nós têm filhas que estão a morrer.

— Uma merda de uma alface estragada - digo eu, com a voz a tremer. - Não é

justo.

Num instante, o Brian atravessa o quarto; envolve-me no seu abraço.

— Nunca é, querida - responde ele.

Um mês depois, regressamos para uma terceira doação de linfócitos. A Ana e eu

sentamo-nos nos nossos lugares no consultório do médico, à espera de sermos chamadas.

Passados alguns minutos, ela puxa-me a manga.

— Mamã - diz ela.

Eu olho para ela. A Anna está a balançar os pés. As suas unhas têm o verniz irisado

da Kate.

— O que foi? Ela sorri para mim.

— No caso de me esquecer de te dizer a seguir, não foi tão mau como eu julgava

que ia ser.

Um dia a minha irmã chega inesperadamente, e, com a permissão do Brian, leva-

me como por encanto para uma suite no Ritz Carlton em Boston.

— Podemos fazer tudo o que quiseres - diz-me ela. - Ir a museus, excursões da

Freedom Trail, ir jantar fora ao Harbour.

Mas o que eu quero mesmo é esquecer apenas, e portanto três horas mais tarde

estou sentada no chão ao seu lado, a acabar a nossa segunda garrafa de vinho de 100

dólares.

Agarro na garrafa pelo gargalo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 157*

— Podia comprar um vestido com isto.

A Zanne desdenha.

— No Filene's Basement, talvez - os seus pés estão em cima de uma cadeira de

brocado; o seu corpo está refastelado na carpete branca. Na televisão, a Oprah aconselha-

nos a minimizar as nossas vidas.

— E depois, quando apertas um magnífico Pinot Noir, nunca pareces gorda.

Olho para ela, sentindo subitamente pena de mim própria.

— Não. Agora não vais chorar. Chorar não está incluído na diária do hotel.

Mas de repente, só consigo pensar em como parecem estúpidas as mulheres no

programa da Oprah, com as suas agendas preenchidas e roupeiros a abarrotarem.

Interrogo-me o que terá o Brian feito para o jantar. Se a Kate está bem.

— vou telefonar para casa.

Ela ergue-se sobre um cotovelo.

— Tens direito a fazer um intervalo, sabes. Ninguém tem de ser mártir vinte e

quatro horas por dia, os sete dias da semana.

Mas eu ouço-a mal.

— Acho que uma vez que assinamos o contrato para ser mãe, esse é o único turno

que nos oferecem.

— Eu disse mártir - ri a Zanne. - E não mãe. Sorrio um pouco.

— Há alguma diferença? Ela tira-me o auscultador do telefone da mão.

— Não queres tirar a tua coroa de espinhos da mala antes? Repara bem no que

estás a dizer, Sara, e pára de ser uma diva do teatro dramático. Sim, tiveste pouca sorte.

Sim, é horrível ser tu própria.

A cor sobe às minhas faces.

— Não fazes idéia de como é a minha vida.

— Nem tu - diz a Zanne. - Tu não vives, Sara. Tu estás à espera que a Kate morra.

— Não estou. . - começo a dizer, mas depois paro. A verdade é que estou.

A Zanne acaricia-me o cabelo e deixa-me chorar.

— Às vezes é tão difícil - confesso, palavras que nunca disse a ninguém, nem

mesmo ao Brian.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 158*

— Desde que não seja sempre - diz a Zanne. - Querida, a Kate não vai morrer mais

cedo por beberes mais um copo de vinho, ou por passares uma noite num hotel, ou

porque te ris de uma piada seca. Portanto senta o rabo aí, aumenta o som e porta-te como

uma pessoa normal.

Olho em volta para a opulência do quarto, para o nosso cenário decadente de

garrafas de vinho e chocolates de morango.

— Zanne - digo eu, limpando os olhos -, isto não é o que as pessoas normais

fazem.

Ela segue o meu olhar.

— Tens toda a razão - agarra no comando da televisão, mudando de canal até

encontrar o Jerry Springer. - Assim está melhor? Desato a rir, ela ri comigo, e em breve o

quarto está a girar e nós estamos deitadas de costas, a olhar para cima para a cercadura

em relevo em forma de coroas no tecto. Lembro-me de repente de como, quando éramos

miúdas, a Zanne costumava andar à minha frente até à paragem de autocarro. Eu podia

correr para a apanhar - mas nunca o fiz. Queria apenas segui-la.

O riso sobe como vapor, nadando através das janelas. Depois de três dias de chuva

torrencial, os miúdos estão radiantes por estarem ao ar livre, a dar pontapés numa bola de

futebol com o Brian. Quando a vida é normal, é tão normal.

Eu entro no quarto do Jesse, tentando orientar-me através de peças de LEGO

espalhadas e livros de banda desenhada, para poder colocar as suas roupas lavadas em

cima da cama. Depois vou ao quarto da Kate e da Anna, e separo a roupa lavada e

dobrada.

Quando coloco as T-shirts da Kate na cômoda vejo-o: o Hércules está a nadar de

barriga para cima. Ponho a mão dentro do aquário e volto-o, segurando-lhe na cauda; ele

desliza suavemente por breves momentos e em seguida flutua lentamente em direcção à

superfície, com a barriga branca a arfar.

Lembro-me de o Jesse dizer que bem tratado, um peixe podia viver sete anos. Este

só durou sete meses.

Depois de ter levado o aquário para o meu quarto, agarro no telefone e marco o

número das informações.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 159*

— Petco - digo eu.

Quando me fazem a ligação, falo com uma empregada sobre o Hércules.

— Mas quer comprar outro peixe? - pergunta ela.

— Não, quero salvar este.

— Minha senhora - diz a rapariga -, estamos a falar de um peixinho vermelho,

certo? Portanto telefono para três veterinários, nenhum dos quais tratava de peixes.

Observo o Hércules a agonizar durante mais um minuto, e depois telefono para o

departamento de oceanografia da URI, pedindo para falar com qualquer professor que

estivesse disponível.

O Dr. Orestes estuda charcos de maré, diz-me ele. Moluscos e crustáceos e

ouriços-do-mar. e não peixinhos vermelhos. Mas eu dou por mim a contar-lhe sobre a

minha filha, que tem LPA. Sobre o Hércules, que sobreviveu uma vez contra todas as

expectativas.

O biólogo marinho fica em silêncio durante um momento.

— Mudou-lhe a água? - Esta manhã.

— Choveu muito aí nos últimos dias? - Sim.

— Tem um poço? Mas o que é que isso tem a ver? - Sim. .

— É só um palpite, mas com o escoamento de águas, a sua água pode conter

demasiados minerais. Encha o aquário com água engarrafada, e talvez ele se anime.

Portanto esvazio o aquário do Hércules, lavo-o, e deito lá dentro dois litros de

Poland Spring. São precisos vinte minutos, mas então o Hércules começa a nadar. Ele

circula por entre os lobos da planta artificial. Mordisca a comida.

A Kate encontra-me a observá-lo meia hora mais tarde.

— Não tinhas de lhe mudar a água. Eu mudei-a esta manhã.

— Oh, não sabia - menti.

Ela encosta o rosto ao aquário, com o sorriso aumentado.

— O Jesse diz que os peixinhos vermelhos só conseguem prestar atenção durante

nove segundos - diz a Kate -, mas eu acho que o Hércules sabe exactamente quem eu sou.

Toco-lhe no cabelo. E interrogo-me se não terei usado o meu milagre.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 160*

## Anna

Se dermos ouvidos a demasiados anúncios começamos a acreditar em algumas

coisas absurdas: que o mel brasileiro pode ser utilizado como cera depilatória, que as facas

cortam metal, que o poder do pensamento positivo pode funcionar como um par de asas

que nos levam para onde precisamos. Graças a uma ligeira insónia e a demasiadas doses

de Tony Robbins, decidi um dia obrigar-me a imaginar como seria se a Kate já tivesse

morrido. Dessa forma, pelo menos era o que o Tony jurava, quando acontecesse

realmente, eu estaria pronta.

Continuei a fazê-lo durante semanas. Mantermo-nos no futuro é mais difícil do

que pensamos, sobretudo quando a minha irmã andava de um lado para o outro na altura,

a ser a chata que normalmente é. A minha maneira de lidar com isto foi fingir que a Kate já

estava a assombrar-me. Quando deixei de falar com ela, ela achou que tinha feito alguma

coisa errada, que provavelmente tinha, de qualquer modo. Havia dias inteiros em que eu

só chorava; outros em que me sentia como se tivesse engolido uma barra de chumbo;

outros ainda em que me esforçava a sério para me submeter aos processos de me vestir,

fazer a cama e estudar o meu vocabulário porque era mais fácil do que fazer qualquer

outra coisa.

Mas então, havia alturas em que eu deixava que o véu se erguesse um pouco, e

surgiam outras idéias. Por exemplo, como seria estudar oceanografia na Universidade do

Havaí. Ou tentar saltar de pára-quedas. Ou mudar-me para Praga. Ou qualquer outro dos

milhões de sonhos irreais. Eu tentava enfiar-me num destes cenários, mas era como calçar

tênis de tamanho trinta e seis quando calçamos trinta e oito - conseguimos dar alguns

passos, mas depois sentamo-nos e descalçamo-nos pura e simplesmente porque a dor é

demasiado forte. Estou convencida de que há um censor sentado no meu cérebro com um

carimbo vermelho, a censurar os meus pensamentos, por muito sedutores que sejam.

Provavelmente é bom. Tenho a sensação de que se tentar realmente saber quem

sou com a Kate fora da equação, não vou gostar da pessoa que vejo.

Os meus pais e eu estamos sentados juntos numa mesa da cantina do hospital,

embora utilize a palavra juntos sem grande exactidão. É mais como se fôssemos

astronautas, cada um usando um capacete separado, cada um sobrevivendo à custa da sua

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 161*

própria reserva de ar. A minha mãe tem um pequeno recipiente com pacotes de açúcar

rectangulares em frente dela. Está a organizá-los implacavelmente, o Equal e a seguir o

Sweet'n'Low e depois o mascavado. Olha para mim. - Doçura.

Porque é que os termos carinhosos são sempre nomes de alimentos? Doce,

bombom, doçura, docinho. Não é que gostar de alguém seja de facto suficiente para nos

alimentar.

— Sei o que estás a tentar fazer - continua a minha mãe. - E concordo que talvez o

teu pai e eu tenhamos de te prestar um pouco mais de atenção. Mas Anna, nós não

precisamos que um juiz nos ajude a fazer isso.

O meu coração é uma esponja macia no fundo da minha garganta.

— Queres dizer que não faz mal parar? Quando ela sorri, é como se chegasse o

primeiro dia de calor em Março - depois de uma eternidade de neve, quando nos

lembramos de repente como é o Verão na parte de trás das nossas barrigas das pernas

nuas e no risco do cabelo.

— É isso mesmo que eu quero dizer - diz a minha mãe.

Acabaram-se as colheitas de sangue. Acabaram-se os granulócitos, e os linfócitos,

e as células estaminais, e o rim.

— Se quiseres, eu digo à Kate - ofereço-me. - Para não teres de ser tu a fazê-lo.

— Está bem. Logo que o Juiz DeSalvo saiba, podemos fingir que nunca chegou a

acontecer.

Na minha cabeça, há um martelo a martelar.

— Mas. . a Kate não vai perguntar por que razão já não sou dadora dela? A minha

mãe fica muito quieta.

— Quando eu disse parar, referia-me ao processo legal.

Abano a cabeça com força, tanto para lhe responder como para desfazer o nó de

palavras entalado nas minhas entranhas.

— Meu Deus, Anna - diz a minha mãe, estupefacta. - O que te fizemos nós para

merecer isto? . - Não se trata do que me fizeram.

— É o que não fizemos, não é? - Não estão a prestar-me atenção! - grito eu, e

nesse preciso momento, o Vern Stackhouse dirige-se à nossa mesa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 162*

O delegado olha para mim e depois para a minha mãe e para o meu pai e força

um sorriso.

— Parece-me que esta não é a melhor altura para interromper diz ele. - Lamento

muito isto, Sara. Brian. - Ele entrega um envelope à minha mãe, acena com a cabeça e vai

embora.

Ela tira o papel que está lá dentro, lê-o e depois dá-mo.

— O que é que tu lhe disseste? - pergunta ela de forma autoritária.

— A quem? O meu pai agarra no aviso. Está cheio de linguagem jurídica, que bem

podia ser grego.

— O que é isto? - Uma moção para um mandado de restrição temporária. - Ela

arranca-o ao meu pai. - Já te apercebeste de que estás a pedir que eu seja expulsa de casa

e que não mantenha nenhum contacto contigo? É isso que queres? Expulsá-la de casa?

Não consigo respirar.

— Nunca pedi isso.

— Bem, um advogado não teria entregado isto por sua própria iniciativa, Anna.

Sabem como às vezes - quando andamos de bicicleta e começamos a derrapar na

areia, ou quando falhamos um degrau e rebolamos pelas escadas abaixo - temos aqueles

longos, longos segundos em que nos apercebemos de que nos vamos magoar, e muito? -

Não sei o que se passa - digo eu.

— Então como é que podes pensar que estás apta a tomar decisões por ti própria?

- A minha mãe levanta-se tão bruscamente que a cadeira cai ruidosamente no chão da

cantina. - Se é isso que queres, Anna, podemos começar mesmo agora. - A sua voz está

seca e áspera no momento em que me deixa.

Há cerca de três meses, pedi à Kate a sua maquilhagem emprestada. Pronto, pedi

não seria a palavra mais correcta, devia dizer roubei. Não tinha nenhuma minha; não devia

poder usá-la antes de fazer quinze anos. Mas tinha acontecido um milagre, a Kate não

estava por ali para lhe pedir e as alturas de desespero requerem medidas desesperadas.

O milagre tinha um metro e setenta e sete e cabelos da cor de barbas de milho da

variedade Silver Queen e um sorriso que me fazia sentir como se estivesse a andar num

carrossel. O nome dele era Kyle e tinha-se mudado do Idaho, para o lugar mesmo atrás do

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 163*

meu na sala de aulas. Ele não sabia nada sobre mim ou sobre a minha família, portanto

quando me perguntou se eu queria ir ao cinema com ele, eu sabia que não era porque

tinha pena de mim. Fomos ver o novo filme do Homem-Aranha, ou pelo menos ele viu. Eu

passei o tempo todo a tentar perceber como é que a electricidade podia ultrapassar

aquele espacinho entre o meu braço e o dele.

Quando cheguei a casa, ainda estava nas nuvens, e por isso a minha irmã Kate

conseguiu surpreender-me. Ela derrubou-me para cima da minha cama e agarrou-me

pelos ombros.

— Sua ladra - acusou ela. - Foste à minha gaveta da casa de banho sem pedir

licença.

— Tu andas sempre a usar as minhas coisas. Usaste a minha camisola azul há dois

dias.

— Isso é completamente diferente. Podemos lavar uma camisola.

— Como é que pode não haver problema no facto de os meus micróbios estarem

a circular nas tuas artérias, e haver por estarem na porcaria do teu lip gloss Cherry Bomb

da Max Factor? - Empurrei um pouco mais, e consegui fazer-nos rebolar, de tal maneira

que era eu que tinha agora a vantagem. Os seus olhos iluminaram-se.

— Quem era ele? - De que estás a falar? - Se te maquilhaste, Anna, foi por alguma

razão.

— Vai-te lixar.

— Vai tu. - A Kate sorriu para mim. Então, com a mão que estava livre fez-me

cócegas debaixo do braço, apanhando-me tão de surpresa que a libertei. Um minuto

depois tínhamos caído da cama a lutar, cada uma a tentar que a outra pedisse tréguas.

— Anna, pára já - arfou a Kate. - Estás a matar-me.

Estas palavras foram suficientes. As minhas mãos afastaram-se dela como se

tivessem sido queimadas. Deitámo-nos lado a lado entre as nossas camas, a olhar para o

tecto e a arfar, ambas fingindo que o que ela tinha dito não tinha chegado tão perto da

verdade.

Dentro do carro, os meus pais discutem. Talvez devêssemos contratar um

advogado a sério, diz o meu pai, e a minha mãe responde, eu sou uma advogada a sério.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 164*

Mas Sara, diz o meu pai, se isto não vai terminar, só estou a dizer que. .

O que é que estás a dizer, Brian? Desafia ela. O que é que estás mesmo a dizer?

Que um homem qualquer de fato que não conhecemos de lado nenhum é capaz de

justificar melhor a Anna do que a sua própria mãe. E depois o meu pai conduz em silêncio

durante o resto do caminho.

Para meu espanto, há câmaras de televisão à espera nas escadas do edifício

Garrahy. Estou certa de que se encontram aqui devido a algo muito importante, portanto

imaginem a minha surpresa quando me põem um microfone na frente, e uma jornalista

com um cabelo estilo capacete me pergunta por que razão estou a processar os meus

pais. A minha mãe empurra a mulher, afastando-a.

— A minha filha não faz comentários - diz ela, uma e outra vez. e quando um tipo

pergunta se eu tenho conhecimento de que sou o primeiro bebê geneticamente

programado de Rhode Island, por um minuto fico com a idéia de que ela lhe vai de facto

bater.

Desde os sete anos que sei como fui concebida, e não foi assim tão extraordinário.

Em primeiro lugar, os meus pais contaram-me numa altura em que a idéia de eles terem

relações sexuais era muito mais repugnante do que a idéia de ser criada numa caixa de

Petri. Em segundo lugar, nessa altura já milhares de pessoas tomavam medicamentos para

aumentar a fertilidade e tinham sete gêmeos e a minha história já não era assim tão

original. Mas um bebê geneticamente programado? Pois, está bem. Se os meus pais se

tinham dado a todo esse trabalho, seria de pensar que se tinham certificado de que os

genes da obediência, humildade e gratidão seriam implantados.

O meu pai está sentado ao meu lado num banco, com as mãos entrelaçadas entre

os joelhos. Dentro dos aposentos do juiz, a minha mãe e o Campbell Alexander estão a

atacar-se verbalmente. Aqui no corredor, estamos artificialmente silenciosos, como se eles

nos tivessem tirado todas as palavras possíveis deixando-nos sem nenhuma.

Ouçó uma mulher a praguejar, e depois a Julia surge na esquina.

— Anna. Desculpa por estar atrasada; não consegui passar pelos jornalistas. Estás

bem? Aceno que sim com a cabeça, e depois abano-a, numa negativa. Julia ajoelha-se à

minha frente.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 165*

— Queres que a tua mãe se vá embora de casa? - Não! - Para meu embaraço total,

os meus olhos ficam brilhantes de lágrimas. - Mudei de idéias. Já não quero fazer isto.

Nada disto.

Ela olha para mim por um longo momento, e em seguida acena com a cabeça.

— Deixa-me entrar e falar com o juiz.

Quando ela se vai embora, concentro-me em fazer entrar ar nos pulmões. Há

tantas coisas agora que tenho de me esforçar para fazer, e que antigamente costumava

realizar instintivamente - inspirar oxigênio, ficar calada, fazer o que está certo. O peso do

olhar do meu pai sobre mim faz-me encará-lo.

— Estavas a falar a sério? - pergunta ele. - Sobre já não queres fazer isto? Não

respondo. Não me mexo um milímetro.

— Porque se ainda não tiveres a certeza, talvez não seja assim tão má idéia, teres

algum espaço para respirar. Quero dizer, eu tenho aquela cama extra no meu quarto no

quartel. - Ele esfrega a parte de trás do pescoço. - Não seria como mudarmos de casa,

nem nada. Apenas. . - ele olha para mim.

— respirar - termino eu, e é apenas isso que faço.

O meu pai levanta-se e estende a mão. Saímos do complexo  
Garrahy, lado a lado.

Os jornalistas aproximam-se como lobos, mas desta vez, as suas  
perguntas fazem

ricochete, afastando-se de mim. O meu peito parece estar cheio de  
centelhas e hélio,

como quando eu era pequena e andava às cavalitas do meu pai ao  
crepúsculo, quando

sabia que se erguesse as mãos e abrisse os dedos como uma rede,  
podia apanhar as

estrelas que surgiam.

## Campbell

Deve haver um canto especial no Inferno para os advogados que se enaltecem a si

próprios despudoradamente, mas podem apostar que estamos todos prontos para os

primeiros planos. Quando chego ao tribunal de família e encontro uma horda de

jornalistas a desfilar, ofereço-lhes decibéis como se fossem rebuçados, e asseguro-me de

que as câmaras estão viradas para mim. Digo as coisas apropriadas sobre como este não é

um caso ortodoxo mas, em última análise, é doloroso para todos aqueles que estão

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 166*

envolvidos. Sugiro que a deliberação do juiz pode afectar os direitos dos menores a nível

nacional, bem como a investigação sobre as células estaminais. Depois aliso o casaco do

meu fato Armani, puxo a trela do Juiz, e explico que tenho mesmo de falar com a minha

cliente.

Lá dentro, Vern Stackhouse olha para mim e cumprimenta-me com o polegar para

cima. Eu tinha encontrado o delegado antes, e muito inocentemente perguntei-lhe se a

sua irmã, uma jornalista do Projo, estaria cá hoje.

— Eu não posso mesmo dizer nada - sugeri -, mas a audiência.. vai ser bastante

importante.

Nesse tal canto especial do Inferno, há provavelmente um trono para aqueles de

entre nós que tentam tirar proveito do seu trabalho pró bono.

Alguns minutos depois, encontramos-nos nos aposentos do juiz.

— Dr. Alexander - o juiz DeSalvo exhibe o mandado de restrição. - Poderia explicar-

me por que razão apresentou isto quando eu referi o assunto explicitamente ontem? - Tive

a minha reunião inicial com a tutora ad litem, Meritíssimo - respondo. - Enquanto a Sr. a

Romano estava presente, Sara Fitzgerald disse à minha cliente que o processo legal era um

mal-entendido que se resolveria por si. - Desvio o olhar para a Sara, que não demonstra

nenhuma emoção, excepto uma tensão no maxilar. - Isto é uma violação directa da sua

ordem, Meritíssimo.

Embora este tribunal tentasse reunir as condições para manter a família unida,

acho que isso não vai resultar até a Sr.a Fitzgerald conseguir separar mentalmente a sua

função de mãe da sua função de advogada da outra parte. Até lá, é necessário que haja

uma separação física.

O Juiz DeSalvo tamborila com os dedos na secretária.

— Sr. a, ou melhor, Dr. a Fitzgerald? Disse isso à Anna? - Bem, é claro que sim! -

explode Sara. - Estou a tentar chegar ao fundo da questão! A confissão é uma tenda de

circo a desmoronar-se, deixando-nos a todos no mais profundo silêncio. A Julia escolhe

este momento para entrar de rompante.

— Desculpem-me o atraso - diz ela, sem fôlego.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 167*

— Sr. a Romano - pergunta o juiz -, teve oportunidade de falar com a Anna hoje? -

Sim, mesmo agora. - Ela olha para mim, e depois para a Sara. - Acho que ela está muito

confusa.

— Qual é a sua opinião sobre a moção que o Dr. Alexander apresentou? Ela coloca

um caracol extraviado do seu cabelo por trás da orelha.

— Acho que não disponho de informação suficiente para tomar uma decisão

formal, mas o meu instinto diz-me que seria um erro retirar a mãe da Anna de casa.

Imediatamente, fico tenso. Reagindo, o cão levanta-se.

— Meritíssimo, a Sr. a Fitzgerald acabou de admitir que violou uma ordem do

tribunal. No mínimo devia ser apresentada uma queixa à ordem dos advogados por

infracção da ética, e. .

— Dr. Alexander, a este caso não deve aplicar-se a Lei à letra. O juiz DeSalvo vira-

se para Sara. - Dr. a Fitzgerald, recomendo-lhe vivamente que contrate um advogado

independente para representá-la a si e ao seu marido nesta petição. Não vou emitir o

mandado de restrição hoje, mas aviso-a novamente que não fale sobre este caso com a

sua filha até à audiência da próxima semana. Se vier a ser do meu conhecimento, numa

data futura, que ignorou esta directiva mais uma vez, vou apresentar queixa de si à Ordem

dos Advogados pessoalmente e eu próprio acompanharei a sua saída de casa. - Ele fecha

ruidosamente a pasta dos processos e levanta-se.

— Não me volte a incomodar até segunda-feira, Dr. Alexander.

— Preciso de falar com a minha cliente - anuncio, e apresso-me a sair para o

corredor onde sei que a Anna está à espera com o pai.

Sara Fitzgerald, previsivelmente, vem mesmo atrás de mim. Atrás dela - decidida a

manter a paz, sem dúvida - vem a Julia. Paramos os três abruptamente quando vemos

Vern Stackhouse, a dormir no banco onde a Anna estava sentada.

— Vern? - chamo eu.

Ele põe-se imediatamente de pé, pigarreando na defensiva.

— É um problema lombar. Tenho de me sentar de vez em quando para aliviar a

pressão.

— Sabe aonde foi a Anna Fitzgerald? Ele indica com a cabeça a entrada do edifício.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 168*

— Ela e o pai foram-se embora há um tempo.

Pela expressão no rosto da Sara, para ela isto também é uma surpresa.

— Precisa de uma boleia para o hospital? - pergunta a Julia. Ela abana a cabeça e

espreita através das portas de vidro, onde se reuniram os jornalistas.

— Há alguma saída nas traseiras? Ao meu lado, o Juiz começa a enfiar-me o

focinho na mão. Bolas.

A Julia dirige Sara Fitzgerald para as traseiras do edifício.

— Preciso de falar contigo - diz-me por cima do ombro. Espero que ela volte

costas. Depois agarro rapidamente no arnês do Juiz e puxo-o ao longo de um corredor.

— Hei! - Pouco depois, os calcanhares da Julia batem nos ladrilhos atrás de mim. -

Eu disse que queria falar contigo! Por um minuto, considero de facto a hipótese de saltar

por uma janela. Então paro abruptamente, volto-me, e exibo o meu mais encantador

sorriso.

— Falando em termos técnicos, disseste que precisavas de falar comigo. Se

tivesses dito que querias falar comigo, eu talvez tivesse ficado à espera. - O Juiz ferra os

dentes na aba do casaco do meu dispendioso fato Armani, e puxa. - Neste momento,

porém, tenho de ir a uma reunião.

— Que raio se passa contigo? - diz ela. - Disseste-me que tinhas falado com a

Anna sobre a mãe e que partilhávamos todos a mesma opinião.

— Disse, e partilhávamos. Sara estava a coagi-la, e a Anna queria acabar com isso.

Expliquei-lhe quais eram as alternativas.

— Alternativas? Ela é uma rapariga de treze anos. Sabes quantos miúdos é que eu

vejo em tribunal a agirem de forma completamente diferente do que os seus pais

afirmam? Chega uma mãe e promete que o seu filho testemunhará contra um pedófilo,

porque quer que o autor do crime seja condenado a prisão perpétua. Mas a criança não se

importa com o que acontecerá ao autor do crime, desde que nunca mais tenha de estar

com o tipo na mesma sala. Ou pensa que o autor do crime devia ter uma segunda

oportunidade, como os seus pais lhe dão quando ele se porta mal. Não podes esperar que

a Anna seja igual a um cliente adulto normal. Ela não tem a capacidade emocional de

tomar decisões independentemente da sua situação doméstica.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 169*

— Bem, é esse o objectivo de toda esta petição - digo eu.

— Por acaso, a Anna disse-me, nem sequer há meia hora, que tinha mudado de

idéias sobre esta petição. - Julia ergue uma sobrancelha. - Não sabias disto, pois não? - Ela

não me falou sobre o assunto.

— Isso é porque tu falas das coisas erradas. Tiveste uma conversa com ela sobre

uma forma legal para impedir que ela fosse pressionada para desistir do processo legal. É

óbvio que ela se agarrou logo a isso. Mas achas de facto que ela estava a pensar no que

isso realmente significaria - que um dos pais não estaria em casa para cozinhar, conduzir

ou ajudá-la a fazer os trabalhos de casa, que ela não poderia dar um beijo de boa noite à

mãe, que os outros membros da família muito provavelmente ficariam muito aborrecidos

com ela? Quando estavas a falar, ela só ouviu as palavras deixar de pressionar. Nunca

chegou a ouvir falar em separação.

O Juiz começa a ganhar a sério.

— Tenho de ir. Ela segue-me.

— Aonde? - Já te disse, tenho uma reunião. - O corredor está ladeado por salas,

todas elas fechadas. Por fim, encontro uma maçaneta que gira na minha mão. Entro lá

dentro e tranco a porta atrás de mim.

— Meus senhores - digo eu calorosamente. A Julia abana a maçaneta. Bate no

quadrado de vidro esfumado da porta. Sinto o suor na minha testa.

— Não te escapas desta vez grita-me ela através da porta. Ainda estou aqui à

espera.

— Ainda estou ocupado - grito em resposta. Quando o Juiz espeta o focinho à

minha frente, afundo os dedos no pêlo espesso do seu pescoço.

— Está tudo bem - digo-lhe eu, e depois dou meia volta virando-me para a sala

vazia.

## Jesse

De vez em quando tenho de me contradizer e acreditar em Deus,  
como neste

preciso momento em que chego a casa e encontro uma miúda  
espectacular à minha porta,

que se levanta e me pergunta se eu conheço o Jesse Fitzgerald.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 170*

— Quem pergunta? - digo eu. -Eu.

Ofereço-lhe o meu sorriso mais encantador.

— Então aqui estou eu.

Deixem-me recuar um pouco para vos dizer que ela é mais velha do  
que eu, mas a

cada olhar isso é cada vez mais irrisório: ela tem cabelos nos quais  
eu poderia perder-me,

e uma boca tão suave e cheia que se torna difícil desviar os olhos  
para examinar o resto.

Estou ansioso por colocar as minhas mãos sobre a sua pele - mesmo  
nas partes comuns -

só para ver se é tão macia como parece.

— Eu sou Julia Romano - diz ela. - Sou tutora ad litem. Todos os  
violinos que

ressoavam nas minhas veias param com um som estridente.

— Isso é uma espécie de polícia? - Não, sou advogada, estou a trabalhar com um

juiz para ajudar a tua irmã.

— Está a referir-se à Kate? Algo no seu rosto endurece.

— Estava a referir-me à Anna. Ela instaurou um processo legal para emancipação

médica dos pais.

— Ah, sim. Já sabia.

— A sério? - Isto parece surpreendê-la, como se a rebeldia fosse algo com que a

Anna tivesse manipulado o mercado por açambarcamento. - Por acaso não sabes onde ela

está? Olho para a casa, escura e vazia.

— Acha que sou responsável pela minha irmã? - pergunto. E depois sorrio para

ela. - Se quiser esperar, pode entrar e ver as minhas gravuras.

Para meu espanto ela concorda.

— De facto, não é uma má idéia. Gostaria de falar contigo. Encosto-me novamente

à porta e cruzo os braços, para contrair os meus bícepes. Mostro-lhe o sorriso que deixou

paralisada metade da população feminina da Universidade Roger Williams.

— Tem planos para logo à noite? Ela fica a olhar para mim como se eu tivesse

falado em grego. Não, bolas, ela provavelmente percebe grego. Marciano. Ou na porcaria

da linguagem de Vulcano.

— Estás a convidar-me para sair? - De certeza absoluta que estou a tentar - digo

eu.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 171*

— De certeza absoluta que não estás a conseguir - responde ela terminantemente.

- Tenho idade para ser tua mãe.

— Tem uns olhos extraordinários. - Ao dizer olhos, estou a referir-me às mamas,

mas que importa.

A Julia Romano escolhe esse momento para abotoar o casaco do fato, o que me

faz rir alto.

— Por que não falamos aqui? - Como queira. - digo eu, e conduz-a para o meu

apartamento.

Tendo em conta o seu aspecto habitual, a casa não está assim tão má. Os pratos

na bancada só têm um dia ou dois; e cereais entornados não são  
tão desagradáveis de ver

quando se regressa a casa como leite entornado. No meio do chão  
há um balde, um pano

e uma bilha de gás; estou a tentar fazer foguetes. Há roupa  
espalhada pelo chão todo,

alguma dela astutamente disposta para minimizar o efeito de uma  
goteira no meu

alambique caseiro.

— O que acha? - Sorrio-lhe. - Martha Stewart ia adorar, hein? -  
Martha Stewart

faria de ti o projecto da sua vida - murmura a Julia. Ela senta-se no  
sofá, levanta-se de um

salto e tira uma mão cheia de batatas fritas que deixaram, santo  
Deus, uma marca de

gordura em forma de coração no seu delicioso traseiro.

— Quer beber alguma coisa? - Que ninguém diga que a minha mãe  
nunca me

ensinou a ser bem-educado.

Ela olha em volta, e depois abana a cabeça.

— Dispenso.

Encolhendo os ombros, tiro uma Labatt's do frigorífico.

— Então houve um pequeno percalço lá em casa.

— Não devias saber? - Tento não saber.

— Porquê? - Porque é o que eu faço melhor. - Sorrindo, dou um grande e longo

gole na minha cerveja. - Embora se trate de uma catástrofe que eu adoraria ver.

— Fala-me da Kate e da Anna.

— Que devo eu dizer-lhe? - Sento-me no sofá ao lado dela, demasiado perto. De

propósito.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 172*

— Como é que te dás com elas? Inclino-me para a frente.

— Ora, Sr. a Romano, está a perguntar-me se eu sou simpático? - Como ela nem

sequer pestaneja, desisto da encenação. - Elas sobrevivem à minha presença - respondo. -

Como toda a gente.

Esta resposta deve interessá-la, porque anota alguma coisa no seu pequeno bloco

branco.

— Como foi crescer nesta família? Uma dúzia de respostas rápidas abrem caminho

pela minha garganta, mas aquela que sai é uma verdadeira incógnita.

— Quando eu tinha doze anos, houve uma altura em que a Kate adoeceu - nem

sequer estava muito doente, só uma infecção, mas parecia não ser capaz de se livrar dela

sozinha. Portanto levaram a Anna para doar granulócitos - glóbulos brancos. Não é que a

Kate tivesse planeado isto nem nada, mas aconteceu na véspera de Natal. Devíamos ter

saído todos como uma família, sabe, comprar uma árvore. - Tiro um maço de cigarros do

bolso. - Importa-se? - pergunto, mas não chego a dar-lhe hipótese de responder antes de

acender um. - Eu fui recambiado para casa de uns vizinhos no último minuto, o que foi

tramado, porque eles estavam a ter uma bela consoada com os familiares e estiveram

sempre a segredar sobre mim como se eu fosse um enjeitado e ainda por cima surdo.

Continuando, tudo aquilo desandou bastante rápido, portanto disse que tinha de ir fazer

chichi e saí à socapa. Fui a pé para casa e agarrei num dos machados do meu pai e numa

serra e cortei um pequeno abeto no meio do quintal. Quando o vizinho reparou que me

tinha ido embora, eu já tinha tudo pronto na nossa sala de estar: a árvore no suporte,

grinaldas, enfeites, tudo.

Na minha cabeça, ainda consigo ver aquelas luzes - vermelho, e azul e amarelo, a

pisar uma e outra vez, numa árvore tão excessivamente equipada como um esquimó no

Bali.

— Então na manhã de Natal, os meus pais vão a casa dos vizinhos para me irem

buscar. Estão com um aspecto horrível, os dois, mas quando me levam para casa há

presentes debaixo da árvore. Fico todo entusiasmado e encontro um que tem o meu

nome, e afinal é um carrinho de corda - uma coisa que teria sido sensacional para um

miúdo de três anos, mas não para mim, e por acaso sabia que estava à venda na loja de

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 173*

ofertas do hospital. Tal como todos os outros presentes que recebi nesse ano. Vá-se lá ver.

- Apago o cigarro na perna das minhas calças de ganga. - Eles nem sequer chegaram a

dizer nada sobre a árvore - conto-lhe. - É assim crescer na minha família.

— Achas que para a Anna foi igual? - Não. A Anna está na mira deles, porque faz

parte do seu plano grandioso para a Kate.

— Como é que os teus pais decidem quando a Anna vai ajudar a Kate

cl clinicamente? - pergunta ela.

— Você faz parecer que isto envolve algum processo. Como se houvesse de facto

uma escolha.

Ela levanta a cabeça.

— E não há? Ignoro-a, porque essa foi uma pergunta decididamente retórica, e

olho pela janela. No quintal, ainda se consegue ver o cepo daquele abeto. Ninguém desta

família encobre alguma vez os seus erros.

Quando eu tinha sete anos meti na cabeça que tinha de escavar até à China. Não

seria assim tão difícil, pensei - uma linha recta, um túnel? Tirei uma pá da garagem e

comecei a abrir um buraco com largura suficiente para eu entrar. Todas as noites arrastava

a velha caixa de areia para o cobrir, se chovesse. Durante quatro semanas trabalhei nisto,

enquanto as pedras me esfolavam os braços com cicatrizes de guerra, e as raízes se

prendiam aos meus tornozelos.

Eu não contava era com as paredes altas que cresciam à minha volta, ou com as

quentes entranhas do planeta, debaixo dos meus tênis. Escavando a direito, eu tinha ficado

irremediavelmente perdido. Num túnel, temos de iluminar o nosso próprio caminho, e eu

nunca fui bom a fazer isso.

Quando gritei, o meu pai encontrou-me em segundos, embora eu tenha a certeza

de que esperei várias vidas. Ele rastejou para dentro do fosso, destruiu o meu trabalho

árduo e a minha estupidez.

— Isto podia ter caído em cima de ti! - disse ele, erguendo-me e colocando-me

em terra firme.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 174*

Desse ponto de vista, apercebi-me de que o meu buraco não tinha quilômetros de

profundidade, afinal. O meu pai, na verdade, conseguia estar de pé no fundo e ele só lhe

chegava ao peito.

A escuridão, sabem, é relativa.

## Brian

A Anna demora menos de dez minutos para se mudar para o meu quarto no

quartel. Enquanto ela põe a roupa numa gaveta e coloca a escova de cabelo ao lado da

minha em cima da cômoda, eu vou à cozinha onde o Paulie está a fazer o jantar. Os

rapazes estão todos à espera de uma explicação.

— Ela vai ficar aqui comigo por uns tempos - digo eu. - Estamos a resolver uns

assuntos.

O Caesar olha por cima de uma revista.

— Ela vai connosco? Não tinha pensado nisso. Talvez a distraia, sentir-se como

uma espécie de aprendiz.

— Sabes, é provável que vá.

O Paulie volta-se. Está a fazer fajitas esta noite, de carne de vaca.

— Está tudo bem, Capitão? - Sim, Paulie, obrigado por perguntares.

— Se alguém a estiver a incomodar - diz o Red -, terá de passar por todos nós

agora.

Os outros acenam com a cabeça. Interrogo-me sobre o que iriam eles pensar se

eu lhes dissesse que as pessoas que estão a incomodar a Anna somos a Sara e eu.

Deixo os rapazes a acabarem de preparar o jantar e regresso ao meu quarto, onde

a Anna está sentada na segunda cama do conjunto com os pés enroscados debaixo dela.

— Então? - digo eu, mas ela não responde. Demoro uns momentos para perceber

que tem auscultadores, a detonar sabe Deus o quê nos seus ouvidos.

Ela vê-me e desliga a música, puxando os auscultadores para o pescoço, como um

estrangulador.

— Olá.

Sento-me na beira da cama e olho para ela.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 175*

— Então, queres, hum, fazer alguma coisa? - O quê? Encolho os ombros.

— Não sei. Jogar às cartas? - Queres dizer, ao póquer? - Ao póquer, ao burro.

Qualquer coisa. Ela olha para mim atentamente.

— Ao burro? - Queres fazer tranças no cabelo? - Pai. estás a sentir-te bem? -

pergunta a Anna.

Sinto-me mais à vontade a entrar num edifício que está a desmoronar-se à minha

volta do que a tentar pô-la à vontade.

— Eu só. . Eu quero que saibas que podes fazer o que quiseres aqui.

— Posso deixar uma caixa de tampões na casa de banho?  
Imediatamente, o meu

rosto fica vermelho, e como se fosse contagioso, o da Anna também.  
Há apenas uma

bombeira, em tempo parcial, e a casa de banho das mulheres situa-se no piso inferior do

quartel. Mas mesmo assim.

O cabelo da Anna balança sobre o seu rosto.

— Eu não queria.. posso guardá-los...

— Podes pô-los na casa de banho - anuncio. E depois acrescento autoritariamente:

- Se alguém se queixar, dizemos que são meus.

— Tenho a certeza de que vão acreditar em ti, pai. Ponho um braço à volta dela.

— Posso não fazer isto bem à primeira. Nunca partilhei o quarto com uma

rapariga de treze anos.

— Eu também não costumo passar a noite com homens de quarenta e dois anos.

— Ainda bem, porque teria de os matar.

O seu sorriso é um carimbo no meu pescoço. Talvez isto não seja assim tão difícil

quanto pensei. Talvez eu consiga convencer-me de que esta medida manterá a minha

família unida no final, embora o primeiro passo seja separá-la.

— Pai? - Humm? - É só para saberes: ninguém joga ao burro depois de deixar as

fraldas.

Ela abraça-me com muita força, como costumava quando era pequena. Lembro-

me, naquele instante, da última vez que peguei na Anna ao colo. Estávamos a passear num

campo, os cinco - e os juncos e os malmequeres eram mais altos do que ela. Eu ergui-a

nos meus braços, e juntos abrimos caminho por entre o mar de ervas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 176*

Mas pela primeira vez reparámos os dois a que altura chegavam as suas pernas a

balançar, ela era demasiado grande para se sentar na minha anca, e passado pouco tempo

debatia-se para ir para o chão e andar sozinha.

Os peixinhos vermelhos só crescem o suficiente para o aquário onde os

colocamos. Os Bonsai contorcem-se em miniatura. Eu daria tudo para que ela

permanecesse pequena. Eles ultrapassam-nos muito mais rapidamente do que nós a eles.

Parece extraordinário que enquanto uma das nossas filhas nos está a conduzir a

uma crise legal, a outra esteja a agonizar numa crise médica - mas por outro lado, já

sabíamos há bastante tempo que a Kate está na fase final de uma insuficiência renal. Desta

vez, é a Anna que nos deixa estupefactos. E mesmo assim - como sempre - resolvemos o

assunto; conseguimos lidar com as duas. A capacidade humana para carregar fardos é

como um bambu - muito mais flexível do que alguma vez pensaríamos à primeira vista.

Enquanto a Anna estava a arrumar as suas coisas naquela tarde, fui ao hospital. A

Kate estava a fazer a diálise quando eu entrei no quarto. Estava a dormir com os

auscultadores do CD postos; a Sara levantou-se da cadeira com um dedo sobre os lábios,

num aviso, e conduziu-me ao corredor.

— Como está a Kate? - perguntei.

— Mais ou menos na mesma - respondeu ela. - Como está a Anna?  
Trocámos

informações sobre o estado das nossas filhas como se fossem cromos de basebol que

mostrássemos brevemente para trocar, mas dos quais ainda não queríamos desfazer-nos.

Olhei para a Sara, interrogando-me sobre como devia contar-lhe o que fizera.

— Para onde fugiste quando eu estava a defender-me do juiz?  
perguntou ela.

Bem. Se pararmos para pensar na temperatura que o fogo atinge, nunca

chegaremos ao seu âmago.

— Levei a Anna para o quartel.

— Passa-se alguma coisa no trabalho? Respirei fundo e saltei para o abismo em

que o meu casamento se tinha tornado.

— Não. A Anna vai ficar ali comigo durante alguns dias. Acho que ela talvez

precise de passar algum tempo sozinha.

A Sara ficou a olhar para mim.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 177*

— Mas a Anna não vai estar sozinha. Vai estar contigo.

O corredor parecia demasiado iluminado e demasiado largo de repente.

— E isso é mau? - Sim - disse ela. - Achas que ceder à petulância da Anna vai

ajudá-la a longo prazo? - Eu não estou a ceder à sua petulância; estou a dar-lhe espaço

para chegar às conclusões certas por si própria. Não tens sido tu que tens estado sentada

lá fora com ela enquanto tu estás nos aposentos do juiz. Estou preocupado com ela.

— Bem, é nisso que somos diferentes - retorquiu a Sara. - Eu estou preocupada

com ambas as nossas filhas.

Olhei para ela, e por uma fracção de segundo vi a mulher que ela costumava ser -

que sabia encontrar um sorriso, em vez de andar à procura dele; que confundia sempre as

piadas e mesmo assim conseguia fazer rir; que me punha a cabeça a andar à roda sem

esforço. Ponho as mãos nas suas faces. Oh, aqui estás tu, pensei, e inclinei-me para a beijar

na testa.

— Sabes onde nos podes encontrar - disse eu, e fui-me embora.

Pouco depois da meia-noite recebemos um apelo de uma ambulância. A Anna

pestaneja na sua cama quando as campainhas soam e a luz inunda automaticamente o

quarto.

— Tu podes ficar - digo-lhe, mas ela já se levantou e está a calçar os sapatos.

Dei-lhe equipamento velho da nossa bombeira em tempo parcial: um par de

botas, um chapéu rígido. Ela enfia-se dentro do casaco e trepa para a parte de trás da

ambulância, prendendo-se ao assento virado para trás por detrás do Red, que vai a

conduzir.

Passamos pelas ruas de Upper Darby com um ruído estridente em direcção ao Lar

Sunshine Gates, uma sala de espera para os encontros com São Pedro. O Red tira a maça

da ambulância enquanto eu carrego o saco de primeiros socorros. Uma enfermeira vem ter

connosco à entrada.

— Ela caiu e perdeu os sentidos durante algum tempo. E apresenta um estado

mental alterado.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 178*

Somos conduzidos para um dos quartos. Lá dentro, uma mulher idosa está

estendida no chão, pequena e franzina como um pássaro, com sangue a escorrer do alto

da cabeça. Pelo cheiro, ela deve ter perdido o controlo intestinal.

— Olá, querida - digo eu, inclinando-me imediatamente. Agarro-lhe na mão, a

pele é fina como crepe. - Consegue apertar-me os dedos? - E depois para a enfermeira: -

Como é que ela se chama? - Eddie Briggs. Tem oitenta e sete anos.

— Eddie, nós vamos ajudá-la - digo eu, continuando a examiná-la. - Ela tem um

alto na região occipital. vou precisar do suporte rígido.

Enquanto o Red corre para a ambulância para o ir buscar, eu meço a tensão da

Eddie e a sua pulsação - irregular.

— Sente alguma dor no peito? - A mulher geme, mas abana a cabeça e depois

retrai-se. - Tenho de lhe colocar um colar cervical, querida, está bem? Parece que bateu

com a cabeça com bastante força. - O Red regressa, transportando o suporte rígido.

Levantando a cabeça, olho de novo para a enfermeira. - Sabe se a perda de consciência foi

causada pela queda, ou se causou a queda? Ela abana a cabeça.

— Ninguém estava lá para ver.

— Claro - resmungo entre dentes. - Preciso de um cobertor.

A mão que mo dá é pequena e trêmula. Até esse momento, tinha-me esquecido

completamente de que a Arma tinha vindo connosco.

— Obrigado, querida - digo eu, demorando-me um pouco mais para lhe sorrir. -

Queres ajudar-me aqui? Podes agarrar nos pés da Sr. a Briggs? Ela acena com a cabeça,

pálida, e agacha-se. O Red alinha o suporte rígido.

— Vamos virá-la, Eddie. . quando eu disser três. . - Contamos, viramo-la,

prendemo-la com as correias. O movimento faz com que o ferimento no couro cabeludo

sangre.

Colocamo-la na ambulância. O Red segue disparado para o hospital enquanto eu

me movimento no espaço apertado da cabina, ligando a garrafa de oxigênio, prestando

assistência.

— Anna, dá-me aquele estojo básico para aplicação intravenosa? -  
Começo a

cortar as roupas da Eddie para as retirar.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 179*

— Ainda nos está a ouvir, Sr. a Briggs? Vem aí uma picadinha de  
agulha - digo eu.

Ponho o seu braço a jeito e tento encontrar uma veia, mas elas são  
como traços de lápis

muito esmorecidos, sombreados em cópias fotográficas. Gotas de  
suor surgem na minha

testa. - Não consigo com uma vinte. Anna, consegues encontrar uma  
vinte e dois? Não

ajuda que a paciente esteja a gemer, a chorar. Que a ambulância  
balance para trás e para a

frente, a dar curvas, a travar, enquanto tento inserir a agulha mais  
pequena.

— Bolas - digo eu, atirando o segundo tubo para o chão. Faço um

electrocardiograma rápido e depois agarro no rádio e contacto o  
hospital para lhes dizer

que estamos a chegar.

— Paciente de oitenta e sete anos, deu uma queda. Está consciente  
e responde às

perguntas, TA 136, 83, pulsação 130, irregular. Tentei obter acesso intravenoso para vocês,

mas não tive muita sorte. Ela tem um alto na nuca, mas agora está bastante bem

controlado. Coloquei-a a oxigênio. Alguma pergunta? Com a luz dos faróis de um caminhão

que se aproxima, vejo o rosto da Anna. O caminhão vira, a luz desaparece, e apercebo-me de

que a minha filha está a segurar na mão desta estranha.

À entrada das Urgências do hospital, tiramos a maça da cabina e empurramo-la

através das portas automáticas. Uma equipa de médicos e enfermeiros já se encontra à

espera.

— Ela ainda fala connosco - digo eu. Um enfermeiro bate nos seus pulsos finos.

— Credo.

— Pois, foi por isso que eu não consegui introduzir o soro. Foram precisas

braçadeiras pediátricas para lhe medir a tensão.

De repente lembro-me da Anna, que está de pé, com os olhos muito abertos à

porta.

— Papá? Aquela senhora vai morrer? - Acho que deve ter tido um AVC.. mas vai

sobreviver. Olha, porque é que não vais esperar para ali, numa cadeira? Saio dentro de

cinco minutos, no máximo.

— Pai? - diz ela, e eu paro à soleira da porta. - Não era fixe que fossem todos

assim? Ela não vê as coisas como eu vejo - que a Eddie Briggs é o pesadelo de qualquer

paramédico, que as suas veias não se vêem, que o seu estado não é estável e que esta não

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 180*

foi de maneira nenhuma uma boa missão. O que a Anna quer dizer é que o que quer que

seja que a Eddie Briggs tenha pode ser tratado.

Entro e continuo a dar informações ao pessoal das Urgências à medida que vai

sendo necessário. Cerca de dez minutos depois, acabo de preencher o meu relatório e

procuro a minha filha na sala de espera, mas ela desapareceu. Encontro o Red a colocar

uns lençóis lavados na maca, a prender uma almofada com a sua correia.

— Onde está a Anna? - Pensei que estivesse contigo.

Olhando para o fundo de um corredor, vejo apenas médicos cansados,

paramédicos, pequenos grupos dispersos de pessoas desorientadas a beber café e a

esperar que tudo corra bem.

— Já volto.

Comparado ao frenesim das Urgências, o oitavo andar está bastante sossegado.

Todas as enfermeiras me cumprimentam pelo nome enquanto me dirijo para o quarto da

Kate e abro suavemente a porta.

A Anna é demasiado grande para o colo da Sara, mas é aí que está sentada. Ela e a

Kate estão as duas a dormir. Por cima da cabeça da Anna, a Sara observa-me enquanto me

aproximo.

Ajoelho-me em frente da minha mulher e afasto o cabelo da Anna das suas

têmporas.

— Querida - sussurro -, são horas de voltar para casa.

A Anna senta-se devagar. Deixa-me agarrar-lhe na mão e levantá-la, a palma da

mão da Sara percorre-lhe a coluna para cima e para baixo.

— Não é para casa - diz a Anna, mas segue-me para fora do quarto na mesma.

Depois da meia-noite, inclino-me para a Anna e sussurro-lhe ao ouvido.

— Anda ver isto - alicio-a.

Ela senta-se, agarra numa camisola, enfia os pés nos tênis. Juntos, subimos ao

telhado do quartel.

A noite está a cair à nossa volta. Chovem meteoros como fogo de artifício, rasgões

rápidos na costura da escuridão.

— Oh! - Exclama a Anna, e deita-se para ver melhor.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 181*

— São as Perseides - digo-lhe. - Uma chuva de meteoros.

— É incrível.

As estrelas cadentes não são estrelas. São apenas rochas que entram na atmosfera

e se incendiam devido à fricção. Quando vimos uma, pedimos um desejo apenas a um

rasto de detritos.

No quadrante superior esquerdo do céu um foco luminoso explode numa cascata

de centelhas.

— É sempre assim todas as noites, enquanto estamos a dormir? - pergunta a

Anna.

É uma pergunta notável. Será que todas as coisas maravilhosas acontecem quando

não nos apercebemos delas? Abano a cabeça. Tecnicamente, a órbita da Terra cruza-se

com a cauda saibrosa deste cometa uma vez por ano. Mas um espectáculo tão dinâmico

como este pode acontecer uma vez na vida.

— Não seria fixe se uma estrela caísse no nosso quintal? Se a encontrássemos

quando o Sol nascesse, e a puséssemos dentro de um aquário, e a usássemos como luz de

presença ou lanterna de campismo? - Quase consigo vê-la a fazer isso, a passar o relvado

a pente fino à procura de um vestígio de relva queimada.

— Achas que a Kate consegue ver isto da sua janela? - Não tenho a certeza. -

Ergo-me sobre um cotovelo e olho para ela atentamente.

Mas a Anna mantém os olhos fixos no céu.

— Sei que queres perguntar-me porque é que estou a fazer tudo isto.

— Não tens de dizer nada se não quiseres.

A Anna deita-se, com a cabeça em cima do meu ombro. A cada segundo, uma

risca de prata brilha: parênteses, pontos de exclamação, aspas - uma gramática inteira feita

de luz, para palavras demasiado difíceis para serem ditas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 182*

## **SEXTA-FEIRA**

Duvidai que as estrelas são fogo;

Duvidai que o Sol se move;

Duvidai da verdade para mentir;

Mas nunca duvideis que eu amo.

— WILIAM SHAKESPEARE, Hamlet

## Campbell

Logo que entro no hospital com o Juiz ao meu lado, sei que estou metido em

sarilhos. Uma agente de segurança - pensem no Hitler vestido de mulher com uma

permanente muito mal feita cruza os braços e impede-me a entrada nos elevadores.

— Não são permitidos cães - diz ela em tom de comando.

— Este é um cão de serviço.

— Você não é cego.

— Tenho um ritmo cardíaco irregular e ele foi treinado para fazer reanimação

cardio-respiratória.

Dirijo-me ao consultório do Dr. Peter Bergen, um psiquiatra que por acaso é o

presidente do Conselho de Ética Médica do Hospital de Providence. Estou aqui por

exclusão de hipóteses: não consigo encontrar a minha cliente, que pode ou não avançar

com este processo legal. Sinceramente, depois da audiência de ontem fiquei chateado -

queria que ela viesse ter comigo. Quando não o fez, cheguei a sentar-me à sua porta a

noite passada durante uma hora, mas ninguém apareceu em casa; esta manhã,

presumindo que a Anna estava com a irmã, dirigi-me ao hospital - para me dizerem que

não podia ver a Kate. Também não consigo encontrar a Juliá, embora estivesse convencido

de que a encontraria ontem ainda à espera do outro lado da porta quando o Juiz e eu nos

fomos embora após o incidente no tribunal. Pedi à irmã o número do telemóvel, pelo

menos, mas algo me diz que o número que me deu está fora de serviço.

Portanto, visto que não tenho nada melhor para fazer, vou trabalhar no meu caso

na esperança vã de ele ainda existir.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 183*

A secretária de Bergen parece ser o tipo de mulher cujo número de soutien é

maior do que o seu QI.

— Ooh, um cachorrinho! - guincha ela. Aproxima-se para fazer festas no Juiz.

— Por favor. Não faça isso. - Estou prestes a dar uma das minhas respostas

prontas, mas por que hei-de desperdiçá-la com ela? Então dirijo-me à porta lá atrás.

Aí encontro um homem baixo e atarracado com um lenço com a bandeira dos

Estados Unidos a cobrir-lhe os caracóis grisalhos, usando um equipamento de ioga e

fazendo Tai Chi.

— Estou ocupado - resmungo Bergen.

— Algo que temos em comum, Doutor. Sou Campbell Alexander, o advogado que

pediu os ficheiros da filha dos Fitzgerald.

Com os braços esticados para a frente, o psiquiatra expira.

— Já os enviei.

— Enviou os ficheiros da Kate. Eu preciso dos da Anna Fitzgerald.

— Sabe - responde ele -, esta não é uma altura muito boa para eu. .

— Não quero interromper o seu exercício. - Sento-me, e o Juiz deita-se aos meus

pés. - Como estava a dizer: Anna Fitzgerald. Tem algumas notas do Comitê de Ética sobre

ela? - O Comitê de Ética nunca foi convocado por causa da Anna Fitzgerald. A irmã é que é

a doente.

Observo-o a arquear as costas, e depois a curvar-se para a frente.

— Faz alguma idéia de quantas vezes a Anna foi doente ambulatória e esteve

internada neste hospital? - Não - diz Bergen.

— Conto oito vezes.

— Mas esses procedimentos não seriam necessariamente apresentados ao Comitê

de Ética. Quando os médicos concordam com o que os pacientes desejam, ou vice-versa,

não existe conflito. Não há razão para que isso chegue sequer aos nossos ouvidos. - O Dr.

Bergen baixa o pé que ergueu no ar e vai buscar uma toalha para se limpar debaixo dos

braços. - Todos nós temos trabalhos a tempo inteiro, Dr. Alexander. Psiquiatras,

enfermeiros, médicos, cientistas e capelões. Não andamos à procura de problemas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 184*

A Julia e eu estávamos encostados ao meu cacifo, a ter um debate sobre a Virgem

Maria. tinha andado a mexer na sua medalha milagrosa - bem, na realidade, estava

interessado era na sua clavícula, e a medalha tinha-se metido no caminho.

— E se- disse eu -, ela fosse apenas uma rapariga que se tinha metido em sarilhos,

e inventou uma maneira engenhosa de sair deles? A Julia quase se engasgou.

— Acho que até poderias ser expulso da Igreja Episcopal por causa disso,

Campbell.

— Pensa bem. Tens treze anos, ou qualquer que fosse a idade que tivessem

naquela altura quando andavam um com o outro, e andaste a rebolar no feno com José e,

antes que desses por isso, o teu teste de gravidez saiu positivo. Ou enfrentas a ira do teu

pai, ou inventas uma boa história. Quem é que vai contradizer-te se disseres que foi Deus

que te engravidou? Não achas que o pai de Maria estava a pensar. "Eu podia castigá-la..."

mas e se isso der origem a uma praga? " Nessa altura abri o meu cacifo e lá de dentro

saíram uma centena de preservativos. Um grupo de rapazes da equipa de vela saiu do seu

esconderijo, rindo como hienas.

— Achámos que te dava jeito um novo abastecimento- disse um deles.

Bem, o que haveria eu de fazer? Sorri.

Antes que desse por isso, a Julia já tinha fugido. Para uma rapariga, ela corria

mesmo rápido. Só a apanhei quando o colégio era uma mancha distante atrás de nós.

— Jóia - disse eu, embora não soubesse o que deveria dizer a seguir.  
Não era a

primeira vez que eu fazia uma rapariga chorar, mas era a primeira  
vez que isso me

magoava.

— Devia ter-lhes batido a todos? Era isso que querías? Ela  
interpelou-me. - O que

é que lhes dizes sobre nós quando estás no balneário? - Não lhes  
digo nada.

— O que dizes aos teus pais sobre nós? - Nada - admiti.

— Vai-te lixar- disse ela, e começou de novo a correr.

As portas do elevador abrem-se no terceiro andar, e lá está a Julia  
Romano.

Ficamos a olhar um para o outro, e depois o Juiz levanta-se e  
começa a abanar a cauda.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 185*

— Vais descer? Ela entra e carrega no botão para a recepção, que já  
está

iluminado. Mas isso faz com que ela se incline sobre mim, de tal  
forma que consigo cheirar

o seu cabelo - baunilha e canela.

— O que estás aqui a fazer? - pergunta ela.

— A ficar imensamente desiludido com o estado dos Serviços de  
Saúde na

América. E tu? - vou ter uma reunião com o oncologista da Kate, o Dr. Chance.

— Presumo que ainda temos processo legal? A Julia abana a cabeça.

— Não sei. Ninguém naquela família atende os meus telefonemas, excepto o

Jesse, e trata-se de um caso estritamente hormonal.

— Foste ao. .

— Quarto da Kate? Sim. Eles não queriam deixar-me entrar. Alguma coisa

relacionada com a diálise.

— A mim disseram-me a mesma coisa - digo-lhe eu.

— Bem, se falares com ela...

— Olha - interrompo. - Presumo que ainda temos uma audiência marcada para

daqui a três dias até a Anna me dizer o contrário. Se for esse o caso, tu e eu precisamos

mesmo de nos juntar para perceber que raio se passa na vida desta miúda. Queres tomar

um café? - Não - diz a Julia, e começa a afastar-se.

— Pára. - Quando lhe agarro o braço, ela fica paralisada. - Sei que isto te deixa

pouco à vontade. A mim também. Mas lá porque tu e eu não conseguimos crescer isso

não significa que a Anna não deva ter essa hipótese. - Este discurso é acompanhado por

um ar acabrunhado.

Julia cruza os braços.

— Queres anotar essa, para a poderes usar outra vez? Desato a rir.

— Credo, és implacável...

— Oh, vai-te lixar, Campbell. És tão fluente que provavelmente untas os lábios com

óleo todas as manhãs.

Isso invoca todos os tipos de imagens na minha mente, mas elas envolvem partes

do corpo dela.

— Tens razão - diz ela então.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 186*

— Ora, isso é que eu quero anotar. . - Quando ela começa a afastar-se desta vez, o

Juiz e eu vamos atrás dela.

Ela sai do hospital, desce a rua lateral, uma viela, e passa por baixo de um edifício

antes de caminhar de novo à luz do Sol na Avenida Mineral Spring, em North Providence.

Nessa altura, sinto-me aliviado por a minha mão esquerda estar bem enrolada na trela de

um cão com uma quantidade excessiva de dentes.

— O Chance disse-me que já não há nada a fazer pela Kate diz-me a Julia.

— Queres dizer para além do transplante de rim.

— Não. Essa é a coisa mais incrível. - Ela pára de andar, coloca-se à minha frente. -

O Dr. Chance acha que a Kate não é suficientemente forte.

— E a Sara Fitzgerald está a promover isso - digo eu.

— Se pensares nisso, Campbell, não podes censurar a sua lógica. Se a Kate vai

certamente morrer sem o transplante, por que razão não se haveria de arriscar a fazê-lo?

Passamos delicadamente à volta de um homem sem abrigo e da sua colecção de garrafas.

— Porque o transplante exige que a outra filha seja submetida a uma grande

cirurgia - faço notar. - E colocar a saúde da Anna em risco devido a uma intervenção

desnecessária para ela parece-me ser um pouco inconsciente.

De repente a Julia detém-se em frente a uma pequena cabana com um letreiro

pintado à mão, Luigi Ravioli. Parece-me o tipo de local que mantêm pouco iluminado, para

não repararmos nas ratazanas.

— Não há nenhum Starbucks aqui perto? - pergunto, no momento exacto em que

um homem enorme e careca de avental branco abre a porta e quase derruba a Julia.

— Isobella! - grita ele, beijando-a em ambas as faces.

— Não, tio Luigi, sou a Julia.

— Julia? - Ele afasta-se e franze o sobrolho. - Tens a certeza? Devias cortar o

cabelo ou algo do gênero, por amor de Deus.

— Costumava chatear-me por causa do meu cabelo quando era curto.

— Nós chateávamos-te por causa do teu cabelo por ele ser cor-de-rosa. - Ele olha

para mim. - Têm fome? - Gostaríamos de tomar um café numa mesa discreta. Ele sorri.

— Uma mesa discreta? Julia suspira.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 187*

— Não é esse gênero de mesa discreta.

— Está bem, está bem, é tudo um grande segredo. Entrem, vou instalá-los na sala

de trás. - Olha para o Juiz. - O cão fica aqui.

— O cão entra - respondo eu.

— No meu restaurante não - insiste Luigi.

— Ele é um cão de serviço, não pode ficar cá fora.

Luigi aproxima-se, fica a alguns centímetros do meu rosto.

— Você é cego? - Sou daltónico. Ele diz-me quando os semáforos mudam de cor.

A boca do tio da Julia descai nos cantos.

— Hoje em dia são todos Chicos espertos - diz ele, e depois indicamos o caminho.

Durante semanas, a minha mãe tentou adivinhar a identidade da minha namorada.

— É a Bitsy, não é? Aquela que encontramos na Vineyard? Ou não, espera, não é a

filha da Sheila, a ruiva, ou é? Eu disse-lhe vezes sem conta que não era ninguém que ela

conhecesse, quando o que eu de facto queria dizer era que a Julia não era alguém a quem

ela desse valor.

— Eu sei o que é melhor para a Anna - diz-me a Julia -, mas não tenho a certeza

de que ela seja suficientemente adulta para tomar as suas próprias decisões.

Tiro outro pedaço de antipasto.

— Se achas que ela está certa ao apresentar a petição, então qual é o conflito? -

Compromisso - diz Julia secamente. - Queres que te defina? - Sabes, não é bem-educado

mostrar as garras à mesa de jantar.

— Neste momento, cada vez que a mãe da Anna a confronta, ela recua. Cada vez

que acontece alguma coisa à Kate, ela recua. E apesar do que ela acha que é capaz de

fazer, nunca tomou nenhuma decisão desta magnitude - tendo em conta as conseqüências

que acarreta para a irmã.

— E se eu te dissesse que quando se realizar a nossa audiência, ela estará apta a

tomar essa decisão? Julia olha para cima.

— Por que tens tanta confiança nisso? - Eu tenho sempre muita confiança em mim

próprio.

Ela tira uma azeitona da travessa que está entre nós.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 188*

— Pois - diz ela em voz baixa. - Eu lembro-me disso.

Embora a Julia devesse ter tido as suas suspeitas, eu não lhe falei dos meus pais,

da minha casa. Quando nos dirigíamos para Newport no meu Jeep, virei para a entrada de

uma enorme mansão de tijolo.

— Campbell- disse a Julia. - Estás a brincar.

Eu dei a volta na entrada e saí pelo outro lado. - Pois estou.

Dessa forma, quando virei para a segunda casa depois daquela, a grande mansão

georgiana com as suas fileiras defaias e o declive até à Baía, não parecia tão imponente.

Pelo menos, era mais pequena do que a primeira.

A Julia abanou a cabeça.

— Os teus pais vão olhar para mim e vão separar-nos com um pé de cabra.

— Vão adorar-te - disse eu. A primeira vez que menti à Julia, mas não a última.

A Julia desaparece debaixo da mesa com um prato cheio de massa.

— Ora aí tens, Juiz - diz ela. - Então para que é o cão? - Ele traduz para os meus

clientes que falam espanhol.

— A sério? - A sério. - Sorrio-lhe.

Ela inclina-se para a frente, semicerrando os olhos.

— Sabes, eu tenho seis irmãos. Eu sei como vocês, os homens, pensam.

— Diz-me.

— E vou revelar os meus segredos? Não me parece. - Abana a cabeça. - Talvez a

Anna te tenha contratado por seres tão evasivo como ela.

— Ela contratou-me porque viu o meu nome num jornal - digo-Lhe eu. - Apenas

isso.

— Mas por que haverias tu de aceitá-la? Este não é o teu tipo de caso habitual.

— Como sabes qual é o meu tipo de caso habitual? Disse-o em tom descontraído,

para ser uma piada, mas a Julia emudece, e aí está a minha resposta: todos estes anos, ela

tem seguido a minha carreira.

Mais ou menos como eu tenho seguido a dela.

Pigarreio, pouco à vontade, e aponto para o seu rosto.

— Tens molho. . aqui.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 189*

Ela pega no guardanapo e limpa o canto da boca, mas falha totalmente.

— Já saiu? - pergunta ela.

Inclinando-me para a frente com o meu próprio guardanapo. limpo a pequena

mancha - mas depois não me afasto. A minha mão está pousada na sua face. Os nossos

olhos ficam presos, e nesse instante, somos de novo jovens a aprender as formas um do

outro.

— Campbell - diz a Julia -, não me faças isso.

— Fazer o quê? - Atirar-me do mesmo penhasco duas vezes.

Quando o telemóvel no bolso do meu casaco toca, damos ambos um salto. A Julia

entorna inadvertidamente o seu copo de Chianti enquanto atendo.

— Não, acalme-se. Acalme-se. Onde está? Está bem, vou a caminho.

— A Julia pára de limpar a mesa quando desligo. - Tenho de ir.

— Está tudo bem? - Era a Anna - digo eu. - Está na Esquadra da Polícia de Upper

Darby.

De regresso a Providence, tentei arranjar pelo menos uma morte horrível por

quilómetro para os meus pais. À mocada, tirando os escalpes. Esfolá-los vivos e salpicá-los

com sal. Conservá-los emfin, embora não saiba se isso seria considerado tortura ou

simplesmente Nirvana.

Era possível que me tivessem visto a esgueirar-me para fora do quarto de

hóspedes, conduzindo ajuia pelas escadas dos empregados até a porta das traseiras. Era

possível que tivessem distinguido as nossas silhuetas enquanto despíamos as nossas

roupas e caminhávamos dentro de água na baía. Talvez tivessem visto as pernas dela

enroladas à minha volta e me tivessem visto deitá-la numa cama feita de camisolas e

flanela.

A desculpa deles na manhã seguinte, acompanhada de ovos Benedict, foi um

convite para uma festa no Clube, nessa noite smoking, só família. Um convite que, claro,

não incluía ajuia.

Estava tanto calor na altura em que chegámos à casa dela que algum rapaz com

mais iniciativa tinha aberto a boca de incêndio, e os miúdos saltavam como pipocas

debaixo do repuxo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 190*

— Julia, nunca te devia ter arrastado lá para casa, para conhecer os meus pais.

— Há muitas coisas que não devias fazer - admitiu ela. - E a maioria delas inclui-

me.

— Telefono-te antes da formatura - disse eu, enquanto ela me beijava e saía

dojeep.

Mas eu não telefonei. E não me encontrei com ela na formatura. E ela pensa que

sabe porquê, mas não sabe.

A coisa mais curiosa sobre Rhode Island é que não possui absolutamente nenhum

feng shui. com isto quero dizer que há um Little Crompton, mas não há um Big Crompton.

Há um Upper Darby mas não há um Lower Darby. Há uma série de locais definidos em

relação a outra coisa que não existe verdadeiramente.

A Julia vem atrás de mim, no seu próprio carro. O Juiz e eu devemos ter batido um

recorde de velocidade terrestre, porque parece que se passaram menos de cinco minutos

desde o telefonema até ao momento em que entrámos na esquadra, encontrando a Anna

histórica ao lado do sargento de serviço. Ela corre ao meu encontro, frenética.

— Tem de me ajudar - grita ela. - O Jesse foi preso.

— O quê? - Fico a olhar para a Anna, que me afastou de uma refeição muito boa,

já para não referir a conversa que eu preferia ter tido depois de a acabar. - Por que é que

isso haveria de ser um problema meu? - Porque eu preciso que o tirem de lá - explica a

Anna devagar, como se eu fosse débil mental. - Você é advogado.

— Não sou advogado dele.

— E não pode ser? - Porque não chama a vossa mãe - sugiro. - Soube que ela está

a aceitar novos clientes.

A Julia bate-me no braço.

— Cala-te. - Depois volta-se para a Anna. - O que aconteceu? - O Jesse roubou um

carro e foi apanhado.

— Dá-me mais pormenores - digo eu, já arrependido.

— Foi um Humvee, acho eu. Um grande, amarelo.

Só há um Humvee grande e amarelo em todo o estado, e pertence ao juiz

Newbell. Sinto uma dor de cabeça surgir-me entre os olhos.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 191*

— O seu irmão roubou o carro de um juiz e você quer que eu o tire da prisão? A

Anna olha para mim e pestaneja.

— Bem, sim. Meu Deus.

— Deixe-me ir falar com o agente.

Deixando a Anna ao cuidado da Julia, dirijo-me ao sargento de serviço, que - juro -

já está a rir de mim.

— Represento Jesse Fitzgerald - suspiro.

— Lamento sabê-lo.

— Foi o juiz Newbell, não foi? O agente sorri.

— Foi. Respiro fundo.

— O rapaz não tem cadastro.

— Isso é porque acabou de fazer dezoito anos. Tem um registo de delinqüência

juvenil com um quilômetro de comprimento.

— Olhe - digo eu -, a família dele está a passar um mau bocado. Uma das irmãs

está a morrer; a outra está a processar os pais. Não me faz um favor aqui? O agente olha

para a Anna.

— vou falar com o Procurador-Geral, mas é bom que apresente o miúdo como

culpado, porque tenho a certeza de que o juiz Newbell não quer vir testemunhar.

Após mais um pouco de negociações eu regresso para junto da Anna, que se

levanta de um salto logo que me vê.

— Já resolveu o assunto? - Sim. Mas nunca mais volto a fazer isto, e ainda não

acabei de falar consigo.

— Dirijo-me às traseiras da esquadra, onde se encontram as celas de detenção.

O Jesse Fitzgerald está deitado de costas em cima de um beliche de metal, com

um braço por cima dos olhos. Por um momento permaneço fora da cela.

— Sabe, você é o melhor argumento que já vi a favor da selecção natural.

Ele senta-se.

— Quem diabo é você? - A sua fada madrinha. Seu idiota, você tem noção de que

roubou o Humvee de um juiz? - Bem, como é que eu haveria de saber de quem era o

carro? - Talvez devido à matrícula que atesta a vaidade judicial, que diz ALLRISE? - digo eu.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 192*

- Eu sou advogado. A sua irmã pediu-me para o representar. Contra o meu bom senso,

aceitei.

— A sério? Então pode tirar-me daqui? - Vão deixá-lo sair sob caução em

liberdade condicional. Precisa de lhes entregar a sua carta de condução e aceitar viver em

casa, o que você já faz, portanto isso não deve ser um problema.

O Jesse pondera sobre isto.

— Tem de lhes entregar o meu carro? - Não.

Quase se pode ver o mecanismo a funcionar. Um miúdo como o Jesse não podia

estar menos preocupado com um pedaço de papel que o autoriza a conduzir, desde que

tenha carro.

— Então está tudo fixe - diz ele.

Dirijo-me a um agente que está lá à espera e que destranca a cela para o Jesse

poder sair. Caminhamos lado a lado até à sala de espera. Ele é tão alto como eu, mas

inacabado. O seu rosto ilumina-se quando dobramos a esquina, e por um momento penso

que ele se poderá redimir, que talvez goste suficientemente da Anna para ser seu aliado.

Mas ele ignora a irmã, e em vez disso aproxima-se da Julia.

— Olá - diz ele. - Estava preocupada comigo? Nesse momento, desejo voltar a

trancá-lo na cela. Depois de o matar.

— Vai-te embora - suspira a Julia. - Vamos lá, Anna. Vamos comer qualquer coisa.

O Jesse olha para cima.

— Excelente. Estou esfomeado.

— Tu não - digo eu. - Vamos para o tribunal.

No dia da minha formatura no Wheeler, chegaram os gafanhotos. Surgiram como

uma densa tempestade de Verão, emaranhando-se nos ramos das árvores e caindo

ruidosamente no chão. Os meteorologistas tiveram muito trabalho para tentar explicar o

fenômeno. Mencionaram pragas bíblicas, o El Nino e a seca prolongada. Recomendaram o

uso de guarda-chuvas, de chapéus de abas largas e que as pessoas permanecessem no

interior das casas.

A cerimônia de formatura, porém, realizava-se ao ar livre, debaixo de uma grande

tenda de lona. Enquanto o apresentador falava, o seu discurso ia sendo pontuado pelo

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 193*

salto suicida dos insectos. Os gafanhotos reboavam pelo telhado inclinado, caindo no colo

dos espectadores.

Eu não queria ter ido, mas os meus pais obrigaram-me. A Julia encontrou-me

quando eu estava a pôr o chapéu. Colocou os braços à volta da minha cintura. Tentou

beijar-me.

— Então - disse ela - de que lado da Terra caíste tu? Lembro-me de pensar que

com as nossas vestes brancas, parecíamos fantasmas. Afastei-a de mim.

— Não faças isso, está bem? Não faças.

Em todas as fotografias da formatura que os meus pais tiraram, eu estou a sorrir

como se este novo mundo fosse um local onde eu de facto desejasse viver, enquanto por

todo o lado à minha volta os insectos caíam, grandes como punhos.

O que é ético para um advogado difere do que é ético para o resto do mundo. Na

realidade, nós temos um código escrito, Regras da Responsabilidade Profissional, que

temos de ler. ser examinados na matéria e seguir para poder continuar a exercer. Mas

estes mesmos padrões exigem que façamos coisas que a maioria das pessoas considera

imoral. Por exemplo, se alguém entrasse no meu escritório e dissesse: "Eu matei o bebê

Lindbergh" eu talvez perguntasse onde estava o corpo. "Debaixo do chão do meu quarto"

dir-me-ia, "um metro abaixo das fundações da casa". Se eu quisesse desempenhar

correctamente as minhas funções, não poderia dizer a absolutamente ninguém onde se

encontrava aquele bebê. Na realidade, poderia ser expulso da Ordem dos Advogados se o

fizesse.

Tudo isto significa que estou de facto treinado para pensar que a moral e a ética

não andam necessariamente de mãos dadas.

— Bruce - digo eu ao promotor de justiça -, o meu cliente vai renunciar à

informação. E se lhe retirar algumas dessas infracções de trânsito menores, juro que ele

nunca mais vai estar a menos de quinze metros do juiz ou do seu carro.

Interrogo-me se neste país a população em geral tem conhecimento de que o

sistema judicial tem muito mais a ver com o facto de se jogar um bom póquer do que com

a justiça.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 194*

O Bruce é um tipo de bem. Para além disso, por acaso sei que acabou de ser

nomeado para um caso de duplo homicídio; ele não quer perder o seu tempo com a

condenação do Jesse Fitzgerald.

— Sabe, estamos a falar do Humvee do juiz Newbell, Campbell - diz ele.

— Sim, tenho consciência disso - respondo solenemente, enquanto penso que

qualquer pessoa suficientemente vaidosa para conduzir um Humvee está praticamente a

pedir que lho roubem.

— Deixe-me falar com o juiz - suspira Bruce. - vou ser provavelmente estripado

por sugerir isso, mas digo-lhe que os polícias não se importam se dermos uma segunda

oportunidade a este miúdo.

Vinte minutos depois, todos nós já assinámos os nossos formulários, e o Jesse está

de pé ao meu lado em frente ao tribunal. Vinte minutos depois ele está em liberdade

condicional, oficialmente, e vamo-nos embora, descendo as escadas do tribunal.

Está um daqueles dias de Verão que nos ficam na memória. Em dias como este, eu

estaria a velejar com o meu pai.

O Jesse inclina a cabeça para trás.

— Nós costumávamos apanhar girinos - diz ele sem mais nem menos. - Pô-los

dentro de um balde, e depois observar as suas caudas a transformarem-se em pernas.

Nenhum deles, chegou a ficar uma rã, juro. - Ele vira-se para mim e tira um maço de

cigarros do bolso. - Quer um? Eu não fumo desde os tempos da faculdade. Mas dou por

mim a tirar um cigarro e a acendê-lo. O Juiz observa o desenrolar da vida, de língua de

fora. Ao meu lado, o Jesse acende um fósforo.

— Obrigado - diz ele. - Pelo que está a fazer pela Anna. Passa um carro, com o

rádio a tocar uma daquelas músicas que as estações nunca passam no Inverno. Uma lufada

de fumo azul cintilante sai da boca do Jesse. Interrogo-me se alguma vez terá velejado. Se

haverá alguma memória a que se tenha agarrado durante todos estes anos - estar sentado

no relvado em frente de casa e sentir a relva a arrefecer depois do pôr do Sol, segurar

fogos de artifício no Quatro de Julho até queimar os dedos. Todos nós temos qualquer

coisa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 195*

Ela deixou o bilhete debaixo do limpa pára-brisas do meujeep dezassete dias

depois da formatura. Antes de o abrir, interroguei-me sobre como teria ela vindo para

Newport, e como teria regressado.

levei-o para a baía para o ler sentado das rochas; e depois de ter acabado ergui-o

e cheirei-o, para o caso de conservar o aroma dela.

Tecnicamente, eu não tinha autorização para conduzir, mas isso pouco importava.

Encontramo-nos no cemitério, tal como estabelecia o bilhete.

A Julia estava sentada em frente à lápide, com os braços apertados em volta dos

joelhos. Olhou para cima quando me viu.

— Queria que fosses diferente. - Julia, o problema não és tu.

— Não? - Ela pôs-se de pé. - Eu não tenho um fundo de investimento, Campbell.

O meu pai não tem um iate. Se estavas a fazer figas, à espera que eu me transformasse em

Cinderela um dia destes, estavas muito enganado.

— Eu não me ralo com nada disso.

— Não te ralas o caraças. - Os seus olhos semicerraram-se. - O que é que estavas a

pensar, que seria divertido conhecer a classe baixa? Fizeste isto para chatear os teus pais?

E agora podes raspar-me da sola do teu sapato como se eu fosse algo que tivesses pisado

acidentalmente? - Ela atacou-me, batendo-me no peito. - Eu não preciso de ti. Nunca

precisei de ti.

— Bem, eu precisava mesmo de ti! - respondi-lhe gritando. Quando ela se voltou

eu agarrei-lhe nos ombros e beijei-a. Agarrei nas coisas que não tinha coragem de dizer e

deitei-as dentro dela.

Há algumas coisas que fazemos porque nos convencemos de que será melhor

para todas as pessoas envolvidas. Dizemos a nós próprios que é o que deve ser feito, que

é o mais altruísta. É muito mais fácil do que enfrentar a verdade.

Afastei a Julia de mim. Desci a colina do cemitério. Não olhei para trás.

A Anna está sentada ao meu lado no carro, o que não é do agrado do Juiz. Ele

espeta o focinho triste para a frente, mesmo no meio de nós, a arfar pesadamente.

— Hoje não foi um bom prenuncio do que está para vir - digo-Lhe eu.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 196*

— De que é que está a falar? - Se quiser ter direito a tomar decisões importantes,

Anna, precisa de começar a tomá-las agora. Não deve estar à espera que as outras pessoas

venham resolver os problemas.

Ela lança-me um olhar carrancudo.

— Tudo isto porque eu o chamei para ajudar o meu irmão? Pensei que fosse meu

amigo.

— Já lhe disse uma vez que não sou seu amigo; sou seu advogado.  
Há uma

diferença essencial.

— Está bem. - Ela tenta abrir a porta. - vou voltar à polícia para  
dizer que prendam

de novo o Jesse. - Ela quase consegue abrir a porta, apesar de o  
carro estar em

andamento.

Agarro no puxa dor e fecho a porta com força.

— Enlouqueceu? - Não sei - responde ela. - Perguntava a sua  
opinião, mas

provavelmente não faz parte do seu trabalho.

Com um movimento do volante, encosto o carro à berma.

— Sabe qual é a minha opinião? Nunca ninguém lhe pergunta a sua  
opinião

relativamente a nada importante porque muda de idéias tão  
rapidamente que é impossível

saber em que acreditar. Considere-me um exemplo. Nem sequer sei  
se ainda é válida a

petição que apresentámos ao juiz para obter emancipação médica.

— Por que não haveria de ser? - Pergunte à sua mãe. Pergunte à  
Julia. Cada vez

que volto costas, alguém me informa de que não quer seguir em  
frente com isto. - Olho

para o encosto do braço, onde a sua mão está apoiada. Verniz roxo cintilante, com as

unhas roídas pelo sabugo.

— Se quiser ser tratada como uma pessoa adulta no tribunal, é necessário que se

comece a portar como tal. A única maneira de eu poder defender os seus direitos, Anna, é

conseguir provar a toda a gente que se pode defender a si própria quando eu me for

embora.

Regresso à estrada, e olho de lado para ela, mas a Anna está sentada com as mãos

metidas entre as coxas e o rosto virado para a frente em desafio.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 197*

— Estamos quase a chegar a sua casa - digo eu secamente. Depois poderá sair e

bater com a porta na minha cara.

— Não vamos para a minha casa. Preciso de ir para o quartel dos bombeiros. O

meu pai e eu estamos a viver lá durante uns tempos.

— Será imaginação minha, ou não terei eu passado um bom par de horas no

tribunal de família a debater precisamente este assunto? E pensei que tinha dito à Julia

que não queria separar-se da sua mãe? Era precisamente disto que eu estava a falar, Anna

- digo eu, batendo com a mão no volante. - Que raio quer você afinal? Quando ela

explode, é notável.

— Quer saber o que eu quero? Estou farta de ser uma cobaia. Estou farta de que

ninguém me pergunte o que eu acho de tudo isto. Estou farta, mas nunca estou

suficientemente farta para esta família.

— Ela abre a porta do carro com este ainda em movimento, e começa a correr

desalmadamente até ao quartel dos bombeiros, a alguns metros de distância.

Bem. Lá no fundo da minha pequena cliente há um potencial para fazer com que

as outras pessoas a escutem. Isso significa que na barra das testemunhas ela vai aguentar-

se melhor do que eu imaginava.

E no seguimento dessa idéia: talvez a Anna seja capaz de testemunhar, mas o que

ela disse fá-la parecer insensível. Até imatura. Ou por outras palavras, é muito improvável

que consiga convencer o juiz a deliberar em seu favor.

## Brian

O fogo e a esperança estão relacionados, como todos sabem. Da forma como os

Gregos contaram a história, Zeus nomeou Prometeu e Epimeteu como responsáveis pela

criação da vida na Terra. Epimeteu criou os animais, atribuindo-lhes qualidades como a

velocidade e a força, a pelagem e as asas. Na altura em que Prometeu criou o homem,

todas as qualidades melhores já tinham sido atribuídas. Ele contentou-se em fazê-lo

caminhar erecto, e deu-lhe o fogo.

Zeus, irritado, retirou-lho. Mas Prometeu viu a sua criação, o seu motivo de

orgulho e alegria, a tremer e sem poder cozinhar. Acendeu um archote no Sol e entregou-

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 198*

o de novo ao homem. Para castigar Prometeu, Zeus mandou acorrentá-lo a uma rocha,

onde uma águia se alimentou do seu fígado. Para castigar o homem, Zeus criou a primeira

mulher, Pandora, e deu-lhe um presente, uma caixa que estava proibida de abrir.

A curiosidade de Pandora levou a melhor, e um dia ela abriu a caixa.  
Saíram de lá

pragas, miséria e maldade. Ela conseguiu fechar bem a tampa antes  
que a esperança se

escapasse. É a única arma que nos resta para combater.

Perguntem a qualquer bombeiro; ele dir-vos-á que é verdade. Raios.  
Perguntem a

qualquer pai.

— Suba - digo eu a Campbell Alexander, quando ele chega com a  
Anna. - Há café

acabado de fazer. - Ele sobe as escadas atrás de mim, com o seu  
pastor alemão atrás. Sirvo

duas chávenas. - Para que é o cão? - É um íman para atrair  
raparigas - diz o advogado. -

Tem um pouco de leite? Dou-lhe o pacote que tiro do frigorífico, e  
depois sento-me com a

minha caneca. Aqui em cima está tudo tranqüilo; os rapazes estão lá  
em baixo a lavar as

viaturas de combate a incêndios e a fazer a manutenção diária.

— Então. - Alexander bebe um gole do seu café. - A Anna contou-  
me que saíram

os dois de casa.

— Sim. Achei que talvez quisesse fazer-me perguntas sobre isso.

— Sabe que a sua mulher é advogada da outra parte - diz ele cuidadosamente.

Olho directamente para ele.

— Acho que o que quer dizer com isso é se eu sei que não devia estar aqui

sentado a falar consigo.

— Isso só será um problema se a sua mulher ainda estiver a representá-lo.

— Nunca pedi à Sara para me representar. Alexander franze a testa.

— Não tenho a certeza de que ela saiba disso.

— Olhe, com todo o respeito, isto pode parecer um assunto de grande

importância, e é, mas nós temos outro assunto de grande importância a decorrer em

simultâneo. A nossa filha mais velha foi hospitalizada e. . bem, a Sara está a combater em

duas frentes.

— Eu sei. E lamento o que está a acontecer à Kate, Sr. Fitzgerald - diz ele.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 199*

— Trate-me por Brian. - Coloco as mãos à volta da caneca. E gostaria de falar

consigo.. sem ter a Sara por perto.

Ele recosta-se na sua cadeira dobrável.

— Então e se fosse agora mesmo? Não é uma boa altura, mas nunca será uma boa

altura para isto.

— Está bem. - Respiro fundo. - Acho que a Anna tem razão. De início, não tenho a

certeza de que Campbell Alexander me tenha sequer ouvido. Depois ele pergunta: - Está

disposto a dizer isso ao juiz durante uma audiência? Olho para o meu café.

— Acho que tenho de fazê-lo.

Na altura em que o Paulie e eu respondemos ao apelo de uma ambulância esta

manhã, o namorado já tinha colocado a namorada debaixo do chuveiro. Ela estava sentada

no fundo, com as pernas abertas em volta do ralo, completamente vestida. O cabelo

estava acachapado em cima do rosto, mas mesmo que não estivesse, eu teria percebido

que ela estava inconsciente.

O Paulie entrou imediatamente e começou a arrastá-la para fora.

— Chama-se Magda - disse o namorado. - Ela vai ficar bem, não vai?  
- É diabética?

- O que é que isso interessa? Por amor de Deus.

— Diga-me o que estavam a tomar - disse num tom autoritário.

— Estávamos apenas a embebedar-nos - disse o namorado.

— Tequila.

Ele não tinha mais do que dezassete anos. Idade suficiente para ter ouvido falar no

mito de que um duche faz recuperar de uma overdose de heroína.

— Deixe-me explicar-lhe uma coisa. O meu amigo e eu queremos ajudar a Magda,

queremos salvar-lhe a vida. Mas se me disser que ela tem álcool no sangue quando afinal

se trata de uma droga, o que quer que seja que lhe dermos pode causar um efeito inverso

e agravar ainda mais o seu estado. Percebeu? Nessa altura, mesmo à porta dos balneários,

o Paulie tinha conseguido libertar a Magda da camisola. Havia marcas em vários locais dos

seus braços.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 200*

— Se foi tequila, então devem ter andado a injectá-la. Coma alcoólico? Tirei o

Narcan do saco de primeiros socorros e dei o equipamento de microsondas de

espectrofotometria ao Paulie.

— Então, hum - disse o rapaz - não vão contar aos polícias, pois não? Num

movimento rápido, agarrei-o pelos colarinhos e encostei-o à parede.

— Você é assim tão estúpido? - É que os meus pais matam-me.

— Você não parecia muito preocupado por se matar a si próprio. Ou a ela. - Virei a

cabeça dele na direcção da rapariga, que nessa altura estava a vomitar o chão todo. - Acha

que a vida é algo que pode deitar fora como se fosse lixo? Acha que se entrar em

overdose tem sempre uma segunda oportunidade? Estava a berrar alto na sua cara. Senti

uma mão em cima do ombro - Paulie.

— Acalma-te, Capitão - disse ele em voz baixa. Lentamente apercebi-me de que o

miúdo estava a tremer à minha frente e que ele não tinha de facto nada a ver com a razão

por que eu estava a gritar. Afastei-me para arrefecer a cabeça. O Paulie terminou de tratar

a rapariga e regressou para junto de mim.

— Sabe, se for demasiado para si, nós podemos substituí-lo propôs ele. - O chefe

vai conceder-lhe o tempo de folga que quiser.

— Preciso de trabalhar. - Por cima do seu ombro conseguia ver a rapariga a

recuperar as cores; o rapaz a soluçar com as mãos no rosto ao seu lado. Olhei

directamente para o Paulie. - Quando não estou aqui - expliquei -, tenho de estar lá.

Não importa quantas vezes nos dirigimos para as Urgências, isso nunca se torna

numa rotina. O Brian carrega a nossa filha nos braços, com o sangue a escorrer-lhe pelo

rosto. A enfermeira que faz a triagem faz sinal para entrarmos, conduz as outras crianças

para as cadeiras de plástico onde podem ficar à espera. Um médico interno entra no

cubículo, todo atarefado.

— O que aconteceu? - Ela caiu por cima do guiador da bicicleta - disse eu. - Caiu

no cimento. Não parece haver nenhum sinal de concussão, mas há um alto no couro

cabeludo, na zona onde começa o cabelo, de cerca de quatro centímetros.

O médico deita-a suavemente em cima da mesa, calça as luvas fazendo-as estalar,

e olha para a testa dela.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 201*

— É médica ou enfermeira? Tento sorrir.

— Estou apenas habituada a estas coisas.

São precisos oitenta e dois pontos para coser o golpe. Mais tarde, com um enorme

penso de gaze branca na cabeça, e uma grande dose de Tylenol pediátrico a circular nas

veias dela, saímos para a sala de espera, de mão dada.

O Jesse pergunta-lhe quantos pontos levou. O Brian diz-lhe que ela foi tão

corajosa como um bombeiro. A Kate olha para o novo penso da Anna.

— Gosto mais de quando posso ficar sentada aqui fora - diz ela.

Começa quando a Kate grita na casa de banho. Subo as escadas a correr e

destranco a porta para encontrar a minha filha de nove anos de pé em frente a uma sanita

salpicada de sangue. O sangue também lhe escorre pelas pernas abaixo, e ensopou-lhe as

cuecas. Este é o cartão de apresentação da LPA - hemorragia com todo o tipo de máscaras

e disfarces. A Kate já teve hemorragia rectal antes, mas era muito pequena; não se lembra.

— Está tudo bem - digo eu calmamente.

Vou buscar um pano molhado com água morna para a limpar, e arranjo um penso

higiênico para a roupa interior. Observo-a a tentar posicionar o chumaço do penso entre

as pernas. Este é o momento que eu devia partilhar com ela quando lhe aparecesse o

período; será que ela vive o suficiente para isso? - Mãe - diz a Kate.  
- Voltou.

— Reaída clínica. - O Dr. Chance tira os óculos e pressiona os cantos dos olhos

com os polegares. - Acho que um transplante de medula é o caminho a seguir.

Na minha mente surge a memória de um saco de boxe insuflável com o Bozo que

eu tinha quando era da idade da Anna; como estava cheio de areia no fundo, sempre que

o socava ele voltava a erguer-se.

— Mas há alguns meses - diz o Brian -, disse-nos que eram perigosos.

— E são. Cinqüenta por cento dos pacientes que o recebem ficam curados. A outra

metade não sobrevive à quimioterapia e à radioterapia que antecedem o transplante.

Alguns morrem devido às complicações que surgem depois da realização do transplante.

O Brian olha para mim, e depois dá voz ao medo que se encrespa entre nós.

— Então porque havemos sequer de colocar a Kate em risco? -  
Porque se não o

fizemos - explica o Dr. Chance -, ela morrerá.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 202*

Da primeira vez que telefono para a companhia de seguros,  
desligam-me o

telefone por engano. Da segunda vez, eu espero a ouvir Muzak  
durante vinte e dois

minutos antes de ser atendida por uma operadora do serviço de  
atendimento aos clientes.

— Pode dar-me o número da sua apólice? Eu dou-lhe um que todos  
os

empregados municipais possuem, e o número da segurança social  
do Brian.

— Em que posso ajudá-la? - Falei com um colega seu há uma  
semana - explico. -

A minha filha tem leucemia, e necessita de um transplante de  
medula óssea. No hospital

explicaram-me que a nossa companhia de seguros necessitava de  
dar cobertura.

Um transplante de medula óssea custa no mínimo 100.000 dólares.  
Será

desnecessário referir que não temos assim tanto dinheiro disponível.  
Mas lá porque um

médico recomendou o transplante, isso não significa que a nossa  
companhia de seguros

concorde.

— Esse tipo de intervenção necessita de uma revisão especial...

— Sim, eu sei. Foi aí que ficámos a semana passada. Estou a  
telefonar porque

ainda não me disseram nada.

Ela deixa-me à espera, para poder procurar o meu processo. Ouço  
um ligeiro

clique, e depois a voz sumida de uma gravação. Se desejar efectuar  
uma chamada..

— Merda! - Desligo o telefone ruidosamente. A Anna, atenta, enfia a  
cabeça na

porta.

— Disseste uma palavra feia.

— Eu sei. - Levanto o auscultador e carrego no botão para remarcar  
o número.

Abro caminho através do menu. Por fim, consigo contactar com  
alguém de carne e osso. -

Desligaram-me o telefone mesmo agora. Novamente.

Esta operadora leva mais cinco minutos para anotar todos os  
mesmos números e a

história que eu já tinha contado aos seus predecessores.

— Na realidade, nós já fizemos a revisão do caso da sua filha diz a mulher. -

Infelizmente, nesta altura, achamos que essa intervenção não vai ao encontro dos

interesses dela.

Sinto o calor a subir-me ao rosto.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 203*

— E morrer vai? Para a preparar para a colheita de medula óssea, tenho de dar à

Anna injeções contínuas de factor do crescimento, tal como já tinha uma vez dado à Kate

após o seu transplante inicial de sangue do cordão umbilical. O objectivo é sobreequipar a

medula da Anna, para quando for altura de retirar células, haver quantidade suficiente para

a Kate.

Também explicámos isso à Anna, mas o que ela sabe é que duas vezes por dia, a

mãe tem de lhe dar uma injeção.

Nós usamos creme EMLA, um anestésico tópico. O creme deve fazer com que não

sinta a picada da agulha, mas ela grita na mesma. Interrogo-me se doerá tanto como ter a

nossa filha de seis anos a olhar-nos nos olhos e a dizer-nos que nos odeia.

— Sr. a Fitzgerald - diz o supervisor do serviço de atendimento aos clientes da

companhia de seguros -, nós temos em conta de onde vem. A sério.

— Não sei porquê, mas muito dificilmente acreditaria nisso digo eu. - Não sei

porquê, mas duvido que tenha uma filha entre a vida e a morte, e que o seu conselho

consultivo não esteja apenas a considerar o custo total de um transplante. - Prometi a mim

própria que não perderia o controlo, e depois de apenas trinta segundos ao telefone com

a companhia de seguros, já cedi.

— A AmeriLife pagará noventa por cento do que é considerado razoável e habitual

relativamente a uma infusão de linfócitos de um dador. No entanto, se mesmo assim

decidir fazer um transplante de medula, nós estamos prontos a cobrir dez por cento dos

custos.

Respiro fundo.

— Os médicos do vosso conselho que recomendaram isto. . qual é a especialidade

deles? - Eu não. .

— Não é leucemia promielocítica aguda, pois não? Porque mesmo um oncologista

que se tenha formado com as piores notas da turma nalguma faculdade de medicina para

carniceiros de Guam, provavelmente seria capaz de lhe dizer que uma ILD não vai resultar

enquanto cura. Que daqui a três meses, teremos novamente esta mesma discussão. Para

além disso, se perguntar a um médico que tenha o mínimo de conhecimento da dimensão

da doença da minha filha, ele dir-lhe-á que, ao repetir um tratamento que já foi

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 204*

experimentado, é muito pouco provável que se obtenham resultados num paciente com

LPA, porque este desenvolve resistências. O que significa que a AmeriLife está basicamente

a aceitar deitar dinheiro pela sanita abaixo, mas não aceita gastá-lo na única coisa que

poderá realmente ter hipóteses de salvar a vida da minha filha.

Há uma bolha de silêncio grávida do outro lado da linha.

— Sr. a Fitzgerald - sugere o supervisor -, entendo que se seguir este protocolo, a

companhia de seguros não terá quaisquer problemas em pagar o transplante.

— Tirando o facto de a minha filha poder já não estar viva para o receber. Não

estamos a falar de um carro, em que primeiro podemos experimentar uma peça em

segunda mão e se esta não resultar, mandar vir uma nova. Estamos a falar de um ser

humano. Um ser humano. Será que vocês, seus autômatos, percebem sequer o que isso

significa? Desta vez, já estou à espera do clique quando me desligam o telefone.

A Zanne aparece na noite antes de termos de ir para o hospital para dar início ao

regime preparatório para o transplante da Kate. Ela deixa o Jesse ajudá-la a montar o seu

escritório portátil, atende um telefonema da Austrália, e depois entra na cozinha para que

o Brian e eu a possamos informar das rotinas diárias.

— A Anna tem ginástica às terças - digo-lhe. - Às três horas. E estou à espera que

o camião de transporte de combustível venha esta semana.

— O lixo é recolhido às quartas-feiras - acrescenta o Brian.

— Não leves o Jesse à escola. Aparentemente isso é um anátema para os alunos

do sexto ano.

Ela acena com a cabeça, ouve, toma notas e depois diz que tem algumas

perguntas.

— O peixe. .

— É alimentado duas vezes por dia. O Jesse pode fazer isso, se lhe lembrares.

— Há alguma hora oficial de deitar? - pergunta a Zanne.

— Sim - respondo. - Queres que eu te diga a verdadeira, ou aquela que podes

utilizar se quiseres ter uma hora extra como brinde especial? - A Anna deita-se às oito

horas - diz o Brian. - E o Jesse às dez. Mais alguma coisa? - Sim. - A Zanne mete a mão no

bolso e tira um cheque de 100.000 dólares em nosso nome.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 205*

— Suzanne - digo eu, estupefacta. - Nós não podemos aceitar isso.

— Eu sei quanto custa. Vocês não podem cobrir a despesa. Eu posso. Deixem-me

fazê-lo.

O Brian agarra no cheque e devolve-lho.

— Obrigado - diz ele. - Mas de facto temos financiamento para o transplante.

Isto para mim é uma novidade.

— Temos? - Os rapazes lá no quartel fizeram um apelo a nível nacional, e

receberam algumas doações de outros bombeiros. - O Brian olha para mim. - Só soube

hoje.

— A sério? - Sinto um peso a sair de cima de mim. Ele encolhe os ombros.

— São meus irmãos - explica.

— Está aqui se precisarem dele - responde ela.

Mas nós não precisamos. Pelo menos, podemos fazer isto.

— Kate! - chamo na manhã seguinte. - São horas de ir embora! A Anna está

enrolada ao colo da Zanne no sofá. Tira o polegar da boca mas não diz adeus.

— Kate! - grito eu de novo. - Nós vamos embora! O Jesse ri afectadamente por

cima do seu comando Nintendo.

— Como se realmente se fossem embora sem ela.

— Ela não sabe disso. Kate! - Suspirando, subo as escadas em direcção ao seu

quarto.

A porta está fechada. Batendo suavemente, abro-a e, encontro a Kate a acabar de

fazer a cama. A colcha está tão bem esticada que se podia fazer rolar uma moeda de dez

cêntimos a meio; as almofadas foram ajeitadas e centradas. Os animais de peluche, por

esta altura relíquias, estão em cima do parapeito da janela por ordem, do mais alto para o

mais baixo. Até os sapatos foram cuidadosamente arrumados no roupeiro, e a

desarrumação em cima da secretária desapareceu.

— Ora. - Nem sequer lhe tinha pedido para arrumar. - Parece que me enganei no

quarto.

Ela volta-se.

— É para o caso de eu não voltar - diz ela.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 206*

Quando fui mãe pela primeira vez costumava ficar deitada na cama à noite a

imaginar a mais horrível sucessão de tragédias: uma picada de alforreca. provar uma baga

venenosa, o sorriso de um estranho perigoso, um mergulho de cabeça para dentro de uma

piscina pouco profunda. Há tantas maneiras de uma criança se magoar que parece

impossível que uma pessoa sozinha consiga mantê-la em segurança. À medida que os

meus filhos iam crescendo, os perigos pouco mudavam: inalar cola, brincar com fósforos,

pequenos comprimidos cor-de-rosa vendidos por detrás dos lugares baratos no campo de

basebol no liceu. Podemos ficar toda a noite acordados e mesmo assim não conseguir

contar todas as formas de perder as pessoas que amamos.

Parece-me, agora que isto é mais do que uma mera hipótese, que os pais reagem

de duas maneiras quando lhes dizem que o filho tem uma doença fatal. Ou nos

dissolvemos numa poça, ou somos atingidos pelo golpe na face e nos forçamos a levantar

outra vez o rosto para receber mais. Nisto, provavelmente somos muito parecidos com os

doentes.

A Kate está semiconsciente na cama, com os tubos do cateter venoso central a

sair do peito como uma fonte. A quimioterapia fê-la vomitar trinta e duas vezes, e fez

surgir feridas na sua boca e uma mucosite tão má que faz com que ela pareça um doente

com fibrose quística a falar.

Ela volta-se para mim e tenta falar, mas em vez disso tosse expectoração.

— Afogar - diz ela sufocada.

Erguendo o tubo de sucção que ela agarra nas mãos, limpo-lhe a boca e a

garganta.

— Eu faço isso enquanto descansas - prometo, e foi assim que eu comecei a

respirar por ela.

Uma enfermaria de oncologia é um campo de batalha, e existem sem sombra de

dúvida hierarquias de comando. Os doentes estão a fazer o circuito de serviço. Os médicos

surgem e desaparecem como heróis conquistadores, mas precisam de ler as fichas clínicas

dos nossos filhos para se lembrarem onde ficaram na visita anterior. As enfermeiras é que

são os sargentos experientes - os que estão presentes quando a nossa filha treme com

uma febre tão alta que necessita de ser banhada em gelo, que nos ensinam a limpar um

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 207*

cateter venoso central, que sugerem que cozinhas de que piso ainda têm chupa-chupas

para roubar, que nos dizem que lavandarias sabem como remover manchas de sangue e

de quimioterapia da roupa. As enfermeiras sabem o nome da morsa de peluche da nossa

filha e ensinam-na a fazer flores de lenços de papel para enrolar à volta do seu suporte

intravenoso. Os médicos podem estar a planear estratégias para os jogos de guerra, mas

são as enfermeiras que tornam o conflito suportável.

Nós acabamos por conhecê-las como elas nos conhecem, porque elas preenchem

o lugar dos amigos que já tivemos na nossa vida anterior, a que tínhamos antes do

diagnóstico. Por exemplo, a filha da Donna está a estudar para ser veterinária. Ludmilla, do

turno da noite, tem fotografias múltiplas da ilha Sanibel presas como talismãs ao seu

estetoscópio, porque é lá que quer viver depois de se reformar. O Willie, o enfermeiro, tem

um fraquinho por chocolate e a mulher está grávida de trigémeos.

Numa noite, durante a indução da Kate, quando eu já estava acordada há tanto

tempo que o meu corpo se tinha esquecido de como conciliar o sono, ligo a televisão

enquanto ela dorme. Tiro o som, para que o barulho não a incomode. Robin Leach está a

percorrer as mansões de indivíduos Ricos e Famosos. Há bidês com banho de ouro e

contas de teca esculpidas manualmente e uma piscina em forma de borboleta. Há

garagens para dez carros e campos de ténis de argila vermelha, e onze pavões à solta. É

um mundo que nem sequer consigo abarcar mentalmente - uma vida que eu nunca

imaginaria para mim.

Tal como esta costumava ser.

Nem sequer me consigo realmente lembrar de como era ouvir a história de uma

mãe com cancro da mama ou de um bebê que nasceu com problemas cardíacos

congénitos, ou qualquer outro problema médico, e sentir-me ceder por dentro: meio

solidária, meio aliviada por a minha própria família estar em segurança. NÓS tornámo-nos

nessa história, para o resto das pessoas.

Não me apercebo de que estou a chorar até a Donna se ajoelhar à minha frente e

me tirar o comando da televisão da mão.

— Sara - diz a enfermeira -, quer que lhe traga alguma coisa? Abano a cabeça,

envergonhada por me ter ido abaixo, e ainda mais envergonhada por ter sido apanhada.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 208*

— Estou bem - insisto.

— Pois, e eu sou a Hilary Clinton - diz ela. Agarra a minha mão e puxa-me para

cima, arrastando-me em direcção à porta.

— A Kate...

— . . não vai sequer dar pela sua falta - termina a Donna. Na pequena kitchnette

onde há café a fazer vinte e quatro horas por dia, ela prepara uma chávena para cada uma

de nós.

— Desculpe - digo eu.

— Porquê? Por não ser feita de pedra? Abano a cabeça.

— É que isto nunca mais acaba. - Donna acena com a cabeça, e visto que

compreende totalmente, dou por mim a falar. E a falar. E quando acabei de contar todos

os meus segredos, respiro fundo e apercebo-me de que estive a falar durante uma hora

seguida.

— Oh meu Deus - digo. - Não acredito que a fiz perder tanto tempo.

— Não foi uma perda - responde a Donna. - E para além disso, o meu turno

terminou há meia hora.

As minhas faces ardem.

— Tem de ir-se embora. Tenho a certeza de que tem outro sítio em que preferia

sem dúvida estar.

Mas em vez de sair, Donna toma-me nos seus braços amplos.

— Querida - diz ela -, não temos todos? A porta da suíte de cirurgia ambulatória

abre-se para uma pequena sala cheia de instrumentos brilhantes - parece uma boca com

um aparelho. Os médicos e as enfermeiras que a Anna conhece têm máscaras e batas,

sendo apenas reconhecíveis pelos olhos. Ela puxa-me a roupa até eu me ajoelhar ao seu

lado.

— E se eu mudar de idéias? - diz ela. Coloco as mãos nos seus ombros.

— Não tens de fazer isto se não quiseres, mas eu sei que a Kate está a contar

contigo. E eu e o pai.

Ela acena uma vêz com a cabeça, e depois mete a mão na minha.

— Não me largues - diz ela.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 209*

Uma enfermeira orienta-a na direcção correcta, para a mesa.

— Espera só para veres o que temos para ti, Anna. - Estende um cobertor

aquecido por cima dela.

O anestesista passa uma compressa tingida de vermelho à volta de uma máscara

de oxigênio.

— Já alguma vez adormeceste num campo de morangos? Eles abrem caminho

pelo corpo da Anna, aplicando eléctrodos com gel que serão ligados a monitores para

seguir o seu ritmo cardíaco e a sua respiração. Fazem isto enquanto ela está deitada de

costas, embora eu saiba que a vão virar para retirar a medula dos seus ilíacos.

O anestesista mostra à Anna o mecanismo em acordeão do seu equipamento.

— Consegues rebentar aquele balão? - pergunta ele, e coloca a máscara sobre o

rosto da Anna.

Durante este tempo todo, ela não larga a minha mão. Por fim, o seu aperto

afrouxa. Ela luta no último minuto, com o corpo já adormecido mas a inclinar-se para a

frente nos ombros. Uma enfermeira segura na Anna; e a outra segura-me a mim.

— Trata-se apenas da forma como os medicamentos afectam o corpo - explica ela.

- Pode dar-lhe um beijo agora.

É o que faço, através da minha máscara. Também sussurro um obrigada. Saio pela

porta giratória e tiro a touca e os sapatos de papel. Observo através do vidro da porta a

Anna a ser virada de lado e uma agulha inacreditavelmente longa a ser erguida de uma

bandeja esterilizada.

Em seguida vou lá para cima esperar para junto da Kate.

O Brian espreita para dentro do quarto da Kate.

— Sara - diz ele, exausto -, a Anna está a perguntar por ti. Mas eu não posso estar

em dois sítios ao mesmo tempo. Seguro na pequena bacia de emése cor-de-rosa perto da

boca da Kate enquanto ela vomita outra vez. Ao meu lado, a Donna ajuda a recostar

novamente a Kate nas almofadas.

— Estou um bocado ocupada neste momento - digo eu.

— A Anna está a perguntar por ti - repete o Brian, só isso. A Donna olha para ele e

depois para mim.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 210*

— Nós tratamos disto até regressar - promete, e passado um momento, aceno

com a cabeça.

A Anna está no andar da pediatria, que não tem as salas hermeticamente fechadas

necessárias para o isolamento de protecção. Ouço-a chorar mesmo antes de entrar no

quarto.

— Mamã - diz ela a soluçar. - Dói.

Sento-me num dos lados da cama e envolvo-a nos meus braços.

— Eu sei, querida.

— Podes ficar aqui? Abano a cabeça.

— A Kate está doente. Tenho de voltar para lá. A Anna afasta-se.

— Mas eu estou no hospital - diz ela. - Eu estou no hospital! Por cima da sua

cabeça, olho para o Brian.

— O que é que estão a dar-lhe para as dores? - Muito pouco. A enfermeira disse

que não gostam de medicar excessivamente as crianças.

— Isso é ridículo. - Quando me levanto, a Anna choraminga e agarra-me. - Já

volto, querida.

Abordo a primeira enfermeira que consigo encontrar. Ao contrário do pessoal de

oncologia, estes enfermeiros diplomados não são conhecidos.

— Dêmos-lhe Tylenol há uma hora - explica a mulher. - Eu sei que ela está um

pouco desconfortável..

— Roxicet. Tylenol com codeína. Naproxeno. E se não estiver nas recomendações

do médico, telefone para perguntar se pode ser incluído.

A enfermeira fica irritada.

— com todo o respeito, Sr. a Fitzgerald, eu faço isto todos os dias. .

— Também eu.

Quando regresso ao quarto da Anna, trago uma dose pediátrica de Roxicet, que

ou lhe vai aliviar as dores ou pô-la a dormir para que deixe de senti-las. Entro e encontro

as grandes mãos do Brian a tentar fechar desajeitadamente o fecho liliputiano de um fio,

ao pendurá-lo ao pescoço da Anna.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 211*

— Achei que merecias ter o teu próprio presente, visto que ias dar um à tua irmã -

diz ele.

É claro que a Anna deveria ser honrada por doar a sua medula óssea. É claro que

merece reconhecimento. Mas a idéia de premiar alguém pelo seu sofrimento,

sinceramente, nunca me entrou na cabeça. Nós todos já fazíamos isso há tanto tempo.

Os dois olham para cima quando eu entro pela porta.

— Olha para o que o papá me deu! - diz a Anna.

Eu estendo o copo de plástico com os medicamentos, um segundo presente muito

mal escolhido.

Pouco depois das dez horas, o Brian traz a Anna para o quarto da Kate. Ela move-

se lentamente, como uma mulher idosa, apoiando-se no Brian. As enfermeiras ajudam-na

a colocar uma máscara e a vestir uma bata, luvas e botas, para poder entrar - uma

infracção compassiva do protocolo, visto que as crianças não podem habitualmente visitar

a zona de isolamento protectivo.

O Dr. Chance está ao lado do suporte intravenoso, a segurar no saco de medula.

Volto a Anna para que ela consiga vê-lo.

— Aquilo - digo-lhe - foi o que nos deste. A Anna faz uma careta.

— É nojento. Podem ficar com ele.

— Soa-me a conspiração - diz o Dr. Chance, e a preciosa medula cor de rubi

começa a entrar no cateter venoso central da Kate.

Coloco a Anna em cima da cama. Há espaço suficiente para ambas, uma ao lado

da outra.

— Doeu-te? - pergunta a Kate.

— Mais ou menos. - A Anna aponta para o sangue a escorrer através dos tubos de

plástico para dentro da abertura no peito da Kate. - E isso? - Nem por isso. - Ela senta-se

um pouco. - Olha, Anna? - Sim? - Ainda bem que veio de ti. - A Kate agarra na mão da

Anna e coloca-a mesmo abaixo do cateter venoso central, um sítio que fica precariamente

perto do seu coração.

Vinte e um dias após o transplante de medula óssea, a contagem de glóbulos

brancos da Kate começa a aumentar, uma prova do sucesso do transplante. Para

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 212*

comemorar, o Brian insiste em levar-me a jantar fora. Ele contrata uma enfermeira privada

para a Kate, reserva uma mesa no XO Café, e ainda me traz um vestido preto que tirou do

meu roupeiro. Esquece-se dos sapatos de salto alto, portanto acabo por levar as minhas

velhas socas com o vestido.

O restaurante está quase cheio. Logo que nos sentamos, o empregado de mesa

vem perguntar se queremos vinho. O Brian manda vir um Cabernet Sauvignon.

— Sabes ao menos se é branco ou tinto? - Acho que nunca vi o Brian a beber

outra coisa que não fosse cerveja.

— Sei que tem álcool, e sei que estamos a comemorar. - Ele ergue o copo depois

de o empregado de mesa o ter enchido.

— À nossa família - brinda. Fazemos tilintar os copos e bebemos.

— O que vais pedir? - pergunto.

— O que queres que eu peça? - O filé. Assim posso prová-lo se pedir o linguado. -

Fecho a minha ementa. -Já sabes quais foram os resultados da última CCCS? O Brian olha

para baixo, para a mesa.

— Estava mais ou menos à espera que pudéssemos vir aqui para nos afastarmos

de tudo isso. Sabes. Para conversar apenas.

— Eu gostava muito de conversar - admito. Mas quando olho para o Brian, a

informação que me vem aos lábios é sobre a Kate, e não sobre nós. Não me lembro de lhe

perguntar como foi o seu dia - ele tirou umas férias de três semanas do quartel. Nós

estamos ligados pela doença e através da doença.

Voltamos a ficar em silêncio. Olho em volta para o XO Café e reparo que as

conversas ocorrem sobretudo nas mesas em que as pessoas são jovens e modernas. Os

casais mais velhos, os que exibem alianças de casamento que cintilam juntamente com os

seus talheres, comem sem o tempero da conversa. Será porque se sentem tão à vontade,

que já sabem o que o outro está a pensar? Ou será porque a partir de certo ponto,

simplesmente já não há nada a dizer? Quando o empregado chega para anotar o nosso

pedido, ambos nos voltamos ansiosos, aliviados por haver alguém que nos impeça de

admitir que nos tornamos estranhos.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 213*

Saímos do hospital com uma criança diferente da que levámos para lá. A Kate

movimenta-se cuidadosamente, verificando as gavetas da mesa-de-cabeceira à procura de

alguma coisa que tivesse lá deixado. Perdeu tanto peso que as calças de ganga que lhe

leve já não lhe servem; temos de usar dois lenços atados para fazer de cinto.

O Brian já saiu à nossa frente para ir buscar o carro. Ponho a última Tiger Beat e o

último CD dentro do saco cilíndrico da Kate. Ela ajeita um boné de lã sobre a sua cabeça

macia e sem cabelos, e ata um lenço ao pescoço, firmemente. Coloca uma máscara e luvas;

agora que nos aventuramos a sair do hospital, é ela que vai necessitar de protecção.

Sáímos do quarto ao som dos aplausos dos enfermeiros que acabámos por vir a

conhecer tão bem.

— Faças o que fizeres, não voltes para nos ver, está bem? - graceja o Willie.

Uma por uma, aproximam-se para dizer adeus. Quando já todos se foram embora,

sorrio para a Kate.

— Estás pronta? A Kate acena com a cabeça, mas não avança. Fica parada, rígida,

perfeitamente consciente de que mal ponha um pé lá fora, tudo mudará.

— Mãe? Dou-lhe a mão.

— Vamos as duas - prometo, e lado a lado, damos o primeiro passo.

O correio está cheio de contas do hospital. Soubemos que a companhia de

seguros não contacta a tesouraria do hospital, e vice-versa, mas nenhum deles acha que as

despesas estão correctas - o que os leva a cobrar-nos as intervenções que não deveríamos

ser nós a financiar, na esperança de sermos suficientemente estúpidos para as pagar. Gerir

o aspecto monetário dos cuidados da Kate é um trabalho a tempo inteiro que nem o Brian

nem eu podemos realizar.

Folheio um folheto de uma mercearia, uma revista AAA e um anúncio de taxas de

longa distância antes de abrir uma carta do fundo de garantia mútua. Não é algo a que eu

preste verdadeiramente atenção; o Brian é que costuma gerir as operações financeiras que

requeiram algo mais do que o simples equilíbrio de um livro de cheques. Para além disso,

os três fundos estão destinados à educação das crianças. Nós não somos o tipo de família

que tenha poupanças suficientes para jogar na bolsa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 214*

Cara Sr.a Fitzgerald, Vimos por este meio confirmar a recente liquidação do fundo

323456, Brian D. Fitzgerald com a custódia de Katherine S. Fitzgerald, com a quantia de 8

369,56 dólares. Esta descapitalização encerra efectivamente a conta.

No universo dos erros bancários, este é um dos grandes. Já tivemos um saldo

negativo de uns cêntimos devido a alguns cheques, mas pelo menos nunca perdi oito mil

dólares. Saio da cozinha e dirijo-me ao quintal, onde o Brian está a enrolar uma segunda

mangueira de jardim.

— Bem, ou alguém do fundo de garantia mútua fez asneira digo eu, entregando-

lhe a carta -, ou já não é um segredo que sustentas uma segunda mulher.

Ele demora demasiado tempo a lê-la, o mesmo tempo que eu demoro para me

aperceber de que não se trata afinal de um erro. O Brian limpa a testa com a parte de trás

de um pulso.

— Eu levantei o dinheiro - diz ele.

— Sem me dizeres? - Não consigo imaginar o Brian a fazer uma coisa destas. Já

houve alturas, no passado, em que tirámos dinheiro das contas dos nossos filhos, mas

apenas no caso de termos um mês tão apertado que não conseguíssemos equilibrar as

despesas da mercearia e o empréstimo da casa, ou porque precisávamos de pagar a

entrada de um carro novo visto que o velho tinha ido para a sucata. Ficávamos deitados na

cama acordados a sentir a culpa a pressionar-nos como uma segunda colcha, a prometer

um ao outro que voltaríamos a repor esse dinheiro o mais cedo que fosse humanamente

possível.

— Os rapazes lá no quartel tentaram angariar algum dinheiro, como eu te disse.

Eles conseguiram reunir dez mil dólares. com mais este dinheiro, o hospital está a tentar

arranjar um plano de pagamento para nós.

— Mas disseste...

— Eu sei o que disse, Sara. Abano a cabeça, estupefacta.

— Tu mentiste-me? -Não. .

— A Zanne ofereceu. .

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 215*

— Eu não vou permitir que a tua irmã tome conta da Kate - diz o Brian. - Eu é que

devo tomar conta da Kate. - A mangueira cai ao chão, deita água e salpica-nos os pés. -

Sara, ela não vai viver o tempo suficiente para usar esse dinheiro para ir para a faculdade.

O sol está forte; o aspensor gira na relva, produzindo arco-íris. Está um dia

demasiado bonito para palavras como estas. Eu dou meia volta e corro para dentro de

casa. Tranco-me na casa de banho.

Passado um momento, o Brian bate à porta com força.

— Sara? Sara, desculpa.

Finjo que não consigo ouvi-lo. Finjo que não ouvi nada do que ele disse.

Em casa, todos nós usamos máscaras para que a Kate não tenha de usar. Dou por

mim a examinar-lhe as unhas enquanto ela lava os dentes ou se serve de cereais, para ver

se as saliências escuras provocadas pela quimioterapia já desapareceram - um sinal

indiscutível do sucesso do transplante de medula óssea. Duas vezes por dia dou à Kate

injecções de factor de crescimento na coxa, necessárias até que a sua contagem de

neutrófilos ultrapasse os mil. Nessa altura, a medula estará a multiplicar-se por si própria.

Ela ainda não pode regressar à escola, portanto as lições são enviadas para casa. Já

me acompanhou para ir buscar a Anna ao jardim infantil uma ou duas vezes, mas recusa-

se a sair do carro. Ela vai ao hospital para fazer a sua CCCS de rotina, mas se eu sugiro uma

visita ao clube de vídeo ou ao Dunkin' Donuts depois, ela implora para não irmos.

Num sábado de manhã, a porta do quarto das raparigas está entreaberta; bato

suavemente.

— Querem ir ao centro comercial? A Kate encolhe-se.

— Agora não.

Encosto-me à ombreira da porta.

— Faz-te bem sair de casa.

— Eu não quero. - Embora eu tenha a certeza de que ela nem sequer se apercebe

do que está a fazer, passa a mão pela cabeça antes de a enfiar no bolso de trás.

— Kate - começo a dizer.

— Não digas nada. Não me digas que ninguém vai ficar a olhar para mim, porque

vai. Não me digas que não tem importância, porque tem. E não me digas que estou bem

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 216*

assim porque é mentira. Os seus olhos, sem pestanas, enchem-se de lágrimas. - Eu sou

uma aberração, Mãe. Olha para mim.

Eu olho, e vejo o sítio de onde caíram as suas sobrancelhas, e a curvatura da sua

testa interminável, e as pequenas depressões e altos que costumavam estar cobertos pelo

cabelo.

— Bem - digo eu calmamente. - Nós resolvemos o assunto. Sem dizer nem mais

uma palavra, saio do seu quarto, sabendo que a Kate me seguirá. Passo pela Anna, que

deixa o seu livro de colorir para ir atrás da irmã. vou à cave buscar uma máquina de cortar

cabelo eléctrica velha que descobrimos quando comprámos a casa e ligo-a à corrente.

Depois corto um pedaço de cabelo mesmo a meio do couro cabeludo.

— Mãe! - diz a Kate numa voz sufocada.

— O que foi? - Uma cascata de ondas castanhas cai em cima do ombro da Anna;

ela apanha-a delicadamente. - É apenas cabelo.

Com outra passagem da máquina, a Kate começa a sorrir. Aponta para um sítio

onde não passei, onde um pequeno tufo de cabelo se ergue como uma floresta. Sento-me

numa grade de garrafas de leite virada ao contrário e deixo-a rapar o outro lado da

cabeça. A Anna sobe para o meu colo. - A seguir sou eu - suplica ela.

Passada uma hora, passeamos pelo centro comercial de mãos dadas, um trio de

raparigas carecas. Ficamos lá durante horas. Para onde quer que vamos, há cabeças que se

voltam e vozes que sussurram. Nós somos lindas, as três.

### **FIM-DE-SEMANA**

Não há fogo sem algum fumo.

— JOHN HEYWOOD, Proverbs

## Jesse

Não neguem - já passaram por um tractor para remover terras ou por uma

escavadora encostada à berma da estrada, à noite, e se interrogaram por que razão as

equipas de manutenção das estradas terão deixado o equipamento ali onde qualquer

pessoa, quero dizer eu, poderia roubá-lo. O meu primeiro roubo de um camião ocorreu há

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 217*

anos; coloquei um camião de transporte de cimento em ponto morto numa descida e

observei-o a ir em direcção ao reboque principal de uma empresa de construção. Neste

momento, há um camião de carga basculante a um quilómetro e meio da minha casa; já o

vi adormecido como um elefante bebê ao lado de um monte de barreiras de cimento na

1-195. Não é o meu veículo preferido, mas quem não tem nada não se pode dar ao luxo

de escolher; no rescaldo do meu pequeno percalço com a lei, o meu pai ficou com o meu

carro sob custódia, e guardou-o no quartel dos bombeiros.

Conduzir um camião de carga basculante afinal é bastante diferente de conduzir o

meu carro. Em primeiro lugar, ocupamos a porcaria da estrada inteira. Em segundo lugar,

maneja-se como um tanque, ou pelo menos como eu acho que um tanque se maneja, se

não tivesse de me alistar num exército cheio de imbecis inflexíveis, doidos pelo poder, para

conduzir um. Em terceiro lugar - e menos agradável - as pessoas vêem-nos chegar.

Quando me dirijo ao viaduto onde o Dan Duracell tem a sua casa de cartão, ele acobarda-

se por detrás da fileira de bidões de cento e vinte e cinco litros.

— Olá - digo eu, saltando da cabina do camião. - Sou só eu.

Mesmo assim, o Dan demora um minuto para conseguir espreitar por entre as

mãos, para se assegurar de que estou a dizer a verdade.

— Gostas da minha equipagem? - pergunto.

Ele levanta-se com cuidado e toca num dos lados listados do camião. Depois ri.

— O teu Jeep tem andado a tomar esteróides, rapaz. Carrego a parte de trás da

cabina com os materiais de que necessito. Não seria fixe se encostasse a parte de trás do

camião a uma janela, despejasse várias garrafas da minha Arsonists Special1, e arrancasse

com o local em chamas? O Dan está ao lado da porta do condutor. Lava-me, escreve ele

em cima da poeira.

— Olha - digo eu, e por razão nenhuma em especial excepto devido a nunca o ter

feito antes, pergunto-lhe se ele quer vir comigo.

— A sério? - A sério. Mas há uma regra. Não podes contar nada do que vires nem

do que nós fizemos a ninguém.

Ele finge trancar os lábios e deitar fora a chave. Passados cinco minutos, estamos a

caminho de uma velha barraca que costumava ser a casa dos barcos de uma das

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 218*

faculdades. O Dan mexe nos controlos, erguendo e baixando a cama do camião enquanto

andamos. Eu digo para comigo que o convidei para ser mais emocionante mais uma

pessoa a saber faz com que as coisas se tornem mais emocionantes. Mas na verdade é

porque há algumas noites em que só queremos saber que há mais alguém no mundo para

além de nós.

Quando eu tinha onze anos, ofereceram-me um skate. Nunca tinha pedido um; foi

um presente para redimir as culpas. Ao longo dos anos, eu recebi um número apreciável

destes artigos dignos de nota, em geral em simultâneo com um dos episódios da Kate. Os

meus pais cobriam-na com todo o tipo de merdas fixas de cada vez que tinham de lhe

fazer alguma coisa; e visto que a Anna também estava normalmente envolvida, também

recebia alguns presentes assombrosos, e então passada uma semana os meus pais

sentiam-se mal com a desigualdade e compravam-me algum brinquedo para se

assegurarem de que eu não me sentiria posto de parte.

De qualquer modo, nem sequer consigo começar a descrever-vos como era

magnífico aquele skate. Tinha uma caveira no fundo que brilhava no escuro, e dos dentes

escorria sangue verde. As rodas eram amarelo néon e a superfície áspera, quando a

pisávamos com os tênis, fazia um som que parecia uma estrela do rock a aclarar a

garganta. Eu andava com ele para cima e para baixo, à entrada de casa, à volta dos

passeios, a aprender a levantar as rodas da frente, a fazer rotações no ar e a dar saltos.

Havia uma regra: eu não deveria levá-lo para a estrada, porque os carros poderiam surgir a

qualquer momento; os miúdos poderiam ser atropelados de um momento para o outro.

Bem, não preciso de vos dizer que os miúdos de onze anos que crescem ao

abandono e as regras domésticas são como azeite e água. No final da primeira semana

com este skate achava que era melhor deslizar por cima de lâminas de barbear para dentro

de álcool do que andar mais uma vez para cima e para baixo no passeio com os miúdos

pequenos nos seus triciclos.

Implorei ao meu pai que me levasse para o parque de estacionamento do Kmart,

ou para o campo de basquetebol da escola, ou para outro sítio qualquer, a sério, onde eu

pudesse andar um bocadinho. Ele prometeu-me que na sexta-feira, depois de a Kate fazer

uma aspiração de medula óssea de rotina, poderíamos ir todos para a escola. Eu poderia

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 219*

levar o meu skate, a Anna podia levar a sua bicicleta, e se lhe apetecesse, a Kate poderia

andar de patins.

Meu Deus, eu estava ansioso por isso. Untava as rodas e polia o fundo do skate e

praticava uma dupla hélice na rampa que eu tinha feito na entrada com uma tábua de

madeira velha e um tronco grande. No minuto em que vi o carro - era a minha mãe e a

Kate que vinham do hematologista - corri para o alpendre para não perdermos tempo.

Afinal, a minha mãe também estava cheia de pressa. Porque a porta da carrinha se

abriu e a Kate estava cheia de sangue.

— Vai chamar o teu pai - mandou a minha mãe, segurando um monte de lenços

de papel junto ao rosto da Kate.

Não é que ela já não tivesse tido hemorragias nasais antes. E a minha mãe estava

sempre a dizer-me, quando eu me assustava com isso, que a hemorragia parecia muito

pior do que na realidade era. Mas eu fui chamar o meu pai, e os dois apressaram-se a levar

a Kate para a casa de banho e tentaram impedi-la de chorar, porque isso só dificultava

tudo.

— Pai - disse eu. - Quando é que vamos? Mas ele estava ocupado a juntar papel

higiênico, colocando-o debaixo do nariz da Kate.

— Pai? - repeti.

O meu pai olhou directamente para mim, mas não respondeu. E os seus olhos

estavam desorientados e olhavam através de mim como se eu fosse feito de fumo.

Foi a primeira vez em que pensei que talvez fosse.

A particularidade da chama é que é insidiosa - esgueira-se, lambe, olha por cima

do ombro e ri. E foda-se, é linda. Como um pôr do Sol a devorar tudo o que se encontra

no seu caminho. Pela primeira vez, há alguém a admirar o meu trabalho. Ao meu lado, o

Dan faz um pequeno som com o fundo da garganta - em sinal de respeito, sem dúvida.

Mas quando olho para ele, orgulhoso, vejo que ele tem a cabeça enfiada na gola sebenta

do seu casaco da tropa. Tem lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

— Dan, meu, o que se passa? - é certo, o tipo é doido, mas mesmo assim. Ponho a

minha mão no seu ombro e, pela sua reacção, seríamos levados a pensar que tinha lá

aterrado um escorpião.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 220*

— Tens medo do fogo, Danny? Não tens de ter. Estamos suficientemente longe.

Estamos em segurança - mostro-lhe o que espero ser um sorriso de encorajamento. E se

ele se passar e começar a gritar, chamando a atenção de algum polícia que ande por aí? -

Aquela cabana - diz o Dan.

— Sim. Ninguém vai sentir falta dela.

— É onde vive o rato.

— Agora já não - respondo.

— Mas o rato. .

— Os animais sabem encontrar o seu caminho para fugir de um incêndio. É como

te digo. O rato vai ficar fixe. Acalma-te.

— Então e os jornais? Ele tem um com o assassínio do Presidente Kennedy. .

Passa-me pela cabeça que o mais provável é o rato não se tratar de um roedor,

mas de outro tipo sem-abrigo. Um que esteja a utilizar esta cabana como refúgio.

— Dan, estás a dizer que vive lá alguém? Ele olha para as chamas que se erguem

no topo e os seus olhos enchem-se de lágrimas. E depois repete as minhas próprias

palavras.

— Agora já não - diz ele.

Tal como disse, eu tinha onze anos, portanto até hoje não consigo dizer como fui

da nossa casa em Upper Darby para a Baixa de Providence. Acho que devo ter levado

algumas horas; acho que acreditava que, com a minha nova capa de super-herói que me

tornava invisível, talvez conseguisse desaparecer e reaparecer num sítio completamente

diferente.

Testei-me a mim próprio. Percorri a zona comercial, e isso é certo, as pessoas

passavam por mim, com os olhos postos nas rachas do passeio ou a olhar em frente como

mortos-vivos corporativos. Passei por uma longa parede de vidro espelhado no lado de

um edifício, onde me podia ver. Mas fizesse as caretas que fizesse, ficasse lá o tempo que

ficasse, nenhuma das pessoas à minha volta tinha nada para dizer.

Nesse dia, acabei no meio de um cruzamento, mesmo quando mudou o semáforo,

com táxis a buzinares, e um carro a guinar para a esquerda, e um par de polícias a correr

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 221*

para impedir que eu fosse morto. Na esquadra da polícia, quando o meu pai me foi buscar,

perguntou-me em que raio é que estava eu a pensar.

Na realidade, eu não estava a pensar. Estava apenas a tentar chegar a um lugar em

que reparassem em mim.

Primeiro tiro a camisa e mergulho-a numa poça à beira da estrada; depois enrolo-

a à volta da minha cabeça e do meu rosto. O fumo já está a erguer-se em vagas, nuvens

negras zangadas. No vazio dos meus ouvidos há o som de sirenes. Mas eu tinha feito uma

promessa ao Dan.

O que me atinge primeiro é o calor, uma parede bastante mais sólida do que

parece. A estrutura da cabana é visível, uma radiografia cor de laranja. Lá dentro, não

consigo ver um palmo à minha frente.

— Rato - grito, lamentando já o fumo que me deixa de garganta a arder e rouco. -

Rato! Não há resposta. Mas a cabana não é assim tão grande. Ponho-me de gatas e

começo a abrir caminho à minha volta às apalpadelas.

Só tenho um momento mesmo mau, quando pouso acidentalmente a minha mão

em algo que era feito de metal antes de se tornar um ferro de marcar em brasa. A minha

pele cola-se a ele, e empola imediatamente. Na altura em que caio para cima de um pé

calçado com uma bota, já estou a soluçar, certo de que nunca sairei dali. Percorro o Rato

às apalpadelas, iço o seu corpo flácido para cima do ombro, e cambaleio pelo caminho de

onde vim.

Por uma pequena piada de Deus, conseguimos sair dali. Nesta altura, os veículos

de combate a incêndios já estão a chegar, enchendo as suas mangueiras. Talvez o meu pai

até esteja aqui. Eu permaneço debaixo da cortina de fumo; deito o Rato no chão. com o

coração aos saltos, corro na direcção oposta; deixando o resto deste salvamento para

aqueles que querem de facto ser heróis.

## Anna

Já alguma vez pensaram em como viemos todos aqui parar? À Terra, quero dizer.

Esqueçam a cantiga do Adão e da Eva, que eu sei que é um monte de tretas. O meu pai

gosta do mito dos índios Pawnee, que dizem que as divindades das estrelas povoaram o

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 222*

mundo: a Estrela da Tarde e a Estrela da Manhã ligaram-se e deram origem à primeira

mulher. O primeiro rapaz veio do Sol e da Lua. Os seres humanos cavalgavam o dorso de

um tornado.

O Sr. Hume, o meu professor de Ciências, ensinou-nos que havia esta sopa

primordial cheia de gases naturais, e de lama, e de compostos carbônicos que de alguma

forma solidificou formando organismos unicelulares chamados coanoflagelados. . que mais

parece ser uma doença sexualmente transmissível do que um estágio da cadeia evolutiva,

na minha opinião. Mas mesmo que cheguemos a esse ponto, de uma ameba, para um

macaco, para uma pessoa racional é um grande salto.

O que é realmente espantoso acerca de tudo isto é que, independentemente

daquilo em que se acredite, foi preciso muito para se partir de um ponto em que não havia

nada até se chegar a um ponto em que todos os neurônios certos se acendem e disparam

para que possamos tomar decisões acertadas.

E ainda mais espantoso, embora se tenha tornado uma segunda natureza, é o

facto de conseguirmos mesmo assim estragar tudo.

No sábado de manhã, estou no hospital com a Kate e a minha mãe, e todas nós

fazemos o melhor que podemos para fingir que daqui a dois dias o meu julgamento não

irá começar. Poder-se-ia pensar que é difícil mas, de facto, é muito mais fácil do que a

alternativa. A minha família é famosa por nos mentir por omissão: se não falarmos no

assunto, então - presto! - já não há processo legal, já não há insuficiência renal, não há

preocupação nenhuma.

Estou a assistir ao Happy Days no canal TVLand. Aqueles Cunninghams não são

assim tão diferentes de nós. Eles parecem preocupar-se apenas em saber se a banda do

Richie vai ser contratada para actuar no estabelecimento do Al, ou se o Fonzie vai ganhar o

concurso de beijos, quando até eu sei que nos anos 50 a loanie devia estar a ter

simulações de ataques aéreos na escola e a Marion andava provavelmente a tomar Valium,

e o Howard estaria a passar-se por causa dos ataques dos comunas. Talvez, se passarmos a

vida a fingir que estamos num cenário de cinema, nem sequer tenhamos de admitir que as

paredes são feitas de papel, e que a comida é de plástico, e que as palavras que nos saem

da boca não são verdadeiramente nossas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 223*

A Kate está a tentar fazer as palavras-cruzadas.

— Qual é a palavra de quatro letras para vaso? - pergunta. Hoje é um bom dia.

com isto quero dizer que hoje lhe apetece gritar comigo por lhe tirar dois dos seus CDs

sem pedir (por amor de Deus, ela estava praticamente em coma; como se ela pudesse dar-

me autorização); ela sente-se capaz de tentar resolver estas palavras-cruzadas.

— Tonel - sugiro. - Jarra.

— Quatro letras.

— Nave - sugere a minha mãe. Talvez se estejam a referir a esse tipo.

— Sangue - diz o Dr. Chance, entrando no quarto.

— Essa tem seis letras - responde a Kate, num tom muito mais agradável do que

aquele com que se dirigiu a mim, devo acrescentar.

Todos nós gostamos do Dr. Chance; por esta altura, ele bem que poderia ser o

sexto membro da nossa família.

— Dá-me um número - ele está a referir-se à escala da dor. Cinco? - Três.

O Dr. Chance senta-se na beira da sua cama.

— Pode ser um cinco daqui a uma hora - avisa ele. - Pode ser um nove.

O rosto da minha mãe fica da cor da cal.

— Mas a Kate está a sentir-se óptima neste momento! - incita ela.

— Eu sei. Mas os momentos de lucidez vão ser cada vez mais breves e com

intervalos maiores - explica o Dr. Chance. - Isto não é a LPA. Isto é insuficiência renal.

— Mas depois de um transplante... - diz a minha mãe.

Todo o ar que está dentro do quarto transforma-se numa esponja, juro. Seríamos

capazes de ouvir o bater de asas de um colibri, de tão silencioso que fica. Eu queria

esquivar-me para fora do quarto como uma névoa; não quero que a culpa seja minha.

O Dr. Chance é o único que tem coragem suficiente para olhar para mim.

— Pelo que sei, Sara, a disponibilidade de um órgão está a ser discutida.

— Mas. .

— Mãe - interrompe a Kate. Ela volta-se para o Dr. Chance. De quanto tempo é

que estamos a falar? - Talvez uma semana.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 224*

— Uau - diz ela suavemente. - Uau - ela toca na borda do jornal, esfrega o polegar

sobre o ponto na borda. - Vai doer? - Não - promete o Dr. Chance. - Eu encarrego-me

disso. A Kate pousa o jornal no colo e toca no braço dele.

— Obrigada. Pela verdade, quero dizer.

Quando o Dr. Chance olha para cima, os seus olhos estão orlados de vermelho.

— Não me agradeças - ele levanta-se tão pesadamente que penso que deve ser

feito de pedra, e sai do quarto sem dizer mais nenhuma palavra.

A minha mãe dobra-se sobre si própria, é a única maneira de explicar. Como um

papel, quando o colocamos mesmo no meio da lareira, e, em vez de se queimar, parece

pura e simplesmente desaparecer.

A Kate olha para mim, e depois para todos os tubos que a prendem à cama. Então

eu levanto-me e dirijo-me à minha mãe. Coloco uma mão em cima do seu ombro.

— Mãe - digo eu. - Pára.

Ela levanta a cabeça e olha para mim com olhos atormentados.

— Não, Anna. Pára tu.

Demoro um bocado, mas afasto-me.

— Anna - murmuro.

A minha mãe volta-se.

— O quê? - Uma palavra de quatro letras para vaso - digo eu, e saio do quarto da

Kate.

Posteriormente, nessa tarde, estou a andar às voltas na cadeira giratória do

escritório do meu pai no quartel dos bombeiros, com a Julia sentada à minha frente. Em

cima da secretária está meia dúzia de fotografias da minha família. Há uma da Kate

quando era bebê, com um chapéu tricotado que parece um morango. Outra com o Jesse e

eu, a sorrirmos tanto quanto a anchova que seguramos nas mãos. Eu costumava pensar

nas fotografias falsas que vêm nas molduras que compramos nas lojas - senhoras de

cabelos castanhos suaves e sorrisos exibicionistas, bebês com cabeças semelhantes a

toranjas ao colo dos seus irmãos - pessoas que na vida real são provavelmente estranhos,

juntos por um caçador de talentos para formarem uma família falsa.

Talvez não seja assim tão diferente das fotografias verdadeiras, afinal.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 225*

Agarro numa fotografia da minha mãe e do meu pai mais bronzeados e jovens do

que eu alguma vez me lembro de os ver.

— Tem algum namorado? - pergunto à Julia.

— Não! - diz ela, rápido demais. Quando olho para cima, ela parece encolher-se. -

E tu? - Há um rapaz, o Kyle McFee, de quem eu pensava que gostava, mas agora não

tenho a certeza - agarro numa caneta e começo a desmontá-la toda, puxando cá para fora

o pequeno tubo estreito de tinta azul. Seria tão fixe se tivéssemos uma destas coisas

implantada dentro de nós, como um choco; poderíamos apontar com o dedo e deixar a

nossa marca no que quiséssemos.

— O que aconteceu? - Fui com ele ao cinema, um encontro romântico, e quando o

filme acabou e nós nos levantámos ele tinha.. - fico de um vermelho escarlata. - Bem, você

sabe - faço um gesto indicando as proximidades do meu colo em geral.

— Ah - diz a Julia.

— Ele perguntou-me se eu tinha escolhido marcenaria na escola.

— por amor de Deus, marcenaria? - e eu ia dizer-lhe que não e pronto, fico a olhar

mesmo para ali - pouso a caneta decapitada em cima do mata-borrão do meu pai. -

Quando o vejo por aí na cidade, só consigo pensar nisso - fico a olhar para ela, com um

pensamento a vir-me à cabeça. - Será que sou tarada? - Não, tens treze anos. E para que

não te esqueças, o Kyle também. Ele não conseguiria evitar que isso acontecesse, tal como

tu não consegues evitar pensar nisso quando o vês. O meu irmão Anthony costumava

dizer que havia apenas duas alturas do dia em que um rapaz podia ficar excitado: durante

o dia, e durante a noite.

— O seu irmão costumava falar consigo sobre essas coisas? Ela ri.

— É verdade. Porquê, o Jesse não? Bufo.

— Se eu fizesse uma pergunta sobre sexo ao Jesse, ele ia rir-se tanto que partiria

uma costela, e depois dava-me uma pilha de Playboys e dizia-me para fazer uma pesquisa.

— Então e os teus pais? Abano a cabeça. O meu pai está fora de questão - porque

é meu pai. A minha mãe anda demasiado perturbada. E a Kate está no mesmo barco à

deriva que eu.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 226*

— Você e a sua irmã já alguma vez lutaram pelo mesmo rapaz? - Na realidade, não

gostamos do mesmo gênero.

— Qual é o seu gênero? Ela pensa sobre isso.

— Não sei. Alto. De cabelos escuros. Que esteja a respirar.

— Acha o Campbell giro? A Julia quase cai da cadeira.

— O quê? - Bem, quero dizer, para um homem mais velho.

— Consigo perceber que algumas mulheres. . o possam achar atraente - diz ela.

— Ele parece um personagem das novelas que a Kate gosta de ver - percorro a

ranhura na madeira da secretária com a unha do polegar. - É estranho. Que eu cresça, e

beije alguém, e me case.

E a Kate não.

Julia inclina-se para a frente.

— O que vai acontecer se a tua irmã morrer, Anna? Uma das fotografias que estão

em cima da secretária é minha e da Kate. Nós somos pequenas - talvez com cinco e dois

anos. É antes da sua primeira recaída, mas depois de o seu cabelo já ter crescido

novamente. Estamos numa praia, com fatos de banho iguais, a brincar com as formas.

Poderíamos dobrar esta fotografia ao meio e pensar que se tratava de uma imagem

reflectida - a Kate era pequena demais para a idade e eu era alta; o cabelo da Kate é de

uma cor diferente, mas tem o mesmo risco natural e o mesmo revirado nas pontas; as

mãos da Kate estão colocadas sobre as minhas. Até agora, acho que nunca tinha reparado

que somos tão parecidas.

O telefone toca mesmo antes das dez horas nessa noite, e para minha surpresa é o

meu nome que é chamado no quartel dos bombeiros. Atendo o telefone na cozinha, que

já foi limpa e arrumada nessa noite.

— Estou? - Anna - diz a minha mãe.

Imediatamente presumo que ela esteja a telefonar por causa da Kate. Ela não tem

muito mais coisas para me dizer, tendo em conta a forma como as coisas ficaram

anteriormente no hospital.

— Está tudo bem? - A Kate está a dormir.

— Isso é bom - respondo eu, e depois interrogo-me se será mesmo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 227*

— Telefonei por duas razões. A primeira é para te dizer que tenho muita pena do

que aconteceu esta manhã.

Eu sinto-me muito pequena.

— Eu também - admito. Nesse momento, lembro-me de como ela costumava

aconchegar-me à noite. Primeiro ia à cama da Kate, e inclinava-se, e anunciava que ia

beijar a Anna. E depois dirigia-se à minha cama e dizia que tinha vindo dar um abraço à

Kate. De todas as vezes, desatávamos a rir. Ela desligava a luz, e por bastante tempo após

se ter ido embora, o quarto ficava a cheirar ao creme que aplicava na pele para ficar macia

como o interior de uma fronha de flanela.

— A segunda razão por que telefonei - diz a minha mãe - foi só para te dizer boa

noite.

— Só isso? Na sua voz. consigo ouvir um sorriso.

— Não chega? - Claro - digo-lhe, embora não seja assim.

Porque não consigo adormecer, saio da minha cama no quartel dos bombeiros e

passo pelo meu pai, que está a rressonar. Roubo o Livro Guinness dos Recordes Mundiais

da casa de banho dos homens e deito-me em cima do telhado do quartel para ler ao luar.

Um bebê de dezoito meses chamado Alejandro caiu de uma altura de vinte metros da

janela do apartamento dos seus pais em Múrcia, Espanha, e tornou-se na criança que

sobreviveu à maior queda. Roy Sullivan, da Virgínia, foi sete vezes atingido por relâmpagos

e sobreviveu, para se suicidar após ter sido rejeitado por uma amante. Foi encontrado um

gato no meio dos escombros oitenta dias após um terramoto na Formosa que matou 2000

peças, e recuperou totalmente. Dou por mim a ler e a reler a secção designada

"Sobreviventes e Salvadores", somando listas na minha cabeça. Paciente de LPA que

sobreviveu mais tempo, deveria estar lá escrito. Irmã mais extática.

O meu pai encontra-me quando já pus o livro de lado e comecei a procurar Vega.

— Esta noite não se vê grande coisa, num? - pergunta ele, sentando-se ao meu

lado. É uma noite coberta com nuvens; até a Lua parece coberta de algodão.

— Não - digo eu. - Está tudo esbatido.

— Já experimentaste o telescópio? Observo-o a mexer no telescópio durante um

bocado, e depois decide que não vale a pena esta noite. De repente lembro-me de ter

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 228*

cerca de sete anos, ir ao lado dele no carro, e perguntar-lhe como é que os adultos sabiam

o caminho para ir aos sítios. Afinal, eu nunca o tinha visto pegar num mapa.

— Acho que nos habituamos a virar nos mesmos sítios - disse ele, mas eu não

fiquei satisfeita.

— Então e da primeira vez que vão a algum lado? - Bem - disse ele -, perguntamos

a alguém.

Mas o que eu quero saber é quem sabia mesmo da primeira vez? E se ninguém

tivesse estado no sítio para onde vamos? - Pai? - pergunto -, é verdade que podemos usar

as estrelas como se fossem um mapa? - Sim, se perceberes de navegação celestial.

— É difícil? - estou a pensar que talvez devesse aprender. Para ter um plano de

apoio, para todas aquelas vezes em que tenho a sensação de que estou a andar em

círculos.

— É precisa muita matemática complicada - tens de medir a altitude de uma

estrela, determinar a sua posição utilizando um almanaque náutico, determinar qual é a

altitude que achas correcta e em que direcção deve estar a estrela baseando-te em onde

pensas estar, e comparar a altitude que mediste com a que calculaste. Depois traças isto

num mapa, como uma linha de posição. Tens de cruzar várias linhas de posição, e é para aí

que vais - o meu pai olha para a minha cara e sorri.

— Exactamente - ri-se ele. - Nunca saias de casa sem o teu GPS.

Mas eu aposto que conseguiria fazer isso; não é assim tão confuso. Dirigimo-nos

para aquele sítio onde se cruzam todas aquelas posições diferentes, e esperamos que

corra tudo bem.

Se existisse uma religião do Annaísmo, e eu tivesse de explicar como tinham os

seres humanos chegado à Terra, seria assim: no início, não existia absolutamente nada,

excepto a Lua e o Sol. E a Lua queria surgir durante o dia, mas havia algo muito mais

brilhante que parecia preencher todas aquelas horas. A Lua ficou esfomeada, cada vez

mais magra, até que se tornou apenas uma fatia de si própria, e as suas pontas eram

afiadas como uma faca. Por acaso, porque é assim que a maior parte das coisas acontece,

ela abriu um buraco na noite e de lá saíram milhões de estrelas,  
como uma fonte de

lágrimas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 229*

Horrorizada, a Lua tentou engoli-las. E por vezes isso resultava,  
porque ficava mais

gorda e mais redonda. Mas na maior parte das vezes, não resultava,  
porque havia

demasiadas estrelas. As estrelas continuavam a surgir, até fazerem o  
céu tão brilhante que

o Sol ficou com inveja. Ele convidou as estrelas para o seu lado do  
mundo, onde havia

sempre luz. O que ele não lhes disse, porém, foi que durante o dia,  
elas nunca seriam

vistas. Portanto aquelas que eram estúpidas saltaram do céu para o  
chão, e congelaram

debaixo do peso da sua própria insensatez.

A Lua fez o melhor que podia. Esculpiu cada um destes blocos de  
remorso

transformando-os num homem ou numa mulher. Passou o resto do  
tempo a observar para

que não caíssem mais estrelas. Ela passou o resto dos seus dias  
agarrada ao que lhe

sobrou.

## Brian

Pouco antes das sete da manhã de domingo, um polvo entra no quartel. Bem, na

realidade é uma mulher vestida de polvo, mas quando vemos algo assim, estas distinções

pouco interessam. Ela tem lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto e segura um cão pequinês

nos seus múltiplos braços.

— Tem de me ajudar - diz ela, e é nessa altura que me lembro: é a Sr. a Zegna,

cuja casa foi destruída por um incêndio na cozinha há alguns dias.

Ela puxa os seus tentáculos.

— Esta é a única roupa que tenho. Um fato do Dia das Bruxas. Tem estado a

apodrecer num cacifo da U-Store-It em Taunton, juntamente com a minha colecção de

álbuns de Peter Paul and Mary.

Eu faço-a sentar gentilmente numa cadeira em frente à minha secretária.

— Sr. a Zegna, eu sei que a sua casa está inabitável...

— Inabitável? Está arrasada! - Eu posso pô-la em contacto com um asilo. E, se

quiser, posso falar com a sua companhia de seguros para acelerar as coisas.

Ela levanta um braço para limpar os olhos, e outros oito, puxados por cordéis,

erguem-se em uníssono.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 230*

— Não tenho seguro de habitação. Não acho que deva viver a minha vida à espera

do pior.

Fico a olhar para ela durante um tempo. Tento lembrar-me de como é ser

surpreendido pela simples possibilidade de tragédia.

Quando chego ao hospital, a Kate está deitada de costas, firmemente agarrada a

um urso de peluche que tem desde os sete anos. Está ligada a um daqueles doseadores de

morfina controlados pelo paciente, e o seu polegar carrega no botão de vez em quando,

embora ela esteja a dormir profundamente.

Uma das cadeiras que estão no quarto transforma-se numa pequena cama com

um colchão fino como uma wafer; é aqui que a Sara está enrolada.

— Olá - diz ela, afastando o cabelo dos olhos. - Onde está a Anna? - Ainda a

dormir como só uma criança consegue. Como foi a noite da Kate? - Não foi má. Ela teve

um pouco de dores entre as duas e as quatro.

Eu sento-me na beira da sua cama.

— Teve um grande significado para a Anna teres telefonado ontem à noite.

Quando olho para os olhos da Sara, vejo o Jesse - têm a mesma cor, as mesmas

feições. Interrogo-me se a Sara quando olha para mim vê a Kate. Interrogo-me se isso a

magoará.

É difícil de acreditar que uma vez esta mulher e eu nos tivéssemos sentado num

carro e tivéssemos percorrido toda a Route 66, sem ter nunca ficado sem nada para dizer.

Agora as nossas conversas são uma economia de factos, cheias de pormenores

importantes e informações de conhecedor.

— Lembras-te daquela vidente? - pergunto. Quando ela olha para mim com um

olhar vazio, continuo a falar. - Nós estávamos no meio do Nevada, e o Chevy ficou sem

gasolina.. e tu não querias que eu te deixasse no carro enquanto eu ia à procura de uma

estação de serviço? Daqui a dez dias, quando ainda estiveres a andar em círculos, vão

encontrar-me, com os abutres a devorar-me as entranhas, tinha dito a Sara, e tinha

começado a caminhar ao meu lado. Andámos seis quilómetros e meio até à barraca por

onde tínhamos passado, uma bomba de gasolina. Era gerida por um velhote e pela sua

irmã, que se apresentava como vidente. Vamos experimentar, implorou a Sara, mas uma

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 231*

leitura custava cinco dólares e eu só tinha dez. Então metemos metade da gasolina, e

perguntámos à vidente quando é que se vai acabar da próxima vez, disse a Sara e, como

sempre, convenceu-me.

A Madame Agnes era daquele tipo de cega que assusta as crianças, com olhos

cheios de cataratas que pareciam um céu azul vazio. Colocou as suas mãos nodosas no

rosto da Sara para ler os seus ossos, e disse que via três bebês e uma vida longa, mas não

muito boa. O que quer isso dizer? perguntou a Sara, irritada, e a Madame Agnes explicou

que as sinas eram como o barro, e poderiam ser moldadas em qualquer altura. Mas nós

apenas conseguíamos refazer o nosso futuro, e não o dos outros, e para algumas pessoas

isso simplesmente não era suficientemente bom.

Ela colocou as suas mãos sobre o meu rosto e disse apenas uma coisa: Salve-se a

si próprio.

Ela disse-nos que ficaríamos sem gasolina de novo mesmo na fronteira com o

Colorado, e ficámos.

Agora, no quarto de hospital, a Sara olha para mim com um olhar vazio.

— Quando é que fomos ao Nevada? - pergunta ela. Depois abana a cabeça. -

Precisamos de conversar. Se a Anna prosseguir de facto com esta audiência na segunda-

feira, então eu preciso de rever o nosso testemunho.

— Na realidade - olho para as minhas mãos -, eu vou falar a favor da Anna.

— O quê? Com um olhar rápido por cima do ombro para me certificar de que a

Kate ainda está a dormir, faço o melhor que posso para explicar.

— Sara, acredita, pensei muito sobre este assunto. E se a Anna decidiu deixar de

ser a dadora da Kate, nós temos de respeitar isso.

— Se testemunhares a favor da Anna, o juiz vai dizer que pelo menos um dos seus

pais é capaz de apoiar esta petição, e vai deliberar em seu favor.

— Eu sei disso - digo eu. - Por que outra razão haveria eu de o fazer? Ficamos a

olhar um para o outro, sem palavras, sem querer admitir o que está ao fundo de cada uma

destas estradas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 232*

— Sara - pergunto por fim -, o que queres tu de mim? - Quero olhar para ti e

lembrar-me de como costumava ser diz ela com a voz embargada. - Quero voltar atrás,

Brian. Quero que me leves para lá.

Mas ela não é a mulher que eu conheci, a mulher que viajava pelo campo a contar

as tocas das marmotas, que lia alto nos classificados as mensagens dos cowboys solitários

à procura de mulheres e me dizia, no recanto mais escuro da noite, que me amaria até a

Lua desaparecer do céu.

Para ser justo, eu não sou o mesmo homem. O que ficava a ouvir. O que acreditava

nela.

## Sara

2001 O Brian e eu estamos sentados no sofá, a partilhar as secções do jornal,

quando a Anna entra na sala.

— Se eu cortar a relva, sei lá, até casar, podem dar-me já 614,96 dólares? -

pergunta ela.

— Porquê? - dizemos em unísono.

Ela esfrega a sapatilha na carpete.

— Preciso de algum dinheiro.

O Brian dobra a secção nacional do jornal. - Não sabia que os jeans Gap tinham

ficado assim tão caros.

— Eu já sabia que ia ser assim - diz ela. pronta para se ir embora zangada.

— Espera - chego-me para a frente, ponho os cotovelos nos joelhos.  
- O que

queres comprar? - Que diferença faz? - Anna - responde o Brian -,  
nós não vamos gastar

seiscentos dólares sem saber para que são.

Ela pondera sobre isto durante um minuto.

— É para comprar uma coisa no eBay.

A minha filha de dez anos navega no eBay? - Está bem - suspira ela.  
- São

caneleiras de guarda-redes. Olho para o Brian, mas ele também não parece compreender.

— Para jogar hóquei? - diz ele.

— Pois, dab.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 233*

— Anna, tu não jogas hóquei - faço notar e, quando ela cora, apercebo-me de que

talvez não seja bem assim.

O Brian pressiona-a para dar uma explicação.

— Há alguns meses, a correia da minha bicicleta soltou-se em frente a um campo

de hóquei. Um grupo de rapazes estava a treinar, mas o guarda-redes deles estava com

mononucleose, e o treinador disse que me dava cinco dólares para ficar na baliza e

defender os ataques. Usei o equipamento do miúdo que estava doente, e o que é certo. . é

que não fui assim tão má. E gostei daquilo.

Portanto fui sempre voltando - a Anna sorri timidamente. - O treinador pediu-me

que entrasse a sério na equipa, antes do torneio. Sou a primeira rapariga a entrar, desde

sempre. Mas tenho de ter o meu próprio equipamento.

— Que custa 614 dólares? - noventa e seis cêntimos. Mas isso são apenas as

protecções para as pernas. Também preciso de um protector para o peito, um captor, uma

luva e uma máscara - ela olha para nós na expectativa.

— Temos de discutir o assunto - digo-lhe.

A Anna resmunga algo entre dentes que se parece com Logo vi, e sai da sala.

— Sabias que ela andava a jogar hóquei? - pergunta-me o Brian, e eu abano a

cabeça. Interrogo-me sobre o que mais a minha filha terá andado a esconder de nós.

Estamos prestes a sair de casa para assistir a um jogo de hóquei da Anna pela

primeira vez quando a Kate anuncia que não vai. Por favor, Mãe - suplica ela. - com este

aspecto não.

Ela tem uma erupção cutânea de um vermelho-vivo nas faces, nas palmas das

mãos, nas plantas dos pés e no peito, e uma cara de lua cheia, graças aos esteróides que

tem tomado para a tratar. A sua pele está áspera e espessa.

Este é o cartão de visita da doença do enxerto contra o hospedeiro, que a Kate

desenvolveu logo após o seu transplante de medula óssea. Durante os últimos quatro

anos, tem surgido e desaparecido, mostrando-se quando menos se espera. A medula

óssea é um órgão, como um coração ou um fígado, e o corpo pode rejeitá-la. Mas por

vezes, em vez disso, a medula transplantada começa a rejeitar o corpo em que foi

colocada.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 234*

A boa notícia é que, caso isso aconteça, todas as células cancerígenas também

estão a ser atacadas - algo a que o Dr. Chance chama de doença do enxerto contra a

leucemia. A má notícia é a sintomatologia: a diarreia crônica, a icterícia, a perda de

mobilidade das articulações. As cicatrizes e a esclerose onde quer que haja tecido

conjuntivo. Eu estou tão habituada a isto que já não me perturba mas, quando a doença

do enxerto contra o hospedeiro surge assim tão intensamente, deixo que a Kate fique em

casa sem ir à escola. Ela tem treze anos, e o aspecto é extremamente importante. Eu

respeito a sua vaidade, porque ela tem tão pouca.

Mas não posso deixá-la sozinha em casa, e nós prometemos à Anna que iríamos

vê-la jogar.

— Isto é mesmo importante para a tua irmã.

Em resposta, a Kate atira-se para o sofá e põe uma almofada sobre o rosto.

Sem dizer mais uma palavra eu dirijo-me ao armário do vestíbulo e tiro uma

variedade de artigos das gavetas. Dou as luvas à Kate, e depois coloco o chapéu na sua

cabeça e enrolo o lenço à volta do seu nariz e da sua boca, para que apenas os olhos

sejam visíveis.

— Vai estar frio no campo de hóquei - digo eu, numa voz que não deixa espaço

para mais nada excepto o consentimento.

Mal reconheço a Anna, acolchoada, e apertada, e atada dentro do equipamento

que acabámos por pedir emprestado ao sobrinho do treinador. Não conseguimos, por

exemplo, distinguir que ela é a única rapariga em cima do gelo. Não conseguimos

distinguir que ela é dois anos mais nova do que todos os outros jogadores que ali estão.

Interrogo-me se a Anna conseguirá ouvir os aplausos através do capacete, ou se

estará tão concentrada no que se aproxima dela que bloqueia tudo o resto, focando-se no

rasto do disco e nas pancadas dos sticks.

O Jesse e o Brian estão sentados na borda das suas cadeiras; e até a Kate - tão

relutante em vir - está a entrar no espírito do jogo. O guarda-redes da equipa adversária,

comparado com a Anna, move-se em câmara lenta. A acção é eléctrica, com o jogo a

movimentar-se da baliza oposta para a da Anna. O central passa para o avançado da

direita, que patina quebrando o gelo, com o som das lâminas dos patins a sobrepor-se ao

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 235*

rugido da multidão que aplaude. A Anna avança, certa de para onde se dirige o disco um

instante antes de ele chegar, com os joelhos dobrados para dentro e os cotovelos

dobrados para fora.

— Inacreditável - diz-me o Brian depois do segundo tempo. Ela tem um talento

natural para ser guarda-redes.

Isso também eu lhe poderia ter dito. A Anna salva, sempre.

Nessa noite, a Kate acorda com o sangue a jorrar do nariz, do recto, e das órbitas.

Eu nunca tinha visto tanto sangue, e mesmo enquanto tento estancar o fluxo interrogo-me

que quantidade agüentará ela perder. Quando chegamos ao hospital, ela está

desorientada e agitada, ficando por fim inconsciente. O pessoal médico enche-a de

plasma, de sangue e de plaquetas para repor o sangue perdido, que parece sair de dentro

dela a igual velocidade. Administram-lhe soro para evitar o choque hipovolémico, e

entubam-na.

Fazem-lhe TACs ao cérebro e aos pulmões para ver até onde se espalhou a

hemorragia.

Apesar de todas as vezes que temos de correr para as Urgências a meio da noite,

de todas as vezes que a Kate teve recaídas com sintomas repentinos, o Brian e eu sabemos

que nunca foi tão mau. Uma hemorragia nasal é uma coisa; a falência do organismo é

outra. Já por duas vezes teve arritmias cardíacas. A hemorragia impede o cérebro, o

coração, o fígado, os pulmões e os rins de receber o fluxo de que necessitam para

funcionar.

O Dr. Chance leva-nos para uma pequena sala na Unidade de Cuidados Intensivos

ao fundo do piso de pediatria. Está pintada com malmequeres sorridentes. Numa das

paredes está uma tabela de crescimento, uma minhoca métrica de um metro e vinte. -

Quanto Posso Crescer? O Brian e eu sentamo-nos muito quietos, como se fossemos

recompensados pelo bom comportamento.

— Arsênico? - repete o Brian. - Veneno? - É uma terapia muito recente - explica o

Dr. Chance. - Administra-se por via intravenosa, durante vinte e cinco a sessenta dias. Até à

data, ainda não realizámos nenhuma cura. Não quer dizer que isso não possa acontecer no

futuro, mas de momento, nem sequer temos gráficos de sobrevivência de cinco anos - por

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 236*

ser tão recente o medicamento. Por assim dizer, a Kate já esgotou o sangue do cordão

umbilical, o transplante alogeneico, a radioterapia, a quimioterapia e o ATR. Ela viveu mais

dez anos do que qualquer um de nós estava à espera.

Dou por mim já a acenar com a cabeça.

— Faça-a - digo eu, e o Brian olha para baixo, para as suas botas.

— Podemos tentar. Mas muito provavelmente, a hemorragia será mais forte do

que o arsênico - diz-nos o Dr. Chance.

Olho para a tabela de crescimento na parede. Será que disse à Kate que a amava

antes de a deitar ontem à noite? Não consigo lembrar-me. Não consigo lembrar-me de

maneira nenhuma.

Pouco depois das duas da manhã, perco o Brian. Ele esgueira-se enquanto

adormeço ao lado da cama da Kate e passa-se mais de uma hora sem que volte. Pergunto

por ele na secretária das enfermeiras; procuro na cantina e na casa de banho dos homens,

ambos estão vazios. Por fim, localizo-o ao fundo do corredor, num átrio cujo nome foi

atribuído em memória de uma pobre criança morta, uma sala de luz,  
e ar, e plantas de

plástico das quais um paciente neutropénico poderia desfrutar. Ele  
está sentado num

horrível sofá de veludo castanho, a escrever furiosamente com um  
lápiz azul num pedaço

de papel.

— Olá - digo eu suavemente, lembrando-me de como os miúdos  
coloriam juntos

no chão da cozinha, com os lápis espalhados entre eles como flores  
campestres. - Troco

um amarelo pelo teu azul.

O Brian olha para cima, sobressaltado.

— A. .

— A Kate está bem. bom, está na mesma - a Steph, a enfermeira, já  
lhe deu a

primeira dose de arsênico. Também lhe fez duas transfusões  
sangüíneas, para compensar

o sangue que ela está a perder.

— Talvez devêssemos levar a Kate para casa - diz o Brian.

— Bem, é claro que. .

— Eu queria dizer agora - ele junta as mãos em pirâmide. Acho que  
ela iria querer

morrer na sua própria cama.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 237*

Essa palavra, entre nós, explode como uma granada.

— Ela não vai..

— Vai sim - ele olha para mim, com o rosto esculpido pela dor.

— Ela está a morrer, Sara. Ela vai morrer, seja esta noite, seja amanhã, ou talvez

daqui a um ano se tivermos mesmo muita sorte. Ouviste o que o Dr. Chance disse. O

arsênico não é uma cura. Apenas adia o que vem a seguir.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

— Mas eu amo-a - digo eu, porque essa é uma razão suficiente.

— Eu também. Demasiado para continuar a fazer isto - o papel onde esteve a

escrevinhar cai-lhe das mãos e aterra aos meus pés; antes que consiga agarrá-lo eu

apanho-o. Está cheio de manchas de lágrimas, de palavras riscadas. Ela adorava o cheiro

da Primavera, leio. Ela conseguia ganhar a todos a jogar às cartas. Ela conseguia dançar

mesmo sem música. Há notas ao lado, também. Cor favorita: cor-de-rosa. Altura do dia

favorita: crepúsculo. Costumava ler *Where the Wild Things Are*, vezes sem conta, e ainda o

sabe de cor.

Todos os pêlos da parte de trás do meu pescoço ficam eriçados.

— Isto é. . um panegírico? Por esta altura, o Brian também está a chorar.

— Se não o fizer agora, não serei capaz de o fazer quando for altura.

Abano a cabeça.

— Não é altura.

Telefono à minha irmã às três e meia da manhã.

— Acordei-te - digo eu, apercebendo-me no momento em que a Zanne atende o

telefone que para ela, para qualquer pessoa normal, estamos a meio da noite.

— É a Kate? Aceno com a cabeça, embora ela não consiga ouvir isso. - Zanne? -

Sim? Fecho os olhos, sinto as lágrimas correr pela cara abaixo.

— Sara, o que se passa? Queres que vá para aí? É difícil falar através da enorme

pressão acumulada na minha garganta; a verdade expande-se até ser capaz de nos

sufocar. Quando éramos crianças, o quarto da Zanne e o meu partilhavam um corredor, e

nós costumávamos discutir por causa de deixar a luz acesa durante a noite. Eu queria que

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 238*

estivesse ligada; ela não. Põe uma almofada em cima da cabeça, costumava eu dizer-lhe.

Tu podes fazer com que fique escuro, mas eu não posso fazer com que fique iluminado.

— Sim - digo eu, agora a soluçar abertamente. - Por favor.

Contra todas as expectativas, a Kate sobrevive durante dez dias devido às

transfusões intensivas e à terapia do arsênico. No décimo primeiro dia da sua

hospitalização, entra em coma. Decido manter uma vigília à sua cabeceira até ela acordar.

E faço-o durante precisamente quarenta e cinco minutos, até receber um telefonema do

director da escola do Jesse.

Aparentemente, o sódio é armazenado no laboratório de ciências em pequenos

recipientes de óleo, devido à sua volatilidade em contacto com o ar. Aparentemente,

também reage com a água, libertando hidrogénio e calor.

Aparentemente, o meu filho que

anda no nono ano foi suficientemente inteligente para se aperceber disto e, por isso,

roubou uma amostra, atirou-a pela sanita abaixo e fez explodir a fossa séptica da escola.

Após ter sido suspenso por três semanas pelo director, um homem que tem a

decência de me perguntar pela Kate, enquanto basicamente me diz que o meu filho mais

velho está destinado à Prisão Estatal, o Jesse e eu dirigimo-nos para o hospital.

— Escusado será dizer que estás de castigo.

— Como queiras.

— Até teres quarenta anos.

O Jesse afunda-se no banco e, se for possível, as suas sobrancelhas juntam-se

ainda mais. Interrogo-me quando, precisamente, desisti dele. Interrogo-me porquê,

quando a história do Jesse não é nem por sombras tão desanimadora como a da sua irmã.

— O director é um imbecil.

— Sabes uma coisa, Jess? O mundo está cheio deles. Tu vais sempre enfrentar

alguém. Algo.

Ele olha para mim.

— Tu eras capaz de partir de uma conversa sobre os malditos Red Sox e não sei

como voltar a falar da Kate.

Viramos para o parque de estacionamento do hospital, mas eu não me mexo para

fechar o carro. A chuva bate violentamente no pára-brisas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 239*

— Todos nós temos muito jeito para fazer isso. Ou fizeste explodir a fossa séptica

por outra razão qualquer? - Tu não sabes como é ser o rapaz que tem uma irmã a morrer

com cancro.

— Faço uma idéia. Visto que eu sou a mãe da rapariga que está a morrer com

cancro. Tens toda a razão, é mesmo horrível. E às vezes também me apetece fazer explodir

alguma coisa, só para me livrar daquela sensação de que vou explodir a qualquer minuto -

olho para baixo e reparo numa equimose do tamanho de uma moeda de cinquenta

cêntimos, mesmo na dobra do seu braço. Há uma igual do outro lado. Está a dizer, acho

eu, que o meu pensamento se fixa imediatamente na heroína, em vez de na leucemia,

como faria no caso das suas irmãs. - O que é isso? Ele dobra o braço.

— Nada.

— O que é? - Não tens nada a ver com isso.

— Tenho sim - puxo o seu antebraço. - Foi uma agulha? Ele levanta a cabeça, de

olhos chamejantes.

— Sim, mãe. Eu pico-me de três em três dias. Só que não ando no cavalo, tiram-

me sangue aqui no terceiro andar - ele fica a olhar para mim. - Não te interrogaste sobre

quem mais estaria a fornecer plaquetas à Kate? Ele sai do carro antes que eu o consiga

deter, deixando-me a olhar para o pára-brisas, onde já nada é nítido.

Duas semanas após a Kate ter sido internada no hospital, as enfermeiras

convencem-me a tirar um dia de folga. vou para casa e tomo um duche na minha própria

casa de banho, em vez de o tomar na do pessoal médico. Pago contas atrasadas. A Zanne,

que ainda está em nossa casa, faz-me uma chávena de café; já está feito e pronto quando

eu desço as escadas com o cabelo molhado e penteado.

— Telefonou alguém? - Se com alguém te queres referir ao hospital, então não -

ela vira a página do livro de receitas que está a ler. - Isto é mesmo uma treta - diz a Zanne.

- Não há alegria em cozinhar.

A porta de entrada abre-se e fecha-se com um estrondo. A Anna chega à cozinha

a correr e pára bruscamente quando me vê.

— O que estás tu aqui a fazer? - Eu moro aqui - digo eu. A Zanne aclara a

garganta.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 240*

— Ao contrário do que parece.

Mas a Anna não a ouve, ou não quer ouvir. Tem um sorriso tão grande como um

desfiladeiro no rosto, e exhibe um bilhete à minha frente.

— Foi enviado ao Treinador Urlicht. Lê-o, lê-o! Cara Anna Fitzgerald, Parabéns por

ter sido aceite no Campo de Férias Feminino Hóquei Golo. Este ano realizar-se-á em

Minneapolis, de 3 a 17 de Julho. Por favor, preencha a documentação anexa, junte um

Atestado Médico e envie para 4/30/01. Vemo-nos no gelo!  
Treinadora Sarah Teuting

Acabo de ler a carta.

— Tu deixaste a Kate ir para aquele campo de repouso quando ela tinha a minha

idade, aquele para miúdos com leucemia - diz a Anna. - Fazes alguma idéia de quem é

Sarah Teuting? É guarda-redes da Team USA, e eu não vou ter só oportunidade de a

conhecer, ela também vai corrigir o que faço mal. O treinador arranjou-me uma bolsa

completa, portanto nem sequer tens de pagar um cêntimo. Metem-me num avião, e

arranjam-me um dormitório para ficar e tudo, e nunca ninguém tem uma hipótese destas...

— Querida - digo eu cautelosamente -, não podes ir.

Ela abana a cabeça, como se estivesse a tentar encaixar as minhas palavras.

— Mas nem sequer é agora. É só para o próximo Verão. E a Kate já pode estar

morta nessa altura.

É a primeira vez que me consigo lembrar de a Anna ter dado alguma indicação de

que consegue ver um fim para esta cronologia, um momento em que ela estará finalmente

livre de qualquer obrigação para com a irmã. Até esse momento, ir para o Minnesota não é

uma escolha. Não porque eu tenha medo do que possa acontecer à Anna lá, mas porque

tenho medo do que possa acontecer à Kate enquanto a irmã estiver fora. Se a Kate

sobreviver a esta última recaída, quem sabe daí a quanto tempo surgirá outra crise? E

quando isso acontecer, vamos precisar da Anna - do seu sangue, das suas células

estaminais, dos seus tecidos - aqui.

Os factos estão suspensos entre nós como uma cortina translúcida. A Zanne

levanta-se e coloca um braço à volta da Anna.

— Sabes uma coisa, pequenina? Talvez devêssemos falar disto com a tua mãe

noutra altura. .

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 241*

— Não - a Anna recusa-se a sair. - Eu quero saber porque é que não posso ir.

Passo uma mão pelo rosto.

— Anna, não me obrigues a fazer isto.

— Fazer o quê, Mãe? - pergunta ela acaloradamente. - Eu não te obrigo a fazer

nada.

Amachuca a carta e sai da cozinha a correr. A Zanne sorri debilmente para mim.

— Bem-vinda a casa - diz ela.

Lá fora, a Anna agarra num stick de hóquei e começa a atirar contra a parede da

garagem. Ela continua a fazer isto durante quase uma hora, ritmadamente, até que me

esqueço de que ela está lá fora e começo a pensar que um lar talvez tenha a sua própria

pulsação.

Dezassete dias após a Kate ter sido internada no hospital, desenvolve uma

infecção. O seu corpo fica febril. Fazem culturas do sangue, da urina, das fezes e da

expectoração para isolar o organismo - mas administram-lhe um antibiótico de largo

espectro imediatamente na esperança de que o que quer que seja que a esteja a pôr

doente reaja.

A Steph, a nossa enfermeira preferida, fica até tarde algumas noites para que eu

não tenha de enfrentar isto sozinha. Ela traz-me revistas People rapinadas das salas de

espera das cirurgias, e tem conversas unilaterais animadas com a minha filha inconsciente.

Ela é um modelo de determinação e optimismo à superfície, mas já vi os seus olhos

turvarem-se de lágrimas enquanto dá um banho de esponja à Kate, nos momentos em

que pensa que eu não estou a ver.

Certa manhã, o Dr. Chance entra para verificar como está a Kate. Enrola o

estetoscópio à volta do pescoço e senta-se numa cadeira à minha frente.

— Eu queria ser convidado para o casamento dela.

— E vai ser - insisto, mas ele abana a cabeça.

O meu coração bate um pouco mais rápido.

— Uma taça para ponche, é isso que pode dar-lhe. Uma moldura para pôr

fotografias. Pode propor um brinde.

— Sara - diz o Dr. Chance -, precisa de se despedir.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 242*

O Jesse passa quinze minutos fechado dentro do quarto da Kate, e sai a olhar para

tudo como uma bomba prestes a explodir. Corre pelos corredores da Unidade de

Cuidados Intensivos do piso da pediatria.

— Eu vou lá - diz o Brian e dirige-se para o fundo do corredor atrás do Jesse.

A Anna senta-se encostada à parede. Ela também está zangada.

— Eu não vou fazer isto. Eu agacho-me junto dela.

— Não há nada que eu menos queira obrigar-te a fazer, acredita-me. Mas se não o

fizeres, Anna, então um dia vais desejar tê-lo feito.

Beligerante, a Anna dirige-se ao quarto da Kate, senta-se numa cadeira. O peito da

Kate sobe e desce, devido ao ventilador. Toda a raiva sai de dentro da Anna quando ela se

aproxima para tocar na face da irmã.

— Ela consegue ouvir-me? - É claro - respondo eu, mais a mim própria do que a

ela.

— Eu não vou para o Minnesota - sussurra a Anna. - Eu nunca irei a lado nenhum -

ela aproxima-se mais. - Acorda, Kate.

Ambas sustentamos a respiração, mas não acontece nada.

Nunca cheguei a perceber porque se diz perder um filho. Nenhum pai é assim tão

descuidado. Todos nós sabemos exactamente onde os nossos filhos e filhas estão; só que

nem sempre queremos que eles estejam onde estão.

O Brian, a Kate e eu somos um circuito. Nós estamos sentados um de cada lado da

cama de mãos dadas, e com a outra mão na dela.

— Tinhas razão - digo-lhe eu. - Devíamos tê-la levado para casa. O Brian abana a

cabeça.

— Se não tivéssemos tentado o arsênico, passaríamos o resto das nossas vidas a

perguntar porque não o fizemos - ele afasta o cabelo pálido que rodeia o rosto da Kate. -

Ela é tão boa menina. Fez sempre o que lhe pediste.

Aceno com a cabeça, incapaz de falar.

— É por isso que ela está a aguentar-se, sabes. Ela quer a tua permissão para se ir

embora.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 243*

Ele inclina-se para a Kate, a chorar tanto que não consegue respirar. Ponho a mão

sobre a sua cabeça. Não somos os primeiros pais a perder um filho. Mas somos os

primeiros pais a perder um filho nosso. E isso faz toda a diferença.

Quando o Brian adormece, dobrado aos pés da cama, tomo a mão cheia de

cicatrizes da Kate entre as minhas. Percorro a forma oval das suas unhas e lembro-me da

primeira vez que as pintei, quando o Brian não podia acreditar que eu fizesse isso a uma

bebé de um ano. Agora, passados doze anos, viro a sua palma para cima e desejo saber lê-

la, ou, melhor ainda, saber editar essa linha da vida.

Puxo a minha cadeira mais para junto da cama de hospital, -  
Lembras-te do Verão

em que te inscrevemos no campo de férias? E da noite antes de partires, quando disseste

que tinhas mudado de idéias e que querias ficar em casa? Eu disse-te que arranjasses um

lugar do lado esquerdo do autocarro, para quando arrancasse poderes olhar para trás e

veres-me ali, à tua espera - coloco a mão dela sobre a minha face, com força suficiente

para deixar marca. - Arranja esse mesmo lugar no Céu. Um em que possas ver-me, a olhar

para ti.

E Enterro o meu rosto nos cobertores e digo a esta minha filha o quanto a amo.

Aperto a sua mão uma última vez. Para sentir a mínima pulsação, o mais fraco aperto, o

mais ligeiro cerrar dos dedos da Kate, enquanto agarra com as unhas o caminho de

regresso a este mundo.

## Anna

Eis a minha pergunta: Que idade temos quando estamos no Céu?  
Quero dizer, se

estamos a falar do Céu, devemos estar no nosso auge de beleza, e  
duvido que toda a

gente que morre de velhice ande de um lado para o outro  
desdentada e careca. Isso

também abre caminho para um reino adicional de perguntas. Se nos  
enforcarmos, será

que andamos por aí todos azuis com um aspecto nojento, de língua  
de fora? Se formos

mortos numa guerra, será que passamos a eternidade sem a perna  
que explodiu devido a

uma mina? Acho que talvez possamos escolher. Preenchemos o  
formulário que nos

pergunta se queremos ver as estrelas ou as nuvens, se queremos  
frango, ou peixe, ou

maná para o jantar, com que idade gostaríamos de ser vistos pelo  
resto das pessoas. Eu,

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 244*

por exemplo, talvez escolhesse dezassete anos, na esperança de que  
por essa altura já me

tenham crescido as mamas, e mesmo que seja uma centenária  
engelhada quando morrer,

no Céu seria jovem e bonita.

Uma vez, num jantar de festa, ouvi o meu pai dizer que mesmo que fosse velho,

velho, velho, dentro do seu coração teria vinte e um anos. Portanto talvez exista um lugar

na nossa vida que gastamos como um sulco, ou, melhor ainda, como o lugar mais macio

no sofá. E, independentemente do que nos aconteça, voltamos sempre lá.

O problema, suponho eu, é que todos nós somos diferentes. O que acontecerá no

Céu quando todas estas pessoas estão a tentar encontrar-se umas às outras após terem

passado tantos anos separadas? Digamos que morremos e começamos a procurar o nosso

marido, que morreu há cinco anos. E se o imaginamos aos setenta, mas ele preferiu os

dezasseis e anda por aí mais ligeiro do que nunca? E se formos a Kate, e morrermos aos

dezasseis anos, mas no Céu escolhermos ter trinta e cinco, uma idade que nunca

chegámos a ter aqui na Terra? Como é que alguém seria capaz de nos encontrar? O

Campbell telefona para o quartel para falar com o meu pai, enquanto estamos a almoçar, e

diz que a advogada da outra parte quer falar sobre o caso. O que é uma maneira

verdadeiramente estúpida de colocar a questão, uma vez que todos sabemos que ele está

a falar da minha mãe. Ele diz que temos de nos encontrar às três horas no seu escritório,

independentemente de hoje ser domingo.

Sento-me no chão com a cabeça do Juiz no colo. O Campbell está tão ocupado

que nem sequer me diz que não o faça. A minha mãe chega mesmo às três em ponto e

(visto que a Kerri, a secretária, não trabalha hoje) entra sozinha. Ela fez um esforço especial

para apanhar o cabelo atrás num bonito rolo. Colocou um pouco de maquilhagem. Mas,

ao contrário de Campbell, que usa este escritório como um sobretudo que pode vestir e

despir, a minha mãe parece completamente deslocada num escritório de advogados. É

difícil de acreditar que a minha mãe costumasse ter esta profissão. Acho que ela

costumava ser outra pessoa, anteriormente. Acho que todos nós éramos.

— Olá - diz ela suavemente.

— Sr. a Fitzgerald - repete Campbell. Gelo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 245*

Os olhos da minha mãe deslocam-se do meu pai, sentado na mesa de

conferências, para mim, no chão.

— Olá - diz ela outra vez. Avança, como se fosse abraçar-me, mas detém-se.

— Convocou esta reunião, colega - diz Campbell sem demora. A minha mãe senta-

se.

— Eu sei. Eu estava.. bem, eu espero que consigamos esclarecer este assunto.

Quero que tomemos uma decisão, juntos.

Campbell tamborila com os dedos na mesa.

— Está a propor-nos um acordo? Ele faz com que isso soe de uma forma tão

profissional. A minha mãe olha para ele pestanejando.

— Sim, acho que estou - ela vira a cadeira para mim, como se apenas nós as duas

estivéssemos na sala. - Anna, eu sei o quanto fizeste pela Kate. Também sei que ela já não

tem muitas hipóteses. . mas talvez tenha esta.

— A minha cliente não necessita de ser coagida..

— Não faz mal, Campbell - digo eu. - Deixe-a falar.

— Se o cancro regressar, se este transplante de rim não resultar, se as coisas não

acabarem da forma que todos nós desejamos para a Kate - bem, eu nunca mais te pedirei

que voltes a ajudar a tua irmã... mas, Anna, fazes esta última coisa? Por esta altura ela

parece muito pequena, até mais pequena do que eu, como se eu fosse a mãe e ela a filha.

Interrogo-me sobre como terá ocorrido esta ilusão de óptica, visto que nenhuma de nós

saiu do mesmo sítio.

Olho para o meu pai, mas ele está petrificado, e parece estar a fazer todos os

possíveis para seguir o veio da madeira da mesa de reuniões em vez de participar.

— Está a sugerir que, se a minha cliente doar um rim voluntariamente, então será

exonerada de qualquer outro procedimento médico que possa vir a ser necessário no

futuro para prolongar a vida da Kate? - esclarece Campbell.

A minha mãe respira fundo.

— Sim.

— Precisamos de discutir este assunto, como é óbvio. Quando eu tinha sete anos,

o Jesse esforçou-se bastante para se assegurar de que eu não seria suficientemente

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 246*

estúpida para acreditar no Pai Natal. É o pai e a mãe, explicou ele, e eu recusei sempre as

suas idéias. Decidi testar a sua teoria. Portanto, nesse Natal, escrevi ao Pai Natal e pedi-lhe

um hamster, que era o que eu mais queria no mundo. Coloquei pessoalmente a carta na

caixa do correio da secretaria da escola. E resolutamente não disse nada aos meus pais,

embora lhes desse algumas pistas sobre brinquedos que esperava receber nesse ano.

Na manhã do dia de Natal, recebi o trenó, e o jogo de computador, e o abafa

tingido, que eu tinha mencionado à minha mãe, mas não recebi o tal hamster porque ela

não sabia nada sobre ele. Nesse ano aprendi duas coisas: que nem o Pai Natal nem os

meus pais eram como eu queria que fossem.

Talvez o Campbell pense que se trata de uma questão legal, mas, na verdade,

trata-se da minha mãe. Eu levanto-me do chão e vôo para os seus braços, que se parecem

um pouco com aquele lugar na vida que eu referi anteriormente, tão familiar que

deslizamos mesmo para o sítio que se adapta ao nosso corpo. Faz-me doer a garganta, e

todas aquelas lágrimas que eu engoli saem do seu esconderijo.

— Oh, Anna - grita ela nos meus cabelos. - Graças a Deus. Graças a Deus.

Abraço-a com o dobro da força do costume, tentando agarrar este momento da

mesma forma que gosto de pintar a luz oblíqua do Verão na parede de trás do meu

cérebro, um mural que possa admirar durante o Inverno. Eu coloco os meus lábios mesmo

ao pé da sua orelha e, mesmo enquanto falo, arrependo-me de estar a fazê-lo.

— Não posso.

O corpo da minha mãe fica rígido. Ela afasta-se de mim, fica a olhar para o meu

rosto. Depois põe um sorriso nos lábios, quebrado em vários sítios. Toca-me no alto da

cabeça. E pronto. Ela levanta-se, endireita o casaco, e sai do escritório.

Campbell também se levanta da cadeira. Agacha-se à minha frente, no local onde

estava a minha mãe. De olhos nos olhos, ele parece mais sério do que alguma vez tinha

visto.

— Anna - dix ele. - É mesmo isto que quer? Abro a boca. E encontro uma resposta.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 247*

## Julia

— Achas que eu gosto do Campbell por ele ser um imbecil pergunto à minha

irmã -, ou apesar disso? Do sofá, a Izzy manda-me calar. Ela está a assistir a O Nosso Amor

de Ontem, um filme que já viu vinte mil vezes. Está na sua lista de Filmes Que Não

Podemos Deixar de Ver, que também inclui Um Sonho de Mulher, Ghost - O Espírito do

Amor e Dança Comigo.

— Se me fazes perder o fim, Julia, mato-te.

— "Até à vista, Katie" - cito-lhe eu. - "Até à vista, Hubbell." Ela atira-me uma

almofada do sofá e limpa os olhos enquanto a banda sonora aumenta de som.

— A Barbra Streisand - diz a Izzy - é o máximo.

— Pensei que isso era um estereótipo de homens gay - olho por cima da mesa

cheia de papéis que estive a estudar para me preparar para a audiência de amanhã. Esta é

a decisão que eu vou comunicar ao juiz, baseando-me nos interesses da Anna Fitzgerald. O

problema é que não importa que eu esteja do seu lado ou contra ela. De qualquer forma,

vou arruinar a sua vida.

— Pensei que estávamos a falar do Campbell - diz a Izzy.

— Não, eu estava a falar do Campbell. Tu estavas a delirar massajo as têmeoras. -

Pensei que talvez fosses compreensiva.

— com o Campbell Alexander? Eu não sou compreensiva. Sou apática.

— Tens razão. É esse o teu tipo de patia.

— Olha, Julia. Talvez seja hereditário - diz a Izzy. Ela levanta-se e começa a

massajar os músculos do meu pescoço. - Talvez tenhas um gene que atraia autênticos

mentecaptos.

— Então tu também o tens.

— Bem - ri ela -, é essa a questão a resolver.

— Eu quero odiá-lo, sabes. Para que fique esclarecido.

Por cima do meu ombro, a Izzy agarra no copo de cola que estou a beber e acaba-

a.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 248*

— O que aconteceu ao facto de isto ser estritamente profissional? -  
E é. Só que

existe um grupo de oposição minoritário muito ruidoso dentro da  
minha cabeça que

deseja o contrário.

A Izzy volta a sentar-se no sofá.

— O problema, sabes, é que nunca te esqueces do primeiro. E  
mesmo que o teu

cérebro seja suficientemente inteligente, o teu corpo tem o QI de  
uma mosca da fruta.

— com ele é tão fácil, Iz. É como se começássemos onde tínhamos  
ficado. Já sei

tudo o que necessito sobre ele e ele já sabe tudo o que necessita  
sobre mim - olho para

ela. - Podes apaixonar-te por alguém por seres preguiçosa? - Porque  
não lhe dás uma

queca para poderes tirá-lo da cabeça? - Porque - digo eu - assim  
que acabar, será mais um

bocado do passado do qual não me poderei livrar.

— Posso arranjar-te um dos meus amigos - sugere a Izzy.

— Todos eles têm vaginas.

— Estás a ver? Andas a olhar para as coisas erradas, Julia. Devias  
sentir-te atraída

por alguém devido ao que tem por dentro, e não pela embalagem em que se apresenta. O

Campbell Alexander pode ser lindo, mas é como maçapão a cobrir uma sardinha.

— Achas que ele é lindo? A Izzy revira os olhos.

— Tu - diz ela - estás condenada.

Quando a campainha da porta toca, a Izzy vai espreitar pelo buraco.

— Falando no Diabo.

— É o Campbell? - sussurro. - Diz-lhe que não estou. A Izzy abre a porta apenas

alguns centímetros.

— A Julia diz que não está.

— vou matar-te - digo entre dentes, e apareço atrás dela. Empurrando-a para o

lado, abro a corrente e deixo o Campbell e o seu cão entrarem.

— A recepção aqui está a ficar cada vez mais calorosa e afectuosa - diz ele.

Cruzo os braços.

— O que queres? Estou a trabalhar.

— Ainda bem. A Sara Fitzgerald acabou de nos propor um acordo. Vem jantar fora

comigo e eu conto-te tudo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 249*

— Não vou jantar fora contigo - digo eu.

— Por acaso, vais - ele encolhe os ombros. - Eu conheço-te, e acabarás por ceder

porque desejas saber o que a mãe da Anna disse, mais intensamente do que não estar

comigo. Não podemos ir directos ao assunto? A Izzy começa a rir.

— Ele defacto conhece-te, Julia.

— Se não vens de livre vontade - acrescenta o Campbell -, eu não tenho

problemas em recorrer à força bruta. Embora seja consideravelmente mais difícil para ti

cortares o teu filet mignon de mãos atadas.

Volto-me para a minha irmã.

— Faz qualquer coisa. Por favor. Ela diz-me adeus.

— Até à vista, Katie.

— Até à vista Hubbell - responde o Campbell. - Grande filme. A Izzy olha para ele,

ponderando.

— Talvez haja esperança - diz ela.

Regra número um - digo-lhe eu -, falamos sobre o julgamento, e sobre nada mais

do que o julgamento.

— Juro por Deus - promete o Campbell. - E posso apenas dizer que estás linda? -

Vês, já quebraste a regra.

Ele vira para um parque de estacionamento ao pé da água e desliga o motor.

Depois sai do carro e dá a volta até ao meu lado para me ajudar a sair, mas eu não vejo

nada que se assemelhe a um restaurante. Estamos numa marina cheia de barcos à vela e

iates, com os seus conveses cor de mel a bronzear-se ao sol do fim de tarde.

— Descalça os teus tênis - diz o Campbell.

— Não.

— Por amor de Deus, Julia. Não estamos na época vitoriana; não te vou assediar só

por ver o teu tornozelo. Descalça-os lá, está bem? - Porquê? - Porque neste momento tens

uma enorme vara espetada no cu e esta é a única maneira decente que me ocorre para te

fazer relaxar - ele descalça os seus próprios sapatos de vela e afunda os pés na relva que

cresce à beira do parque de estacionamento. Ahhh - diz ele, e abre os braços um para

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 250*

cada lado. - Vá lá, Jóia. Carpe diem. O Verão está quase a acabar; é melhor aproveitares

enquanto podes.

— Então e o acordo. .

— O que a Sara disse vai manter-se igual quer andes descalça quer não.

Ainda não sei se ele aceitou este caso por ser um caçador da glória, por querer a

conferência de imprensa, ou simplesmente por querer ajudar a Anna. Eu quero acreditar na

última hipótese, de tão idiota que sou. O Campbell espera pacientemente, com o cão ao

lado. Por fim, desato os tênis e tiro as meias. Ponho os pés em cima da faixa de relva.

A época de Verão, penso eu, é uma inconsciência colectiva. Todos nós nos

lembramos das notas que compõem a canção do homem dos gelados; todos nós sabemos

qual é a sensação de queimar as coxas num escorrega de um parque infantil que aqueceu

como uma faca ao fogo; todos nós nos deitámos de costas com os olhos fechados e o

coração a bater na superfície das nossas pálpebras, desejando que esse dia se prolongasse

só mais um bocadinho do que o anterior, quando na realidade vai no sentido oposto. O

Campbell senta-se na relva.

— Qual é a regra número dois? - Que sou eu quem estabelece todas as regras -

digo eu. Quando ele sorri para mim, estou perdida.

Na noite passada, o Sete, o empregado de bar, meteu-me um Martini na mão que

o esperava e perguntou-me do que me escondia.

Bebi um gole antes de responder, e lembrei a mim própria por que razão

detestava Martinis - são álcool puro, é esse o objectivo, é óbvio, mas também é a isso que

sabem, o que é sempre um pouco desolador.

— Não estou a esconder-me - disse-lhe. - Estou aqui, não estou? Era cedo para

um bar, ainda eram horas de jantar. Parei lá quando voltava do quartel dos bombeiros,

onde tinha estado com a Anna. Dois tipos estavam a trocar carícias numa mesa isolada ao

canto, um homem sozinho estava sentado do outro lado do bar.

— Podemos mudar de canal? - ele fez um sinal indicando a televisão, que estava a

transmitir o telejornal. - O Jennings é muito mais atraente do que o Brokaw.

O Sete carregou no comando, e depois voltou-se de novo para mim.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 251*

— Não estás a esconder-te, mas estás num bar gay à hora de jantar. Não estás a

esconder-te, mas usas esse fato como se fosse uma armadura.

— Bem, eu ia mesmo aceitar conselhos sobre moda de um tipo com um piercing

na língua.

O Sete ergueu uma sobrancelha.

— Mais um Martini, e eu era capaz de te convencer a fazer uma visita ao meu

amigo Johnston para Fazeres um também. Podemos tirar a tinta cor-de-rosa do cabelo de

uma rapariga, mas ela nunca deixará de ter aquelas raízes.

Bebo mais um gole de Martini.

— Tu não me conheces.

Do outro lado do bar, o outro cliente ergueu o rosto para contemplar o Peter

Jennings e sorriu.

— Talvez - disse o Sete -, mas tu também não.

Afinal o jantar foi pão com queijo - bem, uma baguette e Gruyère - a bordo de um

barco à vela de nove metros. Campbell dobra as calças para cima como um náufrago,

prepara o cordame, içã a âncora e põe a vela ao vento até estarmos tão longe da costa de

Providence que esta se torna apenas uma linha de cor, um longínquo colar de pedras

preciosas.

Passado um tempo, quando se torna evidente que qualquer informação que o

Campbell esteja disposto a fornecer não será comunicada antes da sobremesa, cedo.

Deito-me de costas com o braço dobrado por cima do cão adormecido. Observo a vela,

agora solta, a bater como a grande asa branca de um pelicano. O Campbell aparece vindo

de debaixo do convés, onde estive à procura de um saca-rolhas, a segurar em dois copos

de vinho tinto. Senta-se do outro lado do Juiz e toca-lhe a parte de trás das orelhas.

— Já alguma vez pensaste em ser um animal?

— Figurativamente? Ou literalmente?

— Retoricamente - diz ele. - Se não tivesses esse invólucro humano.

Penso nisto por um bocado.

— É alguma rasteira? Por exemplo, se eu disser baleia assassina, vais dizer-me que

isso significa que sou um peixe carnívoro, implacável e insensível? - São mamíferos - diz o

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 252*

Campbell. - E não. Trata-se apenas de um simples questionário para meter conversa

educadamente.

Volto a cabeça.

— O que serias? - Eu perguntei primeiro.

Bem, um pássaro está fora de questão; tenho demasiado medo das alturas. Acho

que não tenho a atitude certa para ser um gato. E sou demasiado solitária para estar numa

matilha, como um lobo ou um cão. Penso em dizer algo como um társio apenas para me

exibir mas depois ele vai perguntar-me que raio é isso e eu não consigo lembrar-me se é

um roedor ou um lagarto.

— Um ganso - decido. Campbell desata a rir.

— A Mãe Ganso? Ou o Ganso Tanso? É porque acasalam para toda a vida, mas eu

preferia atirar-me borda fora do que dizer-lhe isso.

— E tu? Mas ele não me responde directamente.

— Quando fiz à Ânna a mesma pergunta, ela disse-me que seria uma Fénix.

A imagem da criatura mítica a erguer-se das cinzas brilha na minha mente.

— Elas não existem.

Campbell acaricia a cabeça do cão.

— Ela disse que depende de haver ou não alguém que consiga vê-las - então olha

para mim. - Como é que a vêes, Julia? O vinho que tenho estado a beber fica subitamente

azedo. Será que tudo isto - o charme, o piquenique, velejar ao pôr do Sol - foi planeado

para que eu ficasse do seu lado no julgamento de amanhã? O que quer que seja que eu

recomende enquanto tutora ad litem vai pesar bastante na decisão do juiz DeSalvo, e o

Campbell sabe disso.

Até este momento, não me tinha apercebido de que alguém pudesse despedaçar-

nos o coração duas vezes, exactamente nos mesmos sítios sensíveis.

— Não vou dizer-te qual é a minha decisão - digo eu asperamente. - Podes

esperar para a ouvires quando me chamares como testemunha -  
agarro-me ao cabo da

âncora e tento içá-la. - Agora queria voltar, por favor.

O Campbell tira-o da minha mão.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 253*

— Já me disseste que achas que doar um rim à irmã não vai ao  
encontro dos

interesses da Anna.

— Também te disse que ela é incapaz de tomar essa decisão  
sozinha.

— O pai tirou-a de casa. Ele pode ser o apoio moral dela.

— E quanto tempo é que isso vai durar? E da próxima vez? estou  
furiosa comigo

mesma por me deixar levar. Por aceitar jantar fora, por acreditar que  
o Campbell pudesse

querer estar comigo, em vez de me usar. Tudo - desde os seus  
elogios à minha aparência

até ao vinho servido no convés - foi friamente planeado para o  
ajudar a ganhar este caso.

— A Sara Fitzgerald propôs um acordo - diz o Campbell. - Ela disse  
que, se a Ana

doar um rim, não voltará a pedir-lhe que faça mais nada pela irmã.  
A Anna recusou.

— Sabes, eu poderia fazer com que o juiz te pusesse na cadeia por causa disto. É

totalmente contra a ética tentares seduzir-me para que eu mude de opinião.

— Seduzir-te? Eu apenas coloquei as minhas cartas na mesa. Facilitei o teu

trabalho.

— Oh, é claro. Desculpa - digo eu sarcasticamente. - Não se trata de ti. Não se

trata de eu ter de escrever um relatório que penda claramente a favor da petição da tua

cliente. Se fosses um animal, Campbell, sabes qual serias? Um sapo. Não, pensando

melhor, serias um parasita na barriga de um sapo. Algo que tire o que necessita sem dar

absolutamente nada em troca.

Uma veia pulsa, azul, na sua têmpora.

— Já acabaste? - Na verdade, ainda não. Será que da tua boca sairá alguma vez

algo sincero? - Não te menti.

— Não? Para que serve o cão, Campbell? - Jesus Cristo, és capaz de te calar? - diz

o Campbell, e puxa-me para os seus braços e beija-me.

A sua boca movimenta-se como uma história silenciosa; ele sabe a sal e a vinho.

Não há um momento de reaprendizagem, de ajuste de padrões dos últimos quinze anos;

os nossos corpos lembram-se de aonde devem ir. Ele lambe o meu nome ao longo da

minha garganta. Aproxima-se tanto de mim que qualquer dor que houvesse à superfície

entre nós se espalha, tornando-se numa ligação em vez de uma fronteira.

Quando nos separamos para respirar de novo, Campbell fica a olhar para mim.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 254*

— Mesmo assim, tenho razão - sussurro.

É a coisa mais natural do mundo quando o Campbell puxa a minha velha camisola

para cima, tirando-a pela cabeça, e tenta abrir o fecho do meu soutien. Quando se ajoelha

à minha frente, com a cabeça por cima do meu coração, quando sinto a água embalar o

casco do barco, penso que talvez este seja o nosso lugar. Talvez existam mundos inteiros

onde não haja barreiras, onde os sentimentos nos conduzam como uma maré.

**SEGUNDA-FEIRA**

Vede como uma faúlha pode incendiar uma grande floresta!

— CARTA DE SÃO TIAGO 3,5

## Campbell

Dormimos na minúscula cabina, encostados ao seu desnível.

Aposentos

acanhados, mas isso não parece ser importante: durante toda a noite, ela encaixa-se em

mim. Ressona, só um bocadinho. O seu dente da frente é torto. As suas pestanas são tão

compridas como a minha unha do polegar.

São estas minúcias que provam, mais do que qualquer outra coisa, a diferença

que existe entre nós agora, passados quinze anos. Quando temos dezassete anos, não

pensamos em que apartamento é que queremos dormir. Quando temos dezassete anos,

nem sequer vemos o rosa-pérola do seu soutien, a renda em V entre as suas pernas.

Quando temos dezassete anos, o importante é o agora, e não o depois.

O que eu amei na Julia - pronto, agora já disse - foi o facto de ela não precisar de

ninguém. No Wheeler, mesmo quando ela se destacava, com o seu cabelo cor-de-rosa, e o

seu casaco militar acolchoado e botas da tropa, fazia-o sem desculpas. Foi uma grande

ironia que o próprio facto de manter uma relação com ela diminuísse o seu poder de

atração, que, no momento em que ela retribuiu o meu amor e começou a depender de

mim tanto quanto eu dependia dela, deixou de ser um espírito verdadeiramente

independente.

Nem no quinto dos infernos havia de ser eu a tirar-lhe essa qualidade.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 255*

Depois da Julia, não houve assim tantas mulheres. Nenhuma cujo nome eu me

desse ao trabalho de recordar, de qualquer modo. Era demasiado complicado manter a

fachada; em vez disso, escolhi o caminho pedregoso dos cobardes, o dos encontros de

uma só noite. Por necessidade - médica e emocional - tornei-me bastante hábil em

escapular-me.

Mas houve meia dúzia de ocasiões na noite passada em que tive oportunidade de

ir embora. Enquanto a Julia dormia, até ponderei a melhor maneira de o fazer: um bilhete

preso na almofada, uma mensagem rabiscada no convés com o batom cor de cereja dela.

E, no entanto, o impulso de fazer isto não era de forma nenhuma tão forte como a

necessidade de esperar só mais um minuto, mais uma hora.

Do local onde está enrolado, preso à mesa da cozinha, o Juiz ergue a cabeça. Gane

baixinho, e eu compreendo-o perfeitamente. Libertando-me da luxuriante floresta dos

cabelos da Julia, saio da cama. Ela estende-se para o sítio quente que eu deixei.

Juro que isso me deixa de novo excitado.

Mas em vez de fazer o que me apetece - ou seja, telefonar a dizer que estou

doente com alguma estirpe latente de varíola e obrigar o secretário do tribunal a marcar

uma nova audiência para poder passar o dia na cama -, visto as calças e subo ao convés.

Quero certificar-me de que chego ao tribunal antes da Anna, e preciso de tomar um duche

e de mudar de roupa. Deixo as chaves do meu carro à Julia - até minha casa é uma curta

caminhada. Só quando o Juiz e eu estamos a caminho de casa é que me apercebo de que,

ao contrário das outras manhãs estremunhadas em que abandonei uma mulher, não deixei

para trás algum símbolo encantador da minha presença à Julia, algo que amortecesse o

golpe do abandono ao acordar.

Interrogo-me se terá sido um lapso. Ou se estive este tempo todo à espera que ela

regressasse para poder crescer.

Quando o Juiz e eu chegamos ao edifício Garrahy para comparecer à audiência,

temos de abrir caminho por entre os jornalistas que se juntaram para o Evento Principal.

Eles metem microfones à minha frente e pisam as patas do Juiz inadvertidamente. Quando

a Anna pensar em atravessar este corredor humano, vai desatar a fugir.

Ao entrar pela porta da frente, faço um sinal ao Vern.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 256*

— Pode mandar alguns seguranças para aqui? - peço-lhe. - Eles vão comer as

testemunhas vivas.

Depois vejo Sara Fitzgerald, já à espera. Ela veste um fato que o mais provável é já

não sair do saco de plástico da lavandaria há uma década, e o seu cabelo está

austeramente puxado e preso com um gancho. Não traz uma pasta mas uma mochila.

— bom dia - digo pausadamente.

A porta abre-se de par em par e Brian entra, olhando para Sara e depois para mim.

— Onde está a Anna? Sara avança.

— Ela não veio contigo? - Ela já tinha saído quando regressei de uma missão às

cinco da manhã. Deixou um bilhete a dizer que se encontraria aqui comigo - olha para a

porta, e para os chacais do outro lado. Aposto que se foi embora.

Ouve-se de novo o som de algo que estava selado a ser aberto, e então a Julia

entra no tribunal numa onda de gritos e perguntas. Alisa o cabelo para trás, tenta orientar-

se, e depois olha para mim e fica de novo desorientada.

— Eu vou à procura dela - digo eu. Sara fica irritada.

— Não, eu vou.

A Julia olha para cada um de nós.

— À procura de quem? - A Anna ausentou-se temporariamente - explico.

— Ausentou-se? - diz a Julia. - Ou seja, desapareceu? - Nada disso - isto também

não é mentira. Para a Anna ter desaparecido, teria de ter aparecido antes.

Apercebo-me de que até sei para onde vou - ao mesmo tempo que Sara também

percebe. Nesse momento, ela deixa-me assumir o controlo. A Julia agarra no meu braço

enquanto me dirijo para a porta. Enfia-me as chaves do meu carro na mão.

— Agora percebes porque é que isto não vai resultar? Volto-me para ela.

— Julia, ouve. Também quero conversar sobre o que está a acontecer entre nós.

Mas esta não é a altura certa.

— Eu referia-me à Anna. Campbell, ela estava a falar por falar. Nem sequer

conseguiu comparecer à sua própria audiência. O que achas disso? - Que toda a gente

pode ter medo - respondo por fim, num aviso justo para todos nós.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 257*

Os estores do quarto de hospital estão corridos, mas isso não me impede de ver a

palidez angelical do rosto da Kate Fitzgerald, com uma rede de veias azuis a marcar o

caminho da medicação de último recurso que circula debaixo da sua pele. A Anna está

enrolada aos pés da cama.

Por minha ordem, o Juiz fica à porta à espera.

— Anna, são horas de irmos embora.

Quando a porta do quarto de hospital se abre, espero que entre Sara Fitzgerald ou

um médico com um carrinho de transporte de equipamento. Em vez disso, para minha

surpresa, aparece o Jesse.

— Olá - diz ele, como se fôssemos velhos amigos.

Como é que veio até aqui? Quase lhe pergunto, mas apercebo-me de que não

quero ouvir a resposta.

— Vamos directamente para o tribunal. Quer uma boleia? - pergunto secamente.

— Não, obrigado. Pensei que como toda a gente vai lá estar, era melhor vir para

aqui. - Os seus olhos não se desviam da Kate. - Ela está com um aspecto horrível.

— De que estavas tu à espera - responde a Anna, agora acordada. - Ela está a

morrer.

Mais uma vez, dou por mim a observar a minha cliente. Eu devia saber melhor do

que ninguém que as motivações nunca são o que parecem, mas mesmo assim não consigo

percebê-la.

— Temos de ir embora.

No carro, a Anna vai à frente, enquanto o Juiz ocupa o banco de trás. Ela começa a

falar-me de uma disparatada decisão judicial que tinha encontrado na Internet, em que um

homem do Montana, em 1876, foi legalmente interdito de utilizar a água de um rio que

tinha origem nas terras do seu irmão, embora isso significasse que todas as suas colheitas

iriam secar.

— O que está a fazer? - pergunta ela, quando eu deliberadamente não viro para o

tribunal.

Em vez disso encosto perto de um parque. Uma rapariga com um belo traseiro

passa a correr, segurando a trela de um desses cães que mais parecem gatos.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 258*

— Vamos chegar atrasados - diz a Anna passado um bocado. -Já estamos

atrasados. Ouça, Anna. O que se passa? Ela olha para mim com um daqueles olhares de

adolescente patenteados, como para dizer que seria impossível que ela e eu

descendêssemos da mesma cadeia evolutiva.

— Vamos para o tribunal.

— Não é isso que eu estou a perguntar. Quero saber por que razão vamos para o

tribunal.

— Bem, Campbell, acho que deve ter faltado ao primeiro dia de aulas na faculdade

de direito, mas é isso que acontece quando alguém instaura um processo legal.

Continuo a olhar para ela, recusando-me a ser suplantado.

— Anna, porque é que vamos para o tribunal? Ela não pestaneja.

— Porque é que tem um cão de serviço? Tamborilo com os dedos no volante e

olho para o parque lá fora. Agora uma mãe empurra um carrinho de bebê, no mesmo local

onde estava a corredora, sem prestar atenção ao bebê que está a fazer tudo o que pode

para sair de lá. O som abafado dos pássaros a levantar vôo irrompe de uma árvore.

— Não falo sobre isto com ninguém - digo eu.

— Eu não sou propriamente ninguém. Respiro fundo.

— Há muito tempo fiquei doente e acabei por desenvolver uma otite. Mas, por

qualquer razão, o medicamento não resultou e eu fiquei com o nervo danificado. Sou

totalmente surdo do ouvido esquerdo. O que de modo geral não faz diferença, mas há

alguns assuntos relacionados com o meu estilo de vida com os quais não conseguia lidar.

Tais como ouvir um carro a aproximar-se, sabe, mas não ser capaz de perceber de onde

vem. Ou ter alguém atrás de mim na mercearia que quer passar pelo corredor, mas não a

ouvir pedir que me desvie. Fui treinado com o Juiz para que nessas circunstâncias, ele

possa ser os meus ouvidos. - Hesito. - Não gosto que as pessoas sintam pena de mim. Daí

o grande segredo.

A Anna fica a olhar para mim cautelosamente.

— Eu fui ao seu escritório porque, só por uma vez, queria que o assunto fosse eu e

não a Kate.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 259*

Mas esta confissão egoísta sai enviesada; simplesmente não bate certo. Este

processo nunca tratou de a Anna querer que a irmã morresse, mas simplesmente de ela

querer ter hipótese de viver.

— Está a mentir.

A Anna cruza os braços.

— Bem, você mentiu primeiro. Ouve perfeitamente bem.

— E você é uma fedelha. - Desato a rir. - Faz-me lembrar eu próprio.

— E isso supostamente é uma coisa boa? - diz a Anna, mas está a sorrir.

O parque começa a ficar mais movimentado. Um grupo escolar inteiro percorre o

trilho, crianças pequenas todas juntas como cães de trenó huskies, a arrastar dois

professores atrás. Alguém passa por nós de bicicleta, vestindo as cores dos U. S. Postal

Service.

— Vamos lá. Eu pago-lhe o pequeno-almoço.

— Mas estamos atrasados. Encolho os ombros.

— Quem está a cronometrar? O juiz DeSalvo não está satisfeito; o passeio da Anna

pelo campo nesta manhã fez-nos perder uma hora e meia. Ele olha para mim quando o

Juiz e eu nos apressamos a entrar nos seus aposentos para a conferência antes do

juulgamento.

— Meritíssimo, peço desculpa. Tivemos uma emergência veterinária.

Eu sinto, mais do que vejo, Sara a ficar de boca aberta.

— Não foi isso que a advogada da outra parte indicou - diz o juiz.

Olho para DeSalvo directamente nos olhos.

— Bem, foi o que aconteceu. A Anna foi suficientemente generosa para me ajudar,

mantendo o cão calmo enquanto o pedaço de vidro estava a ser removido da sua pata.

O juiz está duvidoso. Mas existem leis contra a discriminação aos deficientes, e eu

estou a tirar o máximo partido delas; a última coisa que quero é que ele culpe a Anna por

este atraso.

— Haverá alguma maneira de resolver esta petição sem se realizar uma audiência?

- pergunta ele.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 260*

— Receio que não. - A Anna poderá não estar disposta a partilhar os seus

segredos, o que me resta apenas respeitar, mas ela sabe que quer prosseguir.

O juiz aceita a minha resposta.

— Dr. a Fitzgerald, presumo que ainda esteja a representar-se a si própria? - Sim,

Meritíssimo - diz ela.

— Então está certo. - O juiz DeSalvo olha para cada um de nós.

— Isto é o Tribunal de Família, senhores. No Tribunal de Família, e sobretudo em

audiências como esta, eu pessoalmente tento suavizar as regras das provas porque não

desejo uma audiência contenciosa. Sou capaz de filtrar o que é admissível e o que não é, e

se houver algo verdadeiramente objectável, darei ouvidos à objecção, mas preferia que

esta audiência decorresse com rapidez, sem nos preocuparmos com a forma. - Olha

directamente para mim. - Quero que isto seja o mais suave possível para todos os

envolvidos.

Dirigimo-nos para a sala de audiências - mais pequena do que as dos tribunais

criminais, mas mesmo assim intimidante. Viro para a sala de espera para apanhar a Anna

pelo caminho. Quando entramos pela porta, ela fica paralisada. Olha para as vastas

paredes cobertas de painéis, as filas de cadeiras, o imponente lugar do juiz.

— Campbell - sussurra ela -, eu não vou ter de ficar ali de pé a falar, pois não? Na

realidade, o mais provável é que o juiz queira ouvir o que ela tem para dizer. Mesmo que a

Julia esteja a favor da sua petição, mesmo que Brian diga que irá ajudar a Ana, o juiz

DeSalvo pode querer que ela dê o seu testemunho. Mas dizer-lhe isto neste momento

apenas irá atrapalhá-la - e isso não é maneira de se dar início a uma audiência.

Penso sobre a conversa no carro, quando a Anna me chamou mentiroso. Há duas

razões para não se dizer a verdade - porque a mentira nos dá o que queremos, ou porque

a mentira impedirá que alguém se magoe. É por estas duas razões que eu dou esta

resposta à Anna.

— Bem - digo eu -, duvido.

— Sr. Dr. Juiz - começo -, sei que não é prática comum, mas há algo que gostaria

de dizer antes de começarem a ser chamadas as testemunhas.

O juiz DeSalvo suspira.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 261*

— Não foi exactamente este tipo de cerimônias que eu pedi que não fizessem? -

Meritíssimo, eu não pediria se não achasse que era importante.

— Seja breve - concede o juiz.

Eu levanto-me e dirijo-me ao lugar do juiz.

— Meritíssimo, durante toda a sua vida. Anna Fitzgerald recebeu tratamentos

médicos em benefício da sua irmã, e não no seu. Ninguém põe em dúvida o amor de Sara

Fitzgerald por todos os seus filhos, ou as decisões que ela tomou por esta filha.

Volto-me, e vejo a Julia a observar-me cuidadosamente. E de repente lembro-me

daquele trabalho de ética de há tantos anos, e sei o que tenho a dizer.

— Deve lembrar-se do caso recente dos bombeiros de Worcester, Massachusetts.

que morreram num incêndio originado por uma mulher sem abrigo. Ela sabia que o fogo

tinha sido ateado e abandonou o edifício, mas nunca chegou a telefonar para o 112

porque pensou que podia meter-se em sarilhos. Seis homens morreram nessa noite, e no

entanto, o Estado não pôde considerar a mulher como culpada, porque na América -

mesmo que as conseqüências sejam trágicas - não somos responsáveis pela segurança de

outra pessoa. Não somos obrigados a ajudar alguém que esteja em perigo. Nem que

tenhamos sido nós a atear o fogo. Nem se passarmos por um acidente de automóvel. Nem

se formos um dador totalmente compatível.

Olho novamente para a Julia.

— Estamos aqui hoje porque existe uma diferença no nosso sistema de justiça

entre o que é legal e o que é moral. Por vezes é fácil distingui-los. Mas, de vez em quando,

sobretudo quando há contacto, o certo parece por vezes errado, e o errado parece por

vezes certo. - Regresso ao meu lugar, mas fico de pé. - Estamos aqui hoje - termino -, para

que este Tribunal nos ajude a ter uma visão um pouco mais clara.

A minha primeira testemunha é a advogada da outra parte. Observo Sara a dirigir-

se à barra das testemunhas, como um marinheiro em terra firme.  
Ela consegue sentar-se e

fazer o juramento sem nunca desviar o olhar da Anna.

— Meritíssimo, gostaria de ter permissão para tratar a Sr. a  
Fitzgerald como

testemunha hostil.

O juiz franze o sobrolho.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 262*

— Dr. Alexander, espero sinceramente que tanto o senhor como a Sr.  
a Fitzgerald

consigam ser civilizados aqui.

— Claro, Meritíssimo. - Dirijo-me a Sara. - Pode dizer-nos o seu  
nome? Ela levanta

o queixo com decisão.

— Sara Crofton Fitzgerald.

— É mãe da menor Anna Fitzgerald? - Sim. E também da Kate e do  
Jesse.

— É ou não verdade que foi diagnosticada leucemia promielocítica  
aguda à sua

filha Kate aos dois anos de idade? - É verdade.

— Nessa altura a senhora e o seu marido decidiram conceber uma  
criança

programada geneticamente para ser dadora de órgãos para a Kate, para que ela pudesse

ser curada? O rosto de Sara endurece.

— Não seriam essas as palavras que eu utilizaria, mas sim, foi essa a história da

concepção da Anna. Planeávamos utilizar o sangue do cordão umbilical da Anna para fazer

um transplante.

— Por que não tentaram encontrar um dador não familiar? - É muito mais

perigoso. O risco de mortalidade teria sido muito mais elevado se utilizássemos alguém

que não tivesse relação de parentesco com a Kate.

— Então que idade tinha a Anna quando doou um órgão ou tecido à sua irmã? - A

Kate recebeu o transplante um mês depois de a Anna ter nascido.

Abano a cabeça.

— Não perguntei quando a Kate o tinha recebido; perguntei quando a Anna o

tinha doado. O sangue do cordão umbilical foi retirado à Anna momentos após o

nascimento, não foi? - Sim - diz Sara -, mas a Ana nem sequer se apercebeu.

— Que idade tinha a Ana quando voltou a doar uma parte do seu corpo a Kate?

Sara retrai-se, tal como eu esperava.

— Tinha cinco anos quando doou linfócitos.

— O que é que isso envolve? - Retirar sangue dos braços.

— A Anna concordou em deixar que lhe espetassem uma agulha no braço? - Ela

tinha cinco anos - responde Sara.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 263*

— Perguntou-lhe se lhe podia espetar uma agulha no braço? - Pedi-lhe para

ajudar a irmã.

— É ou não verdade que alguém teve de segurar na Anna para poderem espetar-

lhe a agulha no braço? Sara olha para a Anna, fecha os olhos.

— Sim.

— Chama a isso participação voluntária, Sr. a Fitzgerald? - Pelo canto dos olhos

consigo ver as sobrancelhas do juiz DeSalvo a juntarem-se. - Da primeira vez que retirou

linfócitos à Anna, verificaram-se alguns efeitos secundários? - Ela ficou com algumas

equimoses. Alguma sensibilidade.

— Passado quanto tempo é que lhe retirou de novo sangue? - Um mês.

— Dessa vez também tiveram de a segurar? - Sim, mas. .

— Quais foram então os efeitos secundários? - Os mesmos. - Sara abana a cabeça.

- Não compreende. Não se trata do facto de eu não ver o que estava a acontecer à Anna,

de cada vez que ela era submetida a uma intervenção. Não importa qual dos nossos filhos

vemos nessa situação - de cada uma das vezes, ficamos destroçados.

— E no entanto, Sr. a Fitzgerald, conseguiu superar esse sentimento - digo -,

porque retirou sangue à Anna uma terceira vez.

— Foram precisas essas vezes para obter os linfócitos necessários - diz Sara. - Não

é um procedimento exacto.

— Que idade tinha a Anna da vez seguinte que teve de ser submetida a

tratamento médico para o bem estar da irmã? - Quando a Kate tinha nove anos e apanhou

uma infecção grave e. .

— Mais uma vez, não foi isso que perguntei. Queria saber o que aconteceu à Anna

quando tinha seis anos.

— Doou granulócitos para combater a infecção da Kate. É um processo muito

semelhante à doação de linfócitos.

— Mais uma picada de agulha? - Exactamente.

— Perguntou-lhe se ela estava disposta a doar os granulócitos? Sara não

responde.

— Sr. aFitzgerald? - apressa-a o juiz. Ela volta-se para a filha, em apologia.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 264*

— Anna, tu sabes que nunca fizemos estas coisas para te magoar. Isto magoa-nos

a todos. Se ficaste com equimoses por fora, nós ficámos com elas por dentro.

— Sr. a Fitzgerald - coloco-me entre ela e a Anna. - Perguntou-lhe? - Por favor,

não faça isto - diz Sara. - Todos nós sabemos da história. Eu estipulo o que quer que seja

que está a tentar fazer para me crucificar. Preferia acabar rapidamente com esta parte.

— Porque é difícil ouvir isto a ser exposto novamente, não é? Eu sei que estou

quase a pisar o risco, mas atrás de mim está a Anna, e eu quero que ela saiba que há

alguém que está disposto a ir em frente por ela. - Assim tudo somado, já não parece tão

inócuo, pois não? - Dr. Alexander, qual é o objectivo disto? - interrompe o juiz DeSalvo. -

Eu estou ciente do número de intervenções a que a Anna foi submetida.

— Porque temos a história clínica da Kate, Meritíssimo, mas não a da Anna.

O juiz DeSalvo olha para um e para o outro.

— Seja breve, Doutor. Volto-me para Sara.

— Medula óssea - diz ela asperamente, antes que eu pudesse fazer a pergunta. -

Ela levou uma anestesia geral por ser tão jovem, e espetaram-lhe agulhas nas fossas ilíacas

para extrair medula.

— Foi só uma picada de agulha, tal como nas outras intervenções? - Não - diz Sara

em voz baixa. - Foram cerca de quinze.

— No osso? - Sim.

— Quais foram os efeitos secundários na Anna dessa vez? - Ela teve algumas

dores, e deram-lhe analgésicos.

— Portanto desta vez, a Anna teve de ficar internada de um dia para o outro. . e

precisou ela própria de medicação? Sara demora um minuto para se recompor.

— Disseram-me que a doação de medula não é considerada uma intervenção

particularmente invasiva para o dador. Talvez eu estivesse mesmo à espera de ouvir essas

palavras; talvez precisasse de as ouvir naquela altura. E talvez não estivesse a pensar na

Anna tanto quanto devia, por estar tão focada na Kate. Mas não tenho nenhuma dúvida de

que - como toda a gente na nossa família - a Anna só queria que a irmã se curasse.

— Bem, é claro - respondo -. para que deixasse de lhe espetar agulhas.

— Basta, Dr. Alexander - interpõe o juiz DeSalvo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 265*

— Espere - interrompe Sara. - Gostaria de dizer uma coisa. Ela volta-se para mim. -

Pensa que pode materializar tudo em palavras, preto no branco, como se fosse assim tão

fácil. Mas o senhor representa apenas uma das minhas filhas, Dr. Alexander, e só neste

tribunal. Eu represento as duas de forma igual, em todo o lado, em qualquer local. Eu

amo-as às duas de forma igual, em todo o lado, em qualquer local.

— Mas admitiu que sempre teve em conta a saúde da Kate, e não a da Anna, ao

fazer estas escolhas - faço notar. - Portanto como pode afirmar que as ama às duas de

forma igual? Como pode dizer que não favoreceu uma das suas filhas nas suas decisões? -

Não está a pedir-me que faça exactamente isso? - pergunta Sara. - Só que desta vez,

favorecendo a outra filha?

## Anna

Enquanto somos crianças temos a nossa própria linguagem, e ao contrário do

francês ou do espanhol, ou de qualquer outra língua que começemos a aprender na

escola, com esta já nascemos, e depois podemos eventualmente perder. Toda a gente com

menos de sete anos é fluente na língua dos ses; convivam com alguém com menos de

noventa centímetros e verão. E se uma tarântula gigante saísse daquele buraco por cima

da nossa cabeça e nos picasse no pescoço? E se o único antídoto para o veneno estivesse

trancado num cofre no cume de uma montanha? E se sobrevivêssemos à picada, mas só

conseguíssemos mexer as pálpebras e pestanejar o alfabeto? Realmente não interessa até

onde vamos; a questão é que existe um mundo de possibilidades. Os miúdos pensam com

os cérebros completamente abertos; o processo de nos tornarmos adultos, já descobri,

consiste apenas numa lenta costura para os fechar.

Durante o primeiro intervalo, o Campbell leva-me para uma sala de conferências

para termos privacidade e compra-me uma Cola que não está fresca.

— Então - diz ele. - O que pensas até agora? Estar numa sala de audiências é

esquisito. É como se me tivesse transformado num fantasma - consigo observar o que está

a acontecer, mas mesmo que me apeteça falar ninguém conseguiria ouvir-me. Juntem a

isso a situação bizarra de eu ter de ouvir toda a gente a falar sobre a minha vida, como se

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 266*

não me conseguissem ver aqui sentada, e tivessem aterrado no meu surreal cantinho da

Terra.

O Campbell abre a sua 7Up e senta-se à minha frente. Deita um pouco num copo

de papel para o Juiz, e depois bebe longamente.

— Comentários? - diz ele. - Perguntas? Sinceros elogios ao meu hábil litígio?

Encolho os ombros.

— Não é como eu estava à espera.

— O que quer dizer? - Achei que quando começasse, eu saberia de certeza que

estava a fazer o que devia. Mas quando a minha mãe estava lá em cima, e você estava a

fazer-lhe todas aquelas perguntas... - Olho para ele. - Aquela parte de isto não ser simples.

Ela tem razão.

E se fosse eu que estivesse doente? E se tivessem pedido à Kate para fazer aquilo

que eu fiz? E se um dia destes, a medula, ou o sangue, ou o que quer que fosse, resultasse

mesmo, e fosse o fim disto tudo? E se eu conseguisse olhar para tudo isto um dia e sentir-

me bem devido àquilo que fiz, em vez de me sentir culpada? E se o juiz não achar que eu

tenho razão? E se ele achar que tenho? Não consigo responder a nenhuma destas

perguntas, e é assim que sei que esteja preparada ou não, estou a crescer.

— Anna. - O Campbell levanta-se e dirige-se ao meu lado da mesa. - Agora não é

altura para começar a mudar de idéias.

— Eu não estou a mudar de idéias. - Faço a lata girar entre as palmas das minhas

mãos. - Acho que o que quero dizer é que mesmo que ganhemos, acabamos por não

ganhar.

Quando eu tinha doze anos comecei a tomar conta dos gêmeos que vivem ao

fundo da rua. Eles só têm seis anos, e não gostam do escuro, portanto normalmente acabo

por me sentar no meio deles num banco com a forma maciça de uma pata de elefante,

com unhas e tudo. Nunca deixo de me admirar da rapidez com que um miúdo consegue

desligar o botão da energia - eles estão a trepar pelas cortinas e zás, cinco minutos depois

estão a dormir. Será que eu fui alguma vez assim? Não me lembro, e isso faz-me sentir

velha.

De vez em quando, um dos gêmeos adormece antes do outro.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 267*

— Anna - dirá o seu irmão -, quantos anos faltam para eu poder conduzir? - Dez -

digo-lhe eu.

— Quantos anos faltam para poderes conduzir? - Três.

Depois a conversa alastra como os fios de uma teia de aranha que tipo de carro

vou comprar; o que serei quando crescer; se é horrível ter trabalhos de casa para fazer

todas as noites na escola secundária? é uma grande aventura ficar acordado até um pouco

mais tarde. Por vezes cedo, mas na maior parte das vezes obrigo-o a ir dormir. Sinto um

vazio na barriga, sabendo que podia dizer-lhe o que se vai passar, mas sabendo também

que isso ia parecer um aviso.

A segunda testemunha que o Campbell chama é o Dr. Bergen, o presidente do

Comitê de Ética Médica do Hospital de Providence. Ele tem cabelo grisalho e um rosto

enrugado como uma batata assada. Também é mais baixo do que seria de esperar, tendo

em conta que é preciso pouco menos de um milênio para recitar as suas credenciais.

— Dr. Bergen - inicia o Campbell -, o que é um comitê de ética? - É um grupo

diversificado de médicos, enfermeiros diplomados, clérigos e cientistas, que são nomeados

para examinar casos individuais a fim de protegerem os direitos dos doentes. Na bioética

ocidental, há seis princípios que tentamos seguir. - Ele conta-os pelos dedos. - Autonomia,

ou a idéia de que um doente maior de dezoito anos tem o direito de recusar tratamento;

veracidade, o que é basicamente consentimento informado; fidelidade, ou seja, um

prestador de cuidados de saúde deve cumprir os seus deveres; beneficência, ou fazer o

que vai ao encontro dos interesses do doente; não maleficência. quando já não é possível

fazer-se o bem, não se deve prejudicar.. como realizar uma cirurgia complicada num

doente terminal de 102 anos de idade; e por fim, justiça - que nenhum doente seja

discriminado ao receber tratamento.

— Quais são as funções de um comitê de ética? - Em geral, somos chamados para

convocar uma reunião quando existe alguma discrepância relativamente aos cuidados

prestados a um paciente. Por exemplo, se um médico achar que deve tomar medidas

extraordinárias para servir os interesses do paciente, e a família não achar - ou vice-versa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 268*

— Portanto não examina todos os casos que passam pelo hospital? - Não. Só

quando se verificam queixas, ou se o médico pedir uma consulta. Examinamos a situação e

fazemos as recomendações.

— Não são decisões? - Não - diz o Dr. Bergen.

— E se o paciente queixoso for menor? - pergunta o Campbell.

— O consentimento não é necessário até aos treze anos de idade. Confiamos nos

pais para tomarem decisões informadas pelos seus filhos até essa altura.

— E se eles não forem capazes? Ele pestaneja.

— Quer dizer, se não estiverem fisicamente presentes? - Não. Quero dizer se

existir outro assunto que lhes diz respeito, que de alguma forma os impeça de decidir de

acordo com os interesses da criança? A minha mãe levanta-se.

— Objecção - diz ela. - Ele está a especular.

— Deferida - responde o juiz DeSalvo.

Sem perder tempo, Campbell volta-se de novo para a sua testemunha.

— Os pais controlam as decisões relativas aos cuidados de saúde dos filhos até

aos dezoito anos de idade? Bem, eu era capaz de responder a isso. Os pais controlam

tudo, a menos que sejamos como o Jesse e façamos o suficiente para os perturbar, de

forma que prefiram ignorar-nos do que fingir que existimos realmente.

— Legalmente sim - diz o Dr. Bergen. - Contudo, logo que a criança atinja a

adolescência, embora não possa dar o seu consentimento formal, terá de concordar em

submeter-se a qualquer intervenção hospitalar - mesmo que os pais já tenham dado

autorização.

Esta regra, na minha opinião, é como a lei contra atravessar as ruas sem prestar

atenção ao trânsito. Toda a gente sabe que não se deve fazer, mas isso não nos impede

realmente.

O Dr. Bergen ainda está a falar.

— Na circunstância rara de desacordo entre um pai e um doente adolescente, o

comitê de ética pondera vários factores: se a intervenção vai ao encontro dos interesses do

doente, o quadro risco/benefício, a idade e maturidade do adolescente, e o argumento

que ele ou ela apresentarem.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 269*

— O Comitê de Ética do Hospital de Providence reuniu-se alguma vez devido ao

caso dos cuidados prestados a Kate Fitzgerald? - pergunta o Campbell.

— Em duas ocasiões - diz o Dr. Bergen. - A primeira envolvia a autorização para

que ela tentasse fazer um transplante de células estaminais sangüíneas periféricas em

2002, quando o seu transplante de medula óssea e várias outras opções falharam. A

segunda, mais recentemente, envolvia o facto de ir ou não ao encontro dos seus interesses

receber um rim de um dador.

— Qual foi o resultado, Dr. Bergen? - Recomendámos que a Kate recebesse um

transplante de células estaminais sangüíneas periféricas. Quanto ao rim, o nosso grupo

estava dividido relativamente a essa decisão.

— É capaz de explicar? - Alguns de nós sentiram que, nesta altura, o estado de

saúde da doente já se tinha deteriorado a tal ponto que uma cirurgia complicada e

invasiva de transplante seria mais prejudicial do que benéfica. Outros acreditavam que sem

um transplante, ela morreria na mesma, e portanto os benefícios suplantavam os riscos.

— Se a sua equipa se encontrava dividida, então a quem cabe a decisão sobre o

que irá acontecer em última análise? - No caso da Kate, visto que ainda é menor, a decisão

cabe aos pais.

— De ambas as vezes que o seu comitê se reuniu devido ao tratamento médico da

Kate, foram discutidos os riscos e os benefícios para o dador? - Não era esse o assunto em

debate...

— Então e o consentimento da dadora, Anna Fitzgerald? O Dr. Bergen olha

directamente para mim, solidário, o que se revelou ser pior do que se pensasse que eu sou

uma pessoa horrível visto ter apresentado esta petição, antes do mais. Abana a cabeça.

— Nem preciso de referir que nenhum hospital do país irá retirar um rim de uma

criança que não o queira doar.

— Portanto, teoricamente, se a Anna estava a refutar esta decisão, o caso muito

provavelmente iria parar em cima da sua secretária? - Bem...

— O caso da Anna foi parar em cima da sua secretária, Doutor? - Não.

Campbell aproxima-se dele.

— Pode explicar-nos porquê? - Porque ela não é uma doente.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 270*

— A sério? - Ele tira um molho de papéis de dentro da pasta, e entrega-os ao juiz,

e depois ao Dr. Bergen. - Estes são os ficheiros clínicos do Hospital de Providence

referentes a Anna Fitzgerald ao longo dos últimos treze anos. Porque deveriam existir

ficheiros referentes a ela, visto que não era uma doente? O Dr. Bergen folheia-os.

— Ela foi submetida a vários procedimentos invasivos - admite ele. Força,

Campbell, penso. Não sou de acreditar em cavaleiros que salvam donzelas em apuros, mas

aposto que é um pouco como isto.

— Não lhe parece estranho que em treze anos, dada a espessura destes ficheiros

e, antes do mais, dado o facto de eles existirem, o Comitê de Ética nunca se tivesse

reunido para discutir o que estava a ser feito à Anna.

— Estávamos convencidos de que a doação era da sua vontade.

— Está a dizer-me que se a Anna tivesse dito antes que não queria doar linfócitos,

ou granulócitos, ou sangue do cordão umbilical, ou mesmo andar com um estojo de

epinefrina na sua mochila - o Comitê de Ética teria agido de forma diferente? - Eu sei para

onde quer levar este assunto, Dr. Alexander - diz o psiquiatra friamente. - O problema é

que este tipo de situação clínica nunca tinha existido antes. Não há nenhum precedente.

Estamos a tentar encontrar o caminho o melhor que podemos.

— Não faz parte das vossas funções enquanto Comitê de Ética examinar situações

que nunca se verificaram antes? - Bem. Sim.

— Dr. Bergen, na sua opinião enquanto perito, será eticamente correcto que

tivessem pedido a Anna Fitzgerald para doar partes do seu próprio corpo repetidamente

durante treze anos? - Objecção! - grita a minha mãe. O juiz acaricia o queixo.

— Eu quero ouvir isto.

O Dr. Bergen olha de novo para mim.

— Muito sinceramente, mesmo antes de saber que a Anna não queria participar

nisto, votei contra a doação de um rim à sua irmã. Acho que a Kate não iria sobreviver a

um transplante, e portanto a Anna seria submetida a uma operação grave sem razão

absolutamente nenhuma. Até esta altura, porém, penso que o risco das intervenções foi

pequeno, comparado com o benefício para a família como um todo, e apoio as escolhas

que os Fitzgerald fizeram pela Anna.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 271*

Campbell finge ponderar sobre isto.

— Dr. Bergen, que tipo de carro conduz? - Um Porsche.

— Aposto que gosta.

— Sim - diz ele prudentemente.

— E se eu lhe dissesse para desistir do seu Porsche antes de sair da sala de

audiências, visto que essa acção iria salvar a vida do juiz DeSalvo? - Isso é ridículo. O

senhor.. Campbell inclina-se para a frente.

— E se não tivesse escolha? E se, hoje, os psiquiatras tivessem de fazer o que quer

que fosse que os advogados decidissem ser do interesse dos outros? Ele revira os olhos.

— Apesar do grande drama a que se refere, Dr. Alexander, existem os direitos

básicos dos dadores, salvaguardas na medicina, para que o bem maior não cilindre os

pioneiros que ajudaram a criá-lo. Os Estados Unidos têm uma história longa e atroz de

abusos do consentimento informado, que originaram as leis relacionadas com a

Investigação com Cobaias Humanas. Impede que as pessoas sejam usadas como ratos de

laboratório.

— Então conte-nos - diz o Campbell - como é que a Anna Fitzgerald passou

através das malhas da lei? Quando eu tinha apenas sete meses, houve uma festa no

quarteirão do nosso bairro. Foi tão mau como estão a pensar: formas de gelatina e torres

de cubos de queijo, e pessoas a dançar na rua ao som da música que saía da aparelhagem

que costumava estar na sala de alguém. Eu, é claro, não me lembro de nada disto - fui

enfiada num daqueles andarilhos que se faziam para os bebês antes de os bebês

começarem a virá-los e a partir as cabeças.

De qualquer forma, segundo parece, eu estava no meu andarilho, a andar de um

lado para o outro entre as mesas e a observar os outros miúdos, quando me desequilibrei.

O nosso quarteirão situa-se num declive, e de repente as rodas moviam-se depressa

demais para que eu pudesse pará-las. Passei a grande velocidade por entre os adultos, por

debaixo da barricada que os polícias tinham colocado ao fundo da estrada para cortar o

trânsito, e continuei em direcção a uma via principal cheia de carros.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 272*

Mas a Kate apareceu sem mais nem menos e foi a correr atrás de mim. Conseguiu

agarrar na parte de trás da minha camisola mesmo antes de eu ser atropelada por um

Toyota.

De vez em quando, alguém do quarteirão menciona este assunto. Eu lembro-me

dele como a vez em que ela me salvou, em vez do oposto.

A minha mãe tem a sua primeira oportunidade de actuar como advogada.

— Dr. Bergen - diz ela -, há quanto tempo sabe da história da minha família? - Já

estou no Hospital de Providence há dez anos.

— Nestes dez anos, quando lhe foi apresentado algum aspecto do tratamento da

Kate, o que fez? - Tracei um plano de acção que foi recomendado - diz ele. Ou uma

alternativa, se possível.

— Quando o fez, mencionou em algum ponto do seu relatório que a Anna não

deveria participar nele? - Não.

— Afirmou alguma vez que isto magoaria consideravelmente a Anna? - Não.

— Ou que a colocaria a ela própria em risco clínico grave? - Não.

Talvez afinal não seja o Campbell que se transforme no meu cavaleiro andante.

Talvez seja a minha mãe.

— Dr. Bergen - pergunta ela -, tem filhos? O médico olha para cima.

— Tenho um filho. com treze anos.

— Alguma vez olhou para estes casos que são apresentados ao Comitê de Ética

Médica e se colocou no lugar de um doente? Ou melhor ainda, no lugar de um pai? - Já -

admite ele.

— Se estivesse no meu lugar - diz a minha mãe -, e o Comitê de Ética Médica lhe

entregasse um pedaço de papel a sugerir um plano de acção que iria salvar a vida do seu

filho, será que o questionaria.. ou será que se agarraria à hipótese? Ele não responde. Não

precisa de responder.

O juiz DeSalvo anuncia outro intervalo depois disto. Campbell diz algo sobre

levantar-me para esticar as pernas. Portanto começo a ir atrás dele em direcção à saída,

passando mesmo pela minha mãe. Enquanto passo por ela, sinto a sua mão na minha

cintura, puxando a minha T-shirt, que estava levantada nas costas. Ela detesta as raparigas

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 273*

esparguete, as que vão para a escola de top e calças descaídas, como se fossem

dançarinas num vídeo da Britney Spears em vez de irem para a aula de matemática. Quase

que consigo ouvir a sua voz: Por favor, diz-me que isso encolheu ao lavar.

Ela parece aperceber-se a meio de que talvez não devesse estar a fazer isto. Eu

paro, e o Campbell pára também, e o rosto dela fica vermelho escarlata.

— Desculpa - diz ela.

Coloco a minha mão sobre a dela e enfio a camisola para dentro das calças de

ganga, onde deveria estar. Olho para o Campbell.

— Encontramo-nos lá fora? Ele está a olhar para mim de tal forma que faz surgir as

palavras Má Idéia na minha cabeça, mas acena e dirige-se ao corredor. Então a minha mãe

e eu ficamos quase a sós na sala de audiências. Inclino-me para a frente e beijo-a na face.

— Saíste-te mesmo muito bem ali em cima - digo-lhe, porque não sei como dizer

o que realmente queria: que as pessoas que amamos conseguem surpreender-nos a cada

dia. Que talvez o que somos não esteja tão relacionado com o que fazemos, mas mais com

o que somos capazes de fazer quando menos esperamos.

## Sara

2002 A Kate conhece o Taylor Ambrose quando estão sentados um ao lado do

outro, ligados aos seus suportes intravenosos.

— Porque estás aqui? - pergunta ela, e eu olho imediatamente por cima do meu

livro, porque ao longo de todos os anos em que a Kate tem recebido tratamento

ambulatorio não me lembro de ela ter iniciado uma conversa.

O rapaz com quem ela está a falar não é muito mais velho do que ela, talvez

dezasseis anos, enquanto ela tem catorze. Ele tem olhos castanhos que bailam e um boné

dos Bruins na sua cabeça calva.

— Por causa dos cocktails gratuitos - responde ele, e as covinhas nas suas faces

afundam-se.

A Kate sorri.

— Happy hour - diz ela, e olha para o saco de plaquetas que estão a entrar dentro

dela.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 274*

— Eu sou o Taylor. - Ele estende a mão. - LMA.

— Kate. LPA.

Ele assobia, e ergue as sobrancelhas.

— Ooh - diz ele. - Uma raridade.

A Kate abana os seus cabelos curtos.

— Não somos todos? Observo isto, fascinada. Que flirt é este? Que está a

acontecer à minha menina? - Plaquetas? - diz ele, escrutinando a etiqueta do saco que

está no seu suporte intravenoso. - Estás em remissão? - Hoje, pelo menos. - A Kate olha

para o seu suporte, para o saco preto denunciador que cobre o Cytoxan. - Quimioterapia?

- Pois. Hoje, pelo menos. Então, Kate - diz o Taylor. Ele tem aquele aspecto de cachorro

esguio de um rapaz de dezasseis anos, com joelhos nodosos e dedos e malares fortes, cujo

crescimento ele ainda não acompanhou. Quando cruza os braços, os músculos

evidenciam-se. Apercebo-me de que ele está a fazer isso de propósito, e baixo a cabeça

para esconder um sorriso.

— O que fazes quando não estás no Hospital de Providence? Ela pensa, e depois

um sorriso vagaroso ilumina-a do interior para o exterior.

— Espero que alguma coisa me faça voltar. Isto faz o Taylor rir à gargalhada.

— Talvez algum dia possamos esperar juntos - diz ele, e estende-lhe o invólucro

de uma compressa. - Dás-me o teu número de telefone? A Kate escreve o número

enquanto o suporte intravenoso do Taylor começa a apitar. A enfermeira entra e retira o

tubo.

— Já estás despachado, Taylor - diz ela. - Onde está a tua boleia? - Lá em baixo à

espera. Estou pronto. - Ele levanta-se da cadeira almofadada devagar, quase debilmente, o

primeiro sinal de que não se tratou de uma conversa banal. Mete o pedaço de papel com

o nosso número de telefone no bolso.

— Bem, eu telefono-te, Kate.

Quando ele se vai embora, a Kate expira num final dramático. Ela volta a cabeça

para o seguir.

— Oh, meu Deus - diz ela ofegante. - Ele é lindo. A enfermeira, verificando o seu

fluxo, sorri.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 275*

— Não me digas nada, querida. Quem me dera ter menos trinta anos.

A Kate volta-se para mim, radiante.

— Achas que ele vai telefonar? - Talvez - digo eu.

— Aonde achas que iremos? Penso no Brian, que sempre disse que a Kate podia

sair com rapazes. . quando tivesse quarenta anos.

— Uma coisa de cada vez - sugiro eu. Mas por dentro, estou a cantar.

O arsênico, que acabou por fazer com que ela entrasse em remissão, fez a sua

magia esgotando a Kate. Taylor Ambrose, um medicamento de outro gênero

completamente diferente, faz a sua magia animando-a. Torna-se num hábito: quando o

telefone toca às sete da tarde, a Kate sai da mesa de jantar a voar e esconde-se dentro do

armário com o telefone portátil. Nós levantamos os pratos, ficamos algum tempo na sala

de estar e preparamo-nos para ir para a cama, a ouvir pouco mais do que risadinhas e

sussurros, e depois a Kate emerge do seu casulo, corada e radiante, com o primeiro amor a

pulsar como um colibri na garganta. Cada vez que isto acontece, não consigo deixar de

observar. Não é por a Kate ser tão bonita, embora seja; é que eu nunca me permiti

acreditar que a veria já crescida.

Sigo-a para a casa de banho uma noite, depois de uma daquelas maratonas

telefônicas. A Kate admira-se ao espelho, a fazer beicinho e a erguer as sobrancelhas numa

pose sedutora. A sua mão levanta-se para chegar aos cabelos curtos - depois da

quimioterapia, nunca mais voltaram a crescer ondulados, apenas em tufos lisos e espessos

que ela normalmente trata com espuma para parecerem despenteados. Ela põe a palma

da mão para cima, como se ainda esperasse queda de cabelo.

— O que achas que ele vê quando olha para mim? - pergunta a Kate.

Vou para trás dela. Ela não é o filho que mais se parece comigo - é o Jesse - e no

entanto, quando ficamos lado a lado, há semelhanças inegáveis. Não se trata da forma da

boca, mas da sua posição, a determinação pura que nos brilha nos olhos.

— Acho que vê uma rapariga que sabe o que ele tem passado - respondo

honestamente.

— Fui à Internet e pesquisei LMA - diz ela. - A leucemia dele tem uma taxa de cura

bastante elevada. - Volta-se para mim. Quando nos preocupamos mais com o facto de

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 276*

uma pessoa sobreviver do que connosco próprios... é isso que é o amor? É difícil, de

repente, tirar uma resposta do túnel da minha garganta.

— Exactamente.

A Kate abre a torneira e lava o rosto com uma espuma de limpeza. Dou-lhe uma

toalha e, enquanto se ergue dessa nuvem diz: - Vai acontecer alguma coisa má.

De sobreaviso, examino-a à procura de pistas.

— O que aconteceu? - Nada. Mas é assim que funciona. Se existe uma coisa tão

boa como o facto de ter o Taylor na minha vida, eu vou pagar por isso.

— Isso é a coisa mais estúpida que eu já ouvi - digo eu por hábito, e no entanto há

alguma verdade nisto. Qualquer um que acredite que as pessoas, têm controlo sobre o

que a vida lhes oferece, só necessita de passar um dia no lugar de uma criança com

leucemia. Ou no da sua mãe.

— Talvez estejas finalmente a ter uma hipótese - digo eu. Passados três dias,

durante uma CCCS de rotina, o hematologista diz-me que a Kate está outra vez a gerar

promielócitos, o primeiro deslize na encosta íngreme da recaída.

Nunca escutei às portas, pelo menos intencionalmente, até à noite em que a Kate

regressa do seu primeiro encontro com o Taylor, para irem ao cinema. Ela entra no quarto

em bicos de pés e senta-se na cama da Anna.

— Estás acordada? - pergunta. A Anna vira-se e geme: - Agora estou. - O sono

desaparece, como um xaile caindo ao chão. - Como foi? - Uau - diz a Kate, e depois ri. -

Uau.

— Quanto? Assim tanto que meta amígdalas? - És tão nojenta - sussurra a Kate,

embora haja um sorriso por detrás. - Mas ele beija mesmo bem. - Ela balança a frase como

um isco.

— Estás a brincar! - A voz da Anna vibra. - Então como foi? - Como voar -

responde a Kate. - Aposto que a sensação é exactamente a mesma.

— Não percebo o que é que isso tem a ver com uma pessoa a dar-te beijos cheios

de baba por todo o lado.

— Credo, Anna, não é como se ele te cuspiasse em cima.

— A que é que sabe o Taylor? - A pipocas. - Ela ri-se. - E a rapaz.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 277*

— Como é que sabias o que devias fazer? - Não sabia. Simplesmente aconteceu.

Como quando jogas hóquei.

Finalmente, isto faz sentido para a Anna.

— Bem - diz ela -, eu sinto-me mesmo muito bem quando estou a fazer isso.

— Não fazes idéia - suspira a Kate. Há um movimento; imagino-a a despir-se.

Interrogo-me se o Taylor estará a imaginar o mesmo, algures.

A almofada é ajeitada, a coberta é puxada para trás, os lençóis fazem barulho

quando a Kate entra na cama e se vira de lado.

— Anna? - Humm? - Ele tem cicatrizes nas palmas das mãos, da doença do

enxerto contra o hospedeiro - murmura a Kate. - Eu conseguia senti-las quando estávamos

de mãos dadas.

— Foi nojento? - Não - diz ela. - Foi como se fôssemos um par.

De início, não consigo convencer a Kate a submeter-se a um transplante de células

estaminais sangüíneas periféricas. Ela recusa -se porque não quer ser hospitalizada para

fazer a quimioterapia, não quer ter de ficar em isolamento inverso durante as próximas

seis semanas enquanto poderia estar a sair com o Taylor Ambrose.

— É a tua vida - faço-lhe notar, e ela olha para mim como se eu fosse louca.

— Exactamente - diz ela.

Por fim, chegamos a um acordo. A equipa de oncologia aceita que a Kate comece

a sua quimioterapia em regime ambulatorio, para se preparar para receber um transplante

da Anna. Em casa, ela aceita usar uma máscara. A primeira indicação de que as suas

contagens estão a descer, será hospitalizada. Eles não ficaram satisfeitos; preocupam-se

com o facto de isso poder afectar a intervenção, mas tal como eu também compreendem

que a Kate chegou a uma idade em que pode exercer a sua vontade.

Afinal, esta ansiedade devido à separação era injustificada, visto que o Taylor

aparece na primeira consulta da Kate enquanto doente ambulatória.

— O que estás aqui a fazer? - Não consigo ficar longe daqui -  
graceja ele. - Olá, Sr.

a Fitzgerald. Senta-se ao lado da Kate, na cadeira vazia a seguir à dela. - Meu Deus, sabe

mesmo bem estar aqui sem uma ligação intravenosa.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 278*

— Diz isso mais alto - resmunga a Kate entre dentes. Taylor põe a mão no seu

braço.

— Já estás muito adiantada? - Comecei agora mesmo.

Ele levanta-se e senta-se no largo braço da cadeira da Kate, agarra na bacia de

emése que estava no colo dela.

— Aposto cem dólares em como não consegues chegar às três horas sem vomitar.

A Kate olha para o relógio. São 2h50.

— Está bem.

— O que comeste ao almoço? - pergunta ele com um sorriso malvado. - Ou será

que devo adivinhar baseando-me nas cores? - És nojento - diz a Kate, mas o seu sorriso é

tão grande como o mar. O Taylor coloca a mão no seu ombro. Ela inclina-se para ele.

Da primeira vez que o Brian me tocou, salvou-me a vida. Tinha havido uma

chuvada catalítica em Providence, um vento de nordeste que aumentou as marés e

submergiu por completo o parque de estacionamento do tribunal. Nessa altura eu era

amanuense, e fomos todos evacuados. O departamento do Brian comandava as

operações; dirigi-me aos degraus de pedra do edifício e vi carros a flutuar, malas

abandonadas e até um cão a nadar, aterrorizado. Enquanto tinha estado a reunir

instruções para entregar aos advogados, o mundo que eu conhecia tinha ficado submerso.

— Precisa de ajuda? - perguntou o Brian, vestido com o seu equipamento

completo, e estendeu os braços. Enquanto nadava para me colocar em terreno mais

elevado, a chuva caía no meu rosto e tombava nas minhas costas. Interroguei-me sobre

como era possível - num dilúvio - que eu me sentisse como se estivesse a ser queimada

viva.

— Qual foi o máximo de tempo que aguentaste sem vomitar?  
pergunta a Kate ao

Taylor.

— Dois dias.

— Estás a brincar.

A enfermeira olha por cima dos seus papéis.

— É verdade - confirma ela. - Vi com os meus próprios olhos. O Taylor sorri para

ela.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 279*

— Eu disse-te, sou um mestre nisto. - Ele olha para o relógio: 2h57.

— Não tens outro sítio para ir? - pergunta a Kate.

— Estás a tentar escapar-te desta aposta? - Estou a tentar poupar-te. Embora. . -

Antes de conseguir acabar, fica verde. Tanto a enfermeira como eu levantamo-nos das

nossas cadeiras, mas o Taylor chega primeiro junto da Kate. Ele segura a bacia do vômito

debaixo do seu queixo e quando ela começa com vômitos, ele passa com a mão em

círculos lentos na parte de cima das suas costas.

— Pronto - acalma-a ele, junto da têmpora. A enfermeira e eu trocamos olhares.

— Parece que ela está em boas mãos - diz a enfermeira, e vai-se embora para

tratar de outro doente.

Quando a Kate acaba, o Taylor põe a bacia de lado e limpa-Lhe a boca com um

lenço de papel. Ela olha para ele, de olhos brilhantes e afogueada, com o nariz ainda a

pingar.

— Desculpa - diz ela entre dentes.

— Porquê? - diz o Taylor. - Amanhã poderei ser eu. Interrogo-me se todas as mães

se sentirão assim quando se apercebem de que as filhas estão a crescer - como se fosse

impossível acreditar que a roupa dela que eu um dia dobrei fosse do tamanho da roupa de

boneca; como se ainda conseguisse vê-la a dançar em piruetas preguiçosas ao longo da

beira da caixa de areia. Não terá sido ontem que a mão dela era tão pequena como o

ouriço-do-mar que encontrou na praia? Aquela mesma mão. que está a segurar na de um

rapaz, não estava ainda agora a segurar na minha, puxando-a para que eu parasse e visse

a teia de aranha, a vagem de asclépias, de cada uma dos milhares de vezes que ela queria

que eu me detivesse? O tempo é uma ilusão de óptica - nunca é tão sólido nem tão forte

como nós pensamos. Seria de presumir, dada a situação, que eu previsse isto. Mas ao

observar a Kate a observar este rapaz, vejo que tenho mil coisas a aprender.

— Eu sou um par muito divertido - murmura a Kate. O Taylor sorri para ela.

— Batatas fritas - diz ele. - Ao almoço.

A Kate bate-lhe no ombro. - És nojento.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Perdeste a aposta, sabes.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 280*

— Parece que deixei o meu fundo de investimento em casa. O Taylor finge

examiná-la.

— Está bem, eu sei o que me podes dar em troca.

— Favores sexuais? - diz a Kate, esquecendo-se de que eu estou aqui.

— Bolas, isso não sei - ri o Taylor. - Não devíamos perguntar à tua mãe? Ela fica

vermelha como um tomate. -Ups.

— Continua assim - aviso eu -, e o teu próximo encontro será durante uma

aspiração de medula óssea.

— Sabes que o hospital organiza um baile, não sabes? Subitamente, o Taylor fica

nervoso; o seu joelho move-se para cima e para baixo. - É para os miúdos que estão

doentes. Há lá médicos e enfermeiras, por precaução, e realiza-se numa das salas de

conferências do hospital, mas de resto é como um baile normal da escola. Sabes, banda

duvidosa, smokings feios, ponche apimentado com plaquetas. - Ele engole. - Estou só a

brincar, quanto à última parte. Bem, eu fui no ano passado, sozinho, e foi bastante

aborrecido, mas achei que como tu és uma doente e eu sou um doente, talvez este ano

pudéssemos, sei lá, ir juntos.

A Kate, com um autodomínio que eu nunca supus que ela possuísse, pondera o

convite.

— Quando é? - Sábado.

— Por acaso, não tenho planos para esticar o pernil nesse dia. Ela olha para mim. -

Adorava.

— Fixe - diz o Taylor, sorrindo. - Muito fixe. - E levanta-se para ir buscar outra

bacia, tendo cuidado com o tubo intravenoso da Kate, que serpenteia entre eles.

Interrogo-me se o coração dela estará a bater mais rápido, se isso afectará a medicação. Se

ela irá ficar enjoada mais cedo em vez de mais tarde.

O Taylor instala a Kate na curva do seu braço. Juntos, esperam pelo que se seguirá.

— É muito comprido - digo eu, enquanto a Kate segura num vestido amarelo

pálido à frente dela. Do sítio onde está sentada, no chão da loja, a Anna também dá a sua

opinião: - Ias parecer uma banana.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 281*

Estamos à procura de um vestido de baile há horas. A Kate só tem dois dias para

se preparar para este baile, e tornou-se uma obsessão: o que irá vestir, como fará a

maquilhagem, se a banda tocará alguma coisa minimamente decente. O seu cabelo, é

claro, não é uma preocupação; depois da quimioterapia ela perdeu-o todo. Detesta

perucas - diz que lhe dão a sensação de ter bichos na cabeça - mas está demasiado

consciente da sua imagem para se aventurar a ir assim. Hoje, enrolou um lenço batik à

volta da cabeça, como uma rainha africana altiva e pálida.

A realidade deste evento não correspondia aos sonhos da Kate. Os vestidos que as

raparigas normais usam nos bailes de finalistas mostram o diafragma ou os ombros, sítios

onde a pele da Kate se encontra picada e espessa devido às cicatrizes. São justos em todos

os sítios em que não deviam ser. São feitos para exibirem um corpo saudável e robusto, e

não para esconder um que não é.

A empregada da loja, que anda à nossa volta como um colibri, tira o vestido à

Kate.

— É de facto bastante modesto - insiste ela. - Realmente tapa uma boa parte do

peito.

— Será que tapa isto? - diz a Kate bruscamente, desabotoando os botões da sua

blusa de camponesa para mostrar o recentemente colocado cateter Hickman, a sair do

meio do peito.

A empregada da loja sobressalta-se antes de se lembrar de que deve conter-se.

— Oh - diz ela debilmente.

— Kate! - repreendo. Ela abana a cabeça.

— Vamos embora daqui.

Assim que saímos para a rua em frente à loja, eu começo a ralhar-lhe.

— Lá por estares zangada, não precisas de descarregar a tua raiva no resto do

mundo.

— Bem, ela é uma cabra - responde a Kate. - Viste a maneira como olhou para o

meu lenço? - Talvez só gostasse do padrão - digo secamente.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 282*

— Pois, e talvez eu acorde amanhã de manhã e não esteja doente. -  
As suas

palavras caem como seixos entre nós, rachando o passeio. - Não vou encontrar nenhum

estúpido vestido. Nem sequer sei porque disse logo ao Taylor que ia.

— Não achas que todas as outras raparigas que vão a esse baile estão no mesmo

barco? A tentar arranjar vestidos que tapem tubos, e equimoses, e arames, e sacos de

colostomia, e sabe Deus mais o quê? - Não me interessa as outras pessoas - diz a Kate. -

Eu queria estar bonita. Mesmo bonita, sabes, por uma noite.

— O Taylor já te acha linda.

— Bem, eu não! - grita a Kate. - Eu não, mãe, e talvez eu queira estar, só uma vez.

Está um dia de calor, daqueles em que o chão debaixo dos nossos pés parece

respirar. O sol bate na minha cabeça, na parte de trás do meu pescoço. O que hei-de eu

dizer face a isto? Eu nunca fui a Kate. Rezei e implorei e desejei estar doente em seu lugar,

através de algum diabólico acordo fáustico, mas não foi isso que aconteceu.

— Havemos de costurar alguma coisa - sugiro eu. - Podes desenhá-lo.

— Tu não sabes costurar - suspira a Kate.

— Aprendo.

— Num dia? - Ela abana a cabeça. - Não podes resolver sempre os problemas,

mãe. Como é que eu sei isto e tu não? Ela deixa-me no passeio e vai-se embora furiosa. A

Anna corre atrás dela, passa o seu braço pelo cotovelo da Kate, e arrasta-a para a entrada

de um estabelecimento a alguns metros da loja, enquanto eu me apresso para as apanhar.

É um cabeleireiro, cheio de cabeleireiros a mascar pastilha elástica. A Kate debate-

se para se libertar da Anna, mas a Anna consegue ser forte quando quer.

— Hei - diz a Anna, chamando a atenção da recepcionista. Trabalha aqui? -

Quando sou forçada a isso.

— Vocês fazem penteados para bailes de finalistas? - Claro - diz a cabeleireira. -

Talvez com o cabelo apanhado? - Pois. Para a minha irmã. - A Anna olha para a Kate, que

parou de se debater. Um sorriso cintila lentamente no seu rosto, como um pirilampo

dentro de um frasco de doce.

— É isso. Para mim, - diz a Kate maliciosamente, e desenrola o lenço da sua cabeça

calva.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 283*

Toda a gente que está dentro do salão pára de falar. A Kate fica majestosamente

direita.

— Estávamos a pensar em tranças presas à cabeça - continua a Anna.

— Uma permanente - acrescenta a Kate. A Anna dá risadinhas.

— Talvez um bonito puxo.

A cabeleireira engole, apanhada entre a surpresa, a pena e o politicamente

correcto.

— Bem, hum, talvez possamos fazer qualquer coisa. - Ela aclara a garganta. - Há

sempre as extensões, sabe.

— Extensões - repete a Anna, e a Kate desata a rir.

A cabeleireira começa a olhar para trás das raparigas, para o tecto.

— Isto é alguma coisa para os Apanhados? Perante isto, as minhas filhas caem nos

braços uma da outra, histéricas. Riem até perder o fôlego. Riem até chorar.

Como acompanhante no Baile de Finalistas do Hospital de Providence, eu sou

responsável pelo ponche. Tal como todos os outros alimentos fornecidos aos celebrantes,

é neutropénico. As enfermeiras - fadas madrinhas por esta noite - transformaram uma sala

de conferências num salão de baile fantástico, completado por flâmulas, uma bola de

discoteca e iluminação especial.

A Kate é uma trepadeira enrolada à volta do Taylor. Eles balançam ao som de uma

música completamente diferente daquela que está a tocar. A Kate usa a sua máscara azul

obrigatória. O Taylor deu-lhe um bouquet de flores de seda, porque as flores verdadeiras

podem transmitir doenças que os pacientes imunocomprometidos não poderiam

combater. Acabei por não ter de fazer um vestido; encontrei um na Internet, no Bluefly.

com um tecido dourado, cortado em V por causa do cateter da Kate. Mas por cima disto

ela usa uma camisa transparente de manga comprida, que envolve a cintura e cintila

quando ela se move de um lado para o outro, para que quando se repare no estranho

tubo triplo a sair do seu esterno, se fique na dúvida se não seria apenas um efeito da luz.

Tirámos milhares de fotografias antes de sair de casa. Quando a Kate e o Taylor se

escaparam para ficarem à minha espera no carro, fui guardar a máquina fotográfica e

encontrei o Brian na cozinha de costas voltadas para mim.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 284*

— Então - disse eu. - Vais dizer-nos adeus? Atirar arroz? Foi só quando se voltou

para mim que eu me apercebi de que tinha vindo para aqui para chorar.

— Não esperava assistir a isto - disse ele. - Não pensei que havia de ficar com isto

na memória.

Eu encostei-me a ele, com os nossos corpos tão apertados um contra o outro que

era como tivéssemos sido esculpidos da mesma pedra lisa.

— Espera por nós - sussurrei, e depois fui-me embora. Agora, sirvo uma taça de

ponche a um rapaz cujo cabelo está a começar a cair em pequenos tufos. Espalha-se na

lapela do seu smoking.

— Obrigado - diz ele, e eu vejo que ele tem uns olhos lindíssimos, escuros e

calmos como os de uma pantera. Desvio o olhar e reparo que a Kate e o Taylor

desapareceram.

E se ela estiver doente? E se ele estiver doente? Tinha prometido a mim mesma

que não seria superprotectora, mas há aqui demasiadas crianças para que o pessoal do

hospital consiga vigiá-las a todas. Peço a outro pai para tomar conta do meu ponche e

depois verifico a casa de banho das senhoras. Verifico o armário de abastecimentos.

Percorro galerias desertas e corredores escuros, e vou até à capela.

Por fim, ouço a voz da Kate através de uma porta entreaberta. Ela e o Taylor estão

de pé sob um luar que parece um holofote de palco, de mãos dadas. O pátio que

encontraram é um dos sítios favoritos dos médicos internos durante o dia; muitos médicos

que de outra forma não conseguiriam ver a luz do Sol vêm almoçar aqui fora.

Estou quase a perguntar se estão bem quando a Kate fala.

— Tens medo de morrer? O Taylor abana a cabeça.

— Nem por isso. Às vezes, porém, penso no meu funeral. Se as pessoas dirão bem

de mim, sabes. Se alguém chorará. - Ele hesita.

— Se virá alguém.

— Eu vou - promete a Kate.

O Taylor inclina a cabeça em direcção à da Kate, e ela aproxima-se balançando, e

eu apercebo-me de que foi por isto que eu os segui. Eu sabia que era isto que ia

encontrar, e tal como o Brian, queria mais uma imagem da minha filha, uma imagem que

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 285*

pudesse segurar cuidadosamente entre os dedos como um seixo de vidro. O Taylor levanta

as pontas da sua máscara higiénica azul e eu sei que devia impedi-lo, sei que tenho de o

fazer mas não faço. Quero que ela tenha pelo menos isto.

Quando eles se beijam, é lindo: aquelas cabeças de alabastro inclinadas uma para

a outra, lisas como estátuas - uma ilusão de óptica, uma imagem reflectida no espelho que

se dobra para dentro de si própria.

Quando a Kate vai para o hospital para receber o seu transplante de células

estaminais, está destroçada emocionalmente. Está muito menos preocupada com o líquido

que corre para dentro do seu cateter do que com o facto de o Taylor não lhe telefonar há

três dias, e de também não ter atendido os telefonemas dela.

— Tiveram alguma discussão? - pergunto eu, e ela abana a cabeça.  
- Ele disse que

ia a algum sítio? Talvez fosse uma emergência - digo eu. - Talvez isto não tenha nada a

haver contigo afinal.

— Talvez tenha - argumenta a Kate.

— Então, a melhor vingança é ficares suficientemente saudável para lhe dizeres

francamente o que pensas - faço notar. - Ele vai voltar para ti imediatamente.

No corredor, dirijo-me à Steph, uma enfermeira que acabou de iniciar o seu turno

e que já conhece a Kate há anos. A verdade é que estou tão surpreendida com a falta de

comunicação do Taylor como a Kate. Ele sabia que ela vinha para aqui.

— O Taylor Ambrose? - pergunto eu à Steph. - Esteve aqui hoje? Ela olha para

mim e pestaneja.

— Um rapaz alto, adorável. Desligou o telefone à minha filha gracejo.

— Oh, Sara.. pensei que alguém já lhe tinha dito - diz a Steph.

— Ele morreu esta manhã.

Não digo nada à Kate, durante um mês. Até o Dr. Chance dizer que a Kate está

suficientemente bem para sair do hospital, até a Kate se ter já convencido de que estava

muito melhor sem ele. Não consigo começar a descrever as palavras que utilizo; nenhuma

é suficientemente grande para suportar o peso que se esconde por detrás delas. Refiro

como fui a casa do Taylor e falei com a mãe dele; como ela sucumbiu nos meus braços e

disse que queria telefonar-me, mas que havia uma parte dela que tinha tantos ciúmes que

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 286*

lhe abafou a voz. Ela contou-me que o Taylor, que tinha voltado do baile de finalistas nas

nuvens, tinha entrado no seu quarto a meio da noite, com uma febre de 40,5 graus. Talvez

fosse viral, talvez fosse micótico, mas tinha ficado com dificuldades respiratórias e teve

uma paragem cardíaca e depois de estarem trinta minutos a tentar reanimá-lo, os médicos

deixaram-no ir.

Não digo à Kate outra coisa que a Jenna Ambrose me disse que depois entrou e

ficou a olhar para o filho, que já não era seu filho. Que tinha ficado sentada durante cinco

horas inteiras, certa de que ele ia acordar. Que ainda agora, ouve barulhos lá em cima e

pensa que é o Taylor a movimentar-se no seu quarto, e que a fracção de segundo que lhe

é oferecida antes de se recordar da verdade é a única razão que a faz levantar-se todas as

manhãs.

— Kate - digo eu - tenho tanta pena. O rosto da Kate franze-se.

— Mas eu amava-o - responde ela, como se isso devesse ser o suficiente.

— Eu sei.

— E tu não me disseste.

— Não podia. Muito menos quando pensei que pudesse fazer com que tu própria

deixasses de lutar.

Ela fecha os olhos e volta-se de lado na almofada, chorando tanto que os

monitores a que ainda permanece ligada começam a apitar e a chamar o pessoal de

enfermagem.

Aproximo-me dela.

— Kate, querida, eu fiz o que era melhor para ti. Ela recusa-se a olhar na minha

direcção.

— Não fales comigo - murmura ela. - És boa nisso.

A Kate deixa de me falar durante sete dias e onze horas. Saímos do hospital para

ir para casa; fazemos o nosso isolamento inverso; repetimos os mesmos gestos porque já o

fizemos antes. À noite, fico deitada na cama ao lado do Brian e interrogo-me como

conseguirá ele dormir. Fico a olhar para o tecto e penso que perdi a minha filha antes

mesmo de ela morrer.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 287*

Então, um dia, passo pelo seu quarto e encontro-a sentada no chão com

fotografias por todo o lado. Tal como eu esperava são as dela e do Taylor que tirámos

antes do baile de finalistas - a Kate vestida na perfeição com aquela máscara cirúrgica

denunciadora a cobrir-lhe a boca. O Taylor tinha lá desenhado um sorriso com batom,

para as fotografias, como ele tinha dito.

Isso tinha feito a Kate rir. Parece impossível que este rapaz, que tinha uma

presença tão sólida quando o flash disparava há apenas algumas semanas, simplesmente

já não esteja aqui; uma súbita angústia percorre-me, e imediatamente, no seu rasto, há

uma única palavra: prática.

Mas também há outras fotografias, de quando a Kate era mais nova. Uma da Kate

e da Anna na praia, agachadas junto de um caranguejo eremita. Uma da Kate vestida de

Mr. Peanut, para o Dia das Bruxas. Uma da Kate cheia de queijo creme na cara, segurando

as duas metades de uma rosca como se fossem óculos.

Noutro monte estão as suas fotografias de bebê - todas tiradas quando ela tinha

três anos, ou menos. com cílios separados e a sorrir, iluminada por trás por um sol de

olhos escuros e oblíquos, sem ter consciência do que ia acontecer.

— Não me lembro de ser. ela - diz a Kate pausadamente, e estas primeiras

palavras fazem uma ponte de vidro, que se desloca debaixo dos meus pés quando entro

no quarto.

Ponho a minha mão ao lado da dela, na beira de uma fotografia.  
Dobrada num

dos cantos, mostra a Kate quando era pequena a ser atirada ao ar  
pelo Brian, com os

cabelos a voar atrás dela, de braços e pernas abertos como uma  
estrela-do-mar, com a

certeza absoluta de que quando caísse outra vez no chão, a  
aterragem seria segura, certa

de que não merecia menos do que isso.

— Ela era linda, - acrescenta a Kate, e com o mindinho acaricia a  
face brilhante e

rosada da rapariga que nenhum de nós chegou a conhecer.

## Jesse

No Verão dos meus catorze anos os meus pais mandaram-me para um campo de

trabalho numa quinta. Era um daqueles com acção e aventuras para miúdos

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 288*

problemáticos, sabem, em que nos levantamos às quatro da manhã para ordenhar e,

realmente, em que tipo de sarilhos é que nos podemos meter? (A resposta, caso estejam

interessados: arranjar erva junto dos empregados da quinta. Ficar pedrado. Virar vacas ao

contrário.) De qualquer forma, um dia fui designado para a Patrulha Moisés, pelo menos

era o que chamávamos ao pobre desgraçado que tomava conta de um rebanho de

ovelhas. Tinha de ir atrás de umas cem ovelhas para um pasto que não tinha uma maldita

árvore que desse sequer um bocado de sombra.

Dizer que a ovelha é o sacana do animal mais estúpido da Terra é um eufemismo.

Ficam presas nas vedações. Perdem-se em cercados de pouco mais de um metro

quadrado. Esquecem-se de onde devem procurar a comida, embora esteja no mesmo sítio

durante mil dias seguidos. E também não são as queridas fofinhas que imaginamos antes

de adormecer. Tresandam. Balem. São chatas como o raio.

De qualquer forma, no dia em que fiquei com as ovelhas, tinha gamado um

exemplar do Trópico de Câncer e estava a dobrar as páginas que se assemelhavam mais à

boa pornografia, quando ouvi alguém a gritar. Reparem, eu tinha a certeza absoluta de

que não tinha sido um animal, porque nunca tinha ouvido nada assim na minha vida. Corri

na direcção do som, certo de que ia encontrar alguém que tivesse caído de um cavalo com

a perna torcida como um biscoito salgado, ou algum parolo que tivesse descarregado o

revólver acidentalmente nas suas próprias tripas. Mas, deitada perto de uma enseada, com

um rebanho inteiro a assistir, estava uma ovelha a parir.

Eu não era veterinário nem nada, mas sabia o suficiente para perceber que quando

qualquer criatura viva faz um chinfrim destes, as coisas não estão a correr de acordo com

os planos. É claro, esta pobre ovelha tinha dois pequenos cascos a pender das suas partes

privadas. Deitou-se de lado, arfando. Revirou um olho negro e mortiço na minha direcção,

e depois desistiu.

Bem, nada ia morrer na minha patrulha, nem que fosse por saber que os Nazis que

dirigiam o campo me obrigariam a enterrar o maldito animal. Então empurrei as outras

ovelhas, afastando-as do caminho. Ajoelhei-me e agarrei nas patas nodosas e

escorregadias e puxei enquanto a ovelha berrava como qualquer mãe cujo filho lhe está a

ser arrancado.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 289*

O cordeiro saiu cá para fora, com os membros dobrados como as lâminas de um

canivete suíço. Por cima da sua cabeça havia um saco prateado que parecia o interior da

bochecha quando passamos por lá a língua. Não estava á respirar.

O que era certo é que eu não ia pôr a minha boca numa ovelha para lhe fazer

respiração artificial, mas usei as minhas unhas para rasgar o saco de pele, e para o arrancar

do pescoço do cordeiro. E afinal, era só o que precisava. Um minuto depois ele desdobrou

as patas semelhantes a molas de roupa e começou a balir pela mãe.

Nasceram, acho eu, vinte cordeiros durante aquele Verão. De cada vez que

passava pelo cercado eu conseguia distinguir o meu no meio de um grupo. Ele era igual a

todos os outros, mas movimentava-se com um bocadinho mais de energia; ele parecia ter

sempre o sol a brilhar no pêlo. E se, por acaso, o apanhássemos suficientemente calmo

para nos olhar nos olhos, as pupilas tinham ficado de um branco leitoso, um sinal seguro

de que tinha estado no outro mundo o tempo suficiente para se lembrar do que estava a

perder.

Conto-vos isto porque quando a Kate por fim se mexe naquela cama de hospital, e

abre os olhos, eu sei que também já tem um pé no outro mundo.

— Oh, meu Deus - diz a Kate debilmente, quando me vê. Afinal acabei por ir para

o Inferno.

Inclino-me para a frente na minha cadeira e cruzo os braços.

— Então, mana, tu sabes que não sou assim tão fácil de matar.

— Levantando-me, beijo-a na testa, deixando os lábios ficar por mais um segundo.

Como é que as mães conseguem ver a febre daquela maneira? Eu só consigo ver a perda

iminente. - Como estás? Ela sorri para mim, mas é como se visse uma banda desenhada,

depois de ter visto o original pendurado no Louvre.

— Borracho - diz ela. - A que devo a honra da tua presença? Ao facto de não

ficares por cá muito mais tempo, penso, mas não lhe digo isto.

— Estava aqui perto. E para além disso, há uma enfermeira mesmo boa neste

turno.

Isto faz a Kate rir à gargalhada.

— Meu Deus, Jess. vou sentir a tua falta.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 290*

Ela diz isto com uma facilidade que nos surpreende a ambos. Sento-me na beira

da cama e percorro as pequenas pregas do cobertor térmico.

— Sabes. . - começo uma conversa de incentivo, mas ela põe a mão no meu braço.

— Não faças isso. - E então os seus olhos animam-se, só por um momento. -

Talvez eu reencarne.

— Como Maria Antonieta, por exemplo? - Não, tem de ser no futuro. Achas que

isso é disparatado? - Não - admito. - Acho que provavelmente estamos sempre a caminhar

em círculos.

— Então sob que forma vais regressar? - Cadáver. - Ela retrai-se, alguma coisa

apita e eu entro em pânico. - Queres que vá chamar alguém? - Não, está descansado -

responde a Kate, e tenho a certeza de que não era sua intenção, mas faz-me sentir como

se tivesse engolido um relâmpago.

De repente lembro-me de um velho jogo que costumava fazer quando tinha nove

ou dez anos, e me deixavam andar de bicicleta até escurecer. Costumava fazer pequenas

apostas comigo próprio enquanto observava o Sol a ficar cada vez mais baixo no

horizonte: se eu sustivesse a respiração durante vinte segundos, a noite não cairia. Se eu

não pestanejasse. Se eu estivesse tão quieto que uma mosca me pousasse na face. Agora,

dou por mim a fazer o mesmo, a negociar manter a Kate aqui, embora não seja assim que

as coisas funcionam.

— Tens medo? - Deixo escapar a verdade. - De morrer? A Kate vira-se para mim,

com um sorriso a deslizar no rosto.

— Eu depois digo-te. - E então fecha os olhos. - vou descansar só um segundo -

consegue dizer, e adormece outra vez.

Não é justo, mas a Kate sabe. Não é necessário ter uma vida longa para

percebermos que o que merecíamos, raramente temos. Levanto-me, com aquele

relâmpago a queimar-me o interior da garganta, o que me impossibilita de engolir,

portanto fica tudo encurralado como um rio numa barragem. Apresso-me a sair do quarto

da Kate e a chegar ao fundo do corredor, suficientemente longe para não a incomodar, e

depois levanto o punho e abro um buraco na espessa parede branca com um soco, e

mesmo assim não é o suficiente.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 291*

## Brian

Eis a receita para fazer explodir algo: uma taça de Pyrex; cloreto de potássio -

vendido nas lojas de produtos naturais, como substituto do sal. Um hidrómetro. Lixívia.

Deitem a lixívia no Pyrex, coloquem-na ao lume no fogão. Entretanto, pesem o vosso

cloreto de potássio e adicionem-no à lixívia. Verifiquem com o hidrómetro e fervam até

obterem uma leitura de 1,3. Arrefeçam a mistura à temperatura ambiente, e filtrem os

cristais que se formam. São estes que devem ser guardados.

É difícil ser aquele que está sempre à espera. Quero dizer, há sempre o que contar

sobre o herói que parte para a batalha, mas quando chegamos ao fundo da questão,

deparamo-nos com uma história inteira de quem ficou para trás.

Encontro-me naquela que deve ser a sala de audiências mais feia da Costa Leste,

sentado numa cadeira à espera da minha vez, quando de repente o meu pager dá sinal.

Olho para o número, resmungo, e tento decidir o que devo fazer. Vou ser testemunha mais

tarde, mas o departamento precisa de mim neste momento.

É preciso alguma conversa, mas obtenho a autorização do juiz para me ausentar

das instalações. Saio pela porta principal, e sou imediatamente atacado por perguntas,

câmaras e luzes. A única coisa que consigo fazer é evitar bater nestes abutres, que querem

despedaçar os ossos embranquecidos da minha família.

Quando não consegui encontrar a Anna na manhã da audiência, dirigi-me para

casa. Procurei em todos os seus lugares favoritos - a cozinha, o quarto, a rede das traseiras

- mas ela não estava lá. Em último recurso subi as escadas da garagem até ao apartamento

que o Jesse utiliza.

Ele também não estava em casa, embora por esta altura isso não seja de modo

nenhum surpreendente. Houve uma altura em que o Jesse me desiludia regularmente;

acabei por dizer a mim próprio para não esperar nada dele, e em resultado, tornou-se mais

fácil para mim aceitar as coisas. Bati à porta e gritei pela Anna, pelo Jesse, mas ninguém

respondeu. Embora no meu chaveiro tivesse uma chave deste apartamento, acabei por

decidir não entrar. Descendo as escadas, derrubei o caixote vermelho das reciclagens que

eu próprio despejo todas as terças-feiras, visto que o Jesse, Deus o livre, não consegue

lembrar-se de o arrastar até ao passeio, uma embalagem de dez garrafas de cerveja, verde

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 292*

brilhante, rebolou cá para fora. Uma embalagem vazia de detergente para a roupa, um

frasco de azeitonas, um pacote de quatro litros de sumo de laranja.

Volto a meter tudo lá dentro, excepto o pacote de sumo de laranja, que já disse ao

Jesse que não é reciclável e que ele continua a meter no caixote todas as malditas

semanas.

A diferença entre estes incêndios e os outros é que agora a parada subiu alguns

pontos. Em vez de um armazém abandonado ou de uma barraca à beira de água, é uma

escola primária. Sendo Verão, não se encontrava ninguém nas instalações quando o fogo

foi ateado. Mas não tenho dúvidas de que não foi devido a causas naturais.

Quando chego ao local, os veículos de combate a incêndios estão a ser carregados

depois do salvamento e da inspecção. O Paulie dirige-se a mim de imediato.

— Como está a Kate? - Está bem - digo-lhe, e faço um gesto em direcção aos

destroços. - O que encontraram? - Conseguiu destruir quase toda a parte norte das

instalações diz o Paulie. - Queres fazer uma verificação? - Sim.

O fogo teve início na sala dos professores; os padrões de carbonização apontam

como uma seta para a origem. Ainda é visível um pedaço de enchimento sintético que não

ficou completamente queimado, quem quer que tivesse planeado isto foi suficientemente

esperto para atear o fogo no meio de um monte de almofadas de sofá e maços de papel.

Ainda consigo sentir o cheiro do combustível; desta vez foi simplesmente gasolina.

Pedaços de vidro do cocktail Molotov que explodiu estão espalhados nas cinzas.

Vagueio pelo local mais afastado do edifício, espreito através de uma janela

partida. Os rapazes devem ter ventilado o incêndio aqui.

— Acha que vamos apanhar este cabrãozinho, Capitão? - pergunta o Caesar,

entrando na sala. Ainda equipado, com uma mancha na face esquerda, ele olha para os

detritos na linha do fogo. Então dobra-se, e com a sua luva grossa, apanha uma beata.

— Inacreditável. A secretária da secretaria derreteu numa poça, mas um maldito

cigarro sobrevive.

Tiro-lhe a beata da mão e volto-a na minha palma.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 293*

— Isso foi porque não estava aqui quando o fogo foi ateado. Alguém fumou um

bom cigarro enquanto observava isto, e depois foi-se embora. - Inclino-o para o lado,

onde a parte amarela se junta ao filtro, e leio o nome da marca.

O Paulie enfia a cabeça pela janela partida, à procura do Caesar.

— Vamos embora. Entra na camioneta. - E depois volta-se para mim. - Olha, para

que saibas, não fomos nós que partimos esta.

— Não ia obrigar-vos a pagá-la, Paulie.

— Não, quero dizer, nós abrimos um buraco no telhado. Isto já estava partido

quando aqui chegámos. - Ele e o Caesar vão-se embora, e alguns momentos depois ouço

o barulho forte do veículo de combate a incêndios a afastar-se.

Podia ser uma bola de baseball perdida, ou um Frisbee. Mas, mesmo no Verão, os

porteiros vigiam o patrimônio público. Uma janela partida é um dano demasiado

importante para ser ignorado; teria sido colada com fita ou tapada com tábuas.

A não ser que o mesmo tipo que ateou o fogo soubesse por onde haveria de fazer

entrar o oxigênio, para que as chamas se espalhassem através do túnel de vento criado

pelo vácuo.

Olho para o cigarro na minha mão, e esmago-o.

São necessários 56 gramas destes cristais que foram reservados. Misturem-nos

com água destilada. Aqueçam até ferver e arrefeçam de novo, guardando os cristais, puro

clorato de potássio. Triturem-no até obter a consistência de pó-de-arroz, e aqueçam

suavemente para secar. Derretam cinco partes de vaselina com cinco partes de cera.

Dissolvam em gasolina e vertam este líquido em 90 partes de cristais de clorato de

potássio numa taça de plástico. Misturem. Deixem evaporar a gasolina.

Moldem num cubo e mergulhem em cera para o tornar à prova de água. Este

explosivo necessita de um detona dor, ou pelo menos de um de grau A3.

Quando o Jesse abre a porta do seu apartamento, eu estou à espera no sofá.

— O que estás aqui a fazer? - pergunta ele.

— O que estás tu aqui a fazer? - Eu vivo aqui - diz o Jesse. - Lembras-te? - Vives?

Ou estás a utilizá-lo como esconderijo? Ele tira um cigarro de um maço que está no bolso

da frente e acende-o. Merits.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 294*

— Não sei de que raio estás a falar. Por que não estás no tribunal? - Por que tens

ácido muriático debaixo do lava-loiça? - pergunto eu. - Tendo em conta que não temos

piscina? - O quê? Será que isto é como a Inquisição? - resmunga ele. Utilizei-o quando

estava a trabalhar com aqueles ladrilhos no Verão passado; pode limpar-se a argamassa

com isso. Para te dizer a verdade, nem sequer sabia que ainda o tinha.

— Então provavelmente também não sabes, Jess, que quando o pões dentro de

uma garrafa com um pedaço de folha de alumínio e um trapo enfiado no gargalo, explode

bastante bem.

Ele fica muito quieto.

— Estás a acusar-me de alguma coisa? Porque se estiveres, diz logo, seu sacana.

Eu levanto-me do sofá.

— Está bem. Quero saber se rachaste as garrafas antes de fazer os cocktails, para

que se partissem mais facilmente. Quero saber se te apercebeste de como aquele homem

sem abrigo esteve prestes a morrer quando incendiaste aquele armazém só por gozo. -

Pondo a mão atrás de mim, tiro a embalagem vazia de Clorox do seu caixote das

reciclagens. - Quero saber por que raio está isto no teu lixo, quando não és tu que lavas a

tua roupa e sabe Deus que não fazes limpezas, e no entanto há uma escola primária a dez

quilômetros daqui que foi destruída por um explosivo feito de lixívia e líquido para os

travões? - Agora estou a agarrá-lo pelos ombros, e embora o Jesse conseguisse libertar-se

se tentasse mesmo, ele deixa-me abaná-lo até a sua cabeça cair para trás. - Caramba,

Jesse! Ele olha para mim, com o rosto inexpressivo.

— Já acabaste? Eu liberto-o e ele afasta-se, com os dentes à mostra.

— Diz-me que estou errado - desafio eu.

— Eu digo-te mais do que isso - grita ele. - Quero dizer, compreendo

perfeitamente que tenhas passado a vida a acreditar que tudo o que está errado no

universo tem alguma coisa a ver comigo, mas vou dar-te uma novidade, pai, desta vez

estás completamente enganado.

Lentamente, tiro algo de dentro do meu bolso e coloco-a na mão do Jesse. A

beata de Merit aloja-se na concha da sua mão.

— Então não devias ter deixado o teu cartão de visita.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 295*

Há uma altura, quando um incêndio de estrutura está a arder desconsoladamente

em que temos simplesmente de nos distanciar e deixar que ele se consuma a si próprio.

Portanto afastamo-nos para um local seguro, para uma colina que não esteja na direcção

do vento, e observamos o edifício a devorar-se vivo.

A mão do Jesse ergue-se, trêmula, e o cigarro rebola para o chão aos nossos pés.

Ele cobre o rosto com as mãos, pressiona os cantos dos olhos com os polegares.

— Eu não consegui salvá-la. - As palavras são arrancadas do seu âmagô. Ele curva

os ombros, regredindo para o corpo de um rapaz.

— A quem... a quem é que contaste? Ele está a perguntar, apercebo-me, se a

polícia virá atrás dele. Se eu falei sobre isto com a Sara.

Ele está a pedir para ser castigado.

Portanto faço o que sei que o destruirá: envolvo o Jesse nos meus braços

enquanto ele soluça. As suas costas são mais largas do que as minhas. Ele é meia cabeça

mais alto do que eu. Não me lembro de o ver passar daquele rapaz de cinco anos, que não

era geneticamente compatível, para o homem que agora é, e acho que é esse o problema.

Como é que alguém pode começar por pensar que é incapaz de salvar, e acabar por

pensar que deve destruir? E será que devemos culpá-lo, ou será que devemos culpar os

pais que deviam ter-lhe dito para não o fazer? Irei assegurar-me de que a piromania do

meu filho termine aqui e agora, mas não direi nada aos polícias nem ao chefe do

departamento sobre isto. Talvez seja nepotismo, talvez seja estupidez. Talvez seja por o

Jesse não ser assim tão diferente de mim. ao escolher o fogo como seu instrumento,

necessitando de saber que conseguia dominar pelo menos uma coisa incontrolável.

O Jesse está a respirar com um ritmo constante contra mim, como costumava fazer

quando era tão pequeno, quando eu costumava transportá-lo escadas acima depois de ter

adormecido ao meu colo. Ele costumava bombardear-me com perguntas: Para que serve

uma mangueira de cinco centímetros, e de dois centímetros e meio? Porque é que lavam

os veículos de combate a incêndios? O ajudante pode alguma vez conduzir? Apercebo-me

de que não consigo lembrar-me exactamente de quando ele deixou de fazer perguntas.

Mas lembro-me de me sentir como se me faltasse alguma coisa, como se a perda da

adoração de uma criança por nós pudesse doer como um membro que já se perdeu.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 296*

## Campbell

Os médicos têm este problema quando são intimados: informam-nos, com todas

as sílabas de cada palavra, que nenhum momento deste testemunho irá compensar o facto

de que enquanto estiverem sentados na barra das testemunhas sob coação, há doentes

que estão à espera, pessoas que estão a morrer. Sinceramente, isso chateia-me. E antes

que me aperceba, não consigo evitar, peço um intervalo para ir à casa de banho, inclino-

me para atar de novo o meu sapato, enquanto ponho em ordem os meus pensamentos e

recheio as minhas frases com pausas cheias de significado - o que quer que seja preciso

para os fazer esperar só mais alguns segundos.

O Dr. Chance não é uma excepção a esta regra. Desde o início que ele está ansioso

por se ir embora. Olha para o relógio tantas vezes que seria de pensar que estava prestes a

perder o comboio. A diferença desta vez é que Sara Fitzgerald está tão ansiosa quanto ele

para o tirar desta sala de audiências. Porque a doente que está à espera, a pessoa que está

a morrer, é a Kate.

Mas ao meu lado, o corpo da Anna liberta calor. Levanto-me, continuo o meu

interrogatório. Lentamente.

— Dr. Chance, algum dos tratamentos que envolveram doações do corpo da Anna

tinha resultado garantido? - Não há nada relativo ao cancro que tenha um resultado

garantido, Dr. Alexander.

— Isso foi explicado aos Fitzgerald? - Explicamos cuidadosamente os riscos de

cada procedimento, porque uma vez que iniciamos os tratamentos, comprometemos

outros sistemas do organismo. O que acabamos por fazer com sucesso num tratamento

pode voltar para nos atormentar da próxima vez. - Ele sorri para Sara. - Dito isto, a Kate é

uma jovem extraordinária. Não se esperava que vivesse para além dos cinco anos, e aqui

está ela com dezasseis anos.

— Graças à irmã - faço notar.

O Dr. Chance acena com a cabeça.

— Não há muitos pacientes que possuam a resistência física e a sorte de ter à sua

disposição um dador perfeitamente compatível.

Levanto-me, de mãos nos bolsos.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 297*

— Pode dizer perante o Tribunal como é que os Fitzgerald foram consultar a

equipa de diagnóstico genético pré-implantação do Hospital de Providence para conceber

a Anna? - Depois de o seu filho ter sido examinado, e de se ter chegado à conclusão de

que era um dador incompatível para a Kate, eu falei aos Fitzgerald numa outra família com

a qual trabalhei. Eles fizeram exames a todos os irmãos do doente, e nenhum deles reunia

as condições necessárias, mas então a mãe ficou grávida durante o tratamento e aquela

criança, por acaso, revelou-se um dador perfeitamente compatível.

— Disse aos Fitzgerald para conceberem uma criança geneticamente programada

para servir de dadora para a Kate? - É claro que não - diz o Dr. Chance, ofendido. - Apenas

expliquei que mesmo que nenhuma das crianças existentes fosse compatível, isso não

significaria que uma futura criança não fosse.

— Explicou aos Fitzgerald que esta criança, programada para ser perfeitamente

compatível a nível genético, teria de estar disponível para todos os tratamentos da Kate ao

longo de toda a sua vida? - Discutíamos apenas um único tratamento utilizando o sangue

do cordão umbilical, na altura - explica o Dr. Chance. - As doações subsequentes surgiram

porque a Kate não reagiu à primeira. E porque ofereciam resultados mais promissores.

— Portanto se os cientistas amanhã descobrissem um procedimento que curasse o

cancro da Kate, caso cortassem a cabeça à Anna e a dessem à sua irmã, recomendá-lo-ia? -

É óbvio que não. Nunca recomendaria um tratamento que colocasse em risco a vida de

outra criança.

— Não é isso que tem feito ao longo dos últimos treze anos? O seu rosto contrai-

se.

— Nenhum dos tratamentos causou à Anna danos significativos a longo prazo.

Tiro um papel da minha pasta e entrego-o ao juiz, e depois ao Dr. Chance.

— Pode ler a parte que está assinalada? Ele põe os óculos e aclara a garganta.

— Compreendo que a anestesia envolva riscos potenciais. Estes riscos podem

incluir, mas não se limitam a: reacções adversas aos medicamentos, dores de garganta,

lesões nos dentes e em tratamentos dentários, lesões nas cordas vocais, problemas

respiratórios, dores ligeiras e desconforto, perda de sensibilidade, dores de cabeça,

infecção, percepção durante a anestesia geral, icterícia, hemorragia, lesões do sistema

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 298*

nervoso, coágulos sangüíneos, ataque cardíaco, lesões cerebrais e até perda de funções

orgânicas ou da vida.

— Está familiarizado com este formulário, Doutor? - Sim. É um formulário

padronizado de consentimento para intervenções cirúrgicas.

— Pode dizer-nos quem era a paciente que o recebeu? - Anna Fitzgerald.

— E quem assinou o formulário de consentimento? - Sara Fitzgerald.

Balanço-me para trás sobre os calcanhares.

— Dr. Chance, a anestesia engloba um risco de perda de faculdades ou de vida.

Esses são efeitos a longo prazo bastante graves.

— É precisamente por isso que temos um formulário de consentimento. É para nos

protegermos de pessoas como o senhor diz ele. - Mas em termos realistas, o risco é

extremamente pequeno. E o procedimento de doação de medula óssea é bastante

simples.

— Por que razão foi a Anna anestesiada para se submeter a uma intervenção tão

simples? - É menos traumático para uma criança, e é menos provável que se mexam.

— Após a intervenção, a Anna teve algumas dores? - Talvez um pouco - diz o Dr.

Chance.

— Não se lembra? - Já foi há muito tempo. Tenho a certeza de que por esta altura

até a Anna já se esqueceu delas.

— Acha? - Volto-me para a Anna. - Vamos perguntar-lhe? O juiz DeSalvo cruza os

braços.

— Falando em risco - continuo suavemente. - Pode falar-nos na pesquisa que tem

sido feita acerca dos efeitos a longo prazo das injeções de factor de crescimento, que ela

já tomou por duas vezes, antes de ser feita a colheita para o transplante? - Teoricamente,

não devia haver seqüelas a longo prazo.

— Teoricamente - repito. - Porquê teoricamente? - Porque a pesquisa foi feita em

animais de laboratório admite o Dr. Chance. - Os efeitos nos seres humanos estão ainda a

ser averiguados.

— Que animador.

Ele encolhe os ombros.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 299*

— Os médicos não têm o costume de receitar medicamentos com o potencial de

destruir o organismo.

— Já ouviu falar da Talidomida, Doutor? - pergunto eu.

— Claro que sim. Na realidade, recentemente, foi reabilitada para a investigação

relativa ao cancro.

— E já foi um medicamento muito importante - faço notar. com efeitos

catastróficos. Falando nisso. . esta doação de rim - há algum risco associado a esta

intervenção? - Não mais do que para a maioria das cirurgias - diz o Dr. Chance.

— A Anna poderá morrer devido a complicações após esta cirurgia? - É

extremamente improvável, Dr. Alexander.

— Muito bem, consideremos que a intervenção da Anna é extremamente bem

sucedida. Como é que o facto de ter um só rim afectaria a sua vida? - Na verdade, não

afectaria - diz o médico. - É perfeito. Entrego-lhe um panfleto proveniente do

departamento de nefrologia do seu próprio hospital.

— Pode ler a secção sublinhada? Ele põe de novo os óculos.

— Aumento do risco de hipertensão. Possibilidade de complicações durante a

gravidez. - O Dr. Chance olha para cima. - Os dadores são aconselhados a absterem-se de

praticar desportos de contacto para eliminar o risco de lesão do seu rim remanescente.

Cruzo as mãos atrás das costas.

— Sabia que a Anna joga hóquei nos seus tempos livres? Ele volta-se para ela.

— Não, não sabia.

— Ela é guarda-redes. Há já quatro anos. - Deixo a informação assentar. - Mas

visto que esta doação é hipotética, concentremo-nos naquelas que já ocorreram. As

injecções de factor de crescimento, a ILD, as células estaminais, as doações de linfócitos, a

medula óssea - todos estes tratamentos a que a Anna se submeteu - na sua opinião

especializada, Doutor, afirmaria que a Anna não sofreu danos clínicos significativos devido

a estes procedimentos? - Significativos? - Ele hesita. - Não, não sofreu.

— Obteve algum benefício significativo deles? O Dr. Chance olha para mim

durante bastante tempo.

— É claro - diz ele. - Está a salvar a irmã.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 300*

A Anna e eu estamos a almoçar lá em cima no tribunal, quando a Julia chega.

— É uma festa privada? A Anna faz sinal para ela entrar, e a Julia senta-se sem me

enviar sequer um olhar.

— Como estás? - pergunta ela.

— Estou bem - responde a Anna. - Só quero que isto acabe.

A Julia abre um pacote de molho para a salada e deita-o por cima do almoço que

trouxe.

— E vai acabar, sem dares por isso.

Ela olha para mim enquanto diz isto, por um instante.

Basta isso para me lembrar do cheiro da sua pele, e do sítio por debaixo do seio

onde tem um sinal com a forma de uma Lua em quarto crescente.

De repente a Anna levanta-se.

— vou levar o Juiz a dar um passeio - anuncia.

— Nem penses nisso, ainda há jornalistas lá fora.

— Então vou passeá-lo no corredor.

— Não podes. Ele tem de ser passeado por mim; faz parte do seu treino.

— Então vou fazer chichi - diz a Anna. - Ainda tenho autorização para fazer isso

sozinha, certo? Ela sai da sala de conferências, deixando lá a Julia e eu e tudo aquilo que

não devia ter acontecido mas aconteceu.

— Ela deixou-nos sozinhos de propósito - apercebo-me. A Julia acena com a

cabeça.

— É uma miúda esperta. Consegue perceber muito bem as pessoas.  
- Então ela

pousa o garfo de plástico. - O teu carro está cheio de pêlo de cão.

— Eu sei. Estou sempre a pedir ao Juiz para o apanhar num rabo-de-cavalo mas

ele nunca me dá ouvidos.

— Porque é que não me acordaste? Sorrio.

— Porque estávamos ancorados numa zona para não-acordados. No entanto, a

Julia nem sequer esboça um sorriso.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 301*

— A noite passada foi uma piada para ti, Campbell? Aquele velho adágio vem-me

à cabeça: Se quiseres ver Deus rir, faz um plano. E como sou um cobarde, agarro o cão

pela coleira.

— Preciso de passeá-lo antes de nos chamarem de novo para o tribunal.

A voz da Julia acompanha-me até à porta.

— Não me respondeste.

— Tu não queres que te responda - digo. Não me volto para trás.  
Dessa forma não

tenho de ver o seu rosto.

Quando o juiz DeSalvo nos dispensa nesse dia, às três horas devido  
a uma

consulta semanal de quiroprática, acompanho a Anna até à sala de  
espera à procura do pai

dela - mas Brian não está lá. Sara olha em volta, surpreendida.

— Talvez o tenham chamado por causa de um incêndio - diz ela. -  
Anna, eu vou. .

Mas eu coloco a mão no ombro da Anna.

— Eu levo-a ao quartel dos bombeiros.

Dentro do carro, ela fica calada. Viro para o parque de  
estacionamento do quartel

e deixo o motor a trabalhar.

— Olhe - digo-lhe -, pode não se ter apercebido, mas tivemos um  
ótimo primeiro

dia.

— Seja.

Ela sai do carro sem mais palavras e o Juiz salta para o lugar da  
frente que ficou

vazio. Começo a inverter a marcha, mas então contra o meu bom  
senso desligo o motor.

Deixando o Juiz dentro do carro, sigo-a em direcção às traseiras do edifício.

Ela está de pé como uma estátua, com o rosto virado para o céu. O que devo eu

fazer, dizer? Nunca fui pai; mal consigo cuidar de mim próprio.

Afinal, a Anna começa a falar primeiro.

— Já alguma vez fez uma coisa que sabia que não era correcta, embora sentisse

que era? Penso na Julia.

— Sim.

— Às vezes odeio-me a mim própria - murmura a Anna.

— Às vezes - digo-lhe eu -, eu também me odeio a mim próprio.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 302*

Isto surpreende-a. Ela olha para mim, e depois de novo para o céu.

— Elas estão lá em cima. As estrelas. Mesmo quando não conseguimos vê-las.

Eu ponho as mãos nos bolsos.

— Eu costumava pedir um desejo a uma estrela todas as noites.

— Para quê? - Para ter cromos de basebol raros na minha colecção. Para ter um

Golden Retriever. Para ter professoras jovens e sensuais.

— O meu pai disse-me que um grupo de astrônomos descobriu um novo local

onde as estrelas estão a nascer. Só que vai demorar Dois mil e quinhentos anos até as

vermos. - Ela volta-se para mim. - Dá-se bem com os seus pais? Penso em mentir-lhe, mas

depois abano a cabeça.

— Costumava pensar que seria tal qual como eles quando crescesse, mas não sou.

E também, a dada altura, deixei de querer ser como eles, de qualquer modo.

O sol banha a pele dela de um branco leitoso, ilumina-lhe os contornos da

garganta.

— Estou a ver - diz a Anna. - Também era invisível.

## **TERÇA-FEIRA**

Uma pequena fogueira depressa se apaga com os pés; Mas, sendo tolerada, os

rios são incapazes de a extinguir.

— WILLIAM SHAKESPEARE, Henrique V

## Campbell

Brian Fitzgerald é o meu trunfo. Logo que o juiz se aperceba de que um dos pais

da Anna concorda com a sua decisão de deixar de ser dadora para a irmã, a concessão da

emancipação não ficará assim tão longe. Se Brian fizer o que eu necessito que faça -

nomeadamente, dizer ao juiz DeSalvo que sabe que a Anna também tem direitos, e que

está disposto a apoiá-la -, então o que quer que seja que a Julia lhe diga será discutível. E,

melhor ainda, o testemunho da Anna seria apenas uma formalidade.

Brian aparece acompanhado pela Anna de manhã cedo, vestindo a sua farda de

capitão. Colo um sorriso no rosto e levanto-me, dirigindo-me a eles com o Juiz.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 303*

— bom dia - digo. - Estão preparados? Brian olha para a Anna. E depois olha para

mim. Há uma pergunta a aflorar-lhe os lábios, mas ele parece estar a fazer os possíveis por

não a fazer.

— Olhe - digo à Anna, num turbilhão de idéias. - Quer fazer-me um favor? O Juiz

precisava de correr um bocadinho descendo e subindo as escadas, senão vai ficar inquieto

no tribunal.

— Ontem disse-me que não podia passeá-lo.

— Bem, hoje pode.

A Anna abana a cabeça.

— Não vou a lado nenhum. Assim que me for embora vai começar a falar sobre

mim.

Então volto-me novamente para Brian.

— Está tudo bem? Nesse momento, Sara Fitzgerald entra no edifício. Dirige-se

apressadamente para a sala de audiências e, ao ver Brian comigo, detém-se. Depois

desvia-se lentamente do marido e prossegue em direcção ao interior do edifício.

Os olhos de Brian Fitzgerald seguem a mulher, mesmo depois de as portas se

fecharem atrás dela.

— Estamos óptimos - diz ele, uma resposta que não me era dirigida.

— Sr. Fitzgerald, houve alturas em que discordou da sua mulher acerca de a Anna

ser submetida a tratamentos médicos em benefício da Kate? - Sim. Os médicos disseram

que apenas precisávamos de sangue do cordão umbilical para a Kate. Tirariam uma parte

do cordão umbilical que é habitualmente deitada fora após o nascimento: não se tratava

de uma coisa que fizesse falta ao bebê, e certamente não iria magoá-la - o seu olhar

cruza-se com o da Anna, e ele sorri-lhe.

— E também resultou durante algum tempo. A Kate entrou em remissão. Mas, em

1996, teve uma nova recaída. Os médicos queriam que a Anna doasse alguns linfócitos.

Não se tratava de uma cura, mas iria manter a Kate viva durante algum tempo.

Tento fazê-lo desenvolver esta idéia.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 304*

— O senhor e a sua mulher não partilhavam a mesma opinião sobre este

tratamento? - Eu não tinha a certeza de que fosse uma idéia assim tão boa. Desta vez a

Anna iria aperceber-se do que estava a acontecer, e não iria gostar.

— O que disse a sua mulher que o fez mudar de opinião? - Que, se não tirássemos

sangue à Anna desta vez, de qualquer modo, em breve iríamos precisar de medula óssea.

— O que achou disso? Brian abana a cabeça, obviamente desconfortável.

— Não sabemos como é - diz ele calmamente - até que um filho nosso esteja a

morrer. Damos por nós a dizer coisas e a fazer coisas que não queríamos fazer nem dizer. E

pensamos que temos escolha, mas depois aproximamo-nos um pouco mais, e vemos que

tínhamos feito tudo mal - ele olha para a Anna, que está tão quieta ao meu lado que acho

que se esqueceu de respirar. - Eu não queria fazer isso à Anna. Mas não podia perder a

Kate.

— Tiveram de usar a medula óssea da Anna, em determinada altura? - Sim.

— Sr. Fitzgerald, enquanto técnico de emergências médicas certificado, efectuará

algum procedimento num paciente que não apresentasse problemas físicos? - É claro que

não.

— Então porque é que o senhor, enquanto pai da Anna, achou que este

procedimento invasivo, que comportava riscos para a própria Ana e nenhum benefício

físico, ia ao encontro dos seus interesses? - Porque - diz Brian - eu não podia deixar que a

Kate morresse.

— Houve mais alguns pontos em que o senhor e a sua mulher discordassem sobre

o uso de partes do corpo da Anna para efectuar o tratamento à vossa outra filha? - Há

alguns anos, a Kate foi hospitalizada e . . tendo perdido tanto sangue ninguém pensava que

ela sobrevivesse. Pensei que talvez fosse altura de a deixar partir. Mas a Sara não.

— O que aconteceu? - Os médicos deram-lhe arsênico, e resultou, fazendo a Kate

entrar em remissão durante um ano.

— Está a afirmar que houve um tratamento que salvou a Kate, que não envolveu o

uso do corpo da Anna? Brian abana a cabeça.

— Estou a afirmar. . estou a afirmar que tinha a certeza de que a Kate ia morrer.

Mas a Sara não desistiu da Kate e continuou a lutar - ele olha para a sua mulher. - E agora,

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 305*

os rins da Kate estão a ceder. Não quero vê-la sofrer. Mas, ao mesmo tempo, não quero

cometer o mesmo erro duas vezes. Não quero convencer-me de que está tudo acabado

quando não é necessário que assim seja.

Brian transformou-se numa avalanche emocional, a dirigir-se para a estufa que eu

estive meticulosamente a fabricar. Preciso de refreá-lo.

— Sr. Fitzgerald, sabia que a sua filha ia instaurar um processo legal contra si e a

sua mulher? - Não.

— Quando o fez, falou com ela sobre esse assunto? - Sim.

— Baseando-se nessa conversa, Sr. Fitzgerald, o que fez o senhor? - Saí de casa

com a Anna.

— Porquê? - Na altura achei que a Anna tinha o direito de ponderar esta decisão,

o que vivendo em nossa casa era uma coisa que ela não poderia fazer.

— Depois de ter saído de casa com a Anna, depois de ter falado bastante com ela

sobre a razão de ter instaurado este processo legal - concorda com o pedido da sua

mulher para que a Anna continue a ser dadora da Kate? A resposta que ensaiámos é não;

este é o ponto crucial do meu caso. Brian inclina-se para a frente para responder.

— Sim, concordo - diz ele.

— Sr. Fitzgerald, em sua opinião. . - começo a dizer, e depois apercebo-me do que

ele acabou de fazer. - Desculpe? - Ainda desejo que a Anna doe um rim - admite Brian.

Olhando para esta testemunha que me lixou completamente, procuro restabelecer o meu

equilíbrio. Se o Brian não apoiar a decisão da Anna de deixar de ser dadora, então o juiz

vai ter muito mais dificuldade em deliberar a favor da emancipação.

Ao mesmo tempo, estou notoriamente consciente do mais pequeno som saído da

Anna, o silencioso despedaçar da alma que ocorre quando nos apercebemos de que o que

parecia ser um arco-íris era de facto apenas um efeito da luz.

— Sr. Fitzgerald, está disposto a que a Anna seja submetida a uma cirurgia

complicada, perdendo um órgão, em benefício da Kate? É uma coisa curiosa, observar um

homem forte a desfazer-se em pedaços.

— Pode dizer-me qual é a resposta correcta neste caso? - pergunta Brian, com voz

áspera. - Porque não sei onde procurá-la. Eu sei o que está certo. Eu sei o que é justo. Mas

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 306*

nenhuma destas coisas pode ser aplicada aqui. Posso sentar-me, e posso pensar sobre

isto, e posso dizer-lhe o que deveria ser feito, o que era conveniente fazer-se. Até posso

dizer-lhe que tem de haver uma solução melhor. Mas já se passaram treze anos, Dr.

Alexander, e ainda não a encontrei.

Ele afunda-se lentamente para a frente, demasiado grande para aquele espaço tão

pequeno, até a sua testa se apoiar na fresca barra de madeira que rodeia a barra das

testemunhas.

O juiz DeSalvo anuncia um intervalo de dez minutos antes de Sara começar o seu

interrogatório, para que a testemunha possa dispor de alguns momentos a sós. A Anna e

eu dirigimo-nos para o piso inferior, para as máquinas de venda automática, onde

podemos gastar um dólar em chá aguado e sopa ainda mais aguada. Ela senta-se com os

calcanhares apoiados nas traves do banco e, quando lhe dou a sua chávena de chocolate

quente, ela poussa-a na mesa sem beber.

— Nunca tinha visto o meu pai chorar - diz ela. - A minha mãe estava sempre a

perder o controlo por causa da Kate. Mas o pai - bem, quando se ia abaixo, assegurava-se

de que nós não o veríamos.

— Anna..

— Acha que fui eu que lhe fiz aquilo? - diz ela, voltando-se para mim. - Acha que

não lhe devia ter pedido para vir aqui hoje? - O juiz ter-lhe-ia pedido que testemunhasse

mesmo que você não o fizesse. - Abano a cabeça. - Anna, vai ter de fazê-lo também.

Ela olha para mim, desconfiada.

— Fazer o quê? - Testemunhar.

Anna olha para mim pestanejando.

— Está a brincar? - Pensei que o juiz deliberasse claramente em seu favor se visse

que o seu pai estava pronto a apoiar as suas escolhas. Mas, infelizmente, não foi isso que

aconteceu. E não faço idéia do que a Julia irá dizer - mas, mesmo que ela fique do seu

lado, o juiz DeSalvo terá de ser persuadido de que você tem maturidade suficiente para

tomar essas decisões por si própria, independentemente dos seus pais.

— Quer dizer que tenho de ir lá para cima? Como testemunha? Sempre soube que

a determinada altura, a Anna teria de ir para a barra das testemunhas. Num caso sobre a

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 307*

emancipação de um menor, é lógico que um juiz queira ouvir as declarações do próprio

menor. A Anna pode estar nervosa por testemunhar, mas eu acho que,

subconscientemente, é o que ela deseja verdadeiramente fazer. Por que outra razão

haveria ela de dar-se ao trabalho de instaurar um processo legal se não fosse para se

assegurar de que pudesse finalmente dizer aquilo que pensa? - Disse-me ontem que eu

não teria de testemunhar - diz a Anna, ficando agitada.

— Enganei-me.

— Contratei-o para que dissesse a toda a gente o que eu quero.

— Não é assim que as coisas funcionam - digo eu. - Foi você que deu início a este

processo legal. Queria ser mais do que a pessoa em que a sua família a transformou ao

longo dos últimos treze anos. E isso significa que terá de afastar a cortina e mostrar-nos

quem ela é.

— Metade dos adultos deste planeta não faz idéia de quem é, mas pode tomar

decisões por si própria todos os dias - argumenta a Anna.

— Não tem treze anos. Olhe - digo eu, abordando o que acredito ser o ponto

essencial deste assunto. - Eu sei que, no passado, levantar-se e dizer o que pensa não a

levou a lado nenhum. Mas eu prometo-lhe que, desta vez, quando falar, todos vão prestar

atenção.

No entanto, isto tem o efeito oposto ao que eu pretendia. A Anna cruza os braços.

— Não vou lá para cima de maneira nenhuma - diz ela.

— Anna, ser testemunha não é assim tão complicado. .

— É complicado, Campbell. É mesmo muito complicado. E eu não vou fazer isso.

— Se não testemunhar, vamos perder - explico.

— Então arranje uma outra maneira de ganhar. Você é que é o advogado.

Não vou morder o anzol. Tamborilo com os dedos na mesa para arranjar paciência.

— Quer dizer-me porque está tão veementemente contra isso? Ela olha para cima.

— Não.

— Não, não vai fazê-lo? Ou não, não vai dizer-me? - Há algumas coisas das quais

simplesmente não gosto de falar - o rosto dela endurece. - Pensei que você, mais do que

qualquer outra pessoa, seria capaz de entender isso.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 308*

Ela sabe exactamente em que pontos deve tocar.

— Pense bem no assunto - sugiro com firmeza.

— Não vou mudar de idéias.

Levanto-me e deito a minha chávena de café cheia para o lixo.

— Muito bem - digo-lhe. - Mas não esteja à espera que eu consiga mudar a sua

vida.

## Sara

Hoje Há uma coisa curiosa que ocorre com a passagem do tempo:  
uma

calcificação da personalidade. Por exemplo, se a luz iluminar o rosto  
do Brian no ângulo

correcto, ainda consigo ver o tom de azul-pálido dos seus olhos que  
sempre me fez

lembrar um oceano onde eu ainda teria de nadar. Debaixo das finas  
linhas do seu sorriso,

há a fenda do queixo - a primeira característica que eu procurei nos  
rostos dos meus filhos

recém-nascidos. Há a sua determinação, a sua vontade tranqüila, e  
uma constante paz

consigo próprio que eu sempre desejei que passasse para mim.  
Estes são os elementos

básicos que me fizeram apaixonar-me pelo meu marido; se há  
alturas em que não o

reconheço agora, talvez isso não seja um retrocesso. A mudança  
nem sempre é para pior;

a concha que se forma à volta de um grão de areia parece, a  
algumas pessoas, uma

irritação e, a outras, uma pérola.

Os olhos do Brian precipitam-se da Anna, que está a tirar uma crosta  
do polegar,

para mim. Ele observa-me como um rato observa um falcão. Há algo nisto que me magoa;

é realmente isso que pensa de mim? Será que é assim que todos pensam? Quem me dera

que não houvesse uma sala de audiências entre nós. Quem me dera poder ir ter com ele.

Olha, diria eu, este não é o rumo que eu pensei que as nossas vidas tomariam; e talvez não

conseguíssemos escapar deste beco sem saída. Mas não há outra pessoa no mundo com quem

eu gostasse mais de me perder.

Olha, diria eu, talvez eu não tivesse razão.

— Dr.a Fitzgerald - pergunta o juiz DeSalvo -, tem alguma pergunta para fazer à

testemunha? Este é, apercebo-me, um bom termo para designar um cônjuge. O que mais

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 309*

fazem um marido ou uma mulher senão testemunhar os erros de apreciação um do outro?

Levanto-me lentamente da minha cadeira.

— Olá, Brian - digo eu, e a minha voz não é de modo nenhum tão firme quanto eu

esperava.

— Sara - responde ele.

A seguir a esta troca de palavras, não faço a mínima idéia do que hei-de dizer.

Uma recordação assola-me. Queríamos sair de casa, mas não conseguíamos

decidir para onde havíamos de ir. Então entrámos dentro do carro e arrancámos, e de meia

em meia hora deixávamos os miúdos escolher uma saída, ou dizer-nos que virássemos à

esquerda ou à direita. Acabámos em Seal Cove, no Maine, e depois paramos, porque a

direcção que o Jesse escolheu faria com que caíssemos no Atlântico. Alugámos uma

cabana sem aquecimento nem electricidade - e os nossos três filhos tinham medo do

escuro.

Não me apercebo de que estive a falar em voz alta até o Brian responder.

— Eu sei - diz ele. - Pusemos tantas velas naquele chão que pensei que íamos de

certeza pegar fogo à cabana. Choveu durante cinco dias.

— E no sexto dia, quando o tempo abriu, os patos bravos incomodavam tanto que

nem sequer conseguíamos estar lá fora.

— E depois o Jesse apanhou uma trepadeira venenosa e os seus olhos ficaram tão

inchados que não os conseguia abrir..

— Desculpem-me - interrompe Campbell Alexander.

— Deferido - diz o juiz DeSalvo. - Aonde é que isto nos leva, Doutora? Nós não

tínhamos ido a lado nenhum, e o lugar aonde chegámos era horrível, e mesmo assim não

trocaria aquela semana por nada neste mundo. Quando não sabemos para onde vamos,

descobrimos locais que nunca ninguém se lembraria de explorar.

— Quando a Kate não estava doente - diz o Brian devagar, cuidadosamente -,

divertíamo-nos muito.

— Não achas que a Anna iria sentir saudades disso se a Kate já não estivesse

connosco? Campbell levantou-se da cadeira, tal como eu esperava.

— Objecção! O juiz ergue a mão, e faz sinal para o Brian responder.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 310*

— Todos nós vamos - diz ele.

E nesse momento, acontece uma coisa verdadeiramente estranha. O Brian e eu, de

frente um para o outro e em pólos opostos, deslocamo-nos subitamente como por vezes

acontece com os ímanes; e, em vez de nos repelirmos um ao outro, de repente parecemos

estar do mesmo lado. Somos jovens e os nossos corações batem em simultâneo pela

primeira vez; somos velhos e interrogamo-nos como é que percorremos esta enorme

distância num período de tempo tão curto. Estamos a assistir ao fogo-de-artifício na

televisão numa dúzia de vésperas de Ano Novo, com três crianças adormecidas metidas no

meio de nós na nossa cama, tão apertadas que eu consigo sentir o orgulho do Brian

embora não nos estejamos a tocar.

De repente deixa de ter importância o facto de ele ter saído de casa com a Anna,

de ele ter questionado algumas decisões relativamente à Kate. Ele fez aquilo que achou

que estava certo, tal como eu, e não posso culpá-lo por isso. A vida por vezes fica tão

atolada em pormenores que nos esquecemos de que estamos a vivê-la. Há sempre mais

algum compromisso a honrar, mais uma conta a pagar, mais um sintoma a surgir, mais um

dia rotineiro a ser riscado na parede de madeira. Sincronizámos os nossos relógios,

estudámos as nossas agendas, existimos em minutos, e esquecemo-nos completamente

de nos afastarmos para ver o que realizámos.

Se perdermos a Kate hoje, ela terá estado connosco durante dezasseis anos. e

ninguém poderá tirar-nos isso. E, daqui a muito tempo, quando se tornar difícil relembrar a

imagem do seu rosto a rir, ou a sensação da sua mão na minha, ou o tom exacto da sua

voz, eu terei o Brian para dizer: Não te lembras? Era assim.

A voz do juiz interrompe o meu devaneio.

— Dr. a Fitzgerald, já terminou? Nunca tive necessidade de interrogar o Brian;

sempre soube as suas respostas. Esqueci-me foi das perguntas.

— Quase - volto-me para o meu marido. - Brian? - pergunto. Quando voltas para

casa? No interior do edifício do tribunal existe uma fileira enorme de máquinas de venda

automática, e nenhuma delas tem nada que apeteça comer. Depois de o juiz DeSalvo ter

anunciado um intervalo, vagueio aqui em baixo, e observo os Starbursts, e as Pringles, e os

Cheetos aprisionados nas suas celas em espiral.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 311*

— As Oreos são a melhor escolha - diz o Brian atrás de mim. Volto-me a tempo de

o ver pôr setenta e cinco cêntimos dentro da máquina. - Simples. Clássicas - carrega em

dois botões e as bolachas iniciam o seu mergulho suicida em direcção ao fundo da

máquina.

Ele conduz-me à mesa, manchada e marcada por pessoas que gravaram as suas

iniciais eternas e escreveram os seus mais profundos pensamentos no tampo.

— Não sabia o que havia de te dizer na barra das testemunhas - admito, e depois

hesito. - Brian? Achas que fomos bons pais? estou a pensar no Jesse, de quem desisti há

tanto tempo. Na Kate que eu não consegui curar. Na Anna.

— Não sei - diz o Brian. - Alguém será? Ele entrega-me o pacote de Oreos.

Quando abro a boca para lhe dizer que não tenho fome, o Brian enfia uma bolacha lá

dentro. É saborosa e áspera na minha língua; e, de repente, sinto-me esfomeada. O Brian

sacode as migalhas dos meus lábios como se eu fosse feita de porcelana delicada. Eu

deixo-o. Acho que nunca provei nada assim tão doce.

O Brian e a Anna voltam para casa nessa noite. Ambos a  
aconchegamos na cama à

noite; ambos a beijamos. O Brian vai tomar um duche. Daqui a  
pouco tempo irei para o

hospital, mas neste momento estou sentada em frente à Anna, na  
cama da Kate.

— Vais dar-me um sermão? - pergunta ela.

— Não da maneira que achas - passo com o dedo na beira de uma  
das almofadas

da Kate. - Não és uma pessoa má por quereses ser tu própria.

— Eu nunca.. Levanto a mão.

— O que eu quero dizer é que esses pensamentos são humanos. E  
lá por seres

diferente daquilo que toda a gente imaginava, isso não significa que  
tivesses falhado de

alguma maneira. Uma miúda que é habitualmente gozada, numa  
escola pode mudar-se

para uma escola diferente e ser a rapariga mais popular por  
ninguém ter outras

expectativas em relação a ela. Ou uma pessoa que vá para a  
faculdade de medicina devido

ao facto de a sua família ter muitos médicos pode descobrir que  
afinal o que quer

realmente é ser artista - respiro fundo e abano a cabeça. - Percebes  
o que eu quero dizer?

- Nem por isso. Isso faz-me sorrir.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 312*

— Acho que o que quero dizer é que fazes lembrar-me alguém. A Anna ergue-se

sobre um cotovelo.

— Quem? - Eu - digo.

Quando estamos com o nosso companheiro há tantos anos, ele transforma-se no

mapa dentro do porta-luvas que usámos até rasgar e ficar dobrado nos cantos, no

caminho que conhecemos tão bem que poderíamos traçá-lo de cor, e precisamente por

esta razão levamo-lo sempre connosco quando viajamos. E, no entanto, quando menos

esperamos, um dia abrimos os olhos e vemos que há uma estrada transversal

desconhecida, um ponto que não existia anteriormente, e temos de parar e pensar sobre o

facto de este ponto de referência talvez não ser uma novidade, mas sim algo que não

vimos desde o início.

O Brian está deitado na cama ao meu lado. Ele não diz nada, limita-se a pôr a mão

na curva do meu pescoço. Depois beija-me, num beijo longo e agridoce. Disto eu estava à

espera, mas do que se segue não - ele morde-me o lábio com tanta força que sinto o

sabor de sangue.

— Au - digo eu, tentando rir-me um pouco, e aligeirar isto. Mas ele não se ri, nem

pede desculpas. Inclina-se para a frente, lambe-o.

Isso faz-me saltar por dentro. Este é o Brian, e este não é o Brian, e ambas as

coisas são notáveis. Eu passo a minha própria língua pelo sangue, metálico e escorregadio.

Abro-me como uma orquídea, faço do meu corpo um berço, e sinto a sua respiração

percorrer a minha garganta, os meus seios. Ele pousa a cabeça na minha barriga por um

momento, e tal como essa mordida foi inesperada, há agora uma angústia do familiar -

isso era o que ele costumava fazer todas as noites, um ritual, quando eu estava grávida.

Depois ele movimenta-se de novo. Ele ergue-se sobre mim, um segundo Sol, e

enche-me de luz e calor. Nós somos um estudo de contrastes - do robusto para o suave,

do louro para o moreno, do frenético para o tranqüilo - e, no entanto, há alguma coisa na

forma como encaixamos que faz com que me aperceba de que nenhum de nós estaria

completo sem o outro. Somos uma faixa de Móbius, dois corpos contínuos, um enleio

impossível.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 313*

— Vamos perdê-la - sussurro, e nem sequer eu própria sei se estou a falar da Kate

ou da Anna.

O Brian beija-me.

— Pára - diz ele.

Depois disso, não falamos mais. É o mais seguro.

## **QUARTA-FEIRA**

Porém, dessas chamadas,

Nenhuma luz, mas sim escuridão se vê.

— JOHN MILTON, Paraíso Perdido

## Julia

A Izzy está sentada na sala quando eu regresso da minha corrida da manhã.

— Estás bem? - pergunta ela.

— Estou - desato os meus tênis, limpo o suor da testa. - Porquê? -  
Porque as

peessoas normais não vão correr às 4h30 da manhã.

— Bem, tinha alguma energia para gastar.

Vou à cozinha, mas a máquina de café Braun que eu programei para ter o meu

café com sabor a avelã pronto neste preciso momento não cumpriu as suas funções.

Verifico a ficha da Eva, e carrego em alguns dos seus botões, mas todos os leds estão

apagados.

— Raios - digo eu, puxando o fio da tomada na parede. - Isto não é suficientemente velho para estar avariado.

A Izzy vem para junto de mim e mexe na máquina.

— Ainda está dentro da garantia? - Não sei. Não me interessa. O que sei é que

quando pagamos por alguma coisa que deve dar-nos uma chávena de café merecemos ter

uma maldita chávena de café - pouso o jarro de vidro vazio com tanta força que se parte

no lava-loiça. Depois deixo-me deslizar pelos armários abaixo e começo a chorar.

A Izzy ajoelha-se perto de mim.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 314*

— O que é que ele fez? - Exactamente a mesma coisa, Iz - digo eu a soluçar. - Sou

tão estúpida.

Ela põe os braços à minha volta.

— Óleo a ferver? - sugere ela. - Botulismo? Castração? Escolhe tu. Isso faz-me

sorrir um pouco.

— E tu fazias mesmo.

— Só porque tu também eras capaz de fazer isso por mim. Encosto-me ao ombro

da minha irmã.

— Achei que um relâmpago não devia atingir duas vezes o mesmo local.

— É claro que atinge - diz-me a Izzy. - Mas só se fores suficientemente lerda para

não te afastares.

A primeira pessoa que veio cumprimentar-me no tribunal na manhã seguinte não

era mesmo uma pessoa, mas sim o Juiz, o cão. Ele surge furtivamente ao virar da esquina

com as orelhas para trás sem dúvida fugindo do som do seu dono a levantar a voz.

— Olá - digo eu, acalmando-o, mas o Juiz não quer nada disso. Ele agarra-se ao

botão do casaco do meu tailleur - o Campbell vai pagar a conta da lavandaria, juro - e

começa a arrastar-me em direcção à barafunda.

Consigo ouvir o Campbell antes de virar a esquina.

— Desperdicei tempo e energia, e sabe que mais, isso não foi o pior. Desperdicei a

minha própria boa opinião sobre um cliente.

— Pois bem, não foi o único que julgou mal - replica a Anna.

— Contratei-o porque achei que tinha fibra.

Ela passa por mim empurrando-me.

— Imbecil - resmunga ela entre dentes.

Nesse momento, recordo-me da forma como me senti quando acordei sozinha no

barco: desiludida. À deriva. Zangada comigo própria por me ter metido nesta situação.

Por que raio não estava eu zangada com o Campbell? O Juiz salta para cima do

Campbell, arranhando-lhe o peito com as patas.

— Para baixo! - manda ele, e depois volta-se e vê-me. - Não devias ter ouvido

tudo aquilo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 315*

— Aposto que não.

Ele senta-se pesadamente numa cadeira na sala de conferências e passa a mão

pelo rosto.

— Ela recusa-se a ir para a barra das testemunhas.

— Bem, por amor de Deus, Campbell. Ela não é capaz de confrontar a mãe na sua

própria sala de estar, quanto mais num interrogatório. De que estavas à espera? Ele olha

para mim com um olhar penetrante.

— O que vais dizer ao DeSalvo? - Estás a perguntar por causa da Anna, ou porque

tens medo de perder este julgamento? - Obrigado, mas abdiquei da minha consciência por

altura da Quaresma.

— Não te questionas por que razão uma rapariga de treze anos te anda a deixar

nervoso? Ele faz uma careta.

— Porque é que não deixas de te intrometer, Julia, e arruinas o meu caso como

estavas a planear fazer ao princípio? - Este caso não é teu, é da Anna. Embora eu consiga

sem dúvida perceber porque pensas o contrário.

— O que queres dizer com isso? - Vocês são cobardes. Têm ambos uma tendência

infernai para fugir de vocês próprios - digo eu. - Eu sei que consequência a Anna receia. E

tu? - Não sei a que te referes.

— Não? Onde se meteu o humorista? Ou será demasiado difícil brincar com algo

tão próximo da verdade? Tu afastas-te cada vez que alguém se aproxima de ti. Não há

problema se a Anna for apenas uma cliente, mas, no momento em que ela se transforma

em alguém com quem te preocupas, estás metido em sarilhos. E eu, bom, uma queca

rápida está bem, mas estabelecer um laço emocional, isso está fora de questão. A única

relação que tens é com o teu cão, e até isso é um enorme segredo de Estado.

— Estás a passar dos limites, Julia..

— Não, na verdade, sou provavelmente a única pessoa capaz de te dizer que és

um imbecil. Mas não há problema, certo? Porque se toda a gente achar que és um imbecil,

ninguém se dará ao trabalho de se aproximar demasiado - olho para ele demoradamente.

- É uma desilusão verificar que alguém consegue descobrir o que pensamos, não é,

Campbell? Ele levanta-se, de rosto empedernido.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 316*

— Tenho um caso para defender em julgamento.

— Faz isso - digo eu. - Mas certifica-te de separar a justiça da cliente que necessita

dela. De outra forma, Deus te livre, podes de facto descobrir que tens um coração.

Vou-me embora antes que me envergonhe ainda mais, e ouço a voz do Campbell

chamar-me. -Julia. Não é verdade.

Fecho os olhos, e contra o meu bom senso volto-me. Ele hesita.

— O cão. Eu. .

Mas o que quer que seja que ele está prestes a admitir é interrompido devido ao

Vern aparecer à porta.

— O juiz DeSalvo está de mau humor - interrompe ele. - Estão atrasados, e já não

há café com leite nas máquinas automáticas.

O meu olhar cruza-se com o do Campbell. Espero que ele acabe a frase.

E o instante parece nunca ter existido, antes que me consiga sequer lembrar.

## Campbell

Está a tornar-se cada vez mais difícil ser um canalha.

No momento em que entro na sala de audiências, as minhas mãos estão trêmulas.

Em parte, é óbvio, é o mesmo de sempre. Mas em parte deve-se ao facto de a minha

cliente ser tão interveniente como um calhau ao meu lado; e de a mulher por quem perdi a

cabeça ser aquela que estou prestes a colocar na barra das testemunhas. Olho uma vez

para a Julia quando o juiz entra; ela faz questão de desviar o olhar.

A minha caneta cai da mesa.

— Anna. pode apanhá-la? - Não sei. Seria uma perda de tempo e energia, não

seria? - diz ela, e a maldita caneta fica no chão.

— Está preparado para chamar a sua próxima testemunha, Dr. Alexander? -

pergunta o juiz DeSalvo, mas mesmo antes que eu consiga dizer o nome da Julia, Sara

Fitzgerald pede para se aproximar do lugar do juiz.

Preparo-me para mais uma complicação, e é certo, a advogada da outra parte não

me desilude.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 317*

— A psiquiatra que pedi para ser chamada como testemunha tem uma consulta

no hospital esta tarde. O Tribunal concordaria em tomar o testemunho dela fora da ordem

estabelecida? - Dr. Alexander? Encolho os ombros. Trata-se apenas de uma suspensão da

execução para mim, vendo bem. Portanto sento-me ao lado da Anna e observo uma

mulher pequena e morena com o cabelo apanhado num rolo torcido dez graus demasiado

apertado para o seu rosto a dirigir-se para a barra das testemunhas.

— Por favor indique o seu nome e a sua morada para que fiquem registados -

começa por dizer Sara.

— Dr. a Beata Neaux - diz a psiquiatra. - 1250 Orrick Way, Woonsocket.

Dr. a No. Olho em volta para a sala de audiências, mas aparentemente sou o único

apreciador do James Bond. Tiro um bloco de notas e escrevo um bilhete à Anna: Se ela se

casasse com o Dr. Chance, seria a Dr.a Neaux-Chance.

Um sorriso estremece ao canto da boca da Anna. Ela apanha a caneta que tinha

caído e escreve: Se ela se divorciasse e depois se casasse com o Sr. Buster, seria a Dr.a

Neaux-Chance-Buster.

Começamos ambos a rir, e o juiz DeSalvo pigarreia e olha para nós.

— Desculpe, Meritíssimo - digo eu.

A Anna passa-me um outro bilhete: Ainda estou zangada consigo.

Sara aproxima-se da sua testemunha.

— Pode dizer-nos. Doutora, qual é a sua especialidade? - Sou pedopsiquiatra.

— Como é que travou conhecimento com os meus filhos? A Dr. a Neaux olha para

a Anna.

— Há cerca de sete anos, trouxe-me o seu filho, Jesse, devido a alguns problemas

comportamentais. Desde essa altura travei conhecimento com todas as crianças, em várias

ocasiões, para discutir diversos assuntos que surgiram.

— Doutora, telefonei-lhe na semana passada e pedi-lhe que preparasse um

relatório com a sua opinião especializada sobre os danos psicológicos que a Anna poderá

vir a sofrer caso a irmã morra.

— Sim. Na realidade, fiz uma pequena investigação. Ocorreu um caso semelhante

em Maryland em que pediram a uma rapariga que fosse dadora da sua irmã gêmea. O

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 318*

psiquiatra que examinou as gêmeas descobriu que estas se identificavam tanto uma com a

outra que, caso se verificassem os resultados positivos esperados, isso traria um enorme

benefício à dadora - ela olha para a Anna. - Na minha opinião, verifica-se aqui um

conjunto de circunstâncias muito semelhante. A Anna e a Kate são muito próximas uma da

outra, e não apenas a nível genético. Elas vivem juntas. Passaram literalmente todas as suas

vidas juntas. Se a Anna doar um rim para salvar a vida da irmã, trata-se de uma oferta

extraordinária - e não apenas para a Kate. Porque a própria Anna continuará a fazer parte

da família intacta através da qual se define pessoalmente, em vez de fazer parte de uma

família que perdeu um dos seus membros.

Isto é um monte tão grande de psicopalavreado da treta que eu mal consigo ver

para poder nadar através dele, mas, para minha surpresa, o juiz parece estar a levar isto

muito a sério. A Julia também tem a cabeça inclinada e uma pequena ruga entre as

sobrancelhas. Será que sou a única pessoa na sala com um cérebro funcional? - Para além

disso - continua a Dr. a Neaux -, existem vários estudos que indicam que as crianças que

são dadoras têm uma auto-estima mais elevada, e se sentem mais importantes no seio da

estrutura familiar. Consideram-se super-heróis, porque são capazes de fazer uma coisa que

mais ninguém é.

Esta é a descrição mais absurda da Anna Fitzgerald que eu já ouvi.

— Acha que a Anna é capaz de tomar as suas próprias decisões clínicas? - É claro

que não. Grande surpresa.

— Qualquer que seja a decisão que ela tome, vai ter repercussões em toda esta

família - diz a Dr. a Neaux. - Ela vai estar a pensar nisso ao tomar a decisão e, portanto,

nunca será uma decisão isenta. Para além do mais, ela tem apenas treze anos. Ao nível do

desenvolvimento, o seu cérebro ainda não é capaz de abarcar um futuro tão longínquo,

portanto qualquer decisão que ela tome vai basear-se no seu futuro imediato, em vez de

se basear no futuro a longo prazo.

— Dr.a Neaux - interrompe o juiz -, o que recomendaria neste caso?  
- A Anna

necessita da orientação de alguém com mais experiência de vida..  
de alguém que tenha

em mente os seus interesses. Estou satisfeita por trabalhar com a família, mas os pais

precisam de ser pais aqui - porque as crianças não podem ser.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 319*

Quando Sara coloca a testemunha à minha disposição, eu atiro a matar.

— Está a pedir-nos que acreditemos que doar um rim vai trazer à Anna toda esta

fabulosa vivacidade psicológica? - Exactamente - diz a Dr. a Neaux.

— Não será lógico, então, que se ela doar esse mesmo rim e a sua irmã morrer na

operação a Anna irá sofrer um trauma psicológico significativo? -  
Acredito que os seus pais

a ajudarão a ponderar sobre isso.

— Então e o facto de a Anna dizer que já não quer ser dadora - faço notar. - Isso

não será importante? - É claro que sim. Mas, tal como já disse, o presente estado de

espírito da Anna é motivado pelas conseqüências a curto prazo. Ela não entende como

essa decisão se irá manifestar realmente.

— E quem sabe? - pergunto eu. - À Sr. a Fitzgerald pode não ter treze anos, mas

vive o dia a dia à espera de uma fatalidade relativamente à saúde da Kate, não acha? De

má vontade, a psiquiatra acena com a cabeça.

— Pode dizer-se que ela define a sua própria capacidade de ser uma boa mãe

mantendo a Kate saudável. Na realidade, se as suas acções mantêm a Kate viva, ela própria

beneficia psicologicamente.

— Claro.

— A Sr.a Fitzgerald estaria muito melhor numa família que incluísse a Kate. Bem,

eu diria mesmo que as decisões que ela toma na sua vida não são de modo nenhum

isentas, mas antes influenciadas pelos assuntos relacionados com os cuidados de saúde da

Kate.

— Provavelmente.

— Então através do seu próprio raciocínio - termino -, não será verdade que Sara

Fitzgerald aparenta ser, sente-se e comporta-se como uma dadora da Kate? - bom...

— Só que ela não oferece a sua própria medula óssea e o seu próprio sangue.

Apenas os da Anna.

— Dr. Alexander - avisa o juiz.

— E se Sara se encaixa no perfil psicológico de um dador familiar que não

consegue tomar decisões isentas, então por que razão será ela mais capaz de tomar esta

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 320*

decisão do que a Anna? Pelo canto do olho, consigo ver o rosto estupefacto de Sara.

Consigo ouvir o juiz bater com o seu martelo.

— Tem razão, Dr.a Neaux, os pais precisam de ser pais - digo eu. - Mas por vezes

isso não é o suficiente.

## Julia

O juiz DeSalvo anuncia um intervalo de dez minutos. Pouso a minha mochila,

tecida na Guatemala, e começo a lavar as mãos quando a porta de uma das casas de

banho se abre. A Anna sai, hesitando só por um instante. Depois abre a torneira ao meu

lado.

— Olá - digo eu.

A Anna vai secar as mãos debaixo do secador. O ar não sai, o sensor não detecta a

palma da mão dela por qualquer razão. Ela sacode os dedos por debaixo da máquina

novamente, e depois fica a olhar para eles, como se tentasse certificar-se de que não é

invisível. Bate no metal.

Quando me inclino e sacudo a minha mão por debaixo dele, o ar quente é exalado

para a palma da minha mão. Partilhamos este pequeno calor, como vagabundas à volta de

um fogo que arde dentro de um bidão.

— O Campbell disse-me que não querias testemunhar.

— Não queria falar sobre isso - responde a Anna.

— Bem, por vezes, para termos o que mais queremos, temos de fazer o que menos

queremos.

Ela encosta-se à parede da casa de banho e cruza os braços.

— Quem morreu e a transformou em Confúcio? - a Anna vira-se, e depois baixa-se

para me apanhar a mochila. - Gosto dela. Tem tantas cores.

Agarro nela e ponho-a ao ombro.

— Vi mulheres idosas tecê-las quando estive na América do Sul. São precisos vinte

carreteis de fio para tecer este padrão.

— A verdade é assim - diz a Anna, ou pelo menos é o que penso que ela disse,

mas por essa altura já se tinha ido embora.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 321*

Estou a observar as mãos do Campbell. Elas gesticulam muito enquanto fala; quase

parece usá-las para pontuar tudo aquilo que diz. Mas também estão um pouco trêmulas, e

eu atribuo isto ao facto de não saber o que eu vou dizer.

— Enquanto tutora ad litem - pergunta ele -, quais são as suas recomendações

neste caso? Respiro fundo e olho para a Anna.

— O que eu aqui vejo é uma jovem mulher que passou a vida a sentir uma enorme

responsabilidade pelo bem-estar da sua irmã. Na realidade, ela sabe que veio a este

mundo para assumir essa responsabilidade - olho para Sara, sentada à sua mesa. - Acho

que esta família, ao conceber a Anna, tinha as melhores intenções. Queriam salvar a filha

mais velha; acreditavam que a Anna seria um bem-vindo acréscimo da família - não

apenas devido ao que iria fornecer geneticamente, mas também porque queriam amá-la e

vê-la crescer bem.

Depois volto-me para o Campbell.

— Percebo perfeitamente também como, nesta família, se tornou crítico fazer tudo

o que era humanamente possível para salvar a Kate. Quando amamos alguém, fazemos

tudo o que podemos para manter essa pessoa perto de nós.

Quando era pequena, costumava acordar a meio da noite lembrando-me dos

meus sonhos mais loucos - que estava a voar; que estava trancada numa fábrica de

chocolate; que era rainha de uma ilha das Caraíbas. Acordava com o cheiro de frangipana

no cabelo, ou com nuvens presas na bainha da minha camisa de noite até me aperceber

de que estava noutra sítio diferente. E, mesmo que tentasse com toda a determinação,

poderia adormecer de novo mas não conseguia colocar-me outra vez na trama daquele

sonho que estava a ter.

Uma vez, durante a noite que o Campbell e eu passámos juntos, acordei nos seus

braços e vi que ele ainda estava a dormir. Percorri a geografia do seu rosto: desde a falésia

do seu malar ao turbilhão da sua orelha, às rugas de expressão sulcadas ao lado da sua

boca. Então fechei os olhos e pela primeira vez na vida caí directamente de novo no sonho,

precisamente no mesmo sítio onde tinha ficado.

— Infelizmente - digo perante o Tribunal -, também há um ponto em que temos

de nos afastar e admitir que é altura de a deixar partir.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 322*

Durante um mês depois de o Campbell me deixar, não saí da cama excepto

quando me obrigavam a ir à missa ou a sentar-me à mesa para jantar. Deixei de lavar a

cabeça. Tinha olheiras debaixo dos olhos. A Izzy e eu, à primeira vista, parecíamos

completamente diferentes.

Um dia em que arranjei coragem para sair da cama de livre vontade, fui ao

Wheeler e passei à volta da casa dos barcos, escondendo-me cuidadosamente até

encontrar um rapaz da equipa de vela - um aluno dos cursos de Verão - que estava a levar

um dos barcos a remos do colégio. Tinha cabelos louros, em vez de pretos como o

Campbell. Era baixo e entroncado, e não alto e esguio. Eu fingi que precisava de uma

boleia para casa.

Passada uma hora já tínhamos dado uma queca no banco de trás do seu Honda.

Fi-lo porque, se houvesse outra pessoa, então já não sentiria o cheiro do Campbell

na minha pele e o seu sabor na parte de dentro dos meus lábios. Fi-lo porque estava a

sentir-me tão oca por dentro que tinha medo de começar a flutuar, como um balão de

hélio a erguer-se tão alto que já não conseguimos ver a mais pequena mancha de cor.

Senti este rapaz cujo nome não me dei ao trabalho de recordar  
grunhir e mover-

se dentro de mim, de tão vazia e longe que estava. E, de repente,  
percebi o que acontecia

a todos aqueles balões perdidos: eram os amores que nos  
escapavam das mãos cerradas;

os olhos vazios que se erguiam todas as noites no céu.

— Quando me designaram para esta função, há duas semanas -  
digo ao juiz -, e

comecei a estudar a dinâmica desta família, pareceu-me que a  
emancipação médica ia ao

encontro dos interesses da Anna. Mas depois apercebi-me de que  
estava a fazer juízos de

valor da mesma forma que todos nesta família fazem - baseados  
apenas em efeitos

fisiológicos, em vez de psicológicos. A parte mais fácil a ter em conta  
nesta decisão é

averiguar o que é clinicamente correcto para a Anna. Resultado  
final: não é do seu

interesse doar órgãos e sangue, que não trará nenhum benefício à  
própria Anna, mas

prolongará a vida da sua irmã.

Vejo os olhos do Campbell faiscarem; esta mudança de opinião  
surpreendeu-o.

— Porém, é mais difícil encontrar uma solução - porque, embora possa não ir ao

encontro dos interesses da Anna ser dadora da sua irmã, a sua própria família é incapaz de

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 323*

tomar decisões informadas sobre isso. Se a doença da Kate é um comboio imparável

prestes a descarrilar, então todos reagem de crise em crise, sem descobrirem a melhor

maneira de o levar para a estação. E utilizando a mesma analogia, a pressão exercida pelos

pais é uma mudança de linha - a Anna não é suficientemente forte, mental ou fisicamente,

para tomar as suas próprias decisões, sabendo quais são os desejos deles.

O cão do Campbell levanta-se e começa a ganir. Distraída, volto-me na direcção

do barulho. O Campbell empurra o focinho do Juiz, nunca tirando os olhos de mim.

— Não acho que haja alguém na família Fitzgerald capaz de tomar decisões

imparciais sobre os cuidados de saúde da Anna admito. - Nem os pais, nem a própria

Anna.

O juiz DeSalvo franze a testa olhando para mim.

— Então, Sr. a Romano - pergunta ele -, o que recomenda perante este tribunal?

## Campbell

Ela não vai vetar a petição.

Este é o meu incrível primeiro pensamento - que o meu caso afinal não irá por

água abaixo, mesmo após o testemunho da Julia. O meu segundo pensamento é que a

Julia está tão dividida em relação a este caso e ao que ele fez à Anna quanto eu, só que ela

expôs o facto para toda a gente ver.

O Juiz escolheu este momento para ser um chato colossal. Crava os dentes no meu

casaco e começa a puxar, mas diabos me levem se me vou embora antes de a Julia

terminar.

— Sr. a Romano - pergunta DeSalvo -, o que recomenda perante este tribunal? -

Não sei - diz ela suavemente. - Lamento. Foi a primeira vez, desde que desempenho as

funções de tutora ad litem, que não fui capaz de apresentar uma recomendação, e sei que

isso é inaceitável. Mas de um lado, tenho o caso de Brian e Sara Fitzgerald, que ao longo

das vidas das filhas só têm feito escolhas por amor. Colocando as coisas desta forma,

certamente que não parecem ser escolhas erradas - mesmo que já não sejam as decisões

certas para ambas as filhas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 324*

Ela volta-se para a Anna, e ao meu lado consigo sentir que esta se endireita um

pouco, que se sente mais orgulhosa.

— Do outro lado, tenho a Anna, que após treze anos está a afirmar-se a si própria,

mesmo que isso signifique perder a irmã que ama. - A Julia abana a cabeça. - É uma

escolha salomónica, Meritíssimo. Mas não está a pedir-me que divida um bebê ao meio.

Está a pedir-me que divida uma família.

Quando sinto um puxão no meu outro braço começo a enxotar de novo o cão,

mas depois apercebo-me de que desta vez é a Anna.

— Está bem - sussurra ela.

O juiz DeSalvo libera a Julia do banco das testemunhas.

— Está bem o quê? - sussurro em resposta.

— Está bem, eu falo - diz a Anna.

Fico a olhar para ela incrédulo. O Juiz agora está a ganhar, e a bater com o focinho

na minha coxa, mas não posso arriscar fazer um intervalo. Basta isso para que a Anna

mude de opinião numa fracção de segundo.

— Tem a certeza? Mas ela não me responde. Levanta-se, atraindo todas as

atenções na sala de audiências para ela.

— Juiz DeSalvo? - a Anna respira fundo. - Gostava de dizer uma coisa.

## Anna

Vou falar-vos sobre a primeira vez que tive de fazer uma apresentação oral numa

aula: estava na terceira classe, e devia falar sobre o canguru. São bastante interessantes,

sabem. Quero dizer, não só apenas os podemos encontrar na Austrália, como também

pertencem a um tipo de cadeia evolutiva mutante - têm os olhos de um veado e as inúteis

patas de um T-rex. Mas o mais fascinante neles é a bolsa, claro. O bebê, quando nasce, é

quase do tamanho de um micróbio e consegue rastejar para a bolsa e aconchegar-se lá

dentro, tudo isto enquanto a mãe inconsciente salta de um lado para o outro no Outback.

E a bolsa não é como a representam nos desenhos animados dos sábados de manhã - é

cor-de-rosa e enrugada como o interior do nosso lábio, e está cheia de canais maternos

importantes. Aposto que não sabiam que os cangurus não se limitam a transportar uma

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 325*

cria de cada vez. De vez em quando, há um irmão em miniatura, minúsculo, imóvel e preso

no fundo enquanto o mais velho arranha com as patas enormes para se instalar

confortavelmente.

Como podem ver, eu sabia, sem dúvida, a matéria. Mas quando se aproximou a

minha vez, enquanto o Stephen Scarpinio estava a mostrar um modelo de um lémur em

papier-machê, eu soube que ia vomitar. Fui falar com a Sr. a Cuthbert, e disse-lhe que se

ficasse lá para fazer aquela apresentação, ninguém ia ficar satisfeito.

— Anna - disse ela - se te convenceres a ti própria de que te sentes bem, vais

sentir-te.

Portanto quando o Stephen terminou, eu levantei-me. Respirei fundo.

— Os cangurus - disse eu - são marsupiais que vivem apenas na Austrália.

E depois projectei vomitado para cima de quatro miúdos que tiveram o azar de

estar sentados na fila da frente.

Para o resto do ano, chamaram-me CanguGrego. De vez em quando um dos

miúdos andava de avião nas férias, e eu encontrava no meu cacifo um saco para vômito

pregado na parte da frente da minha camisola de lã, a fingir de bolsa marsupial. Eu era a

maior vergonha da escola até o Darren Hong ter ido recolher a bandeira no ginásio e

acidentalmente ter puxado a saia da Oriana Bertheim para baixo.

Estou a contar isto para explicar a minha aversão a falar em público.

Mas agora, na barra das testemunhas, há ainda mais com que me preocupar. Não

é que eu esteja nervosa, como o Campbell pensa. Também não tenho medo de bloquear.

Tenho medo de falar demais.

Olho para a sala de audiências e vejo a minha mãe, sentada na sua mesa de

advogada, que me sorri só um bocadinho. E de repente nem acredito que alguma vez

tenha pensado que podia levar isto avante. Chego à beira da minha cadeira, pronta para

pedir desculpas por ter feito toda a gente perder tempo e fugir - e vejo que o Campbell

está com um aspecto absolutamente pavoroso. Está a suar, e as suas pupilas estão tão

grandes que parecem moedas de vinte e cinco cêntimos firmemente cravadas no seu

rosto.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 326*

— Anna - pergunta o Campbell -, quer um copo de água? Olho para ele e penso, E

você? O que eu quero é ir para casa. Quero fugir para um lugar onde ninguém saiba o

meu nome e fingir que sou filha adotiva de um milionário, a herdeira do trono de um

reino onde se fabrica pasta de dentes, uma estrela de rock japonesa.

O Campbell volta-se para o juiz.

— Posso conferenciar um pouco com a minha cliente? - Faça o favor - diz o juiz

DeSalvo.

Então o Campbell dirige-se à barra das testemunhas e aproxima-se tanto que só

eu consigo ouvi-lo.

— Quando era miúdo tinha um amigo chamado Joseph Balz sussurra ele. -

Imagine se a Dr.a Neaux tivesse casado com ele Ele recua um pouco, quando eu ainda

estou a sorrir, e a pensar que talvez, só talvez, consiga ficar mais dois ou três minutos aqui.

O cão do Campbell está a ficar descontrolado - ele é que precisa de água ou

qualquer outra coisa, ao que parece. E não sou a única a reparar nisso.

— Dr. Alexander - diz o juiz DeSalvo -, por favor controle o seu animal.

— Não, Juiz.

— Desculpe? O Campbell fica vermelho como um tomate.

— Estava a falar com o cão, Meritíssimo, tal como me pediu. E depois volta-se para

mim: - Anna, por que razão quis apresentar esta petição? Uma mentira, como sabem, tem

um sabor muito particular. Pastoso e amargo, que nunca bate certo, como quando

metemos um bocado de chocolate requintado na boca à espera de um recheio de

caramelo e em vez disso sentimos o travo do limão.

— Ela pediu - digo eu. As primeiras palavras que se transformarão numa

avalancha.

— Quem pediu o quê? - A minha mãe - digo, fitando os sapatos do Campbell. -

Um rim. - Olho para a minha saia, puxo um fio. Talvez revele tudo.

Há cerca de dois meses, diagnosticaram à Kate insuficiência renal. Ela cansava-se

facilmente, perdeu peso, retinha líquidos e vomitava muito. As culpas foram atribuídas a

várias coisas diferentes: anomalias genéticas, factor de estimulação de colônias de

macrófagos e granulócitos - injeções de factor de crescimento que a Kate tomou para

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 327*

aumentar a produção de medula óssea, desgaste devido a outros tratamentos. Puseram-

na a fazer diálise para retirar as toxinas que andavam a circular na sua corrente sanguínea.

E depois a diálise deixou de funcionar.

Numa noite, a minha mãe entrou no nosso quarto quando a Kate e eu não

estávamos a fazer nada de especial. Estava acompanhada pelo meu pai, o que significava

que íamos ter uma discussão muito maior do que do que quem-deixou-a-torneira-do-

lava-loiça-aberta.

— Eu estive a ler algumas coisas na Internet - disse a minha mãe. - Os transplantes

de órgãos comuns não têm uma recuperação tão difícil como os transplantes de medula

óssea.

A Kate olhou para mim e colocou um novo CD. Ambas sabíamos que rumo estava

a conversa a tomar.

— Não podemos propriamente ir buscar um rim ao Kmart.

— Eu sei. Afinal, só é necessário ter um par de proteínas HLA compatíveis para ser

dador de um rim - e não as seis. Telefonei ao Dr. Chance para perguntar se eu seria

compatível contigo, e ele disse que em casos normais, provavelmente seria.

A Kate ouve a palavra certa.

— Casos normais? - Dos quais não fazes parte. O Dr. Chance acha que rejeitarias

um órgão de um grupo geral de dadores, apenas porque o teu corpo tem passado por

tanta coisa. - A minha mãe olhou para baixo, para a carpete. - Ele não recomenda esta

intervenção a não ser que o rim seja proveniente da Anna. O meu pai abanou a cabeça.

— É uma cirurgia invasiva - disse ele devagar. - Para as duas. Comecei a pensar

nisto. Será que teria de ficar no hospital? Será que teria dores? Será que as pessoas podem

viver só com um rim? E se eu acabasse por ter insuficiência renal quando tivesse, digamos,

setenta anos? Onde iria eu buscar o meu rim sobresselente? Antes que conseguisse fazer

alguma destas perguntas, a Kate falou.

— Não vou fazer isso outra vez, está bem? Estou farta. Dos hospitais, da

quimioterapia, da radiação e de todas estas malditas coisas. Deixem-me em paz, está bem?

O rosto da minha mãe ficou branco.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 328*

— Está bem, Kate. Vá lá, suicida-te! Ela colocou novamente os auscultadores, pôs a

música tão alta que eu conseguia ouvir.

— Não é suicídio - disse ela -, se estivermos já a morrer.

— Já disse a alguém que não queria ser dadora? - pergunta-me o Campbell,

quando o seu cão começa a andar à volta como um helicóptero na sala de audiências.

— Dr. Alexander - diz o juiz DeSalvo - vou chamar um beleguim para retirar o seu. .

animal de estimação.

É verdade, o cão está completamente descontrolado. Está a ladrar e aos saltos com

as patas dianteiras em cima do Campbell e a girar em círculos apertados. O Campbell

ignora ambos os juizes.

— Anna, decidi sozinha instaurar este processo legal? Eu sei por que razão ele

está a perguntar; ele quer que toda a gente saiba que sou capaz de tomar decisões

díficeis. E até tenho a minha mentira, a palpitar como a cobra que é, presa entre os dentes.

Mas o que eu tencionava dizer não é exactamente aquilo que sai.

— Fui mais ou menos convencida por uma pessoa.

Isto, é óbvio, é uma novidade para os meus pais, cujos olhos sinto a atacarem-me.

É uma novidade para a Julia, que chega de facto a libertar um pequeno som. E é uma

novidade para o Campbell, que passa uma mão pelo rosto em sinal de derrota. É

precisamente por isto que é melhor ficarmos em silêncio; há menos hipóteses de

Arruinarmos a nossa vida e a do resto das pessoas.

— Anna - diz o Campbell -, quem é que a convenceu? Eu sou pequena nesta

cadeira, neste estado, neste planeta solitário. Junto as mãos, agarrando entre elas a única

emoção que consegui impedir que se escapasse: o arrependimento.

— A Kate.

Toda a sala de audiências fica em silêncio. Antes que consiga dizer mais alguma

coisa, o relâmpago de que tinha estado à espera atinge a sala. Encolho-me assustada, mas

afinal o estrondo que eu ouvi não foi causado pela terra a abrir-se para me engolir inteira.

Foi o Campbell, que caiu ao chão, enquanto o seu cão permanece perto dele com uma

expressão muito humana que diz Eu avisei-te.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 329*

## Brian

Se viajarmos pelo espaço durante três anos e regressarmos, terão passado

quatrocentos anos na Terra. Sou apenas um astrônomo de poltrona, mas tenho a sensação

estranha de que regressei de uma viagem a um mundo em que nada faz sentido. Pensei

que tinha estado a ouvir o Jesse, mas afinal não ouvi nada do que ele disse. Eu ouvi a Anna

atentamente e, no entanto, parece faltar qualquer coisa. Tento juntar as poucas coisas que

ela disse, reconsiderando-as e tentando compreendê-las da mesma forma que os Gregos

descobriram cinco pontos no céu e decidiram que pareciam o corpo de uma mulher.

Então ocorre-me: estou a procurar no sítio errado. Os Aborígenes da Austrália, por

exemplo, procuram entre as constelações dos Gregos e dos Romanos, no céu negro como

tinta, e descobrem uma erva escondida debaixo do Cruzeiro do Sul, onde não existem

estrelas. Há tantas histórias para serem contadas nos locais escuros como nas zonas

brilhantes.

Ou pelo menos é nisto que de facto estou a pensar, quando o advogado da minha

filha cai no chão com um ataque epilético.

Vias respiratórias, respiração, circulação. Vias respiratórias, o ponto mais

importante numa pessoa que está a sofrer um ataque epilético. Salto por cima da cancela

da galeria e tenho de tirar o cão do caminho à força; ele ficou a guardar o corpo de

Campbell Alexander que se contorcia. O advogado entra na fase tônica com um grito,

quando o ar é forçado a sair devido à contracção dos seus músculos respiratórios. Ele jaz

rígido no chão. Depois inicia-se a fase clónica e os seus músculos contraem-se ao acaso,

repetidamente. Viro-o de lado, caso vomite, e começo a procurar algo para enfiar entre os

seus maxilares para que não morda a própria língua, quando acontece a coisa mais

extraordinária - o cão derruba a pasta de Alexander e tira de lá algo semelhante a um osso

de borracha mas que na realidade é um bloco de morder e deixa-o cair na minha mão. À

distância, apercebo-me de que o juiz está a isolar a sala de audiências. Grito ao Vern para

chamar uma ambulância. A Julia vem imediatamente para o meu lado.

— Ele está bem? - Ele vai ficar ótimo. É um ataque. Ela parece estar à beira das

lágrimas.

— Não pode fazer alguma coisa? - Só esperar - digo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 330*

Ela tenta agarrar Campbell, mas eu afasto-lhe a mão.

— Não compreendo porque é que isto aconteceu.

Não tenho a certeza de que o próprio Campbell saiba. Mas sei, porém, que

algumas coisas ocorrem sem que existam antecedentes directos.

Há dois mil anos o céu nocturno era completamente diferente, e portanto quando

nos debruçamos sobre o assunto, as concepções gregas dos signos astrológicos

relacionadas com as datas de nascimento estão grosseiramente incorrectas para a época

actual. É designada Linha de Procissão: nessa altura o Sol não se punha em Touro, mas em

Gêmeos. Um aniversário a 24 de Setembro não queria dizer que se era Balança, mas sim

Virgem. E havia uma décima terceira constelação no zodíaco, Ofioco o Portador da

Serpente, que se erguia entre Sagitário e Escorpião, apenas durante quatro dias.

A razão por que não funciona? O eixo da Terra sofre mutações. A vida não é nem

de longe tão estável como desejaríamos.

Campbell Alexander vomita no tapete da sala de audiências, e depois tosse até

recuperar a consciência nos aposentos do juiz.

— Tenha calma - digo eu, ajudando-o a sentar-se. - Teve um dos grandes.

Ele levanta a cabeça.

— O que aconteceu? Amnésia, antes e depois do acontecimento, é bastante

comum.

— Perdeu a consciência. Pareceu-me ser epilepsia.

Ele olha para o tubo de soro que eu e o Caesar colocámos.

— Não preciso disso.

— É claro que precisa - digo eu. - Se não tomar medicamentos para combater os

ataques, estará de novo no chão em menos de nada.

Contrariado, encosta-se ao sofá e fica a olhar para o tecto.

— Foi muito mau? - Bastante - admito.

Ele faz festas na cabeça do Juiz - o cão foi inseparável.

— Lindo menino. Desculpa não te ter dado ouvidos. - Depois olha para as suas

calças molhadas e mal cheirosas: outro efeito comum da epilepsia. - Merda.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 331*

— Pois. - Dou-lhe um par sobresselente de uma das minhas fardas, que tinha

pedido para trazerem. - Precisa de ajuda? Ele sacode-me e tenta, com uma mão, tirar as

calças. Sem dizer uma palavra aproximo-me e desaperto-lhe a braguilha, ajudo-o a trocar

de roupa. Faço isto sem pensar, da mesma forma que levantaria a camisola de uma mulher

que precisasse de uma reanimação cardio-respiratória; mas mesmo assim, sei que isso está

a consumi-lo.

— Obrigado - diz, tendo o cuidado de ser ele próprio a fechar a braguilha.

Sentamo-nos por um segundo.

— O juiz sabe? - Quando não respondo, Campbell afunda o rosto nas mãos. - Meu

Deus. Em frente a toda a gente? - Há quanto tempo anda a esconder isto? - Desde o início.

Tinha dezoito anos. Envolvi-me num acidente de automóvel, e começou depois disso.

— Traumatismo craniano? Ele acena com a cabeça.

— Foi o que disseram.

Junto as minhas mãos entre os joelhos.

— A Anna ficou bastante assustada. Campbell esfrega a testa.

— Ela estava.. a testemunhar. - Sim - digo eu. - Sim. Ele olha para mim.

— Tenho de voltar lá para dentro.

— Ainda não. - Ao ouvir o som da voz de Julia, ambos nos voltamos. Ela está à

porta, a olhar para Campbell como se nunca o tivesse visto antes, e eu suponho

justamente que não, pelo menos assim.

— Eu, num, vou ver se os rapazes já entregaram o relatório murmuro, e depois

deixo-os.

As coisas nem sempre são o que parecem. Algumas estrelas, por exemplo,

parecem picadas de alfinete brilhantes, mas quando as observamos ao microscópio

descobrimos que estamos a ver um aglomerado globular - um milhão de estrelas, para

nós, parece-nos uma só entidade. De forma menos radical existem triplas, como Alfa

Centauro, que observada de perto se revela uma estrela dupla com uma anã vermelha

muito próxima.

Há uma tribo indígena na África que conta que a vida veio da segunda estrela de

Alfa Centauro, aquela que ninguém consegue ver sem um telescópio de alta resolução.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 332*

Pensando bem, os Gregos, os Aborígenes e os índios das planícies viviam todos eles em

continentes diferentes e todos eles, independentemente, olharam para o mesmo nó de

sete elementos nas Plêiades e acharam que se tratava de sete raparigas a fugir de algo que

ameaçava fazer-lhes mal.

Tirem as conclusões que quiserem.

## Campbell

A única coisa comparável à fase a seguir a um ataque epiléptico é acordar no

passeio com uma ressaca provocada pela maior de todas as festas universitárias e ser

imediatamente atropelado por um camião. Pensando melhor, talvez a epilepsia seja pior.

Estou coberto pela minha própria imundície, a soro e medicamentos e rebentando pelas

costuras, quando a Julia se dirige a mim.

— É um cão para detectar ataques - digo eu.

— A sério? - A Julia estende a mão para o Juiz cheirar. Aponta para o sofá ao meu

lado. - Posso sentar-me? - Não é contagioso, se é a isso que te referes.

— Não era. - A Julia aproxima-se o suficiente para eu sentir o calor do seu ombro,

a centímetros do meu. - Porque não me disseste, Campbell? - Credo, Julia, nem sequer

disse aos meus pais. - Tento olhar por cima do ombro dela, para o corredor. - Onde está a

Anna? - Há quanto tempo é que isto acontece? Tento levantar-me, e consigo erguer-me

um centímetro antes de perder as forças.

— Tenho de voltar lá para dentro.

— Campbell. Suspiro.

— Há um bocado.

— Um bocado, tipo uma semana? Abanando a cabeça, digo: - Um bocado, tipo

dois dias antes da nossa formatura no Wheeler. - Olho para ela. - No dia em que te levei

para casa, tudo o que queria era estar contigo. Quando os meus pais me disseram que

tinha de ir àquele estúpido jantar no clube, segui-os no meu próprio carro, para poder

escapular-me rapidamente - planeava ir de novo até tua casa, naquela noite. Mas a

caminho do jantar, tive um acidente de automóvel. Escapei com algumas equimoses, e

nessa noite, tive o primeiro ataque. Trinta TACs depois, os médicos ainda não eram

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 333*

capazes de me dizer realmente porquê, mas deixaram bastante claro que teria de viver

com isto para sempre. - Respiro fundo. - O que me fez compreender que mais ninguém

devia ter de o fazer.

— O quê? - Que queres que te diga, Julia. Eu não era suficientemente bom para ti.

Tu merecias melhor do que um tipo que é uma aberração e que pode cair para o chão a

espumar da boca a qualquer minuto.

A Julia fica completamente imóvel.

— Podias ter-me deixado decidir.

— Que diferença teria isso feito? Como se tu realmente tivesses tido uma grande

satisfação em proteger-me como o Juiz faz quando isto acontece; a limpar o que eu sujo,

vivendo o fim da minha vida.

— Abano a cabeça. - Eras tão incrivelmente independente. Um espírito livre. Não

queria ser eu a tirar-te isso.

Bem, se eu tivesse podido escolher, talvez não tivesse passado os últimos quinze

anos a pensar que havia algo de errado comigo.

— Contigo? - começo a rir. - Olha para ti. És um espanto. És mais inteligente do

que eu. Tens uma carreira promissora, preocupas-te com a família e provavelmente até

consegues equilibrar as contas do teu livro de cheques.

— E estou sozinha, Campbell - acrescenta a Julia. - Por que achas que tive de

aprender a agir de forma tão independente? Também me zango muito facilmente, e roubo

os cobertores, e o meu segundo dedo do pé é mais comprido do que o grande. O meu

cabelo tem o seu próprio código postal. E para além disso, fico comprovadamente doida

quando tenho SPM. Não amamos uma pessoa por ela ser perfeita - diz ela. - Amamo-la

apesar de ela não o ser.

Não sei como reagir a isto; é como se nos dissessem ao fim de trinta e cinco anos

que o céu, que eu tenho visto azul vivo, é na realidade mais para o verde.

— E outra coisa: desta vez, não és tu que me vais deixar. Eu é que te vou deixar a

ti.

Se possível, isso ainda me faz sentir pior. Tento fingir que não me magoa, mas não

tenho forças.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 334*

— Então vai-te embora.

A Julia instala-se ao pé de mim.

— E vou - diz ela. - Daqui a cinqüenta ou sessenta anos.

## Anna

Bato à porta da casa de banho dos homens, e depois entro lá dentro. Numa das

paredes está um urinol mesmo comprido e nojento. Na outra, a lavar as mãos num

lavatório, está o Campbell. Ele veste um par de calças da farda do meu pai. Tem um

aspecto diferente agora, como se todas as linhas rectas que foram utilizadas para desenhar

o seu rosto tivessem sido esborratadas.

— A Julia disse que queria que eu viesse aqui - digo eu.

— Sim, queria falar consigo a sós, e todas as salas de conferências são lá em cima.

O seu pai disse que eu ainda não estou em condições de lidar com nada. - Ele limpa as

mãos a uma toalha. Lamento o que aconteceu.

Bem, nem sequer sei se existe alguma resposta decente para isso. Mordo o lábio

inferior.

— É por isso que eu não podia fazer festas ao cão? - Como é que o Juiz sabe o

que deve fazer? Campbell encolhe os ombros.

— Supostamente está relacionado com o odor dos impulsos eléctricos que um

animal consegue sentir antes de um ser humano. Mas eu acho que é por nos conhecermos

tão bem. - Ele faz festas no pescoço do Juiz. - Ele leva-me para um local seguro antes que

aconteça. Normalmente sei com cerca de vinte minutos de antecedência.

— Hum. - De repente sinto-me tímida. Já estive com a Kate quando ela estava

mesmo, mesmo doente, mas isto é diferente. Não esperava isto do Campbell. - Foi por isso

que aceitou o meu caso? - Para poder ter um ataque em público? Acredite que não.

— Não é isso. - Desvio o olhar dele. - Porque sabe como é não ter nenhum

controlo sobre o próprio corpo.

— Talvez - diz o Campbell pensativamente. - Mas as minhas maçanetas das portas

precisavam desesperadamente de ser polidas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 335*

Se ele está a tentar fazer com que eu me sinta melhor, está a falhar miseravelmente.

— Eu disse-lhe que pôr-me a testemunhar não era das melhores idéias.

Ele coloca as mãos nos meus ombros.

— Anna, vá lá. Se eu consigo voltar lá para dentro depois daquele espectáculo, de

certeza absoluta que a Anna consegue sentar-se naquele lugar desconfortável para

responder a mais algumas perguntas.

Como é que eu posso refutar essa lógica? Então sigo o Campbell de volta à sala de

audiências, onde nada está igual ao que era há apenas uma hora. com toda a gente a

observá-lo como se fosse uma bomba-relógio, o Campbell dirige-se ao lugar do juiz e

volta-se para o tribunal em geral.

— Lamento muito o que aconteceu, Meritíssimo, - diz ele. Fazemos qualquer coisa

por um intervalo de dez minutos, não é? Como é que ele pode dizer piadas sobre uma

coisa como esta? E depois apercebo-me: é o que a Kate faz, também. Talvez quando Deus

nos dá uma deficiência, se assegure de que temos doses extra de humor para limar as

arestas.

— Porque não tira o resto do dia, Doutor? - propõe o juiz DeSalvo.

— Não, estou bem agora. E acho que é importante chegar ao fundo da questão. -

Ele vira-se para a dactilógrafa do tribunal. Será que podia, hum, reavivar-me a memória?

Ela lê a transcrição, e o Campbell acena com a cabeça, mas reage como se estivesse a ouvir

as minhas palavras, regurgitadas, pela primeira vez.

— Está bem, Anna, estava a dizer que a Kate lhe pediu para instaurar este processo

legal para obter emancipação médica? De novo, contorço-me.

— Não exactamente.

— Pode explicar? - Ela não me pediu para instaurar o processo legal.

— Então o que foi que ela lhe pediu? Roubo um olhar à minha mãe. Ela sabe; ela

tem de saber. Não me obriguem a dizê-lo em voz alta.

— Anna - insiste o Campbell -, que lhe pediu ela? Abano a cabeça, de lábios

apertados, e o juiz DeSalvo inclina-se para a frente: - Anna, terá de responder a esta

pergunta.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 336*

— Está bem. - A verdade irrompe de mim; como um rio furioso, agora que a

barragem foi destruída. - Ela pediu-me para a matar.

A primeira coisa que estava errada foi que a Kate tinha trancado a porta do nosso

quarto, quando não havia propriamente uma fechadura, o que significava que ela ou tinha

empurrado a mobília ou tinha entalado uma moeda na porta.

— Kate - gritei, batendo à porta, porque estava suada e nojenta de vir dos treinos

de hóquei e queria tomar um duche e mudar de roupa. - Kate, isto não é justo.

Acho que fiz bastante barulho, porque ela abriu a porta. E essa foi a segunda coisa:

havia qualquer coisa de errado no quarto. Olhei em volta, mas parecia estar tudo no sítio -

e o mais importante de tudo, nenhuma das minhas coisas fora remexida - e no entanto, a

Kate ainda parecia estar mergulhada em mistério.

— Qual é o teu problema? - perguntei, e depois fui à casa de banho, liguei o

chuveiro e cheirei - um odor doce e quase irado, o mesmo cheiro a bebida que eu

associava ao apartamento do Jesse. Comecei a abrir os armários, a procurar entre as

toalhas para tentar encontrar a prova, sem querer fazer nenhum trocadilho, e havia mesmo

uma garrafa de whiskey meio vazia escondida atrás das caixas de tampões.

— Olha só. . - disse eu, exibindo-a e voltando para o quarto, a pensar que tinha

um óptimo instrumento de chantagem para usar em meu proveito durante uns tempos, e

então vi a Kate com os comprimidos na mão.

— O que estás a fazer? A Kate virou-se para o outro lado.

— Deixa-me em paz, Anna.

— Estás doida? - Não - disse a Kate. - Estou apenas farta de estar à espera de uma

coisa que vai acontecer de qualquer maneira. Acho que já lixei a vida de toda a gente o

tempo suficiente, não achas? - Mas todos nós nos esforçámos tanto para te manter viva.

Não podes suicidar-te.

De repente a Kate começou a chorar.

— Eu sei. Não posso.

Demorei alguns momentos para perceber que isso significava que ela já tinha

tentado antes.

A minha mãe levanta-se devagar.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 337*

— Não é verdade - diz ela, com a voz tensa, tão fina como vidro. -  
Anna, não sei

porque haverias de dizer isso.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

— Porque haveria eu de inventar? Ela aproxima-se.

— Talvez tivesses compreendido mal. Talvez ela estivesse apenas a  
ter um dia

mau, ou a ser dramática. - Ela sorri de forma dolorosa como quem  
tem na verdade

vontade de chorar. - Porque se ela estivesse assim tão perturbada,  
ter-me-ia contado.

— Ela não podia contar-te - respondo. - Tinha demasiado medo de  
te matar

também ao suicidar-se. - Não consigo recuperar o fôlego. Estou a  
afundar-me num fosso

de alcatrão; estou a correr e o chão desapareceu debaixo dos meus  
pés. O Campbell pede

ao juiz alguns minutos para que eu me recomponha, mas mesmo  
que o juiz DeSalvo tenha

respondido, estou a chorar tanto que não ouço.

— Não quero que ela morra, mas sei que ela não quer viver assim, e  
sou eu que

posso dar-lhe o que ela quer. - Mantenho os olhos fixos na minha mãe, mesmo que ela

esteja a afastar-se de mim. - Fui sempre eu que pude dar-lhe o que ela queria.

Da vez seguinte que aconteceu foi depois de a minha mãe ter entrado no nosso

quarto para falar sobre a doação de um rim.

— Não faças isso - disse a Kate, quando eles se foram embora. Olhei para ela.

— De que estás tu a falar? É claro que faço.

Nós estávamos a despir-nos, e eu reparei que tínhamos escolhido os mesmos

pijamas - de cetim brilhante com cerejas estampadas. Quando nos enfiámos na cama

pensei que era como quando éramos pequenas, quando os nossos pais nos vestiam de

igual por acharem engraçado.

— Achas que ia resultar? - perguntei. - Um transplante de rim? A Kate olhou para

mim.

— Talvez. - Inclinou-se para a frente, com a mão no interruptor da luz. - Não faças

isso - repetiu ela, e só quando a ouvi pela segunda vez é que entendi o que ela realmente

estava a dizer.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 338*

A minha mãe está tão perto de mim, que sinto a sua respiração, e vejo nos seus

olhos todos os erros que ela já cometeu. O meu pai aparece e coloca o braço em volta dos

ombros dela.

— Anda sentar-te - sussurra ele para os seus cabelos.

— Meritíssimo - diz o Campbell, pondo-se de pé. - Posso? Dirige-se para mim,

com o Juiz mesmo ao seu lado. Estou tão abalada quanto ele. Penso naquele cão há uma

hora. Como é que ele sabia perfeitamente do que o Campbell precisava e quando? - Anna,

gosta da sua irmã? - Claro.

— E estava disposta a tomar uma decisão que poderia matá-la? Algo lampeja

dentro de mim.

— Era para que ela não tivesse de passar mais por isto. Achei que era isso que ela

queria.

Ele fica calado; e, naquele momento, eu percebo: ele sabe. Dentro de mim, algo

cede.

— Era. . era o que eu queria também.

Estávamos na cozinha, a lavar e a enxugar a loiça.

— Tu detestas ir para o hospital - disse a Kate.

— Bem, dah. - Coloco os garfos e as colheres, já limpos, de novo na gaveta.

— Sei que eras capaz de fazer qualquer coisa para nunca mais teres de ir para lá.

Olhei para ela.

— Claro. Porque tu estarias saudável.

— Ou morta. - A Kate mergulhou as mãos na água com detergente, com cuidado

para não olhar para mim. - Pensa nisso, Anna. Podias ir para os teus campos de hóquei.

Podias escolher uma universidade noutra país. Podias fazer tudo o que te apetecesse sem

nunca teres de te preocupar comigo.

Ela tirou estes exemplos directamente da minha cabeça, e eu conseguia sentir-me

a corar, envergonhada pelo simples facto de eles lá estarem para serem trazidos cá para

fora. Se a Kate se sentia culpada por ser um fardo, então eu estava a sentir-me duas vezes

mais culpada por saber que ela se sentia assim. Por saber que eu me sentia assim.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 339*

Não falámos depois disso. Enxuguei tudo que ela me ia dando, e ambas tentámos

fingir que não sabíamos a verdade: que para além da parte de mim que sempre quis que a

Kate vivesse, existe outra parte de mim, horrível, que por vezes deseja que eu seja livre.

Pronto, eles percebem: eu sou um monstro. Instaurei este processo legal por

algumas razões das quais me orgulho e por muitas das quais não me orgulho. E agora o

Campbell vai perceber porque é que eu não podia ser testemunha - não por ter medo de

falar em frente a toda a gente - mas por causa de todos estes sentimentos terríveis, alguns

demasiado horríveis para serem ditos em voz alta. Que eu quero que a Kate se mantenha

viva, mas que também quero ser eu própria, e não uma parte dela. Que eu quero ter a

oportunidade de crescer, mesmo que a Kate não possa. Que a morte da Kate seria a pior

coisa que me podia acontecer.. e também a melhor.

Que por vezes, quando penso sobre isto tudo, odeio-me a mim própria e desejo

apenas rastejar para onde estava, para a pessoa quequerem que eu seja.

Agora toda a gente na sala de audiências está a olhar para mim, e eu tenho a

certeza de que a barra das testemunhas, ou a minha pele, ou ambas, estão prestes a

implodir. Através desta lupa, conseguem ver o âmago miserável que existe no fundo do

meu ser. Talvez se continuarem a olhar para mim, eu me desfaça em fumo azul e amargo.

Talvez desapareça sem deixar rasto.

— Anna - diz o Campbell calmamente -, o que a fez pensar que a Kate desejava

morrer? - Ela disse que estava pronta.

Ele caminha na minha direcção até ficar mesmo à minha frente.

— Não é possível que essa seja a mesma razão pela qual ela lhe pediu para a

ajudar? Eu olho para cima devagar, e desembrulho este presente que o Campbell acabou

de me dar. E se a Kate quisesse morrer, para que eu pudesse viver? E se, depois de todos

estes anos a salvar a Kate, ela estivesse apenas a tentar fazer o mesmo por mim? - Disse à

Kate que ia deixar de ser dadora? - Sim - sussurro.

— Quando? - Na noite antes de o ter contratado.

— Anna, o que disse a Kate? Até agora, não tinha pensado verdadeiramente no

assunto, mas o Campbell avivou-me a memória. A minha irmã tinha ficado muito calada,

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 340*

tão calada que eu pensei que ela tivesse adormecido. E depois voltou-se para mim com o

mundo inteiro nos olhos, e um sorriso que se desmoronava como uma falha geológica.

Eu olho para o Campbell.

— Ela disse obrigada.

## Sara

Foi o juiz DeSalvo que teve a idéia de fazermos uma visita de estudo, para poder

falar com a Kate. Quando chegamos todos ao hospital, ela está sentada na cama, a olhar

distraidamente para o televisor que o Jesse muda de canal com o comando. Está magra,

com a pele amarelada, mas está consciente.

— O homem de lata - pergunta o Jesse -, ou o espantalho? - O espantalho ia ficar

sem enchimento - diz a Kate. - O Chynna do WWF, ou o Caçador de Crocodilos? O Jesse

resfolega.

— O tipo dos crocodilos. Toda a gente sabe que o WWF é uma treta. - Olha para

ela. - O Ghandi ou o Martin Luther King, Jr.

— Eles não assinariam a renúncia.

— Estamos a falar do Boxe das Celebridades na Fox, boneca diz o Jesse. - O que te

faz pensar que se preocupariam com uma renúncia? A Kate sorri.

— Um deles ia sentar-se no ringue, e o outro recusar-se-ia a pôr a protecção na

boca. - É nesta altura que eu entro no quarto.

— Olha, Mãe - pergunta ela -, quem achas que ganharia o Combate de Boxe

Hipotético das Celebridades - Márcia ou Jan Brady? Nesse momento repara que não estou

sozinha. Enquanto toda a gente vai entrando no quarto, os seus olhos ficam muito abertos,

e puxa os cobertores mais para cima. Olha directamente para a Anna, mas a irmã recusa-se

a retribuir-lhe o olhar.

— O que se passa? O juiz avança, agarra-me no braço.

— Eu sei que quer falar com ela, Sara, mas eu preciso de falar com ela. - Ele

aproxima-se, estendendo a mão. - Olá, Kate. Eu sou o juiz DeSalvo. Estava a pensar que

talvez pudesse falar consigo por alguns minutos? A sós, - acrescenta ele, e um por um,

todos os outros deixam o quarto.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 341*

Sou a última a ir embora. Observo a Kate a encostar-se para trás nas almofadas,

repentinamente exausta de novo.

— Tinha um pressentimento de que viria - diz ela ao juiz.

— Porquê? - Porque - diz a Kate - tudo se resume sempre a mim.

Há cerca de cinco anos uma família comprou a casa em frente à nossa e demoliu-

a, no desejo de construir uma diferente. Apenas foram necessários um bulldozer e meia

dúzia de contentores para os detritos; em menos de uma manhã essa estrutura, que

víamos de cada vez que saíamos de casa, ficou reduzida a um monte de escombros.

Pensamos que uma casa dura para sempre, mas na verdade, um vento forte ou uma bola

de demolições podem devastá-la. A família que está lá dentro não é muito diferente.

Actualmente, já quase não consigo lembrar-me de como era a casa anterior. Saio

pela porta de entrada e nunca me lembro dos longos meses em que o love vazio

sobressaía, conspícuo na sua ausência, como um dente arrancado. Demorou algum tempo,

mas os novos donos reconstruíram mesmo.

Quando o juiz DeSalvo sai, carrancudo e perturbado, o Campbell, o Brian e eu

levantamo-nos.

— Amanhã - diz ele. - O início da sessão é às nove da manhã.

— com um gesto ao Vern para que o seguisse, ele percorre o corredor.

— Anda lá - diz Julia ao Campbell. - Estás à mercê da minha chaperonagem.

— Essa palavra não existe. - Mas em vez de a seguir, ele dirige-se a mim.

— Sara - diz ele simplesmente -, desculpe. - Ele dá-me mais um presente. - Pode

levar a Anna a casa? Assim que se vão embora, a Anna volta-se para mim.

— Preciso mesmo de ver a Kate. Ponho um braço à volta dela.

— É claro.

Entramos, só a nossa família, e a Anna senta-se na beira da cama da Kate.

— Olá - murmura a Kate, abrindo os olhos.

A Anna abana a cabeça; demora um momento para encontrar as palavras certas.

— Eu tentei - diz ela por fim, com a voz presa como algodão nos espinhos,

enquanto a Kate lhe segura na mão.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 342*

O Jesse senta-se do outro lado. Os três no mesmo sítio; faz-me lembrar a

fotografia para o cartão de Natal que costumávamos tirar em Outubro, empoleirando-os

por ordem de alturas nos ramos de um ácer ou num muro de pedra,  
um momento fixo

para que possam ser lembrados por todos.

— O Alf ou o Mr. Ed - diz o Jesse.

Os cantos da boca da Kate voltam-se para cima.

— O cavalo. No oitavo assalto.

— Boa.

Por fim o Brian inclina-se para baixo, beija a testa da Kate.

— Querida, dorme bem. - Enquanto a Anna e o Jesse saem para o  
corredor, ele

também se despede de mim com um beijo.

— Telefona-me - sussurra.

E então, quando todos se foram embora, sento-me ao lado da minha  
filha. Os seus

braços são tão magros que consigo ver os ossos a deslocarem-se  
quando ela se

movimenta; os seus olhos parecem mais velhos do que os meus.

— Deves querer fazer algumas perguntas - diz a Kate.

— Talvez mais tarde - respondo, surpreendendo-me a mim própria.  
Subo para a

cama e envolvo-a nos meus braços.

Apercebo-me de que nunca temos filhos só os recebemos. E de que às vezes não

é por tanto tempo quanto queríamos ou esperávamos. Mas é de longe melhor do que

nunca chegar a ter esses filhos.

— Kate - confesso - desculpa.

Ela afasta-se de mim, até conseguir olhar-me nos olhos.

— Não lamente - diz ela intensamente. - Porque eu não lamento. - Tenta sorrir,

tenta com tanta força. - Foi boa, mãe, não foi? Mordo o lábio, sinto o peso das lágrimas.

— A melhor de todas - respondo.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 343*

## **QUINTA-FEIRA**

Um incêndio extingue as chamas de outro.

Uma dor é atenuada pela angústia de outra.

— WILLIAM SHAKESPEARE, Romeu e Julieta

# Campbell

Está a chover.

Quando entro na sala de estar, o Juiz tem o focinho encostado contra a parede de

vidro que preenche um dos lados do apartamento. Ele gane para as gotas que passam por

ele aos ziguezagues.

— Não podes apanhá-las - digo eu, fazendo-lhe festas na cabeça. - Não

consegues chegar ao outro lado.

Sento-me no tapete ao lado dele, sabendo que preciso de me levantar, de me

vestir e de ir para o tribunal; sabendo que devia estar a rever novamente o meu

argumento final e não estar aqui sentado sem fazer nada. Mas há algo de hipnótico neste

tempo. Costumava sentar-me no banco da frente do Jaguar do meu pai, a observar as

gotas de chuva nas suas missões suicidas como kamikazes de uma ponta do pára-brisas

até à escova do limpa pára-brisas. Ele gostava de ter os limpa pára-brisas na velocidade

intermitente, por isso o mundo tornava-se aquoso do meu lado do vidro durante

quarteirões inteiros de cada vez. Ficava doido. Quando tu conduzíres, costumava dizer o

meu pai quando eu me queixava, podes fazer o que quiseres.

— Queres tomar duche primeiro? A Julia está à entrada da porta aberta do quarto,

vestindo uma das minhas T-shirts. Chega-lhe ao meio da coxa. Ela encolhe os dedos dos

pés afundando-os na carpete.

— Vai tu primeiro - digo-lhe eu. - Que eu posso sempre ir para a varanda.

Ela repara no tempo.

— Está horrível lá fora, não está? - Um bom dia para estar enfiado no tribunal -

respondo, mas sem grande convicção. Não quero enfrentar a decisão do juiz DeSalvo hoje,

e pela primeira vez isso não tem nada a ver com o facto de perder este caso. Fiz o melhor

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 344*

que podia, tendo em conta o que a Anna admitiu na barra das testemunhas. E também

espero mesmo que a tenha feito sentir-se um pouco melhor sobre aquilo que fez. Ela já

não parece uma miúda indecisa, isso é verdade. Ela não parece egoísta. Parece ser apenas

como todos nós - a tentar descobrir quem realmente é, e o que fazer com isso.

A verdade é que, como me disse uma vez a Anna, ninguém vai ganhar. Vamos

apresentar os nossos argumentos finais e ouvir a opinião do juiz e mesmo nessa altura,

não estará tudo acabado.

Em vez de se dirigir de novo para a casa de banho, a Julia aproximase. Senta-se

de pernas cruzadas ao meu lado e toca no vidro com os dedos.

— Campbell - diz ela -, não sei como hei-de dizer-te isto. Tudo dentro de mim fica

imóvel.

— Depressa - sugiro.

— Detesto o teu apartamento.

Sigo o seu olhar desde a carpete cinzenta ao sofá preto, à parede espelhada e às

prateleiras laçadas. Está cheio de arestas aguçadas e obras de arte caras. Possui os

aparelhos electrónicos mais sofisticados, campainhas e apitos. É uma habitação de sonho,

mas não é a casa de ninguém.

— Sabes - digo eu. - Eu também o detesto.

## Jesse

Está a chover.

Vou lá para fora, e começo a andar. Dirijo-me para a rua e passo pela escola

primária e por dois cruzamentos. Ao fim de cinco minutos já estou encharcado até aos

ossos. Nessa altura começo a correr. A correr tão depressa que os meus pulmões

começam a arder e as minhas pernas a doer, e, finalmente, quando já não consigo dar nem

mais um passo, atiro-me de costas para o meio do campo de futebol do liceu.

Uma vez, tomei ácido durante uma trovoada como esta. Deitei-me a observar o

céu a desabar. Imaginei as gotas de chuva a derreterem em cima da minha pele. Esperei

que um relâmpago me atravessasse o coração como uma seta, e me fizesse sentir cem por

cento vivo pela primeira vez na minha vida miserável.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 345*

O relâmpago teve a sua oportunidade e não veio nesse dia. Também não vem esta

manhã.

Portanto levanto-me, afasto o cabelo dos olhos e tento arranjar um plano melhor.

## Anna

Está a chover.

O tipo de chuva que cai tão forte que parece a água a correr no chuveiro, mesmo

depois de o termos fechado. O tipo de chuva que nos faz pensar em barragens e dilúvios

repentinos, arcas. O tipo de chuva que nos diz para voltarmos para a cama, onde os

lençóis ainda não perderam o calor do nosso corpo, para fingirmos que o relógio está

cinco minutos adiantado.

Perguntem a qualquer miúdo que já tenha completado o quarto ano e ele é capaz

de vos dizer: a água nunca pára de se movimentar. A chuva cai, e desce montanha abaixo

para um rio. O rio segue o seu caminho até ao oceano. Evapora-se, como uma alma, até

chegar às nuvens. E depois, como em todo o resto, começa tudo de novo.

## Brian

No dia em que a Anna nasce, na véspera de Ano Novo, e demasiado quente para

essa época do ano. O deveria ter sido neve, transformou-se numa chuva torrencial. As

estâncias de esqui tiveram de ser encerradas no Natal, porque todas as suas pistas ficaram

alagadas. Conduzindo o carro até ao hospital com a minha mulher ao meu lado em

trabalho de parto, mal conseguia ver através do vidro. Houve estrelas nessa noite, devido

às nuvens carregadas de chuva. E talvez por causa disso, quando a Anna veio a este

mundo, eu disse à Sara: - Vamos chamar-lhe Ândrómeda. Anna, como diminutivo.

— Ândrómeda? - perguntou ela. - Como no livro de ficção científica?  
- Como a

princesa - corrigi. Cruzei o meu olhar com o seu por cima da minúscula cabeça da nossa

filha. - No céu - expliquei - ela está entre a mãe e o pai.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 346*

## Sara

Está a chover.

Não é um começo auspicioso, penso eu. Ordeno os meus dossiers em cima da

mesa, tentando parecer mais hábil do que realmente sou. Quem é que eu andava a

enganar? Não sou nenhuma advogada, não sou nenhuma profissional. Fui apenas mãe, e

nem sequer nisso fiz um bom trabalho.

— Dr. a Fitzgerald? - instiga o juiz.

Respiro fundo, olho para a algaraviada incompreensível, e agarro no maço inteiro

de dossiers. De pé, aclaro a garganta, e começo a ler em voz alta.

— Neste país temos uma longa tradição legal de permitir aos pais tomarem

decisões pelos filhos. Faz parte do que os tribunais sempre consideraram como sendo o

direito constitucional à privacidade. E tendo em conta todas as provas que foram

transmitidas a este tribunal... - De repente, ouve-se um trovão, e deixo cair ao chão todas

as minhas notas. Ajoelhando-me, procuro desajeitadamente apanhá-las, mas é claro que

agora já não estão por ordem. Tento reordenar o que tenho à minha frente, mas nada faz

sentido.

Oh, que se lixe. Também não era isso que eu precisava de dizer.

— Meritíssimo - pergunto - posso recomeçar? Quando ele acena com a cabeça,

volto-lhe as costas, e dirijo-me para junto da minha filha, que está sentada ao lado de

Campbell.

— Anna - digo-lhe - eu amo-te. Amava-te mesmo antes de te ter visto, e vou

amar-te muito depois de já não estar aqui para o dizer. E sei que por ser mãe, devo ter

uma resposta para tudo, mas não tenho. Todos os dias me questiono se estarei a agir

correctamente. Questiono-me se não perderei a minha perspectiva relativamente a ser tua

mãe, por estar tão ocupada a ser a mãe da Kate.

Dou alguns passos em frente.

— Eu sei que me agarro a cada vislumbre de hipótese de cura para a Kate, mas

não sei agir de outra maneira. E mesmo que não concordes comigo, mesmo que a Kate

não concorde comigo, eu quero poder dizer Eu bem te disse. Daqui a dez anos, quero ver

os teus filhos no teu colo e nos teus braços, porque nessa altura é que compreenderás, Eu

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 347*

tenho uma irmã, portanto sei - essa relação centra-se na justiça: queremos que a nossa

irmã tenha exactamente o que nós temos - a mesma quantidade de brinquedos, o mesmo

número de almôndegas no esparguete, a mesma porção de amor. Mas ser mãe é

completamente diferente. Queremos que a nossa filha tenha mais do que nós alguma vez

tivemos. Queremos fazer uma fogueira debaixo dela e vê-la a elevar-se bem alto. É maior

do que as palavras. - Toco no meu peito. - E mesmo assim consegue caber tudo bem

arrumado aqui dentro. Volto-me para o juiz DeSalvo.

— Eu não queria vir ao tribunal, mas tinha de o fazer. Da forma como funciona a

Lei, se um peticionário agir - mesmo que se trate do nosso próprio filho - temos de ter

uma reacção. E, assim, vi-me obrigada a explicar, eloqüentemente, por que razão creio

saber melhor do que a Anna o que é melhor para ela. No entanto, quando nos

debruçamos sobre o assunto, explicar em que acreditamos não é assim tão fácil. Se

dissermos que acreditamos que alguma coisa é verdadeira, podemos estar a referirmo-nos

a duas coisas - que ainda estamos a ponderar as alternativas, ou que aceitamos isso como

um facto. Não entendo, logicamente, como é que uma única palavra pode ter definições

contraditórias mas emocionalmente, compreendo perfeitamente. Porque há alturas em

que penso que estou a agir correctamente, e há outras em que me questiono a cada

passo.

— Mesmo que o tribunal delibere a meu favor hoje, eu não poderia obrigar a Anna

a doar um rim. Ninguém poderia. Mas será que ia suplicar-lhe? Será que desejaria fazê-lo,

mesmo que me dominasse? Não sei, nem mesmo depois de falar com a Kate, e depois de

ouvir a Anna. Não estou certa daquilo em que devo acreditar; nunca estive. Eu sei,

incontestavelmente, duas coisas apenas: que este processo legal nunca se prendeu

verdadeiramente com a doação de um rim... mas sim com o facto de se ter uma escolha. E

que nunca ninguém toma decisões totalmente sozinho, nem que um juiz lhe conceda o

direito de o fazer.

Por fim, viro-me de frente para Campbell.

— Há muito tempo fui advogada. Mas já não sou. Sou mãe, e o que fiz nos últimos

dezoito anos enquanto tal é mais difícil do que qualquer coisa que alguma vez tive de

fazer numa sala de audiências. No início desta audiência, Dr. Alexander, referiu que

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 348*

nenhum de nós tem a obrigação de penetrar num incêndio para salvar outra pessoa de um

edifício em chamas. Mas tudo isso se altera quando somos pais e a pessoa que se

encontra dentro desse edifício em chamas é o nosso filho. Se for esse o caso, não só toda

a gente compreenderia se corrêssemos lá para dentro para irmos buscar o nosso filho -

como praticamente esperaria isso de nós.

Respiro fundo.

— Na minha vida, porém, aquele edifício estava em chamas, uma das minhas filhas

estava lá dentro - e a única oportunidade de a salvar era enviar a minha outra filha, porque

era ela a única que sabia o caminho. Será que eu sabia que estava a correr um risco? É

claro que sim. Será que eu me apercebi de que isso poderia significar perdê-las a ambas?

Sim. Será que compreendi que talvez não fosse justo pedir-lhe que o fizesse? Sem dúvida.

Mas eu também sabia que era a única hipótese que tinha de ficar com as duas. Foi legal?

Foi moral? Foi loucura, ou disparate, ou crueldade? Não sei. Mas sei que foi certo.

Tendo terminado, sento-me na minha mesa. A chuva bate nas janelas à minha

direita. Interrogo-me se alguma vez irá abrandar.

## Campbell

Levanto-me, olho para as minhas notas, e, tal como Sara, deito-os para o lixo.

— Tal como a Dr. a Fitzgerald acabou de dizer, este caso não diz respeito ao facto

de a Anna doar um rim. Não diz respeito ao facto de ela doar uma célula epidérmica, uma

única célula sangüínea, um cordão de ADN. Diz respeito a uma rapariga que está prestes a

tornar-se alguém. Uma rapariga que tem treze anos - o que é difícil, doloroso, maravilhoso

e emocionante. Uma rapariga que pode não saber o que quer neste momento, e que pode

não saber quem é neste momento, mas que merece ter a oportunidade de descobrir. E

daqui a dez anos, na minha opinião, ela vai ser extraordinária.

Dirijo-me ao lugar do juiz.

— Sabemos que pediram aos Fitzgerald para fazer o impossível: tomar decisões

informadas sobre cuidados de saúde pelas suas duas filhas, que tinham interesses opostos

em termos médicos. E se nós, tal como os Fitzgerald, não sabemos qual é a decisão

acertada, então a pessoa a quem cabe a palavra final deverá ser a dona do corpo em

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 349*

questão. . mesmo que se trate de uma rapariga de treze anos. E em última análise, este

caso é acerca disto: do momento em que uma criança talvez saiba escolher melhor do que

os seus pais.

Eu sei que quando a Anna tomou a decisão de instaurar este processo legal, não o

fez pelas razões egoístas que se podiam esperar de uma jovem de treze anos. Ela não

tomou esta decisão porque queria ser como as outras raparigas da sua idade. Ela não

tomou esta decisão por estar farta de ser picada e sondada. Ela não tomou esta decisão

por ter medo da dor.

Volto-me, e sorrio para ela.

— Sabem que mais? Não me surpreenderia se a Anna doasse esse rim à irmã

apesar de tudo. Mas o que eu acho não interessa. Juiz DeSalvo, com todo o respeito, o que

o senhor acha não interessa. O que a Sara e o Brian Fitzgerald acham não interessa. O que

a Anna acha sim interessa. - Dirijo-me de novo para a minha cadeira. - E é essa a única

opinião a que deveríamos dar ouvidos.

O juiz DeSalvo anuncia um intervalo de quinze minutos para comunicar a sua

decisão, e eu gasto-o a passear o cão. Contornamos o pequeno quadrado verde por detrás

do edifício Garrahy, com Vern a vigiar os jornalistas que estão à espera do veredicto.

— Vá lá - digo eu, enquanto o Juiz dá a sua quarta volta sobre si mesmo, à procura

do melhor local. - Ninguém está a ver.

Mas afinal isto não é completamente verdadeiro. Um miúdo, que não passava dos

três ou quatro anos de idade, afasta-se da mãe e vem a correr em nossa direcção.

— Cãozinho! - grita ele. Estende as mãos em perseguição, e o Juiz aproxima-se de

mim.

A mãe junta-se a nós um pouco mais tarde.

— Desculpe. O meu filho anda a atravessar uma fase canina. Podemos fazer-lhe

festas? - Não - digo eu automaticamente. - Ele é um cão de serviço.

— Oh. - A mulher endireita-se, e afasta o filho. - Mas o senhor não é cego.

Sou epilético, e este é o cão que prevê os meus ataques. Penso em confessar,

desta vez, pela primeira vez. Mas, pensando melhor, temos de ser capazes de nos rirmos

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 350*

de nós próprios, não temos? - Sou advogado - digo eu, e sorrio-lhe.  
- Ele persegue

ambulâncias em meu lugar.

Quando o Juiz e eu nos afastamos, eu estou a assobiar.

Quando o juiz DeSalvo regressa ao lugar traz consigo uma fotografia emoldurada

da filha falecida, e é assim que fico a saber que perdi este caso.

— Uma coisa que me marcou ao longo da apresentação das provas - começa ele

por dizer -, é que todos nós nesta sala de audiências nos envolvemos num debate sobre a

qualidade de vida em oposição à santidade da vida. com certeza que os Fitzgerald

acreditaram sempre que ter a Kate viva e fazendo parte da família era crucial - mas neste

momento, a santidade da existência da Kate ficou completamente entrelaçada com a

qualidade de vida da Anna, e a minha função é averiguar se estas podem ser separadas.

Ele abana a cabeça.

— Não sei se algum de nós estará habilitado a decidir qual das duas é mais

importante - muito menos eu. Eu sou pai. A minha filha Dena foi morta quando tinha doze

anos por um condutor embriagado, e quando eu corri para o hospital nessa noite, teria

dado tudo por mais um dia com ela. Os Fitzgerald estiveram catorze anos nessa situação,

de serem solicitados a dar tudo para manter a filha viva por mais um tempo. Respeito as

suas decisões. Admiro a sua coragem. Invejo-lhes o facto de terem tido essas

oportunidades. Mas tal como os dois advogados fizeram notar, este caso já não é acerca

do rim da Anna, é acerca de como estas decisões são tomadas e de como decidimos quem

as deve tomar. Ele aclara a garganta.

— A resposta é que não existe uma boa resposta. Portanto, enquanto pais,

enquanto médicos e enquanto sociedade, procuramos desajeitadamente tomar as

decisões que nos deixam dormir à noite - porque a moral é mais importante do que a

ética, e o amor é mais importante do que a Lei.

O juiz DeSalvo volta a sua atenção para a Anna, que se mexe desconfortavelmente

na cadeira.

— A Kate não quer morrer - diz ele suavemente -, mas também não quer viver

assim. E conhecendo isto, e conhecendo a Lei, há apenas uma decisão que eu posso

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 351*

verdadeiramente tomar. A única pessoa que deveria ser autorizada a fazer essa escolha é

precisamente aquela que está no cerne da questão.

Expiro pesadamente.

— E com isto, não me refiro à Kate, mas sim à Anna.

Ao meu lado, ela sustem a respiração.

— Um dos assuntos que foi referido nestes últimos dias prendeu-se com o facto

de um jovem de treze anos ser capaz ou não de tomar decisões tão importantes e difíceis

como esta. Eu argumentaria, porém, que a idade é a variável menos provável para que haja

um entendimento básico. Na verdade, alguns dos adultos que aqui estão parece que se

esqueceram da regra mais simples da infância: Não se tira nada a ninguém sem pedir

autorização. Anna, pode levantar-se, por favor? - pede ele.

Ela olha para mim, e eu aceno com a cabeça, levantando-me com ela.

— Neste momento - diz o juiz DeSalvo -, vou declará-la medicamente emancipada

dos seus pais. Isso significa que embora continue a viver com eles, e embora eles possam

dizer-lhe a que horas deve deitar-se, que programas de televisão pode ver e se tem ou

não de acabar de comer os seus brócolos, relativamente a qualquer tratamento médico,

terá a última palavra. - Ele volta-se para Sara. Dr. a Fitzgerald, Sr. Fitzgerald - vou pedir-

lhes que se reúnam com a Ana e com o pediatra dela para discutirem os termos deste

veredicto, para que o médico compreenda que precisa de falar directamente com a Anna.

E para que ela tenha uma orientação adicional, caso precise, vou pedir ao Dr. Alexander

que seja seu procurador até aos dezoito anos de idade, para que possa ajudá-la a tomar

algumas das decisões mais difíceis. Não estou de maneira nenhuma a sugerir que estas

decisões não devam ser tomadas em conjunto com os pais - mas estou a afirmar que a

decisão final deverá ser unicamente da Anna. - O juiz pousa o olhar em mim: - Dr.

Alexander, aceita esta responsabilidade? À excepção do Juiz, nunca tive de tomar conta de

ninguém nem de nada antes. E agora tenho a Julia, e terei a Anna.

— É uma honra - digo, e sorrio para ela.

— Quero esses documentos assinados hoje, antes de deixarem o tribunal - ordena

o juiz. - Boa sorte, Anna. Apareça de vez em quando para me dizer como vão as coisas.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 352*

Ele bate com o seu martelo, e nós levantamo-nos quando ele sai da sala de

audiências.

— Anna - digo eu, ao vê-la ficar imóvel e em choque ao meu lado. - Conseguiu.

A Julia junta-se a nós primeiro e inclina-se sobre a balaustrada da galeria para

abraçar a Anna.

— Foste muito corajosa. - Por cima do ombro da Anna ela sorri para mim. - E tu

também.

Mas então a Anna recua, e fica em frente aos pais. Estão à distância de um pé, e de

um universo de tempo e conforto. Só naquele momento é que eu me apercebo de que já

comecei a pensar na Anna como sendo mais velha do que a sua idade biológica, e no

entanto, ela está insegura e é incapaz de estabelecer contacto visual.

— Então - diz o Brian, lançando uma ponte sobre a distância entre eles, puxando a

sua filha para um abraço imperfeito. - Está tudo bem. - E depois Sara desliza para dentro

desta confusão, com os braços a envolvê-los a ambos, com os ombros de todos a formar a

ampla barreira de uma equipa que tem de reinventar o próprio jogo que joga.

## Anna

A visibilidade é péssima. A chuva, se possível, está a cair ainda com mais força.

Tenho esta breve visão dela a bater no carro com tanta força que fax barulho, como uma

lata de cola vazia, até se torna mais difícil respirar. Demoro um segundo para me

aperceber de que isto não tem nada a haver com o tempo merdoso ou a claustrofobia

latente, mas sim com o facto de a minha garganta ter metade da largura que costuma,

com as lágrimas a endurecerem-na como uma artéria, de forma a que tudo aquilo que eu

faça ou diga implica o dobro do esforço.

Já tenho a minha emancipação médica há meia hora por esta altura. O Campbell

diz que a chuva é uma bênção, pois manteve os jornalistas afastados. Talvez eles me

encontrem no hospital ou talvez não, mas nessa altura já estarei com a minha família e isso

já não terá muita importância. Os meus pais foram-se embora antes de nós; tivemos de

preencher a estúpida papelada. O Campbell ofereceu-se para me ir lá levar quando

acabássemos, o que foi simpático tendo em conta que eu sei que a única coisa que ele

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 353*

quer é estar com a Julia, o que eles parecem achar que é um tremendo mistério, mas não

é. Imagino o que fará o Juiz, quando estão os dois juntos. Imagino se se sentirá posto de

parte.

— Campbell? - pergunto sem mais nem menos. - O que acha que eu devo fazer?

Ele finge não saber do que estou a falar.

— Eu acabei de lutar bastante no tribunal pelo seu direito de escolha, portanto

não vou dizer-lhe aquilo que acho.

— Ótimo - digo eu, afundando-me no assento. - Nem sequer sei quem

verdadeiramente sou.

— Eu sei quem você é. É a melhor assistente de maçanetas em toda Providence

Plantations. Tem uma língua afiada, escolhe as bolachinhas do Chex Mix, detesta

matemática e. .

Até é fixe, observar o Campbell a tentar preencher todos os espaços em branco.

— gosta de rapazes? - acaba ele, mas aquilo é uma pergunta.

— Alguns escapam - admito -, mas provavelmente vão todos crescer e ficar como

você.

Ele sorri.

— Deus nos livre.

— O que vai fazer a seguir? O Campbell encolhe os ombros.

— Na verdade, talvez tenha de aceitar um caso remunerado.

— Para que possa continuar a sustentar a Julia ao nível a que ela está habituada? -

Pois - ri ele. - Algo do gênero.

Há um silêncio momentâneo, e apenas consigo ouvir o som do limpa pára-brisas.

Enfio as mãos debaixo das coxas, sentando-me em cima delas.

— Aquilo que disse no tribunal.. acha que eu vou ser extraordinária daqui a dez

anos? - Ora, Anna Fitzgerald, está à procura de elogios? - Esqueça que eu disse alguma

coisa. Ele olha para mim.

— Sim, acho. Acho que vai partir os corações dos rapazes, ou pintar em

Montmartre, ou pilotar caças, ou percorrer regiões inexploradas. - Ele faz uma pausa. -

Talvez tudo isso.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 354*

Houve uma altura em que eu, tal como a Kate, queria ser bailarina.  
Mas desde essa

altura atravessei milhares de fases diferentes: quis ser astronauta;  
quis ser paleontóloga;

quis pertencer ao coro da Aretha Franklin; quis ser membro do  
Governo, guarda-florestal

do Parque Nacional de Yellowstone. Agora, dependendo do dia, por  
vezes quero ser

microcirurgiã, poetisa ou caçadora de fantasmas.

Há apenas uma constante.

— Daqui a dez anos - digo eu -, quero ser irmã da Kate.

## Brian

O meu pager começa a tocar mesmo quando a Kate inicia uma nova sessão de

diálise. Um dois. carros, com um acidente de automóvel com feridos.

— Precisam de mim - digo à Sara. - Ficas bem? A ambulância dirige-se para a

intersecção da Eddy com a Fountain, um cruzamento perigoso, agravado ainda por este

tempo. Quando chego, os polícias já bloquearam a área. É um choque lateral: os dois

veículos comprimidos um contra o outro devido à força bruta formando um aglomerado

de aço retorcido. O camião safou-se melhor; o BMW, mais pequeno, encontra-se

literalmente dobrado num sorriso contra a sua parte da frente. Saio do carro para a chuva,

e dirijo-me ao primeiro polícia que encontro.

— Três feridos - diz ele. - Um deles já está a caminho. Encontro o Red a manobrar

as ferramentas de desencarceramento; a tentar alcançar o lugar do passageiro do segundo

carro para chegar até às vítimas.

— O que temos aqui? - grito eu por cima das sirenes.

— O primeiro condutor saiu pelo pára-brisas - grita ele em resposta.  
- O Caesar

levou-a na ambulância. A segunda ambulância vem a caminho. Há duas pessoas aqui, pelo

que vejo, mas ambas as portas parecem acordeões.

— Deixa-me ver se consigo rastejar por cima do camião. Começo a abrir caminho

através do metal escorregadio e do vidro estilhaçado. O meu pé entra num buraco que eu

não conseguia ver na caixa do camião, eu praguejo e tento libertar-me. com movimentos

cuidadosos, iço-me para cima da cabina revestida do camião, movimentando-me para a

frente. O condutor deve ter sido projectado através do pára-brisas, por cima do pequeno

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 355*

BMW; toda a parte da frente do Ford-150 entrou pelo lado do passageiro do carro

desportivo, como se este fosse feito de papel.

Tenho de rastejar para fora do que foi a janela do camião, porque o motor se

encontra entre mim e a pessoa que está dentro do BMW. Mas se eu me torcer de uma

certa maneira, existe um espaço minúsculo onde consigo enfiar-me, posicionando-me

contra o vidro temperado, estilhaçado para formar uma teia de aranha, manchado de

vermelho pelo sangue. E no momento em que o Red força a porta do lado do condutor

libertando-a com os instrumentos de desencarceramento e um cão sai de lá a coxear,

apercebo-me de que o rosto encostado do outro lado da janela partida é o da Anna.

— Tirem-nos de lá - grito -, tirem-nos de lá já! Não sei como consigo sair

novamente deste esqueleto retorcido para empurrar o Red afastando-o do meu caminho;

como liberto Campbell Alexander do seu cinto de segurança e o arrasto para o deitar na

rua com a chuva a cair à sua volta; como consigo chegar lá dentro onde a minha filha se

encontra imóvel e de olhos muito abertos, presa com o cinto de segurança como deveria

estar e, Meu Deus, não.

O Paulie surge de repente, começa a tratar dela e antes que eu saiba o que estou a

fazer bato-lhe, fazendo-o estatelar-se.

— Porra, Brian - diz ele, agarrado ao maxilar.

— É a Anna. Paulie, é a Anna.

Quando eles percebem, tentam manter-me afastado e fazer este trabalho por

mim, mas é a minha filha e eu não vou permitir nada disso. Coloco-a em cima de um

suporte rígido e prendo-a com as correias, deixando-os meterem-na dentro da

ambulância. Puxo o queixo dela para trás, pronto para entubar, mas vejo a pequena cicatriz

que ela fez quando caiu em cima do patim de gelo do Jesse, e vou-me abaixo. O Red

afasta-me para o lado e fá-lo por mim. Depois verifica a pulsação.

— Está fraca - diz ele - mas está lá.

Ele introduz um tubo intravenoso enquanto eu agarro no rádio para contactar o

nosso serviço de transporte de emergências.

— Treze anos, sexo feminino, AA, lesão fechada grave na cabeça..

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 356*

— Quando o monitor cardíaco deixa de emitir sinal, largo o receptor e começo a

fazer a reanimação cardio-respiratória. - Tragam o desfibrilador, - ordeno, e abro a camisa

da Anna, cortando as rendas do soutien que ela tanto queria mas não precisa. O Red dá-

lhe um choque, e recupera a pulsação, bradicardia com arritmia ventricular.

Colocamo-la em respiração assistida e a soro. O Paulie grita para a zona dos

veículos pedindo uma ambulância e abre as portas de trás de par em par. Na maça com

rodas, a Anna está imóvel. O Red agarra o meu braço, com força.

— Não penses nisso - diz ele, e agarra na parte superior da maça da Anna

apressando-se a levá-la para as Urgências.

Não me deixam entrar na sala dos traumatizados. Um bando de bombeiros vai-se

juntando, para dar apoio. Um deles vai ter com a Sara, que chega agitada.

— Onde está ela? O que é que aconteceu? - Um acidente de automóvel - consigo

dizer. - Não sabia de quem se tratava até chegar lá.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas. Digo-lhe que ela não está a respirar

sozinha? Digo-lhe que o electrocardiógrafo acusou paragem cardíaca? Digo-lhe que passei

os últimos minutos a questionar cada coisa que fiz nesta missão, desde a forma como

rastejei por cima do camião até ao momento em que a tirei dos destroços, certo de que as

minhas emoções interferiram no que deveria ter sido feito, no que poderia ter sido feito?

Nesse momento ouço Campbell Alexander, e o som de algo a ser atirado contra uma

parede.

— Bolas - diz ele. - Digam-me só se a trouxeram para aqui ou não! Ele sai de

rompante pela porta de outra sala de traumatizados, com o braço engessado e as roupas

ensanguentadas. O cão, coxeando, vem ao seu lado. De imediato, os olhos de Campbell

fixam-se nos meus.

— Onde está a Anna? - pergunta ele.

Não respondo, sem saber que raio poderia eu dizer. E basta isso para que ele

compreenda.

— Oh, meu Deus - sussurra ele. - Oh meu Deus, não.

O médico sai do quarto da Anna. Ele conhece-me; estou cá quatro noites por

semana.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 357*

— Brian - diz ele com um tom sério -, ela não está a reagir aos estímulos nocivos.

O som que sai de mim é primitivo, desumano, onisciente.

— O que significa isso? - As palavras da Sara são como bicadas.

— O que está ele a dizer, Brian? - A Anna bateu com a cabeça na janela com muita

força, Sr. a Fitzgerald. Causou uma lesão fatal. Um ventilador faz com que esteja a respirar

neste momento, mas ela não mostra nenhuns sinais de actividade neurológica.. sofreu

uma morte cerebral. Lamento diz o médico. - Sinceramente. - Ele hesita, olha para mim e

depois para a Sara. - Eu sei que não é uma coisa em que queiram pensar neste momento,

mas há uma hipótese muito pequena. . seriam capazes de considerar a doação de órgãos?

Há estrelas no céu nocturno que brilham mais do que as outras, e quando olhamos para

elas através de um telescópio apercebemo-nos de que estamos a olhar para gêmeos. As

duas estrelas giram em volta uma da outra, por vezes demorando quase cem anos para o

fazer. Geram uma atracção gravitacional tão forte que não há lugar para mais nada à volta.

Podemos ver uma estrela azul, por exemplo, e só mais tarde nos apercebermos de que ela

tem uma anã branca por companheira - a primeira brilha tão intensamente, que na altura

em que reparamos na segunda, é de facto tarde de mais.

Na realidade é Campbell que responde ao médico.

— Eu é que tenho uma procuração da Anna - explica ele -, não são os pais. - Ele

olha para mim, e depois para a Sara. - E há uma rapariga lá em cima que precisa desse rim.

## Sara

Na maioria das línguas, ou em todas, há órfãos e viúvas, mas não existe nenhuma

palavra para designar um pai que perde um filho.

Trazem-na novamente para junto de nós depois de terem sido retirados os órgãos

para doação. Eu sou a última a entrar. No corredor, já estão o Jesse, a Zanne, o Campbell,

algumas das enfermeiras que ficámos a conhecer bem e até a Julia Romano - as pessoas

que precisavam de se despedir.

O Brian e eu entramos lá dentro, onde a Anna jaz pequena e imóvel na cama de

hospital. Tem um tubo enfiado na garganta, uma máquina respira por ela. Nós é que

devemos desligá-la. Sento-me na beira da cama e agarro na mão da Anna, ainda quente

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 358*

ao toque, ainda macia dentro da minha. Afinal, depois de todos estes anos que passei à

espera de um momento como este, sinto-me completamente perdida. É como colorir o

céu com um lápis de cor; não há linguagem para uma dor assim tão grande.

— Não consigo - sussurro.

O Brian vem por trás de mim.

— Querida, ela não está ali. É a máquina que mantém o seu corpo vivo. Aquilo que

faz a Anna ser a Anna já desapareceu.

Eu volto-me, afundo o meu rosto no seu peito.

— Mas ela não devia morrer - soluço.

Então abraçamo-nos, e quando eu me sinto com coragem suficiente olho de novo

para o invólucro que anteriormente continha a minha filha mais nova. Ele tem razão, afinal.

Não passa de uma casca. Não há energia nas linhas do seu rosto; há uma ausência frouxa

nos seus músculos. Debaixo desta pele, retiraram-lhe os órgãos que irão para a Kate e para

outras pessoas, sem nome, como uma segunda oportunidade.

— Está bem. - Respiro fundo. Coloco a mão sobre o peito da Anna enquanto o

Brian, a tremer, desliga o ventilador. Massajo a sua pele em pequenos círculos, como se

isto facilitasse. Quando nos monitores surge uma linha recta, espero ver alguma alteração

nela. E depois sinto o seu coração a parar debaixo da palma da  
minha mão - aquela

diminuta perda de ritmo, aquela calma vazia, aquela perda absoluta.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 359*

### ***Epílogo***

Quando no passeio, Chamas de vida palpitantes, As pessoas passam  
por mim

vacilantes, Esqueço a minha perda, O vazio na grande constelação,  
O sítio onde havia uma

estrela.

— D. H. LAWRENCE, "Submergence"

# Kate

## 2010

Deveria haver um estatuto de limitação da dor. Um manual que diga que não há

problema em acordar a chorar, mas apenas durante um mês. Que após quarenta e dois

dias deixamos de nos voltar com o coração acelerado, com a certeza de a ter ouvido a

chamar. Que não haverá nenhuma multa se tivermos necessidade de arrumar a sua

secretária; de tirar os seus desenhos do frigorífico-, voltar uma fotografia tirada na escola

quando passamos - apenas porque nos fere de novo só por vê-la. Que não há problema

em contar o tempo desde que ela faleceu, da mesma forma que antes contávamos os seus

aniversários.

Durante muito tempo, depois, o meu pai afirmava ter visto a Anna no céu

nocturno. Por vezes era um piscar de olhos, por vezes era o contorno do seu perfil. Ele

insistia que as estrelas eram pessoas tão bem amadas que eram dispostas em

constelações, para viverem para sempre. A minha mãe acreditou, durante muito tempo,

que a Anna regressaria para junto dela. Começou a procurar sinais - plantas que floresciam

demasiado cedo, ovos com gemas duplas, sal entornado formando letras.

E eu, bem, eu comecei a odiar-me a mim própria. Tudo isto, é claro, tinha

acontecido por minha culpa. Se a Anna nunca tivesse instaurado aquele processo legal, se

não tivesse ficado na sala de audiências a assinar aqueles papéis com o advogado, nunca

teria estado naquele preciso cruzamento naquele preciso momento. Teria estado aqui, e

seria eu que voltaria para a assombrar.

Durante muito tempo, estive doente. O transplante quase falhou, e então,

inexplicavelmente, iniciei o longo e íngreme percurso ascendente. Já se passaram quase

oito anos desde a minha última recaída, algo que nem sequer o Dr. Chance consegue

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 360*

entender. Ele pensa ser uma combinação do ATR e da terapia com arsênico - um efeito

contributivo atrasado - mas eu sei que não. É que alguém tinha de ir, e a Anna foi no meu

lugar.

A dor é uma coisa curiosa, quando acontece inesperadamente. É um penso rápido

a ser arrancado, levando a cobertura de uma família. E as suas entranhas nunca são

agradáveis, a nossa não é uma excepção. Houve as alturas em que permaneci no meu

quarto dias a fio com os auscultadores postos, para não ter de ouvir a minha mãe chorar.

Houve as semanas em que o meu pai fazia turnos de vinte e quatro horas, para não ter de

voltar para uma casa que parecia grande de mais para nós.

Então numa manhã, a minha mãe apercebeu-se de que tínhamos comido tudo o

que havia em casa, tudo até à última passa mirrada e à última migalha de bolacha integral,

e foi à mercearia. O meu pai pagou uma conta ou duas. Eu sentei-me a ver televisão e

assisti a um velho episódio de I Love Lucy e comecei a rir.

De imediato, senti-me como se tivesse profanado um altar. Pus a mão sobre a

boca, envergonhada. O Jesse que estava sentado ao meu lado no sofá, disse: - Ela também

haveria de ter achado graça.

É que, por muito que queiramos agarrar-nos à amarga e dolorosa lembrança de

que alguém deixou este mundo, ainda nos encontramos nele. E o próprio acto de viver é

como uma maré: de início parece não ser nada importante, e então um dia olhamos para

baixo e vemos o quanto a dor consumiu.

Gostava de saber até que ponto ela nos vigia. Se sabe que durante bastante

tempo, mantivemos relações próximas com o Campbell e com ajuia, e que até fomos ao

casamento deles. Se compreende que já não continuamos a visitá-los porque

simplesmente era demasiado doloroso, porque mesmo quando não falávamos sobre a

Anna, ela ficava nos espaços entre as palavras, como o cheiro a queimado.

Interrogo-me se ela terá estado na formatura do Jesse na academia de polícia, se

sabe que ele ganhou uma menção do presidente da câmara, no ano passado, pelo seu

papel numa apreensão de drogas. Interrogo-me se terá sabido que o pai se agarrou a uma

garrafa depois de ela ter falecido, e que teve de lutar para encontrar o caminho de volta.

*A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 361*

Interrogo-me se ela saberá que agora ensino crianças a dançar. Que de cada vez que vejo

duas meninas na barra, afazer pliés, penso em nós.

Ela ainda me surpreende. Como quando, quase um ano após a sua morte, a minha

mãe chegou com um rolo de fotografias que tinha acabado de revelar da minha formatura

do liceu. Sentámo-nos as duas à mesa da cozinha, ao lado uma da outra, tentando não

mencionar enquanto olhávamos para todos os sorrisos duplamente rasgados, que faltava

uma pessoa na fotografia.

E depois, como se a tivéssemos invocado, a última fotografia era da Anna. Tinha

passado todo esse tempo desde que tínhamos usado a máquina fotográfica, pura e

simplesmente. Ela estava numa toalha de praia, estendendo uma mão para o fotógrafo,

tentando impedir quem quer que fosse de lhe tirar a fotografia.

A minha mãe e eu ficámos sentadas à mesa da cozinha a olhar para a Anna até o

Sol se pôr, até termos memorizado tudo desde a cor do elástico do seu rabo-de-cavalo até

ao padrão de franjas no seu biquíni. Até já não termos a certeza de ainda estarmos a vê-la

nitidamente.

A minha mãe deixou-me ficar com aquela fotografia da Anna. Mas eu não a

emoldurei; coloquei-a dentro de um envelope, fechei-o e enfiei-o no fundo de uma gaveta

de um armário. Está lá, para o caso de um dia destes começar a perdê-la.

Pode haver uma manhã em que eu acorde e o seu rosto não seja a primeira coisa

que veja. Ou uma tarde ociosa de Agosto em que já não me consiga lembrar de onde se

situavam as sardas do seu ombro direito. Talvez um dia destes não consiga ouvir o som da

neve a cair e depois os seus passos.

Quando começo a sentir-me assim, vou à casa de banho, levanto a camisola e toco

nas linhas brancas da minha cicatriz. Lembro-me de como, de início, achei que os pontos

traçavam o seu nome. Penso no seu rim a trabalhar dentro de mim e no seu sangue a

correr nas minhas veias. Eu levo-a comigo, para onde quer que vá.

